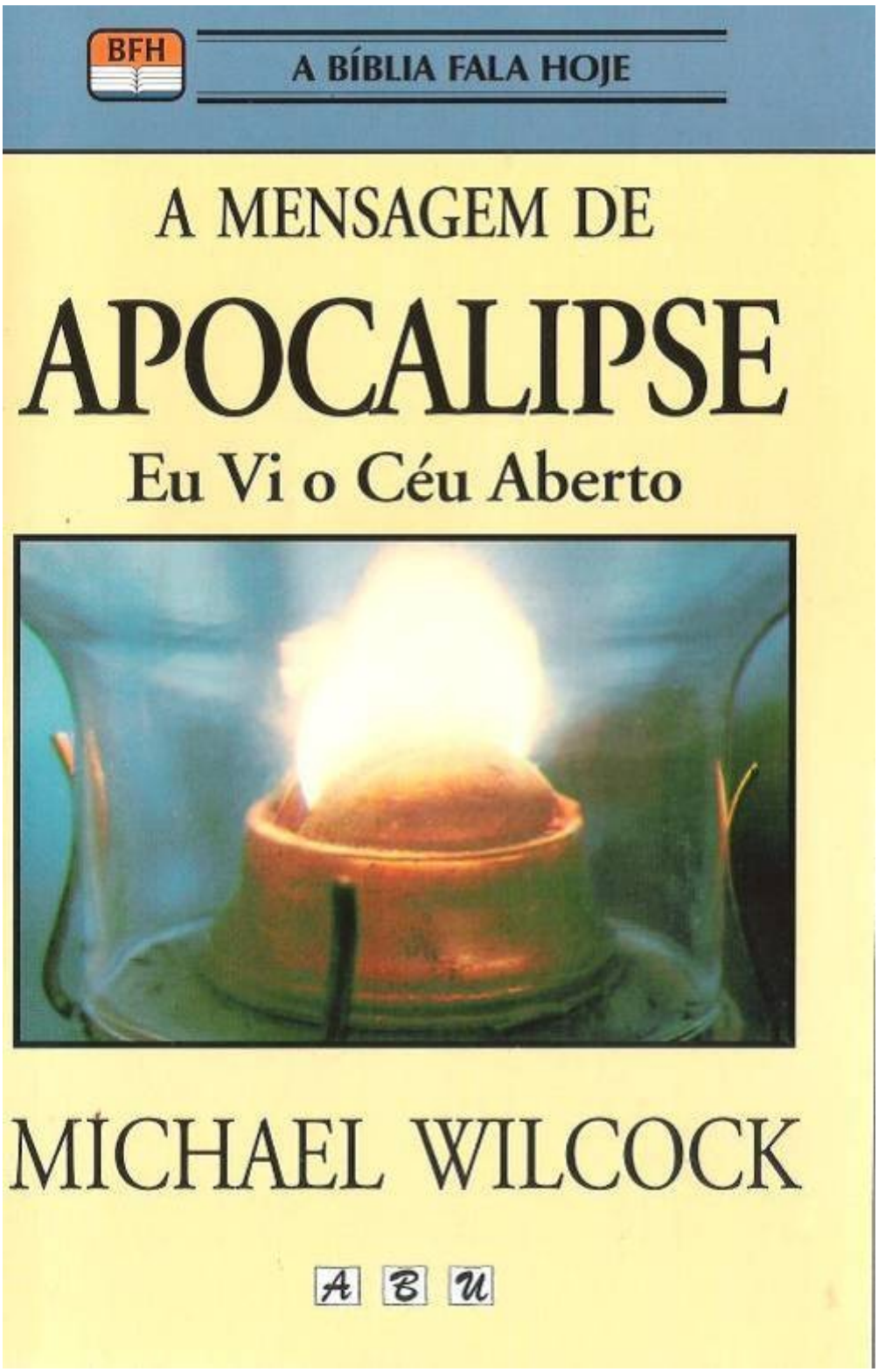


Digitalização: valadaobatistoni

www.portaldetonando.com.br/forumnovo/

A BÍBLIA FALA HOJE

A MENSAGEM DE

APOCALIPSE

Eu Vi o Céu Aberto

MICHAEL WILCOCK

Traduzido do original em inglês I Saw Heaven Opened Inter-Varsity Press, Inglaterra Copyright © Michael Wilcock, 1975

Direitos reservados pela **ABU Editora S/C**
Caixa Postal 2216 01060-970 - São Paulo - SP E-mail: editora@abub.org.br home page: www.abub.org.br/editora

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a permissão por,escrito da ABU Editora.

Tradução de Alexandros Meimaridis Revisão de Lenir Benita Andernan de Melo e silva e de Milton Azevedo Andrade

O texto utilizado neste livro é o da Edição Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil, exceto quando outra versão é indicada.

1.ª Edição- 1986
1.ª Reimpressão - 1993
2.ª Reimpressão - 1999
3.ª Reimpressão – 2003

A ABU Editora é a publicadora da ABUB - Aliança Bíblica Universitária do Brasil.

A ABUB é um movimento missionário evangélico interdenominacional que tem como objetivo básico a evangelização e o discipulado de estudantes universitários e secundaristas, com apoio de igrejas e profissionais cristãos. Sua atuação se dá através dos próprios estudantes, por meio de núcleos de estudo bíblico, acampamentos e cursos de treinamento. A ABUB faz parte da IFES, entidade internacional que congrega movimentos estudantis semelhantes por todo o mundo.

W667 Wilcock, Michael

A mensagem de Apocalipse : eu vi o céu aberto / Michael Wilcock. São Paulo : ABU Editora, 2003
216p. ; 21 cm. - (A Bíblia fala hoje)

ISBN 85-7055-044-8.

1. Bíblia - Crítica e interpretação. I. Título. II. Série. (A Bíblia fala hoje)

CCD 226

Prefácio Geral

A Bíblia Fala Hoje constitui uma série de exposições, tanto do Velho como do Novo Testamento, caracterizadas por um triplo objetivo: exposição acurada do texto bíblico, relacionar o texto com a vida contemporânea, e leitura agradável.

Esses livros não são, pois, "comentários", já que um comentário busca mais elucidar o texto do que aplicá-lo, e tende a ser uma obra mais de referência do que literária. Por outro lado, esta série também não apresenta aquele tipo de "sermões" que, pretendendo ser contemporâneos e de leitura acessível, deixam de abordar a Escritura com suficiente seriedade.

As pessoas que contribuíram nesta série unem-se na convicção de que Deus ainda fala através do que ele já falou, e que nada é mais necessário para a vida, para o crescimento e para a saúde das igrejas ou dos cristãos do que ouvir e atentar ao que o Espírito lhes diz através da sua velha (e contudo sempre atual) Palavra.

IA. MOTYER
J.R.W. STOTT

Editores da série

Conteúdo

Prefácio Geral....3
Prefácio do Autor....5
Principais Abreviações e Bibliografia....5
A Estrutura do Drama....6
Introdução....8
Apocalipse 1:1-8....11
Prólogo....11
Apocalipse 1:9—3:22....15
Primeira Cena: A Igreja no Mundo: *Sete cartas são ditadas*....15
Apocalipse 4:1—8:1....24
Segunda Cena: Sofrimento para a Igreja: *Sete Selos são Abertos*....24
Apocalipse 8:2—11:18....35
Terceira Cena: Uma Advertência para o Mundo: *O Som das Sete Trombetas*....35
Apocalipse 11:19—15:4....46
Quarta Cena O Drama da História *Sete Visões do Conflito Cósmico*....46
Apocalipse 15:5—16:21....58
Quinta Cena: Punição para o Mundo: *O Derramamento dos Sete Flagelos*....58
Apocalipse 17:1—19:10....63
Sexta cena: Babilônia, a Meretriz: *Sete Palavras de Justiça*....63
Apocalipse 19:11—21:8....73
Sétima Cena: O Drama por Trás da História: *Sete Visões da última realidade*....73
Apocalipse 21:9—22:19....83
Oitava Cena: Jerusalém, a Noiva: *As Sete Últimas Revelações*....83
Apocalipse 22:20-21....92
Epílogo....92
Referências....93

Prefácio do Autor

O último livro da Bíblia desperta na maioria de seus leitores um sentimento de amor e ódio. O Apocalipse está cheio de mistérios, tanto no sentido moderno da palavra como no sentido bíblico em particular e, como todos os mistérios, o livro tanto repele como atrai o leitor. Muitos de meus amigos, em minha congregação, já clamaram, exasperados, "Não consigo entender uma só palavra!" Outros, curiosos, disseram, "Quero tentar entender!" Diante dessas reações, e de um estudo anterior que eu havia feito sobre profecias, e de hilariantes recordações de minhas prévias incursões pelo Apocalipse (indo muito além dos mui freqüentados, se bem que superficialmente, capítulos 2 e 3), realizamos uma série de estudos, em nossa congregação, nas reuniões de meio de semana.

Qualquer que tenha sido o aproveitamento que alguns tenham tido com aqueles estudos sobre o Apocalipse, o que mais impressionou o dirigente foi a inconsistência do conteúdo. Reavivou-se em mim a plena consciência de que, mesmo depois daquelas semanas de estudos exaustivos, "o profundo insondável estava por ser explorado". Tínhamos começado a penetrar em águas onde, até então, a maioria de nós conseguira apenas tangenciar. Agora, porém, eu percebia que o mínimo que se poderia fazer face a tal profundidade seria tentar aprender a nadar.

O presente trabalho é o resultado dessa tentativa. É possível que esta versão escrita apresente algumas modificações em relação à exposição original, realizada à viva voz, e que seja mais teórica, mais "livresca" do que algumas das outras contribuições à série "A Bíblia Fala Hoje", pela simples razão de ter que tratar — sem grandes pretensões de erudição — de problemas pertencentes mais ao contexto didático da exposição bíblica do que ao púlpito. Tentei apresentar, por outro lado, uma qualidade que resplandece em todas as páginas do Apocalipse, relacionada mais com o púlpito, pois deve integrar a experiência viva da Igreja: o apelo à imaginação. As verdades do Apocalipse são destinadas a serem absorvidas pelas mentes. No entanto, são verdades apresentadas em uma turbulenta procissão de símbolos que envolvem música, cor, textura, e até o sentido do gosto e do olfato. É relevante que o nosso intelecto esteja preso à Palavra de Deus. Mas quantos cristãos já tiveram as suas imaginações acionadas visando a um serviço a Cristo? Por isso, creio que uma renovada apreciação da grande visão de João não deixará de produzir frutos.

MICHAEL WILCOCK

Principais Abreviações e Bibliografia

AG	*A Greek — English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* por William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich (University of Chicago Press e Cambridge University Press, 1957).
BJ	*Bíblia de Jerusalém* (Edições Paulinas, 1981).
BLH	*A Bíblia na Linguagem de Hoje* (SBB).
Caird	*The Revelation of St. John the Divine* por G.B. Caird (A. and C. Black, 1966).
Farrer	*The Revelation of St. John the Divine* por Austin Farrer (Oxford University Press, 1964).
Glasson	*The Revelation of John* por T.F. Glasson (Cambridge University Press, 1965).
Kiddle	*The Revelation of St. John* por Martin Kiddle (Hodder & Stoughton, 1940).
Knox	*The New Testament of our Lord and Saviour Jesus Christ* traduzido por Ronald Knox (Burns, Oates & Washbourne, 1946).
Maycock	*The Apocalypse* por A.L. Maycock (Dacre Press, sem data).
Morris	*The Revelation of St. John* por Leon Morris (Inter-Varsity Press, 1969).
CIN (Phillips)	*Cartas às Igrejas Novas,* por J.B. Phillips (Edições Vida Nova, 1972).
ERAB	*Edição Revista e Atualizada no Brasil* (Sociedade Bíblica do Brasil).
Swete	*The Apocalypse of St. John por H.B.* Swete (Macmillan, terceira edição, 1911).
ERC	*Edição Revista e Corrigida* (Imprensa Batista Brasileira).
Walvoord	*The Revelation of Jesus Christ* por J.F. Walvoord (Marshall, Morgan and Scott, 1966).

A Estrutura do Drama

1:1-8 Prólogo

A Relevância do Apocalipse

1. O Título 1:1-3
2. A Dedicatória 1:4-8

1:9—3:22

Primeira Cena: A Igreja no Mundo:

Sete cartas são ditadas *A repetição de modelos*

1. Abertura da primeira cena: A Igreja centrada em Cristo 1:9-20.
2. A primeira Carta: para Éfeso 2:1-7
3. A segunda Carta: para Esmirna 2:8-11
4. A terceira Carta: para Pérgamo 2:12-17
5. A quarta Carta: para Tiatira 2:18-29
6. A quinta Carta: para Sardes 3:1-6
7. A sexta Carta: para Filadélfia 3:7-13
8. A sétima Carta: para Laodicéia 3:14-22

4:1—8:1

Segunda Cena: O Sofrimento da Igreja:

A abertura dos sete selos *O significado dos números*

1. Abertura da segunda cena: a criação centrada em Cristo 4:l—5:14
2. O primeiro Selo: a conquista 6:1-2
3. O segundo Selo: guerra 6:3-4
4. O terceiro Selo: escassez 6:5-6
5. O quarto Selo: morte 6:7-8
6. O quinto Selo: o sofrimento das testemunhas de Deus 6:9-11
7. O sexto Selo: o cataclismo final 6:12-17
8. A indestrutibilidade da igreja 7:1-17
9. O sétimo Selo: "... houve silêncio..!' 8:1

8:2—11:18

Terceira Cena: Uma Advertência para o Mundo:

Os sete anjos com suas trombetas *A seqüência dos eventos*

1. Abertura da terceira cena: Deus ouve o clamor do seu povo 8:2-6
2. A primeira Trombeta: a terra atacada 8:7
3. A segunda Trombeta: o mar atacado 8:8-9
4. A terceira Trombeta: os rios atacados 8:10-11
5. A quarta Trombeta: o céu atacado 8:12
6. Advertência acerca das Trombetas restantes 8:13
7. A quinta Trombeta: tormento 9:1-12
8. A sexta Trombeta: destruição 9:13-21
9. O significado da última Trombeta 10:1-7
10. O mundo não se arrepende 10:8—11:14
11. A sétima Trombeta: o mundo não existe mais 11:15-18

11:19—15:4

Quarta Cena: A História como Drama:

Sete visões do conflito cósmico *A análise do drama*

1. Abertura da quarta cena: por trás do véu, a aliança de Deus 11:19
2. Os personagens 12:1-6
3. O enredo 12:7-16

4. O prelúdio 12:17
5. A primeira Visão: A besta que emerge do mar 13:1-10
6. A segunda Visão: A besta que emerge da terra 13:11-17
7. O número da besta 13:18
8. A terceira Visão: o cordeiro e seus seguidores 14:1-5
1. A quarta Visão: os anjos da graça, da destruição e da advertência 14:6-13
10. A quinta Visão: A ceifa e a vindima ou a última colheita 14:14-20
11. A sexta Visão: uma pré-estréia da quinta cena 15:1
12. A sétima Visão: a canção da vitória 15:2-4

15:5—16:21
Quinta Cena: Punição para o Mundo:
O derramamento dos *sete* flagelos *A unidade do drama*

1. Abertura da quinta cena: por trás do véu a inescapável ira de Deus. **15:5—16:1**
1. O primeiro Flagelo: a terra é atacada **16:2**
2. O segundo Flagelo: o mar é atacado **16:3**
3. O terceiro Flagelo: os rios são atacados **16:4-7**
4. O quarto Flagelo: o céu é atacado **16:8-9**
5. O quinto Flagelo: o tormento **16:10-11**
6. O sexto Flagelo: a destruição **16:12-16**
7. O sétimo Flagelo: o mundo não mais existe **16:17-21**

17:1-19:10
Sexta Cena: Babilônia, a Meretriz:
Sete palavras de justiça
A identificação dos símbolos

1. Abertura da sexta cena: a primeira Palavra acerca da Babilônia **17:1-6**
2. A segunda Palavra: o mistério da Babilônia **17:7-18**
3. A terceira Palavra: a queda da Babilônia **18:1-3**
4. A quarta Palavra: o julgamento da Babilônia **18:4-20**
5. A quinta Palavra: a morte da Babilônia **18:21-24**
6. A sexta Palavra: o cântico da queda da Babilônia **19:1-5**
7. A sétima Palavra: o sucessor da Babilônia **19:6-8**
8. Estas sãos as verdadeiras Palavras de Deus **19:9-10**

19:11—21:8
Sétima Cena: O Drama por trás da História:
Sete visões acerca da última realidade *O milênio*

1. Abertura da sétima cena: a primeira Visão: o Capitão dos exércitos dos céus **19:11-16**
1. A segunda Visão: a certeza da vitória do Capitão **19:17-18**
2. A terceira Visão: os inimigos do Capitão são destruídos **19:19-21**
4. A quarta Visão: o diabo **20:1-3**
5. A quinta Visão: a igreja 20:4-10
6. A sexta Visão: o último julgamento **20:11-15**
7. A sétima Visão: a nova era **21:1-8**

21:9—22:19
Oitava Cena: Jerusalém, a noiva:
Sete revelações finais

1. A abertura da oitava cena **21:9**
2. A primeira Revelação: a cidade de Deus **21:10-21**
3. A segunda Revelação: a habitação de Deus **21:22-27**
4. A terceira Revelação: a renovação do mundo de Deus **22:1-5**
5. A quarta Revelação: a validade da palavra de Deus **22:6-10**

6. A quinta Revelação: a obra terminada de Deus **22:11-15**
7. A sexta Revelação: a bênção final de Deus **22:16-17**
8. A sétima Revelação: a maldição final de Deus **22:18-19**

22:20-21 Epílogo

O livro que poderia ser dispensado

As últimas palavras do autor **22:20-21**

Introdução

Os livros desta série devem ser *exposições* das Escrituras. O perigo deste tipo de empreendimento, isto é, produzir um livro que não seja um comentário, ou um livro de sermões, é o de se perder pelo caminho e acabar produzindo um livro negativo e insatisfatório. Mas o que concerne ao Apocalipse de João há, certamente, espaço para uma exposição positiva, levando em conta tanto o valor acadêmico como o religioso, e que pode combinar exegese (o que o texto diz) com aplicação (o que o texto diz para nós). A literatura sobre o Apocalipse é, de certa maneira, singular. Não existe outro livro da Bíblia acerca do qual tanto se tenha escrito — na verdade "tão grande multidão que ninguém poderia contar" — mas poucos são os livros que um cristão comum, de inteligência normal, pode ler e ver a mensagem de João adequar-se e aplicar-se às suas presentes necessidades.

Este livro procura suprir as necessidades acima mencionadas. Se a intenção terá ou não êxito, isso compete ao leitor julgar. Muitas vezes eu, como autor, tenho me perguntado se não tentei abocanhar um pedaço maior do que a minha boca. O tamanho e as dificuldades especiais do Apocalipse apresentam um problema singular quando se compara este trabalho com outros da mesma série. Os vinte e dois capítulos do Apocalipse precisarão ser tratados de modo mais sucinto do que seriam, por exemplo, as epístolas menores do Novo Testamento, para que se mantenha a exposição dentro de certos limites. Dessa forma será inevitável deixar de fazer plena justiça a algumas porções do texto. A dificuldade em achar um equilíbrio entre explanação e aplicação fará com que a balança penda mais para a primeira, portanto existe uma proporção maior de exegese do que em outros livros; quer dizer, os fatos essenciais tenderão a ser mais salientes. De qualquer forma, embora o leitor não encontre a interpretação de cada palavra, espera-se que ele se torne suficientemente familiarizado com a linguagem para poder acompanhar sem problemas o desenrolar do argumento. Assim, embora tenha que haver grande dose de explanação, ela foi concentrada nos pequenos ensaios no começo de cada cena do drama, a fim de não prejudicar a exposição do texto propriamente dito.

Uma demonstração clara do acima exposto é a análise do livro como um drama de oito cenas. Esta abordagem é importante, pois muitas das desnecessárias dificuldades são decorrentes da divisão tradicional de capítulos e versículos que, apesar de serem úteis, muitas vezes desorientam o leitor. Creio que há uma compreensão maior das visões de João quando o leitor procura colocar-se em seu lugar e ver as coisas como ele as viu. Esta é a razão pela qual adotei a divisão apresentada no ensaio introdutório da quarta cena (págs.84-88).

Outra ajuda indispensável — e sem sombra de dúvidas a de maior valor — são as próprias Escrituras. De todos os sessenta e seis livros da Bíblia, talvez o Apocalipse seja o que depende mais dos outros para ser corretamente interpretado. Poucos leitores aproveitam as referências do rodapé, que, no caso do livro do Apocalipse, trazem tanto esclarecimento quanto qualquer comentário. A importância desta preciosa ferramenta é mencionada novamente no prólogo (págs. 9-15). De fato, tudo o que segue foi escrito com a plena convicção de que a mensagem central e real do Apocalipse pode ser compreendida sem que se tenha conhecimentos extra-bíblicos.

Não obstante, sempre surgem perguntas acerca do ambiente histórico do livro e, mesmo que a resposta a essas perguntas não seja essencial à compreensão da sua mensagem central, elas merecem pelo menos uma breve consideração.

O estilo do livro

Apocalipse e o título alternativo *Revelação* vêm das palavras grega e latina que significam "desvendar". O nome Apocalipse foi dado a toda uma classe da literatura judaica que surgiu principalmente entre os anos 200 a.C. e 100 d.C, conhecida por "literatura apocalíptica". É comumente aceito que a Bíblia contém exemplos desse tipo de literatura, especialmente os livros de Daniel e o Apocalipse de João.

Uma comparação entre o Apocalipse de João e outros escritos não-bíblicos deste tipo, de fato, mostra muitas afinidades entre Si. Verdades que não podem ser descobertas por investigação normal (por exemplo o

futuro, ou coisas do reino espiritual) são reveladas geralmente através da mediação de anjos, em meio a cores vividas, tais como estrelas e montanhas, monstros e demônios, e esquemas complexos de números.

Este tipo de simbolismo é óbvio no livro de João. Mas é notável a ausência de certas características da literatura apocalíptica. Os escritores da literatura apocalíptica geralmente atribuíam suas *vi*sões a algum famoso personagem do passado, como se fossem Enoque ou Esdras descrevendo o que eles haviam visto. Mas o Apocalipse afirma ter sido escrito por *João* que, mesmo que fosse um pseudônimo, não combina com o estilo da literatura apocalíptica. O livro se apresenta como uma *profecia* (1:3) e conta com a atividade de Deus c a resposta moral do homem como partes integrantes da vida atual, da mesma forma como os antigos profetas fizeram, o que não ocorre na literatura apocalíptica.

Mas, em um sentido mais profundo, há semelhanças importantes. O solo que produziu *Enoque, Esdras* e outros foi uma comunidade judaica extremamente consciente de sua condição precária em meio a um mundo cheio de grandes potências inimigas. A voz desses escritores era a da minoria oprimida, exigindo em vão seus direitos e confortando-se com a perspectiva de ser vindicada no futuro. Todos os escritores apocalípticos, como João, viram as coisas bem contrastadas, "em preto e branco", por assim dizer. Eles eram, ao mesmo tempo, extremamente pessimistas, para os quais as coisas iam tão mal que somente Deus poderia consertá-las. E no outro extremo eram completamente otimistas, olhando para o futuro, quando Deus agiria consertando todas as coisas.

Essa atitude, acompanhada de muitas outras características típicas do estilo apocalíptico, é claramente refletida por João quando ele escreveu o Apocalipse. "O Deus dos espíritos dos profetas" colocou juntos o homem e o método, e o resultado foi um livro destinado (com uma eficiência divina) a relembrar a outra minoria oprimida, a igreja cristã, de como as coisas são, realmente, no reino espiritual.[1]

As **circunstâncias do livro**

O Apocalipse foi enviado como uma carta circular às igrejas existentes em sete cidades da Ásia Menor, e deveria ser lido em voz alta nas reuniões. Era uma mensagem dirigida às necessidades reais do povo do primeiro século. As igrejas já haviam sido estabelecidas há tempo suficiente para que demonstrassem uma gama variada de condições espirituais, que ia da constante devoção até uma decadente lassidão. Por isso, a mensagem do Apocalipse é dupla. A mensagem trouxe estímulo, duma maneira tipicamente apocalíptica, aos cristãos que estavam sob grande pressão, assegurando-lhes que os inimigos seriam destruídos e que no final Deus triunfaria. Por outro lado, agora não mais em estilo apocalíptico, e sim profético, o Apocalipse desafia os cristãos a combater as sutis forças do mal, mesmo que estas se encontrem dentro de Si mesmos. Satanás deve ser vencido e a Cristo deve ser dado o lugar que por direito lhe pertence, aqui e agora, na vida espiritual e moral dos cristãos.

O Império Romano, poderoso em muitos sentidos, tinha entre suas práticas uma que se tornou a causa fundamental das grandes provações experimentadas pela igreja, no princípio. Essa prática era a "adoração ao imperador", que obrigava um crescente número de cristãos a fazer uma escolha pública entre César e Cristo. Todas as épocas têm um teste equivalente para provar a verdadeira lealdade cristã. Para os cristãos do tempo de João, o teste era serem perseguidos e martirizados.

Esta situação de perseguição sofrida pelas igrejas descritas no Apocalipse serve como ponteiro para nos ajudar a determinar a data do livro. Certamente o livro foi escrito quando a igreja estava bem estabelecida, mas também o pior da perseguição estava ainda por desabar sobre ela.

Alguns estudiosos combinam esses fatores com cálculos baseados nas declarações encontradas em 13:18 ou 17:10, para afirmar que o livro foi escrito no final do reinado de Nero (de 54-68 d.C.) ou durante o de Vespasiano (69-79 d.C), o que é menos convincente. As evidências mais fortes parecem favorecer uma data posterior, durante a última parte do reinado de Domiciano (81-96 d.C.)[2]

Dessa forma, se a opinião tradicional acerca da autoria do livro é correta, tendo sido de fato escrito por João, este estaria pelos oitenta anos de idade quando teve a visão em Patmos. Não há nada, no contexto, contra esta posição. Moisés, outro grande profeta, teve a primeira visão da glória de Deus quando estava com oitenta anos (Atos 7:23-24). Mas há outras razões pelas quais há dúvidas acerca da autoria apostólica. Os argumentos são centralizados na relação existente entre os cinco livros atribuídos ao apóstolo João (o Evangelho, as três Epístolas e o Apocalipse), e na possível existência de uma segunda e até mesmo uma terceira pessoa com o mesmo nome. Guthrie conclui suas quinze páginas de discussão sobre o assunto com as seguintes palavras: "Extrair algo conclusivo ou mesmo satisfatório de toda uma massa de conjecturas parece ser impossível. A linha mais segura de evidência parece mesmo ser a da tradição de que João, o apóstolo, foi quem escreveu o livro. Pelo menos, se esta afirmação é correta, ela explica o aparecimento da tradição, o que nenhuma das outras faz satisfatoriamente. Ainda assim muitos preferem deixar a questão da autoria em aberto. "[3] De qualquer forma, o "João" do Apocalipse faz a reivindicação apostólica de que,

apesar de ser o escritor do livro, o autor verdadeiro não é outro senão o Senhor Jesus Cristo. "Não há nenhum outro livro nas Escrituras que comece com palavras tão solenes; nenhum que faça uma afirmação tão contundente de sua inspiração como o Apocalipse o faz!"[4]

A interpretação do livro

Mas o quê — e esta é a pergunta mais importante — o que significa isso? As inumeráveis tentativas para explicar o Apocalipse podem ser classificadas de várias formas. São muitas as opiniões acerca de sua estrutura. Lutero tinha muita razão quando disse: "Cada um pensa deste livro qualquer coisa que lhe seja revelada por seu próprio espírito. "[5] As opiniões acerca dos fatos históricos descritos no livro são, em termos gerais, de quatro tipos: a visão preterista, segundo a qual o Apocalipse descreve em linguagem velada os eventos relacionados aos dias de João, e nada mais; a visão futurista, segundo a qual o livro todo é uma profecia de eventos ainda por acontecer; a visão his-toricista, segundo a qual o livro é uma descrição da totalidade da história da igreja desde a primeira vinda de Cristo até a segunda, indo um pouco além disso; e a visão idealista, segundo a qual, entre mensagens para a igreja do primeiro século e profecias acerca do tempo futuro, o Apocalipse mostra princípios sempre válidos na experiência cristã. As opiniões também estão divididas acerca da questão do "milênio", o período de mil anos descrito no capítulo vinte; pré-milenismo, pós-milenismo e amilenismo serão discutidos no artigo introdutório da sétima cena (págs. 145-151).

É impossível a um comentarista não adotar um desses pontos de vista, do contrário seu comentário se torna água com açúcar. Esta exposição do Apocalipse adota, como não poderia deixar de ser, uma determinada escola de interpretação que se tornará evidente a todos aqueles que entendem deste assunto. E isso, não tanto por defender certas idéias preconcebidas, mas porque a leitura honesta do livro parece apontar uma direção determinada. No entanto, procuro evitar o uso irritante de expressões do tipo "é claro que" e "é óbvio que", em afirmações que, para pessoas de outros pontos de vista, não pareçam tão claras e nem sejam tão óbvias!

O uso do livro

A convicção de que o Apocalipse realmente pretende *revelar* a verdade, e não obscurecê-la, e que seus tesouros realmente se encontram à superfície — bastando procurá-los usando a luz adequada — não é, de maneira alguma, o mesmo que dizer que o significado do livro ressaltará para nós com toda clareza, com precisão e com lógica. É evidente que Deus não despreza a comunicação verbal, porque seu próprio filho foi chamado de "o Verbo". Mas as palavras de Deus, suas declarações, argumentos e raciocínios foram manifestados quando João se encontrava na ilha de Patmos. O que Deus reservou como revelação final de sua vontade para com o homem são palavras de um tipo diferente das anteriores: a revelação em Patmos é uma palavra dramatizada, uma palavra ativa, pintada e preparada para ser executada como uma sinfonia: uma palavra que pode ser vista, sentida e experimentada.

Não há nenhuma vantagem em ler o Apocalipse como se fosse um tratado teológico ao estilo de Paulo apenas usando um vocabulário diferente, ou como uma história projetada para o futuro, ao estilo de Lucas. Pode-se analisar um arco-íris, o vinho da comunhão e até a água do batismo. Mas essas coisas não são para serem analisadas, e sim, para serem usadas e apreciadas.

Nós, que estamos nas últimas décadas do século XX, precisamos entender isso melhor do que todos os outros. Vivemos em uma era pós-literária que, cansada de palavras, começa a comunicar-se novamente através de figuras. Assim, a televisão substitui o rádio, e o substantivo "imagem" volta a ser utilizado com várias conotações modernas. Deus sabia disso tudo desde o princípio. E como seus filhos já receberam muito de teologia sistemática, Deus agora oferece um maravilhoso livro de figuras para ser apreciado, tão educativo quanto os outros, apenas de maneira diferente.

Figuras, potentes imagens da verdade cristã para serem usadas, é isso que nos é oferecido no Apocalipse. Isso é bem evidente quando nos lembramos do fascínio "para refrescar o espírito" que Lucy Pevensie encontrou no Livro Mágico. Quando o livro se fechou, o fascínio começou a desaparecer de sua mente até que ela só conseguiu lembrar-se de que a visão "era acerca de uma taça, uma espada, uma árvore e uma colina verde. "[6] São as imagens que permanecem. As páginas do Apocalipse estão repletas de imagens para que a nossa imaginação, bem como as nossas mentes, possam captar os conceitos-cha-ves da fé cristã. Assim, até que o noivo retorne, até que a Jerusalém celestial desça do céu, e até que raie o dia do casamento, devemos fazer isso, em memória do Senhor.

Apocalipse 1:1-8

Prólogo

A Relevância do Apocalipse

"Sobe para aqui", diz-lhe a misteriosa voz (Ap 4:1); e João é transportado para dentro de regiões tão estranhas e remotas que muitos cristãos hesitam em explorá-las com ele. Os evangelhos e as cartas são territórios mais familiares e mais acessíveis. Será que este extraordinário livro do fim da Bíblia, pertencente (em mais de um sentido) a um mundo inteiramente diferente, tem algo a-ver com o pragmatismo de vida do século XX?

Desde o princípio, no entanto, o livro do Apocalipse afirma ter sido escrito para o benefício, não de uma minoria da igreja, mas de todos; e não para a sua própria época somente, mas para a igreja em todas as épocas. Como todo o resto da Bíblia, o Apocalipse fala hoje.

a. *A Relevância do Título*

Os dois volumes de história escritos por Lucas (o Evangelho e Atos dos Apóstolos) foram escritos para uma pessoa chamada Teófilo (Lc 1:3; At 1:1). Apesar disso, não temos nenhuma dúvida de que o que foi escrito para Teófilo é para leitores de qualquer época. As cartas de Paulo foram escritas especificamente a grupos de cristãos espalhados pelo Império Romano. Entendemos que o que o apóstolo escreveu a eles se aplica igualmente a nós. Todos os escritos do novo Testamento foram destinados especificamente para os cristãos do primeiro século, mas não hesitamos em aceitar sua relevância para os cristãos modernos. Ora, se agimos assim a respeito dos livros que foram escritos especificamente para pessoas ou grupos de pessoas, quanto mais as partes do Novo Testamento que foram escritas especificamente para os cristãos em geral!

O título (Ap 1:1 -3) diz que o livro do Apocalipse é desse tipo. É a revelação de Jesus Cristo, dada por Deus aos seus servos. Se eu sou um dos que servem ao Senhor, então este livro é para mim, apesar do conteúdo me parecer irrelevante à primeira vista. É necessário perseverar na leitura para que eu venha a alcançar a bênção prometida pelo autor (1:3).

b. *A Relevância da Saudação*

Apesar de no título João indicar que a sua mensagem é para os servos de Cristo em geral, na dedicatória (1:4-8) ele diz estar escrevendo em particular para as sete igrejas na Ásia. O que João envia àquelas igrejas é algo mais do que as breves cartas contidas nos capítulos 2 e 3. O livro inteiro é a carta e na frase final do livro aparecem as palavras de despedida (22:21). Assim, tanto a frase do título "aos seus servos" como a frase da dedicatória "às sete igrejas que se encontraram na Ásia" referem-se ao livro do Apocalipse como um todo. O que João escreve *em forma de* carta a um grupo de igrejas do primeiro século é *de fato* uma mensagem a todos os cristãos sem distinção. O princípio e o fim do Apocalipse colocam-no na mesma categoria das cartas de Pedro e de Paulo, de Tiago e de Judas, escritas, a principio, em função de situações enfrentadas pela igreja primitiva, mas que continham verdades apostólicas que, na intenção de Deus, deveriam servir à igreja em todas as épocas. O Apocalipse não é um mero apêndice à coleção de cartas que constituem a parte central do Novo Testamento. É, na realidade, a última e a mais grandiosa de todas essas cartas. O Apocalipse é tão abrangedor quanto *Romanos*, tão glorioso quanto *Efésios*, tão prático quanto *Tiago e Filemon*, e tão relevante para o mundo moderno quanto qualquer uma delas.

c. *A Relevância da Cena de Abertura*

Vamos agora deixar de lado o título e a dedicatória (1:1 -8) e vamos roubar uma prévia da primeira cena do grande drama onde vemos o Cristo vivo (ressurreto) ditando a João as cartas para as sete igrejas. À igreja em Pérgamo ele diz: "Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão... " (2:14). À igreja em Tiatira ele diz: "Tenho, porém, contra ti o tolerares que esta mulher, Jezabel...." (2:20). Vejamos o que podemos aprender desses versículos.

Foi no tempo de Moisés, provavelmente no século XIII a.C, que Balaão iludiu o povo de Deus com um ensino falso. Em Pérgamo, l.3(X) anos mais tarde, encontramos o mesmo falso ensino iludindo novamente o povo de Deus. Foi no nono século a.C. que Jezabel, esposa do rei Acabe, causou semelhante confusão no

meio do povo de Israel. Novecentos anos mais tarde encontramos, em Tiatira, não somente os ensinos de Jezabel, mas a sua própria pessoa uma vez mais em evidência.

É evidente que Cristo não está falando da reencarnação de Jezabel, mas sim da repetição de um modelo. A história bíblica está repleta de repetições desse tipo. Assim, por exemplo, a pregação de Jesus repete as circunstâncias da pregação de Jonas (Mt 12:39ss), e o erguimento do filho do homem sobre a cruz repete o levantamento da serpente de bronze por Moisés (Jo 3:14). Da mesma forma João Batista não somente relembra, mas em certo sentido é o profeta Elias que viveu séculos antes (Mt 11:14).

A carta aos Hebreus, cuja raiz está no Antigo Testamento, apresenta muitos outros exemplos. A mensagem de Deus, que veio com urgência através da boca de Davi, dizendo: "hoje, se ouvirdes a sua voz.... ", era uma mensagem tão urgente para os cristãos hebreus que a ouviram mil anos depois de Davi, como havia sido para os contemporâneos de Moisés que a ouviram trezentos anos antes de Davi (Hb 3:7—4:10). Adentrando mais no passado verificamos que o juramento feito por Deus a Abraão tem para nós o mesmo valor e força que teve para Abraão (Hb 6:13-18). E voltando ao mais remoto ponto da história humana vemos Abel expressar sua fé no sacrifício que ofereceu a Deus, e que mesmo hoje "depois de morto, ainda fala" (Hb 11:4). Assim como em todas as gerações a má influência de Balaão e Jezabel pode reaparecer, Deus também, em sua misericórdia, repete constantemente as grandes verdades da salvação; como o profeta disse, elas "renovam-se a cada manhã" (Lm 3:23).

Precisamos, então, dar pleno significado ao tempo presente dos verbos a que acabamos de nos referir. A urgência de Hebreus 3:7, que pode ser traduzida "o Espírito Santo *está dizendo:* 'hoje... se ouvirdes a sua voz'" pode ser comparada à frase sete vezes repetida em Apocalipse 2 e 3, que poderíamos traduzir de maneira semelhante: "ouvi o que o Espírito Santo *está dizendo* às igrejas". O que temos em Apocalipse 2 e 3 é uma reafirmação de certas verdades do mundo espiritual, tão reais nos dias de João como haviam sido nos dias de Jezabel, e não menos relevantes para nós hoje. A promessa de bênção, no princípio e no fim do Apocalipse (1:3; 22:7) é para todos aqueles que lêem, ouvem e guardam as palavras desta profecia, sem distinção de tempo.

d. *Uma Conseqüência Importante*

Se é, de fato, assim, chegamos então a uma conclusão de certa importância.

Antes mesmo de chegar ao segundo versículo do primeiro capítulo, defrontamo-nos com três questões importantes que há tempo vêm exercitando a mente dos críticos e comentaristas. O nome Apocalipse (apokalypsis, no grego) não somente nos diz que é uma *revelação* de grandes verdades acerca de Jesus Cristo, mas também vincula o livro a um tipo particular de literatura judaica chamada "literatura apocalíptica". A pergunta que se segue em função desta relação é: Ale que ponto João pretendia que o seu livro fosse lido como sendo uma literatura apocalíptica? E, por causa disso, quanto é necessário conhecer sobre a literatura apocalíptica para que se possa entender o Apocalipse de João? A segunda questão é o próprio João. Será ele, de fato, João, o apóstolo, o filho de Zebedeu, o mesmo que escreveu o evangelho e as três cartas, ou será que esta visão tradicional dos fatos e vulnerável, o que significa que o autor poderia ter sido outra pessoa, mas com o mesmo nome e com a mesma autoridade. A terceira questão é pertinente aos "servos" a quem o livro é endereçado. É evidente que poderíamos entender melhor o livro se pudéssemos saber exatamente quem são os servos e quais as circunstâncias e necessidades às quais João estava se dirigindo.

O fato de que questões como essas foram tratadas de forma sumária na introdução não quer dizer que não sejam importantes; mas faz-se necessária uma advertência. Quando o leitor se depara com algo que lhe parece obscuro no livro do Apocalipse, ele pode ser levado a pensar: "se eu tão somente tivesse um conhecimento mais profundo da literatura judaica, ou da história romana, ou da filosofia grega, esses mistérios estariam esclarecidos". Tenho certeza de que isso é ilusório. Pois o número de servos do Senhor equipados com este tipo de conhecimento será sempre relativamente pequeno porque "não foram chamados muitos sábios" (1 Co 1:26), e a mensagem do Apocalipse, como já vimos, é endereçada a todos os servos do Senhor sem distinção. O valor principal do livro deve ser, portanto, de tal espécie que mesmo os cristãos sem grande cultura possam tirar proveito.

Este fato não deprecia o valor da pesquisa bíblica e, muito menos, exalta o anti-intelectualismo; o estudo das Escrituras exige o uso máximo possível da mente do cristão. Mas é para reafirmar que o requisitado mais importante para o entendimento destes grandes mistérios é um conhecimento, como o que o próprio João tinha da palavra de Deus e do testemunho de Jesus Cristo (Ap 1:2 e 9). Para a maioria dos que resolveram estudar o Apocalipse de João, aquela Palavra e aquele Testemunho foram a única fonte de iluminação: a Bíblia nas mãos, e o Espírito Santo no coração. É mantendo este foco de iluminação no centro do caminho a ser percorrido, em vez de utilizar-se da pequena luz que os estudos críticos lançam sobre o escuro, é que "quem quer que por ele caminhe não errará, nem mesmo o louco" (Is 35:8).

I. O Título (1:1-3)

Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer, e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João, [2]o qual atestou a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo, quanto a tudo o que viu.[3]Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo.

Esta não é a revelação de João: ele é apenas o repórter, mas é do Senhor Jesus Cristo; e mesmo Jesus não é a fonte desta revelação, pois, como podemos ver muitas vezes no Evangelho de João, o Senhor Jesus recebe-a do Pai. Mesmo passando por cinco estágios de transmissão: do Pai para o Filho, do Filho para o anjo, do anjo para o escritor e daí para os leitores, a revelação é apresentada claramente como a "palavra de Deus e o testemunho de Jesus". Esta última frase descreve o que estava para ser mostrado a João na ilha de Patmos. Já no versículo 9, onde a frase "a palavra de Deus e o testemunho de Jesus" ocorrem novamente, não se faz referência ao que João veria, mas ao porquê de ter sido isolado na ilha. João já ouvira Deus falar e já tinha visto e ouvido Cristo dar testemunho da veracidade das palavras de Deus. Ele não negaria esta sua experiência cristã, nem poderia fazê-lo, e por isso foi enviado para o exílio. Agora João receberia novamente a palavra e o testemunho, uma mensagem genuína da parte de Deus que no tempo devido deveria ser lida em voz alta nos cultos, como outras porções das Escrituras (v.3).[1] Esta revelação, em certo sentido, não traria nenhuma novidade, simplesmente seria uma recapitulação da fé cristã que João já possuía. Esta seria, porém, a última vez que Deus repetiria os padrões da verdade e o faria utilizando-se de um poder devastador e um indescritível esplendor.

Esses versículos desencorajam as visões "futuristas" do Apocalipse. Com certeza o livro trata de muitas coisas que ainda jazem no futuro. Mas note-se que a João foram mostradas "as coisas que em breve devem acontecer". Esta última frase é emprestada da literatura apocalíptica pré-cristã e sutilmente modificada por João. A revelação dada a Daniel consistia no que haveria de acontecer *nos últimos dias* (Dn 2:28). A igreja primitiva acreditava que o início da era cristã e o princípio dos *últimos dias*, mencionados por Daniel, aconteceram simultaneamente (At 2:16ss; 3:24). É verdade que a palavra "breve" pode ser traduzida pela expressão "de repente" e dessa forma poder-se-ia argumentar que os eventos profetizados por João, quando começassem a acontecer, se sucederiam rapidamente, mas que poderiam começar a acontecer só muito depois dos dias de João. De acordo com este ponto de vista, a maior parte do Apocalipse não estaria cumprida até o dia de hoje. Mas o versículo, como é apresentado, não se refere a um tempo futuro muito distante. Quando nos deparamos com a frase de Daniel "o que há de acontecer nos últimos dias "mudada por João para "as coisas que *em breve* devem acontecer" logo entendemos qual é a intenção de João. Sua intenção é mostrar que os eventos preditos para um futuro distante por Daniel devem agora, nos dias de João, acontecer em breve. Neste contexto podemos entender melhor a expressão "o tempo está próximo" (v.3).

Tempo para quê?, poderíamos perguntar. Tempo para o início do fim e dos eventos a ele relacionados? Tempo para o início de uma longa série de acontecimentos que eventualmente anunciarão o fim do mundo? Tempo para alguma tribulação imediata ou perseguição que será um tipo de presságio do fim? Não é dito a João, de imediato, a que a expressão se refere.

Mas é digno de nota o que Daniel tinha em mente quando falou dos eventos que haveriam de ocorrer nos últimos dias. A profecia de Daniel estava baseada em um sonho de Nabucodonozor no qual havia sido mostrado ao rei, em forma de uma grande estátua, a sucessão dos impérios mundiais, começando com o seu. De acordo com a profecia, nos dias do último daqueles impérios mundiais "o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído" (Dn 2:14).

E João viu a chegada dos *últimos dias.* O estabelecimento do reino de Deus foi iniciado com a vinda de Cristo, e a promessa feita por Daniel de que "este reino não passará para outro povo: esmiuçará e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre" (Dn 2:44), começou também a ser cumprida. O cumprimento de profecias é um processo e não algo que vem de imediato; é um processo muitas vezes prolongado, não súbito, como podemos observar apesar dos eventos, que levam ao clímax, moverem-se bastante rápido. O processo que leva ao clímax ocupa toda a era da pregação do Evangelho, indo da inauguração do reino (Ap 12:10) até o seu triunfo final (Ap 11:15). Se o que Daniel previu para os *últimos dias* é o que o anjo está trazendo para João, então *o tempo está,* de fato, *próximo.* Ao chegar a carta aos destinatários, nas igrejas da Ásia, eles poderão afirmar que "estas coisas estão, de fato, acontecendo *agora".* É esta característica imediata dos escritos de João que sempre cativou os leitores mais dedicados. Portanto, o Apocalipse pode revelar, hoje,no século XX, a realidade presente do conflito existente entre o reino deste mundo e o reino do nosso Senhor.

2. A Dedicatória (1:4-8)

João, às sete igrejas que se encontram na Ásia: Graça e paz a vós outros, da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono, [5]e da parte de Jesus Cristo, a fiel testemunha, o primogênito dos mortos, e o soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e pelo seu sangue nos libertou dos nossos pecados, [6]e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém. [1]Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém. [s]Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-poderoso.

Pelo menos dez igrejas haviam sido estabelecidas na província da Ásia quando João escreveu o Apocalipse, portanto deve ter havido alguma razão para que ele escolhesse sete delas. Por agora queremos simplesmente apontar o fato de que o número de igrejas às quais João se dirigiu (cujo significado simbólico será considerado mais adiante),[2] bem como a ordem na qual elas são apresentadas (que, ao que tudo indica, parece ser mais uma questão de simetria de estilo do que de geografia) parecem indicar que a mensagem é para a igreja em geral.

João abre a sua dedicatória com um tipo de saudação que pode ser encontrado na maioria das cartas no Novo Testamento. Pelo fato de dirigir-se a um público bastante grande, sua descrição dos remetentes é bastante impressionante. Graça e paz vêm, neste caso, do Deus triuno e cada uma das pessoas da trindade é mencionada por sua vez.

A descrição de Deus, o pai, que relembra o nome divino dado a Moisés em Êxodo 3:14, demonstra a particularidade de certa porção da linguagem utilizada por João. A gramática do versículo 4 foi suavizada na versão ERAB. O que João verdadeiramente escreveu no grego seria o seguinte em português: "Graça e paz *da parte de ele* que é...". Será que realmente João deveria ter usado "de ele" em vez de "dele" ou "daquele"? É possível que João estivesse vendo Deus como alguém que é sempre "ele", o único sujeito de todas as sentenças, que governa todo o conteúdo do que está escrito, não sendo "ele" mesmo controlado por nada.[3] Nem mesmo pelas leis gramaticais. Encontramos no Apocalipse muitas declarações, muito mais explícitas do que esta, do que o escritor da carta aos Hebreus chamou de "a imutabilidade do seu propósito" (Hb 6:17). De qualquer forma os erros gramaticais do Apocalipse estão somente na superfície, e podem ser resultado da impressionante seqüência de visões que o escritor leve. No fundo, os erros gramaticais são perfeitamente coerentes com a verdade e formam uma peculiar gramática do espírito.

Aliás, o Espírito que está diante do trono, o centro da trindade, e que conhece as profundezas de Deus (1 Co 2:10ss), é mencionado a seguir. A visão de João o levará para dentro do santuário celestial, do qual o tabernáculo no deserto era uma cópia e uma sombra (Hb 8:5). E talvez a ordem de apresentação da trindade de um modo pouco costumeiro (Pai, Espírito Santo, Filho) corresponda ao plano do santuário terrestre em que a arca no santo dos santos representa o trono de Deus;o castiçal de sete hastes no lugar santo representa o Espírito Santo;[4] e no átrio frontal ficava o altar de bronze com os sacerdotes e sacrifícios, ambos representantes do trabalho redentor de Cristo.

Se a descrição do Pai contém um dos primeiros solecismos da parte de João, a descrição do Espírito Santo contém um dos primeiros mistérios. *"Sete* espíritos" — seria esta uma expressão para representar o Espírito na sua natureza essencial, da mesma forma como as sete igrejas representam a única e verdadeira igreja? Ou será que eles representam o Espírito igualmente presente em cada uma das igrejas? (Ver 5:6). Ou será que representam os sete dons do Espírito apresentados em Isaías 11:2? Não sabemos com certeza. Todavia somos avisados de antemão que as chaves que abrem certas portas do Apocalipse são de difícil acesso.

Deus, o Filho, recebe uma descrição mais completa. As raízes da descrição encontram-se no Salmo 89:27, 37 e a passagem apresenta o triplo ministério de Jesus como profeta, sacerdote e rei. Com Cristo a trindade chega à terra e a teologia (v.5) torna-se louvor (vs.5b e 6). Jesus Cristo é o profeta que veio ao mundo para dar testemunho do evangelho da salvação. Apesar da palavra *testemunho* ser a palavra grega *martis,* o pensamento básico não está relacionado à morte de Cristo e, sim, ao testemunho que ele dá. A vinda de Cristo é uma amável deferência da parte dele para *conosco.* Ele é o Sacerdote que se ofereceu a Si mesmo e que morreu para depois ressuscitar, não somente para Si, mas para todos os filhos de Deus. Ter sido *lavado* no seu sangue (ERC) é uma metáfora bíblica aceitável encontrada, por exemplo, em 7:14; mas a ERAB diz: "pelo seu sangue nos *libertou",* tradução que não somente tem uma melhor sustentação nos manuscritos originais, como ainda associa o nosso texto aos acontecimentos descritos no livro de Êxodo, tais como a morte do cordeiro pascal e a redenção de Israel do jugo egípcio. No Calvário foi efetuada uma redenção muito mais abrangente. E seus benefícios são para nós. Agora o Senhor é exaltado como Rei dos reis, e da mesma forma como Israel foi libertado da escravidão para se tornar um reino de sacerdotes (Ex 19:6; Ap 5:9-10), é dada a nós a oportunidade de compartilhar do reinado do Senhor. Um dia o Senhor voltará, como ele mesmo afirmou. Aliás, foi o próprio Senhor, e não João, que primeiro juntou esta dupla

figura profética que envolve as nuvens e a lamentação das tribos da terra associadas à sua segunda vinda (Dn 7:13; Zc 12:10; Mt 24:30). Aqueles que o traspassaram irão reconhecê-lo e lamentarão a oportunidade perdida de salvação. Mas seu próprio povo estará a esperá-lo, sabendo que ele é o "Alfa e o Ômega",[5] o princípio e o fim de todas as coisas. E assim o trabalho do Senhor estará terminado. Este é o Deus Todo-poderoso que está enviando graça e paz a nós, seus servos, na longa carta que se segue. Graça e paz em vez de perplexidade e confusão é o que promete o Senhor a todos que com espírito confiante o procurarem para serem abençoados. O Apocalipse é um verdadeiro drama. Depois do título e da dedicatória que formam o prólogo, as cortinas são abertas e o drama começa.

Apocalipse 1:9—3:22

Primeira Cena:
A Igreja no Mundo:
Sete cartas são ditadas

A Repetição de Modelos

A cena de abertura do drama é uma estupenda visão do Cristo vivo, que dita a João uma série de cartas individuais dirigidas às sete igrejas para as quais o livro inteiro está sendo escrito. O que é dito será considerado em seguida. Primeiro vamos notar a forma como as coisas são ditas:

Antes já tínhamos visiumbrado a repetição de modelos do Antigo Testamento, onde os ensinos de Balaão e de Jezabel estão novamente se manifestando na vida da igreja nos tempos do cristianismo do Novo Testamento. Agora que a cena toda se desenrola diante de nossos olhos, vemos quão rica é em tais repetições. Um modelo é adicionado a outro em forma de um intrincado poema, que positivamente rima.

Muitas dessas adições podem ser compreendidas sem que seja necessário ter nenhum conhecimento anterior. Cada carta começa com uma descrição de Cristo repetindo a descrição total do Senhor no começo da cena. As cartas têm muitas semelhanças entre Si. Cada uma delas é iniciada com a indicação dos nomes dos remetentes e dos destinatários, continuando com declarações acerca destes últimos e contendo mensagens a eles. Cada uma das cartas termina com um mandamento e uma promessa. Apesar de João não ter declarado ser sua intenção, é quase impossível ler estas cartas sem perceber um ritmo cadenciado de sete batidas. Dessa forma, temos na primeira carta o seguinte: (1) À igreja em Éfeso; (2) Estas coisas diz o que segura na mão direita as sete estrelas; (3) Conheço as tuas obras, assim o teu labor como a tua perseverança; (4) Tenho porém contra ti; (5) Arrepende-te; (6) Ouça o que o Espírito diz; (7) Ao vencedor dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida.

Para os leitores familiarizados com outras partes da Bíblia, ressoa um eco mais profundo. A promessa aos vencedores será repetida em outras cenas mais adiante: A árvore da vida (2:7), no capítulo 22; o escape da segunda morte (2:11), no capítulo 20; e assim sucessivamente. O retrato de Cristo já foi mostrado em outras passagens da Bíblia; a glória que Cristo demonstra aqui no Apocalipse é a mesma que ele demonstrou no monte da transfiguração (Mc 9:2-3). Se o autor é realmente o apóstolo João, a visão não seria novidade, pois estaria vendo em Patmos o que tinha visto antes em um monte na Palestina. A grande voz e o som como de trombeta (1:10) também é conhecido de passagens do Antigo Testamento, como Êxodo 19:6; Ezequiel 1:7; 43:2 e Daniel 7:9. O título de Filho do Homem, e a descrição geral que o acompanha, também podem ser encontrados no Antigo Testamento (Dn 7:13; 10:5ss).

Não são apenas as palavras e as frases encontradas nessas cartas que são repetidas. As advertências feitas às igrejas de Cristo correspondem, em muitos aspectos, às advertências feitas aos discípulos em Mateus 24 (por ex. 2:4 e Mt 24:12; ver também pág. 85ss). A solene declaração "darei a cada um, segundo as suas obras" (2:23) está "invariavelmente presente nos ensinos de Cristo", bem como nos de seus apóstolos.[1]

Quem começar a procurar indícios deste tipo de ensino repetitivo em outros lugares, ficará surpreso com a quantidade de material existente. A repetição é um método comum pelo qual os salmistas "rimam" suas poesias. Muitas vezes o que ecoa de linha para linha não é tanto o som, mas o sentido:" ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam. Fundou-a Ele sobre os mares e sobre as correntes a estabeleceu" (Sl 24:1-2). É a repetição que dá força às vozes dos profetas: "Por três transgressões de Damasco, e por quatro,... por três transgressões de Gaza, e por quatro... por três transgressões de Tiro, e por quatro, não suscitarei o castigo" (Am 1:3, 6, 9). Este método de repetição pode também ser encontrado em grande escala nos *tipos* ou modelos da história bíblica que como grandes pilares ajudam a compreender a estrutura do todo e são apresentados de forma magnífica na carta aos Hebreus. São igualmente encontrados

em alguns dos menores tijolos que formam o edifício — frases minúsculas, a maioria escondida atrás do reboco das traduções, embora pelo menos uma ou outra permaneça visível.

Muitas vezes as traduções eliminam repetições de palavras que existem no original porque os tradutores as consideram desnecessárias ou uma forma de expressão idiomática que não se traduz literalmente. Assim, por exemplo, Lucas 22:15, na ERC, diz: "...desejei muito comer convosco..." e a ERAB, na tentativa de dar o sentido completo do texto grego, diz: "Tenho desejado ansiosamente comer convosco..." Porém, o que Lucas escreveu, no grego, seria literalmente "com desejo eu tenho desejado". Em Gênesis 31:30 há o mesmo tipo de frase: A ERAB, diz: "...tens saudade de casa..." ao passo que o hebraico repete a palavra principal: "com saudades tens saudade de casa...".

Um dos objetivos da repetição, como vimos antes, é mostrar quão relevante é a Bíblia. Se o que aconteceu no tempo de Balaão aconteceu novamente na época de João, a advertência é que há a possibilidade de acontecer hoje também. Mas a repetição tem outro propósito. Repetições deste tipo passaram do Antigo Testamento hebraico, onde esta era uma maneira comum de expressar ênfase, para o Novo Testamento grego. Dizer algo duas vezes intensifica a idéia. A repetição, para os antigos, tinha o mesmo sentido que sublinhar para nós hoje.

É isso que Deus está fazendo constantemente. Deus tem básica mente apenas uma mensagem para o homem, a saber, as boas novas da salvação. Mas na intenção de comunicar isso ao homem, Deus sabe que a afirmação feita somente uma vez não será suficiente. "Uma vez falou Deus", diz o salmista, mas "duas vezes ouvi isto" (Sl 62:11). É por esta mesma razão, creio eu, que são dados ao faraó dois sonhos diferentes com a mesma mensagem. Isso o impressionaria e concorreria para a validade da interpretação (Gn 41:32). Aos discípulos também foram mostrados dois milagres diferentes que continham a mesma mensagem básica para ensinar-lhes uma lição particular (Mt 16:5-12). O propósito de se martelar um mesmo prego muitas vezes é óbvio: queremos cravá-lo.

Deus utiliza-se fartamente deste método para nos ensinar, e com razão. A mente do homem é irremediavelmente centrífuga e em termos de pensamentos está sempre saindo pela tangente. Precisa ser trazido de volta às mesmas grandes verdades centrais — deve ser obrigado, literalmente, a *concentrar-se.* Deus enfatiza essas verdades muitas e muitas vezes, às vezes em forma de rascunhos, outras vezes em forma de um detalhado trabalho de bico de pena e outras ainda como um explosivo quadro multicolorido. É provável, portanto, que ele faça o mesmo no Apocalipse. E a menos que tenhamos boas razões para discordar, devemos convir que as verdades propagadas no Apocalipse são muito mais intensivas do que extensivas. Em outras palavras, o que nos é mostrado pelo Apocalipse assemelha-se muito mais a um trabalho de colorir um quadro cujo rascunho é bem conhecido por nós, do que a uma colagem feita sobre o quadro original.[2]

1. Abertura da Primeira Cena:
A Igreja Centrada em Cristo (1:9-20)

Eu, João, irmão vosso e companheiro na tributação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus. Achei-me em espírito, no dia do Senhor, e ouvi por detrás de mim grande voz, como de trombeta, dizendo: O que vês, escreve em livro e manda às sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia. Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candeeiros de ouro, e, no meio dos candeeiros, um semelhante afilho de homem, com vestes talares, e cingido à altura do peito com uma cinta de ouro. A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo; os pés semelhantes ao bronze polido como que refinado numa fornalha; a voz como voz de muitas águas. Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua força. Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a sua mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último, e aquele que vive; estive morto, mais eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do inferno. Escreve, pois, as cousas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas. Quanto ao mistério das sete estrelas que viste na minha mão direita, e os sete candeeiros de ouro, as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas.

Até o dia em que ouviu a voz como que de trombeta, João experimentou, no banimento, muito mais as tribulações de Cristo do que o esplendor do reino do Senhor. As montanhas e as minas da ilha de Patmos eram ambiente próprio para causar depressão e não encorajamento. Mas apesar de João estar fisicamente *em Patmos (en Patmô),* naquele dia do Senhor achou-se também *em espírito (en Pneumati),* da mesma forma que Jacó muito tempo antes, para quem o travesseiro de pedra do exílio tornou-se o próprio portal do céu. A voz ecoou. João voltou-se: a cena daquela ilha mediterrânea sumiu nas suas costas e diante dele surgiu a visão de uma outra realidade.

Foi o círculo de sete candeeiros que primeiro lhe chamou a atenção. Os candeeiros representavam as igrejas, é a explicação que logo se segue. Mesmo que o versículo 20 não existisse, poderíamos chegar a esta conclusão através de outras passagens, tais como Filipenses 2:15-16. Aqueles que resplandecem como luzeiros no mundo, diz o apóstolo, são os que preservam a palavra da vida. Assim Cristo, que é *a* luz do mundo (Jo 8:12), dá aos discípulos o mesmo título (Mt 5:14).

O significado do outro conjunto de luzes, as estrelas, não é tão fácil de entender. As sugestões de que os *anjos* são os líderes das igrejas, ou mensageiros delas, ou que representam o seu *espírito*, no sentido moderno de caráter ou etnia, levantam uma série de dificuldades. Parece que o melhor a fazer é tomar as palavras pelo que elas valem no seu sentido básico. As Escrituras demonstram (e não somente os escritos apocalípticos) que, tanto indivíduos (Mt 18:10; At 12:15), como nações (Dn 10:13; 12:1), podem ter um *anjo*, um parceiro espiritual no nível celestial. Presumivelmente o mesmo poderia acontecer em relação às igrejas. De qualquer forma o anjo e sua igreja estão intimamente relacionados; a mensagem de Cristo é dirigida a ele ou à igreja indiscriminadamente; e tanto as estrelas como os candeeiros, embora de formas diferentes, iluminam o mundo.

Mas as luzes de menor intensidade, tanto no céu como na terra, empalidecem diante do resplendor do Sol. Esta cena de abertura é dominada pela "glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus" (Tt 2:13). Sabemos, de acordo com o versículo 18, que a descrição não pode ser de nenhum outro. A visão de João (v.17) é realmente muito impressionante. João certamente o vê como Deus. E lhe atribui as características divinas usando a mesma linguagem que Ezequiel e Daniel usaram para descrever Deus, e certamente João teria relembrado a reivindicação de Cristo em João 14:9: "...quem me vê a mim, vê o Pai...". Deste ponto em diante a centralidade de Cristo é o tema principal do Apocalipse. Todas as coisas dependem do relacionamento com Ele.

Isso pode explicar um fato curioso. Os sete candeeiros certamente nos trazem à mente um outro candeeiro: o que foi colocado no tabernáculo de Moisés. Moisés , tal como João, teve uma visão da realidade espiritual, na qual lhe foi ordenado que construísse uma réplica do que vira. Entre as coisas que ele diligentemente construiu estavam as sete lâmpadas unidas em um único candeeiro. Os candeeiros de João, no entanto, estão separados. Talvez devamos ver neles a igreja, seja assim para nós exatamente como ela aparece no mundo, isto é, congregações locais aqui e ali, que podem ser completamente isoladas e até destruídas (2:5). Mas no nível celestial a igreja está unida e é indestrutível porque está centralizada em Cristo. Os candeeiros estão espalhados pela terra; mas as estrelas estão seguras na mão de Cristo. Assim também deve ser para todo o seu povo. A tribulação, a realeza e a perseverança que Jesus conheceu, João também conheceu, e se queremos verdadeiramente ser seus companheiros, precisamos estar dispostos a compartilhar as mesmas experiências. *En Patmô* nós sofremos; mas *en Pneumati* nós reinamos. O objetivo prático, para o qual a revelação divina aponta, é fazer-nos ver o primeiro à luz do segundo. Mesmo a progressão iniciada na primeira cena, que se passa inteiramente neste mundo, até a oitava cena, que se passa inteiramente no futuro, serve para ilustrar o mesmo propósito. O cristão conhece este mundo porque nele habita. Mas quanto ao significado do mundo, para onde ele caminha, e por que o trata com tanto desprezo, são questões para as quais ele não consegue encontrar resposta. Ele começa a entender somente quando o fato é relacionado *àquele* mundo. Ele chega a ver um plano da História, a realmente entender o que está acontecendo, a perceber o seu próprio lugar no quadro, e como tudo irá terminar. Percebe o grande desenho do lado direito da tapeçaria, que explica o entrelaçamento de fios e as pontas soltas que estão do lado que lhe é mais familiar. Assim ele aprende a relacionar em sua mente a igreja, como ele a vê, lâmpadas que brilham aqui e ali em um mundo mergulhado em trevas; lâmpadas constantementes ameaçadas de extinção, e a igreja como Cristo a apresenta, um conjunto de estrelas inextinguíveis na mão do seu criador. Está pronto a enfrentar a tribulação, por causa do que ele conhece acerca do reino: está pronto a enfrentar a tempestade porque sabe que suas fundações estão profundamente enraizadas na rocha. "A tribulação e o reino" produzem "a paciente perseverança". Este é o objetivo do livro do Apocalipse.

2. A Primeira Carta: À Igreja em Éfeso (2:1-7) *Ao anjo da igreja em Éfeso escreve: Estas coisas diz aquele que conserva na mão direita as sete estrelas e que anda no meio dos sete candeeiros de ouro.* [2]*Conheço as tuas obras, assim o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puseste aprova os que a Si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achastes mentirosos; e tens perseverança, e suportastes provas por causa do meu nome, e não te deixaste esmorecer.* [4]*Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor.*[5] *Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te, e volta à prática das primeiras obras; e se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas*[6]*. Tens, contudo, a teu favor, que odeias as obras dos nicolaítas, as quais eu também odeio.*[7]

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus.

Se a tradição que diz que João foi bispo na cidade de Éfeso é correta, sua pulsação deve ter acelerado quando ouviu que a primeira das sete cartas destinava-se exatamente à igreja em Éfeso. Como é de se esperar, uma igreja sempre reflete o caráter do seu líder. As duas faces do João do Novo Testamento — o apóstolo do amor e "filho do trovão" — são vistas novamente em duas histórias que a tradição legou, pertinentes aos últimos anos de João em Éfeso: de um lado sua recusa em ficar sob o mesmo teto (de um banheiro público) com um famoso herético da época chamado Cerinthus, e, do outro lado, a redução de toda a sua mensagem a uma única sentença, a qual, em extrema velhice, costumava repetir em todas as reuniões de que participava: "Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros". Podemos ver nos livros de Atos e Efésios que a igreja do Novo Testamento era caracterizada tanto pelo amor como pelo zelo. Como a cidade de Éfeso tinha a pretensão de ser a "metrópole", ou "cidade mãe" de toda a Ásia, dava à igreja em Éfeso, pelas suas atividades evangelísticas e cuidado pastoral, o direito de pretender o título de igreja mãe da província. É por isso que o apóstolo Paulo pôde escrever acerca"... do amor para com todos os santos", manifesto pela igreja de Éfeso (Ef 1:15).

Na época em que João escreve, alguns anos já se passaram. Como estaria a igreja? O zelo parece não ter diminuído. As obras, o labor e a perseverança são louvados e, em especial, o valor que a igreja dava à sã doutrina. Embora a igreja suporte o sofrimento, é patente que não pode suportar o ensino falso, venha ele de homens perversos, pseudo-apóstolos, ou de nicolaítas em particular.[3] De acordo com a carta escrita aos Efésios, não muito depois desta, por Inácio, bispo de Antioquia, a igreja estava tão solidamente firmada na verdade do evangelho que nenhuma seita despertaria sequer o interesse de ser examinada pelos seus membros. Éfeso era uma igreja que tinha levado a sério as advertências de Paulo quando do seu último encontro com seus líderes.[4] Da mesma forma, a mensagem de Cristo não menospreza o cuidado deles pela pureza e o amor pela verdade. Oh! pudesse o povo do Senhor ter uma visão correta para saber quando e como dizer como o salmista: "Não aborreço eu, Senhor, os que te aborrecem?" (Sl 139:21a.)

Mas, na busca constante pela preservação da verdade, a igreja em Éfeso tinha perdido o amor, "qualidade sem a qual todas as outras não têm sentido".[5] É digno de nota o fato de que somente na primeira e na última das sete cartas as igrejas são ameaçadas de completa destruição, pela desanimadora, e puramente negativa, razão que é *a falta de fervente devoção.* "Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor", diz Cristo. Vê se me compreendes: "...odeias as obras dos nicolaítas as quais eu também odeio"; a teu favor tens teu zelo. Mas onde está o teu *amor?* Fica sabendo que do amor depende a tua própria existência como igreja.

Este tipo de erro é muito fácil de acontecer. Deve ser confessado por todos os cristãos que aceitaram o papel de bravos senhores defensores da verdade, e esqueceram-se de que deles se espera que sejam senhores de coração grande também.[6] À igreja (de Éfeso), Cristo mostra-se zeloso pelo que é certo. Demonstra poder e vigilância — mas é a igreja que ele tem nas mãos e vigia (v.l). Também tem olhos perspicazes para identificar o mal, mas é na igreja que ele o identifica. Também não pode suportar o mal, porém o mal que ele ameaça destruir é a própria igreja, se ela não se arrepender.

E, de fato, a primeira lâmpada do candelabro foi removida. Tanto a igreja como a cidade foram destruídas; a única coisa que restou foi um lugar chamado Agasalute, e isso, ironicamente, honra a memória de João e não de Éfeso.[6] Permanece ainda a promessa de vida no paraíso a todo indivíduo que, lembrando-se de onde caiu, arrepende-se e volta à prática das primeiras obras e do primeiro amor. Fica o alerta às igrejas que não amam: "Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei" (1 Co 13:12).

3. A Segunda Carta: à Igreja em Esmirna (2:8-11)

Ao anjo da igreja em Esmirna escreve: Estas coisas diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver; [9]Conheço a tua tributação, a tua pobreza, mas tu és rico, e a blasfêmia dos que a Si mesmos se declaram judeus, e não são, sendo antes sinagoga de Satanás. [10]Não temas as cousas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tributação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida. [11]Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. O vencedor, de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte.

Ninguém precisa conhecer a história da cidade de Esmirna para compreender a mensagem destinada a essa igreja, mas creio que é elucidativo o fato de que a beleza dessa cidade, que até rivalizava com Éfeso, era, por assim dizer, a beleza da ressurreição. Setecentos anos antes a velha cidade de Esmirna fora completamente destruída, permanecendo em ruínas durante três séculos. A cidade que existia nos dias de João era, por assim dizer, uma cidade que havia ressuscitado.

Em flagrante contraste com os campos existentes hoje no local onde Éfeso existia, Esmirna permanece até hoje com o nome de Izmir, sendo a segunda cidade da Turquia asiática. A ressurreição, que caracterizava a cidade, haveria de marcar a igreja também.

O futuro imediato era de sofrimento e morte. Isso era uma certeza; um fato que envolve inúmeras lições para nós que vivemos de modo relativamente fácil nos dias de hoje. Como reagiríamos se amanhã a perseguição batesse à nossa porta? Muitas igrejas aprenderam a viver debaixo desta perspectiva e creio que devemos fazer o mesmo. A grande tribulação, vista por João como o acontecimento final desta época, a qual ele próprio vê em miniatura, aparecia como uma constante na experiência do povo de Deus. É uma provação. É a ação do diabo, mas serve aos propósitos e intenções de Deus.

A perseguição em Esmirna foi especialmente intensa devido ao fato de que a comunidade judaica local era o maior dos inimigos. Os judeus eram o *povo de Deus* do ponto de vista racial, mas não real (Rm 2:28), e de fato blasfemavam contra Deus quando perseguiam a igreja sob a alegação de estarem prestando culto a Deus (Jo 16:2). Foram talvez as pressões econômicas, exercidas por esses judeus, que levaram a igreja à pobreza. Talvez fossem as acusações difamatórias dos judeus (note-se o jogo de palavras, pois Satanás significa "difamador") que conduziram os cristãos à prisão e à morte.

Mas os cristãos não devem desanimar. O Cristo que desvenda esta possibilidade desanimadora passou por uma experiência semelhante. Como Esmirna, o Senhor "...esteve morto e tornou a viver" para garantir que eles também tornariam a viver. Por trás daqueles judeus estava Satanás; seu pai espiritual é o diabo e não Abraão (Jo 8:33,44). Mas Deus está por trás de tudo e é ele que controla todas as coisas. Uma grande lição é que o sofrimento é certo; outra, é que ele é limitado. Para a igreja de Esmirna a perseguição seria por "dez dias", em um futuro não muito distante. Mas, pela bondade de Deus, haveria o décimo primeiro dia e aí tudo estaria terminado. O fato de Deus estar no controle não quer dizer que Satanás esteja impedido de inflingir dor. Não há uma só passagem no Novo Testamento que prometa uma vida isenta de sofrimentos, aliás, como é notório, sem cruz não há coroa. Mas o que Deus garante é que, mesmo que a igreja venha a morrer no sentido físico, jamais sofrerá o dano da segunda morte.[7] É assim que Paulo, tendo aprendido dupla lição, demonstra uma atitude verdadeiramente cristã face à tribulação: "porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós" (Rm 8:18).

A mensagem, portanto, é que os crentes de Esmirna não devem ser *medrosos*, mas *fiéis*. Não devem olhar para o sofrimento, mas para Deus que tudo tem sob controle.

4. A Terceira Carta: à Igreja em Pérgamo (2:12-17) *Ao anjo da igreja em Pérgamo escreve: Estas coisas diz aquele que tem a espada afiada de dois gumes: [13]Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás, e que conservas o meu nome, e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha testemunha, meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita. [14]Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição. [15]Outrossim, também tu tens os que da mesma forma sustentam a doutrina dos nicolaítas. [16]Portanto, arrepende-te; e se não, venho a ti sem demora, e contra eles pelejarei com a espada da minha boca. [17]Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor, dar-lhe-ei do maná escondido, bem como lhe darei uma pedrinha branca e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe.*

Éfeso era a principal cidade da Ásia, mas Pérgamo era a capital, pois era lá a sede do governo imperial. Lá também havia o mais antigo templo dedicado à prática da religião patrocinada pelo estado, a saber, a adoração do imperador. Não sabemos com certeza se Cristo se referia a isso quando falou do "trono de Satanás", mas sabemos o tipo de dificuldade que os cristãos em Pérgamo tinham que enfrentar. Para eles, Satanás não era, como em Esmirna, um mero caluniador trabalhando por intermédio de um grupo de judeus mal intencionados. Satanás aparece como o "príncipe do mundo" segundo a expressão literal do Evangelho de João (Jo 14:30); o que a primeira carta de João chama de "o mundo" (1 Jo 2:15ss) é, de fato, o grande inimigo da igreja em Pérgamo.

"O mundo" inclui o poder de outras instituições além da máquina do Estado. Há a enorme biblioteca de Pérgamo (a cidade devia o seu nome à palavra "pergaminho"), o ministério de cura executado pelos sacerdotes de Esculápio e, servindo como coroa à acrópole da cidade, o altar grego asiático de Zeus, o salvador. Toda essa parafernália de uma "sociedade alternativa" orientada para as necessidades da mente, do corpo e do espírito, é acrescentada às demandas do próprio estado romano. Da mesma forma encontraremos na quarta cena a besta que sai da terra junto com a besta que sai do mar, oferecendo ao homem um sistema de vida viável, fora do reino de Deus. Mas esta é outra história. Antecipar o que João diz adiante é a maneira mais eficiente de confundir as coisas.

Resumindo, Satanás trabalha em Pérgamo através das pressões de uma sociedade pagã. Satanás persegue; o sofrimento que viria sobre os cristãos de Esmirna já pairava sobre os de Pérgamo, e pelo menos um cristão já havia sido martirizado (v.l3b). Ele segue; os nicolaítas que foram mencionados na carta aos cristãos em Éfeso acham-se aqui novamente e, apesar de não sabermos muita coisa a respeito deles, o seu ensino parece ser do mesmo tipo do de Balaão, o qual havia conduzido o povo de Deus para o pecado em épocas passadas (Nm 31:16; 25:1-3). Creio que os dois pecados mencionados no versículo 14 podem ser entendidos literalmente. Ambos aparecem nos dias de Balaão e reaparecem nos dias do Novo Testamento (1 Co 5 e 8). O caminho que conduz à prática desses pecados é o tipo de tentação típica do mundanismo de todas as épocas: "que mal há nisso? Todo o mundo faz, por que não você?"

Sedução ou perseguição é a dupla perversão que o mundo oferece à igreja. Uma sociedade altamente permissiva pode ser estranhamente severa para com todos os que se recusam a acompanhá-la. "Por isso, difamando-vos, estranham que não concorrais com eles ao mesmo excesso de devassidão" (1 Pe 4:4). As ruas alegres da Feira da Vaidade ainda podem conduzir à prisão ou à fogueira: ou você compra, ou é queimado. Antipas, ao que parece, foi o único membro da igreja em Pérgamo a sofrer o martírio. Mas o que o Senhor diz é importante: "Não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas". Negar a fé era uma tentação constante, especialmente quando a outra opção era ser martirizado.

Para alguns a tentação é forte demais e por isso cedem. O compromisso com o mundo se estabelece quase sem sentir. A distinção entre a igreja e o mundo torna-se obscurecida. Há muita tolerância e pouca disciplina. "A culpa de Pérgamo residia no oposto da culpa de Éfeso; e quão tênue é a linha entre o pecado da tolerância e o pecado da intolerância. "[8]

De qualquer forma, no fim, é com Cristo que eles terão que prestar contas. O poder da espada não está com os governantes romanos, nem com o príncipe deste mundo, mas com Cristo (v.12). A espada de dois gumes certamente refere-se ao outro juízo que é necessário: discernir a verdade (Hb 4:12) e punir o mal (Rm 13:4). O Senhor está pronto a usar a espada contra aqueles que, mesmo na igreja, não se arrependam.

O Senhor faz, entretanto, uma promessa àqueles que se arrependem e vencem. Não é fácil entender especialmente o significado das pedrinhas brancas (v.17), apesar de haver várias opiniões a respeito. Desde que o contexto fala de festas com carne sacrificada aos ídolos e da festa do maná que Deus espalhou no deserto para Israel, a menção das pedrinhas pode se referir ao antigo costume de utilizar pequenas pedras quadradas como ingresso nos espetáculos públicos. A promessa de vida eterna feita no final das duas cartas anteriores é repetida aqui em termos apropriados ao cristão que não se conforma com os prazeres do mundo, nem com os banquetes da carne sacrificada aos ídolos. Cristo faz ao vencedor um convite pessoal para participar de um banquete no céu, que consiste na comunhão com o próprio Cristo: "porque quantas são as promessas de Deus tantas têm nele o sim"; e ele é o único e verdadeiro maná, o pão da vida que desceu do céu (2 Co 1:20; Jo 6:31-35).

5. A Quarta Carta: aos Cristãos de Tiatira (2:18-29)

Ao anjo da igreja em Tiatira escreve: Estas coisas diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo, e os pés semelhantes ao bronze polido: [19]*'Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança e as tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras.* [20]*Tenho, porém, contra ti, o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a Si mesma se declara profetisa, não somente ensine, mas ainda seduza os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos.* [21]*Dei-lhe tempo para que se arrependesse; ela, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição.* [22]*Eis que a prostro de cama, bem como em grande tributação os que com ela adulteram, caso não se arrependam das obras que ela incita.* [23]*Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mente e corações, e vos darei a cada um, segundo as vossas obras.* [24]*Digo, todavia, a vós outros, os demais de Tiatira, a tantos quantos não têm essa doutrina e que não conheceram, como eles dizem, as coisas profundas de Satanás: Outra carga não jogarei sobre vós;* [25]*tão somente conservai o que tendes, até que eu venha.* [26]*Ao vencedor, e ao que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações,* [21]*e com cetro de ferro as regerá, e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro;* [28]*assim como também eu recebi de meu Pai, dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã.* [29]*Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.*

Os pecados da igreja de Tiatira, assim como os de Pérgamo, eram a imoralidade e a tolerância para com a adoração de ídolos. Tanto nesta, como naquela igreja, podemos interpretar literalmente esses pecados, se bem que eles caracterizam o adultério espiritual no qual o povo de Deus incorria constantemente. De acordo com a metáfora bíblica, o verdadeiro Deus é o esposo de Israel, e os falsos deuses são os amantes de Israel (Jr 3; Ez 16; Os 2). Tanto Jezabel como Balaão foram estrangeiros que seduziram a noiva de Deus à prática desse tipo de infidelidade (1 Rs 16:31; 2 Rs 9:22).

Há, no entanto, distinções entre as duas situações. Contra os cristãos cercados de Pérgamo, Satanás usa a pressão do mundo tentando comprimir os crentes "nos seus próprios moldes" (Rm 12:2 CIN). Mas onde a igreja já se faz notar pelo crescimento e pelo vigor (v.19) ele sabe que pode causar um prejuízo maior envenenando o interior, do que pressionando o exterior. Em Tiatira uma mulher assumia, ao mesmo tempo, o perverso caráter de Jezabel e a atividade profética de Balaão, e ensinava, como se fosse da parte de Deus mesmo, coisas novas e profundas que muitos membros daquela igreja forte e dinâmica já estavam predispostos a explorar.[9]

As acusações que João Wesiey sofreu de estar "buscando revelações extraordinárias e dons do Espírito Santo", feitas pelo Bispo Butler, são injustas. A verdade é que muitos tiveram essa tensão; e essas "revelações", quando divorciadas daquilo que as Escrituras de fato revelaram, são coisas verdadeiramente horrendas. Essas vozes sinistras geralmente ecoam no meio de um entusiasmo espiritual subitamente despertado. Mal a Reforma tinha começado a criar impacto, João de Leyden proclamou-se messias em Münster. Ao mesmo tempo em que o grupo "Os meninos de Deus" apela à lealdade da juventude moderna, os pais cristãos ficam chocados ao descobrir que seus filhos estão sendo incentivados a romper os laços familiares. "Não terás outros deuses diante de mim" e "Honra a teu pai e a tua mãe", são mandamentos tradicionalistas enfadonhos quando comparados com a dinâmica voz desses novos profetas.

O fato de que vozes deste tipo são inevitáveis em uma igreja viva, não é desculpa para que sejam deixadas à vontade; pelo contrário. Quanto mais dinâmica a voz, mais severamente será julgada. O Cristo que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido virá julgá-la como o sol brilhante do meio dia (1:16), de modo infinitamente mais terrível do que o deus pagão, Apoio, cujo templo em Tiatira era famoso. A glória de Cristo sonda a mente e o coração de "Jezabel", e "nada refoge ao seu calor" (v.23; SL 19:6). Aqueles que não se arrependerem são ameaçados com tribulações e morte, certamente de cunho espiritual e, possivelmente (tanto nestas punições como na punição pelos pecados descritos nos versículos 20-21), com a morte física também. Àqueles que se arrependerem ele promete que, uma vez removida a barreira do pecado, eles se transformarão na maravilhosa igreja missionária que está dentro de Si mesmos. O versículo 27 é uma adaptação grega do hebraico do Salmo 2:9. A primeira metade do versículo é ambígua em ambas as línguas, mas o curioso vocabulário empregado expressa de forma clara o duplo efeito resultante da pregação do evangelho. Digo isso porque a "autoridade sobre as nações", que é dada a Cristo no Salmo 2, e à igreja de Tiatira, é a autoridade para proclamar o reino de Deus. Quem rejeitar entrar no reino será destruído, mas quem aceitar viverá (2 Co 2:15-16; Jo 20:23; Lc 24:47). E o que é mais importante, à igreja, fiel propagadora da luz do evangelho nas trevas deste mundo, Cristo promete a Si mesmo como a "brilhante estrela da manhã" (22:16), a certeza de que a aurora chegará quando então a luz das lâmpadas será tragada completamente pela luz da eternidade.

6. A Quinta Carta: à Igreja em Sardes (3:1-6)

Ao anjo da igreja em Sardes escreve: Estas coisas diz aquele que tem os sete espíritos de Deus, e as sete estrelas: Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives, e estás morto. [2]Sê vigilante, e consolida o resto que estava para morrer, porque não tenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus. [3]Lembra-te, pois, de como tens recebido e ouvido, guarda-o, e arrepende-te. Porquanto, se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti. [4]Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras, e andarão de branco junto comigo, pois são dignas. [5]O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do livro da vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos. [6]Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

Apesar das falhas, Cristo reconheceu as coisas boas existentes em todas as igrejas às quais se dirigiu. O que ele encontrou que recomendasse Sardes? Nada. A única coisa *boa* que a igreja possuía era uma boa reputação para a qual não existia, de fato, razão alguma. O veredito de Cristo sobre a condição da igreja é breve e devastador: "Tens nome de que vives e estás morto".

Não nos enganemos acerca de Sardes. Ela não é o que o mundo chamaria de igreja morta. Talvez ela seja considerada *viva* até mesmo pelas suas igrejas irmãs. De fato, desde que Cristo determina a igreja a ser "vigilante" e a adverte de que a sua vinda para julgá-la será inesperada, quer me parecer que nem a própria igreja tinha consciência do estado espiritual em que se encontrava. Todos a reputavam como igreja florescente, ativa e bem sucedida; todos, com exceção de Cristo. Suas obras não atingiam o padrão estabelecido por Cristo. Ninguém naquela igreja tinha atingido a integridade necessária (v.2). Se Cristo ameaça não confessá-la diante de Deus a razão é que, apesar de todo o seu ativismo, ela não está, de fato, confessando a Cristo (v. 5; Mt 10:32).

Falha na integridade? Falha na confissão? Ninguém ficaria mais surpreso face às acusações do que a

própria igreja. Mas "quando nos lembrarmos do que a palavra *integridade* significava, no sentido da vida cristã, aos cristãos em Esmirna, poderemos entender melhor o que João requeria da igreja em Sardes": segura, contemplativa como a cidade de Sardes, não sofria nem perseguições, nem heresias. "Ela tinha imposto a Si mesma a tarefa de evitar problemas, seguindo uma política baseada na conveniência e na circunspecção ao invés de no zelo fervoroso. "[10]

Talvez não seja correto dizer que a sua reputação é a única coisa boa que a igreja tem. Há algumas pessoas na igreja que ainda não estão mortas embora estejam morrendo (v.2). Umas poucas pessoas na igreja ainda não se contaminaram (v.4). Acima de tudo é mencionada a primeira reação ao evangelho, "de como o tens recebido e ouvido" (v.3). A palavra importante é "como" e não "o que". Oh! Se ela tão somente pudesse recuperar o espírito de santidade e consagração, "o como" daqueles primeiros dias! Do contrário Cristo ameaça vir de surpresa para julgá-la, como o ladrão na noite. O que ele descreve nestes versículos pode ser entendido como sua vinda no fim dos tempos, como em Mateus 24:36-44, mas pode referir-se a uma punição mais imediata. João "esperava que a vinda final de Cristo seria antecipada em menores, mas não menos decisivas aparições".[11] A experiência da igreja em Sardes será igual à da cidade, a qual nunca fora tomada de assalto e se julgava impugnável, porém mais de uma vez fora capturada em surdina.

Mesmo a promessa do versículo 5 contém uma advertência. Não há menção do reino e do poder e da glória contidos nas outras cartas como prêmio aos cristãos vitoriosos. Tudo o que Cristo promete aos vitoriosos de Sardes é que o nome do vencedor não será apagado do livro da vida, de modo nenhum, e que ele será vestido com as vestes brancas da justiça. Em outras palavras, tudo o que é garantido aos cristãos em Sardes, é que eles serão aceitos por Deus, como para sublinhar a possibilidade de que a igreja, como um todo, poderia até perder esse privilégio.

Se Cristo é o único que pode ver e expor a verdadeira condição da igreja em Sardes, ele é certamente o único que pode lidar com ela. E ele está pronto para fazê-lo. Ele é "aquele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas"; e quando ele menciona juntas as estrelas, que são os anjos representativos das igrejas, e os sete espíritos, duas coisas podem acontecer. Os sete espíritos são os olhos de Deus de quem nada se pode ocultar (5:6); daí procede a mensagem tão severa que acabamos de ouvir. Eles, os espíritos, são também o poder vivificador da parte de Deus e, em Sardes, como em todas as sete igrejas, Cristo tem nas mãos tanto a igreja necessitada, como o espírito vivificador. Ele pode reconciliá-los, não somente para fazer diagnóstico da situação mas para revificar os mortos. Precisamos estar certos de que se Sardes se lembrar, e der ouvidos, e se arrepender, ele a revificará.

7. A Sexta Carta: à Igreja em Filadélfia (3:7-13) *Ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre e ninguém fechará, e que fecha e ninguém abre. [8]Conheço as tuas obras — eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar — que tens pouca força, entretanto guardaste a minha palavra, e não negas te o meu nome. [9]Eis que farei que alguns dos que são da sinagoga de Satanás, desses que a Si mesmos se declaram judeus, e não são, mas mentem, eis que os farei vir e prostrar-se aos teus pés, e conhecer que eu te amei. [l0]Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra. [11] Venho sem demora. Conserva o que tens para que ninguém tome a tua coroa. [12]Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome. [13]Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.* Além de Esmirna, Filadélfia é a única igreja em que Cristo não encontra faltas. Qualquer austeridade que pareça demasiada da parte de Cristo não é motivada pelas faltas encontradas, e sim pelos fatos que precisam ser enfrentados. Uma época de testes se aproxima, não certamente a última grande tribulação que João erradamente julgava iminente, nem uma perseguição local, o que fica evidente pelas palavras: "hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro". Este teste refere-se à perene perseguição, da qual todas as pequenas perseguições e, especialmente, a grande tribulação, são partes integrantes. E a igreja não tem grande força para enfrentar esta batalha. Cristo não minimiza as dificuldades que deverão ser enfrentadas.

Ele encoraja a igreja. A igreja se defronta com uma oposição e (possivelmente) com oportunidades, e a intenção de Cristo é ajudar a igreja a vencer a primeira e a confirmar a segunda.

O paralelo ente Filadélfia e Esmirna pode ser novamente encontrado no fato de Filadélfia ter que enfrentar a oposição dos da "sinagoga de Satanás" (2:9). Para entender bem a idéia da palavra "mentem", no grego, devemos pensar nessas pessoas como sendo pseudo-judeus. Eles reivindicam para Si, falsamente, a glória de serem o povo santo de Deus. Em contraste, Cristo se apresenta como "o santo, o verdadeiro" (v.7). Ele menciona antigas profecias segundo as quais o povo de Deus será, um dia, justificado, e o resto da

humanidade se curvará diante desse povo. Cristo diz à igreja que o cumprimento dessas profecias será o contrário do que era esperado pelos judeus de Filadélfia: *eles* é que terão de "prostrar-se aos *teus* pés" e reconhecer "que eu *te* amei". Oh! Que os cristãos se animem, pois são os favoritos do Senhor.

Freqüentemente, no Apocalipse, João faz coro aos outros escritores apostólicos, ensinando que os privilégios e as promessas feitas aos judeus no Antigo Testamento foram herdadas pela igreja cristã.[12] Esta doutrina, bem como o seu aspecto histórico, encontra-se nestes mesmos versículos da carta aos cristãos de Filadélfia. Uma investigação acerca do significado da expressão "a chave de Davi" leva-nos até o livro de Isaías. Interessante notar que encontraremos menções do livro de Isaías espalhadas por todo o capítulo 3 do Apocalipse. A "chave" aparece em Isaías 22:22, juntamente com a promessa de que o responsável por ela, Eliaquim, encarregado da casa de Davi, teria a mesma autoridade que Cristo tem de abrir e fechar. Mas abrir e fechar o quê? A entrada da casa de Davi. E com que propósito? Os portões estão abertos, diz Isaías, "para que entre a nação justa que aguarda a fidelidade (26:2). Assim como o próprio Eliaquim é "fincado como estaca em lugar firme, e ele será como um trono de honra para a casa de seu pai" (22:23), da mesma forma, aos fracos, aos desprezados e aos estrangeiros, será dada a "minha casa e dentro dos meus muros um memorial e um nome melhor" (56:5). As nações também virão em submissão humilde (60:11); "todos os que te oprimiam, prostrar-se-ão até as plantas dos teus pés" (60:14 cf 49:22, 23). Todas as idéias aqui dizem respeito ao acesso à casa de Davi, ao reino, à cidade e ao templo de Deus.[13] O que se segue pode ser acompanhado passo a passo. O Senhor condena o legalismo dos judeus ("Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entrais, e não deixais entrar os que estão entrando" Mt 23:13) e transfere a autoridade de porteiro à igreja ("Dar-te-ei as chaves do reino dos céus" Mt 16:19). Dessa forma Pedro e os outros cristãos têm o privilégio de dar as boas vindas não somente aos judeus, mas aos samaritanos e aos gentios como membros permanentes do reino (At 2, 8,10). Assim, todo conceito expresso nas palavras: chave, porta, cidade, templo e coluna torna-se cristão, e é a base para a transferência acima mencionada. Os judeus precisarão aprender "que eu *te* amei".

Este favor não merecido é a raiz de todo o resto. Em certo sentido Cristo guarda (ou preserva) o seu povo porque eles guardam (ou observam) a sua palavra (v.10) e o incentivo que ele dá, tanto a Filadélfia como a Esmirna, é dirigido a todos os que lhe são leais. Mas a cadeia de causa e efeito vai mais fundo; eles obedecem aos mandamentos porque ele os amou primeiro. E vai mais fundo ainda: o resultado final do amor de Cristo pela igreja é que a igreja de "pouca força" será estabelecida como uma coluna irremovível no templo da Jerusalém Celestial (v.12). Esta igreja será selada de modo triplo: pertence a Deus, pertence à cidade de Deus e pertence ao Filho de Deus. Sua terna promessa aos que se sentem dolorosamente cientes de suas próprias fraquezas e inseguranças, é que no final eles *pertencerão* ao Senhor.

Até que esse dia chegue, o Senhor os anima a suportarem as pressões e, como não poderia deixar de ser, ao serviço. Em outras passagens do Novo Testamento a expressão "uma porta" é figura de oportunidade (1 Co 16:9; 2 Co 2:12); e, apesar disso, como vimos, nestes versículos significa principalmente a segurança que eles tinham de entrar na Nova Jerusalém; essa porta também é o único caminho pelo qual os outros podem entrar no Reino. Invertendo a figura apresentada por Isaías, mesmo os judeus poderiam ser convertidos da sinagoga de Satanás. Assim os cristãos são duplamente incentivados, pois o mesmo Cristo, que anula os opressores, amplia as oportunidades. A porta foi aberta por ele e ninguém poderá fechá-la. É motivo para os cristãos se animarem e usarem a força que têm no serviço que ele lhes confiou.

8. A Sétima Carta: aos Cristãos em Laodicéia (3:14-22)

Ao anjo da igreja em Laodicéia escreve: Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus: [15] Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio, ou quente! [16]Assim, porque és morno, e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca; [17]pois dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu. [18]Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, afim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os teus olhos, a fim de que vejas. [19]Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso, e arrepende-te. [20]Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele e ele comigo. [2l]Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci, e me sentei com meu Pai no seu trono. [22]Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

A arqueologia tem se encarregado de fornecer dados bastante interessantes acerca da história relacionada com esta carta. Laodicéia era um centro bancário e produzia artigos têxteis. Também era famosa por produzir uma espécie particular de colírio (ver v.18). Era também uma estância hidromineral de águas mornas que vinham de fontes próximas à cidade (ver v.16). Assim as palavras de Cristo à igreja contêm uma confortável

mensagem, bem apropriada. Mesmo que não tivéssemos o conhecimento arqueológico, ainda assim não teríamos problemas em identificar o juízo que Cristo faz da igreja. "Quem dera fosses frio ou quente!" Que condenação pior poderia existir para uma igreja do que o Senhor dizer que preferiria um cristianismo mais frio do que o encontrado efetivamente em Laodicéia.

Em outras cidades da Ásia temos observado que o estado da igreja geralmente corresponde ao estado da cidade. Em Laodicéia, entretanto, isso não se repete; há um contraste entre a cidade e a igreja. A igreja é a imagem da cidade revertida como em um negativo. Financistas, médicos e fabricantes de tecidos se encontram entre os cidadãos mais notáveis da cidade; porém a igreja é considerada "miserável, pobre, cega e nua". "Laodicéia tinha falhado no propósito de encontrar em Cristo a fonte de toda a verdadeira riqueza, esplendor e visão. "[14]

A indiferença de Laodicéia é a pior condição em que uma igreja pode sucumbir. A situação de Laodicéia é pior que a de Sardes onde, pelo menos, existia um fio de vida. A única coisa boa em Laodicéia é a opinião da igreja sobre Si mesma e, ainda assim, completamente falsa. Ela tem a pretensão de ter todas as coisas, mas na realidade não tem nada. Devemos lembrar-nos de que em 1:16 há sete estrelas na mão de Cristo. Nós até podemos duvidar se ela era uma igreja verdadeira. Será que a linguagem de Cristo deveria nos chocar? É difícil pensar assim, frente ao descrito no versículo 16: "Estou a ponto de vomitar-te da minha boca". É o Amém, a Testemunha fiel e verdadeira que profere estas palavras, e elas são uma parte de todas as outras ameaçadoras escrituras que falam do Senhor, desgostoso com essa geração (Sl 95:10) e zombando dos homens (Sl 2:4).

Apesar disso Laodicéia tem uma chance. O fato de ser repreendida é uma prova de que o Senhor a ama (v.19); a ameaça de abandono total, caso ela não se arrependa, é contrabalançada pela promessa de reestabelecimento total, caso ela se arrependa. Por causa dessa igreja desastrada, o Senhor se apresenta, no versículo 14, como "o princípio da criação de Deus" (talvez a melhor tradução seja: a origem da criação de Deus), aquele que é capaz de descer até o caótico abismo do fracasso de Laodicéia e restaurá-la, assim como um dia ele fez com o mundo.

Isso só será possível se ela quiser. A soberania divina não é, de modo algum, prejudicada por isso. Cristo é o único que pode providenciar as riquezas, as roupas e o ungüento; ele é a voz persuasiva que aconselha Laodicéia a aceitar a oferta. Ele é o que vem, o que permanece, o que bate, o que chama. Sua soberania está implícita no fato de ele ser "a origem da criação" de Deus, verdade esta que a igreja de Laodicéia já conhecia através da carta de Paulo aos Colossenses (Cl 1:15-18; 4:16). Mas a pergunta crucial para a igreja é se *ela* abrirá a porta e deixará Cristo entrar. "Pois a única cura para a indiferença é a readmissão do Senhor excluído. "[15]

Mesmo que a igreja seja surda à chamada de Cristo, ele ainda assim se dirige a cada um dos membros individualmente, pois "quando Cristo diz: Eis que estou à porta e bato, *se alguém...* é clara a sua intenção de dirigir-se ao indivíduo. Mesmo que a igreja, como um todo, não dê ouvidos à sua advertência, pode ser que um indivíduo o faça. "[16] A todas as pessoas de Laodicéia que apresentarem evidências de arrependimento, o Senhor promete, nos versículos 20 e 21, uma majestosa recompensa: "Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como eu venci, e me sentei com meu Pai no seu trono."

Apocalipse 4:1—8:1

Segunda Cena:
Sofrimento para a Igreja:
Sete Selos são Abertos

O significado dos Números

Tivemos a oportunidade de observar na primeira cena que a Bíblia, como um bom professor, repete as mesmas lições muitas e muitas vezes com o objetivo de registrá-las bem claramente em nossas mentes. Se é verdade que a repetição enfatiza a importância de uma coisa, então, quanto mais freqüente a repetição, mais importante é a lição.

Seguindo esta linha de pensamento na segunda cena, entretanto, encontramos alguns problemas. Percebemos quão repetitivo é o livro do Apocalipse em um aspecto particular. Além de repetir tipos históricos ou tipos alegóricos, são repetidos tipos numéricos. Por que será que na primeira cena as igrejas, as lâmpadas, as estrelas e os espíritos aparecem todos em número de sete? Agora encontramos não somente

vinte e quatro anciãos, e quatro seres viventes de seis asas cada um, como também um outro grupo de sete lâmpadas, e um livro selado com sete selos; continuando a leitura encontramos uma grande quantidade de outros números simples e complexos. Em nossa vida habitual costumamos diferenciar os números estatísticos, que respondem questões do tipo: "quantas pessoas havia?" (ex. havia 1.200 pessoas na reunião), dos números simbólicos que são usados para outras funções, que não sejam as de contar (por ex. 12 horas, significando meio-dia). Os números no Apocalipse dificilmente podem ser utilizados para a elaboração de estatísticas, apesar de que podemos ser grandemente abençoados pelo simples fato de sabermos quantos são os anciãos, os seres viventes e as asas. Este não é o caso do Antigo Testamento, onde o plano da redenção é desenvolvido de forma dramática através da experiência real de Israel. Os números que encontramos no Antigo Testamento, em sua grande maioria, são puramente estatísticos, são parte da evidência concreta da historicidade. No livro de Apocalipse encontramos a plenitude dos tempos onde o plano de Deus foi completado. A linguagem figurada do livro serve para unir o significado espiritual e os efeitos universais do plano de Deus. É por isso que em um livro como o Apocalipse é mais provável que os números sejam simbólicos, e não estatísticos. É evidente que os números simbólicos são de grande importância, ou não seriam repetidos tantas vezes.

O problema é: qual o significado desses números? "... vi *quatro* anjos ... nos *quatro* cantos da terra, conservando seguros os *quatro* ventos" (7:1). Certamente nos sentimos como estrangeiros ignorantes procurando descobrir em nossos livros o sentido de palavras que João, um nativo, repete com tanta insistência. Parece que ele pensa que podemos realmente entender o que ele está dizendo.

Muitos comentaristas têm ido longe demais e têm tratado o livro de Apocalipse como se não passasse de um quebra-cabeça matemático. Isso não pode nunca dar certo. O livro promete revelar seus segredos ao mais simples dos leitores cristãos. O que é necessário para entender o livro não é genialidade matemática, nem especialidade em História, mas simplesmente a Palavra e a Testemunha. Sendo assim, precisamos ser bastante cuidadosos para não ir além do que Deus disse acerca do significado dos números. Consideremos, por exemplo, o cálculo feito por alguns para "provar" que os 144.000 de Apocalipse 7:4 representam a igreja de Cristo na sua totalidade. Para justificar isso dizem que, nas Escrituras, 3 é o número de Deus; 4 representa a criação ou o mundo; 3x4= 12 que representa a igreja através da qual Deus está trabalhando no mundo; 12^2= 144, a igreja em sua totalidade; 10 significa perfeição; 10^3= 1.000, perfeição tri-dimensional; 12^2x10^3 = 144.000, a igreja na sua totalidade e perfeição.

Apresentar essas idéias, entretanto,não é a mesma coisa que explicá-las. Quando nos é apresentada a idéia de que "isto significa aquilo", ainda temos o direito de perguntar: por quê? A Bíblia, provavelmente, poderia sustentar alguns dos argumentos acima. Mas onde encontrar, na Bíblia, a idéia de que 3x4 representam uma coisa, e 3+4 representa outra completamente diferente? E por que o 12 é elevado ao quadrado, e o 10 ao cubo, e não *vice-versa?* E que dezenas podem ser apontadas na Bíblia, de forma incontestável, como símbolos da completa perfeição? As pragas do Egito, as leis do Antigo Testamento, as tribos de Israel que deixaram de existir, e os leprosos no Evangelho, talvez indiquem exatamente o contrário.

Tudo o que podemos dizer honestamente é que, *se pelo contexto*, os 144.000 parecem representar a igreja em sua totalidade, é uma interpretação apoiada pelos elos que parecem existir entre alguns de seus fatores (3,4 e 10) e certas idéias bíblicas básicas.

É com cautela, portanto, que nos aproximamos de três dos números desta segunda cena para ver se as Escrituras atribuem algum significado especial para o qual devamos estar atentos quando procurarmos aprender as lições que o autor quer nos ensinar.

a. Vinte e Quatro (4:4)

Praticamente os únicos lugares onde o número vinte e quatro ocorre na Bíblia são as seis referências que descrevem os anciãos ao redor do trono de Deus.[1] O número doze, por sua vez, é freqüente, e nada podemos fazer a não ser deixar que ele nos relembre as "doze tribos dos filhos de Israel" e os "doze apóstolos do Cordeiro". Estes dois grupos são mencionados constantemente em Apocalipse 21:12-14. Lá vemos a cidade de Deus — no alto das portas os nomes dos doze patriarcas, e nos fundamentos o nome dos doze apóstolos. Os dois números "doze" estão unidos como o fundamento no qual o povo de Deus, tanto do Antigo como do Novo Testamento, está respectivamente estabelecido.

Partindo do fato de que a estes é dado o título de "anciãos", título geralmente conferido aos líderes da igreja, não podemos duvidar que os vinte e quatro representam a igreja na sua totalidade, tanto antes, como desde o tempo de Cristo.

Esta interpretação tem sofrido objeções baseadas no fato de que a igreja só estará estabelecida, coberta com vestiduras brancas e coroada, na presença de Deus nos céus, depois do dia do julgamento; como esse dia

somente é descrito no livro bem mais adiante, e neste estágio a igreja ainda não é triunfante, e sim militante aqui na terra, os anciãos devem representar anjos ou outros tipos de seres celestiais. Esta objeção merece ser comentada, não porque tenha alguma substância, mas porque destaca um mal-entendido muito comum a respeito da estrutura do tempo no Apocalipse. A seqüência dos eventos no Apocalipse será discutida de forma mais completa no início da terceira cena. Por enquanto basta dizer que os eventos mostrados a João podem não ser, e em alguns casos não são, apresentados na ordem em que acontecem historicamente. De qualquer forma, os anciãos não representam necessariamente a igreja triunfante. Lemos em Efésios 2:6 que "nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo" *(i.é,* no nível da realidade espiritual); a igreja ainda militante aqui na terra está assentada nos céus com Cristo. João mesmo sugeriu esta idéia em Apocalipse 1:5-6.

b. Sete (4:5)

Em contraste com o número vinte e quatro, o número sete aparece freqüentemente em toda a Bíblia. Tradicionalmente entende-se que significa a completa perfeição, da mesma forma que a expressão "navegar os sete mares" significa navegar por todos os oceanos do mundo. Vários exemplos bíblicos podem ser citados para corroborar este pensamento. Mas uma reflexão mais cuidadosa sobre o número sete na Bíblia pode revelar possibilidades muito mais intrigantes.

Apesar do número sete ser encontrado por toda parte, aparece em maior quantidade nos capítulos que descrevem a religião do Antigo Testamento — dias e anos, altares e animais sacrificados, aspersão de água, óleo e sangue aparecem inúmeras vezes em grupos de sete. Nunca o texto diz por quê. simplesmente parece que as atividades que dizem respeito às funções básicas da vida do homem, seu relacionamento com o Criador, são mais bem expressas pelo número sete. O uso do número sete difunde-se, então, das atividades religiosas para as relações sociais. O número sete é também a raiz da palavra hebraica utilizada para fazer um juramento. Desta forma, a confiança mútua entre os homens está baseada no sentido sacro do número sete Vamos ainda encontrá-lo nas primeiras páginas de Gênesis, onde Deus trabalha seis dias na criação do mundo, e no sétimo descansa. E já é tempo de notar como aqui no Apocalipse, à medida que a poeira da História é tirada do disco, a música da eternidade reverbera clara e límpida, em um ritmo de sete batidas.

Novamente não sabemos por que as coisas são assim. simplesmente são! A criação, a religião, a sociedade, tudo parece ser contado em setes. Não se trata apenas de crianças na praia olhando para ver se a sétima onda é maior do que as outras; nem de cientistas nos laboratórios, e políticos em estados totalitários intrigados por que a constituição humana tem uma resposta misteriosa às vibrações do ciclo de sete e rebela-se contra um padrão de trabalho e descanso cuja "semana" tenha mais de sete dias. Pode ser que o número sete não represente a *inteireza* de uma coisa, porém sua *essência.* Sob o turbilhão de notas pode-se perceber as batidas regulares do ritmo. "É assim que as coisas são". Apesar das sete igrejas da Ásia representarem a igreja em geral, isso ocorre porque representam não a igreja *toda,* mas a igreja *real.* E se as sete cartas mostram a igreja como ela é na realidade, então os sete selos mostram o mundo como ele é realmente; mesmo se dá com as sete trombetas e os sete flagelos — a advertência de Deus como é na realidade, e os juízos de Deus como são na realidade.

Se é assim, não se pode questionar o fato de João elaborar, artificialmente, um livro cheio de "setes". Da mesma forma como dramaturgos clássicos britânicos habitualmente escreviam poemas com rimas no final de cada frase; e os franceses, poemas com rimas alternadas, este ritmo centrado no número sete parece ser a cadência natural da voz de Deus. Mesmo nas cenas de Apocalipse não tão claramente subdivididas, pode-se notar que o sentido se torna mais claro se for dividido em sete.

c. Quatro (4:6; — 7:1)

O número vinte e quatro é bastante raro na Bíblia, ao passo que o número sete é bastante comum, o que não dá uma visão absolutamente clara do significado simbólico que eles têm. Com o número quatro é bem diferente. Ele aparece com relativa freqüência, mas é difícil determinar quando é usado simbolicamente e quando estatisticamente; e além disso, o que significa quando é simbólico?

Tomemos, por exemplo, o bode de quatro chifres da visão de Daniel 8:8. Os "chifres" significam reis, os sucessores de Alexandre, o Grande. Mas teria o "quatro" algum outro significado além de indicar o número de sucessores? Ou a visão de Pedro, em Atos 10:11, onde ele viu um grande lençol cheio de animais impuros ser baixado dos céus pelas quatro pontas. O lençol representa o mundo gentílico. Mas será que o lençol tem quatro pontas porque o número quatro representa o mundo, como querem alguns, ou simplesmente porque a maioria dos lençóis tem quatro pontas? Passagens como estas não ajudam muito a compreender o significado do número quatro quando este aparece no livro de Apocalipse. Teremos que procurar o significado em outra parte.

Os "quatros" mais importantes do livro de Apocalipse aparecem pela primeira vez exatamente nesta

cena. Se representam alguma coisa, talvez seja o mundo criado. Partindo do indubitável, os universalmente conhecidos quatro pontos cardeais: norte, sul, leste e oeste, a Bíblia fala (como nós o fazemos também) dos quatro cantos da terra, e dos quatro ventos dos céus. Naturalmente os anjos que estão nos cantos da terra segurando os ventos são em número de quatro também (7:1).

Será que devemos dar um significado semelhante aos quatro seres viventes de Apocalipse 4:6?[2] Neste caso poderemos aprender mais se estudarmos seus nomes, em vez do número. "Seres viventes" como estes foram vistos pelo profeta Ezequiel durante a primeira e extraordinária visão que teve (Ez 1). Embora as seis asas de cada ser vivente lembrassem muito a visão que Isaías teve dos serafins (Is 6), a maior parte da visão de João corresponde aos seres vistos por Ezequiel, os quais ele chama de querubins (Ez 10:20). Os querubins da Bíblia estão muito longe de ser os anjinhos de asas e covinhas, dos quadros que conhecemos. São criaturas que impõem respeito, indicações visíveis da presença de Deus. Assim, quando lemos que o Senhor "cavalgava um querubim" ou que ele era "levado nas asas do vento velozmente", começamos a ver uma relação entre os quatro seres viventes de Apocalipse 4:6 e os quatro ventos de Apocalipse 7:1. Podemos até chamar essas criaturas de "natureza", desde que saibamos o que realmente é a natureza — uma imensa construção que pulsa juntamente com a incessante atividade de Deus. De qualquer forma eles bem poderiam representar o que Paulo chama de "... eterno poder e divindade de Deus ... que claramente se reconhecem ... por meio das coisas que foram criadas" (Rm 1:20). Talvez as faces dos seres representem (Ap 4:7; Ez 1:10) a majestade, a força, a sabedoria e a pompa que os cerca; ao passo que seus inúmeros olhos representam a incessante atividade de vigiar toda a criação. É conveniente, então, que eles sejam quatro, correspondendo aos quatro cantos da terra, e aos quatro pontos cardeais, e que sejam representativos do mundo criado por Deus, enquanto os vinte e quatro anciãos representam a igreja de Deus.

1. Abertura da Segunda Cena
A Criação Centrada em Cristo (4:1—5:14)

Depois destas coisas olhei, e eis não somente uma porta aberta no céu, como também a primeira voz que ouvi, como de trombeta ao falar comigo, dizendo: Sobe para aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas. [2]Imediatamente eu me achei em espírito, e eis armado no céu um trono, e no trono alguém sentado; [3]e esse que se acha assentado é semelhante no aspecto a pedra de jaspe e de sardônio, e ao redor do trono há um arco-íris semelhante no aspecto a esmeralda. [4]Ao redor do trono há também vinte e quatro tronos e assentados neles vinte e quatro anciãos vestidos de branco, em cujas cabeças estão coroas de ouro. [5]Do trono saem relâmpagos, vozes e trovões, e diante do trono ardem sete tochas de fogo, que são os sete espíritos de Deus. [6]Há diante do trono um como que mar de vidro, semelhante ao cristal, e também no meio do trono, e à volta do trono, quatro seres viventes cheios de olhos por diante e por detrás.[7]0 primeiro ser vivente é semelhante a leão, o segundo semelhante a novilho, o terceiro tem o rosto como de homem, e o quarto ser vivente é semelhante a águia quando está voando. [8]E os quatro seres viventes, tendo cada um deles respectivamente seis asas, estão cheios de olhos, ao redor e por dentro; não têm descanso nem de dia nem de noite, proclamando: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, aquele que era, que é e que há de vir. [9]Quando esses seres viventes derem glória, honra e ações de graça ao que se encontra sentado no trono, ao que vive pelos séculos dos séculos, [l0]os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante daquele que se encontra sentado no trono, adorarão ao que vive pelos séculos dos séculos, e depositarão as suas coroas diante do trono, proclamando: [11] *TU és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as cousas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas. [5:1] Vi na mão direita daquele que estava sentado no trono um livro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos. [2]Vi também um anjo forte, que proclamava em grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos? [3]Ora, nem no céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, ninguém podia abrir o livro, nem mesmo olhar para ele; [4]e eu chorava muito, porque ninguém foi achado digno de abrir o livro, nem mesmo de olhar para ele.*[5] *Todavia um dos anciãos me disse: Não chores: eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos. [6]Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tinha sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos que são os sete espíritos de Deus enviados por toda a terra. [7] Veio, pois, e tomou o livro da mão direita daquele que estava sentado no trono; [8] e, quando tomou o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos,* [9]e *entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, [10]e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra. [11] Vi, e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares, [l2]proclamando em grande voz:*

Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor. [13]Então ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: Àquele que está sentado no trono, e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos. [l4]E os quatro seres viventes respondiam: Amém; também os anciãos prostraram-se e adoraram.

A segunda cena diz respeito "a um livro... selado com sete selos" (5:1). Mas os selos só serão abertos quando chegarmos ao capítulo seis. Primeiro a cena toda precisa ser descrita, e João precisou de dois capítulos para fazê-lo.

Antes de tentar visualizar o que João viu, precisamos notar duas declarações no versículo de abertura (4:1), cujo significado não é tão óbvio como pode parecer.

O que é, em primeiro lugar, o "céu" para o qual João está olhando? A Bíblia usa esta palavra para descrever (1) a região onde os pássaros voam e (2) a região onde brilham as estrelas. Mas a subida de João para o céu não é do tipo que pode ser feita com balão ou com espaçonave. Ele é levado para o alto, como Paulo foi uma vez, até o "terceiro céu" (2 Co 12:2), a região onde está o próprio Deus. Mesmo então a palavra pode ter, pelo menos, três outros significados. Será que aqui o significado da palavra céu é (3) de um lugar de perfeição que existe mesmo agora, ao lado do mundo imperfeito em que vivemos; ou (4) a perfeita ordem das coisas que existirá após a destruição deste mundo; ou (5) os "lugares celestiais" de Efésios (ao qual já nos referimos na introdução desta cena) que indicam, não um lugar isento de mal, mas a esfera da realidade espiritual onde as máscaras foram completamente arrancadas, e tanto o bem como o mal são vistos como realmente são? Já que a visão inclui a criação presente, e a igreja que ainda está vivendo na terra e necessitando orar para se comunicar com Deus (Ap 5:8, 10, 13), o significado mais provável é o último dos cinco.

Isto serve para lançar luz sobre outra frase ambígua de 4:1 : "o que deve acontecer depois destas coisas". É claro que a frase indica o futuro. Mas será que se refere ao futuro imediato de João? Ou a toda a subseqüente história da igreja? ou refere-se ao *nosso* futuro; considerando que essas são profecias, e praticamente nenhuma delas ainda foi cumprida?

A sugestão feita por Caird em seu comentário é valiosa para uma boa compreensão destes capítulos. A voz descrita em 4:1 comanda João "a que se apresente à sala de controle do quartel general... uma sala cheia de mapas ... nos quais foram colocadas inúmeras bandeirinhas... é tempo de guerra, e as bandeiras representam as unidades nos campos de batalha. O movimento das bandeiras pode representar duas coisas: ou mudanças no campo de batalha, e por isso o mapa precisa ser atualizado, ou uma ordem para que as tropas se movimentem e, nesse caso, as bandeirinhas são movidas para as novas posições que as unidades esperam ocupar "... Os estranhos símbolos da visão de João são como as bandeirinhas da parábola, impressionante cópia das realidades terrenas. E como símbolos eles tanto podem ser "determinantes" (o que vai acontecer), como "descritivos" (o que aconteceu).[3]

Em Si mesma, a frase "o que deve acontecer depois destas coisas" não significa necessariamente nada além dos "eventos que ocorrerão daqui em diante", da visão de João em diante, ou até do momento da visão em diante. E como na analogia apresentada por Caird, as bandeirinhas dos mapas do Apocalipse mostram como as coisas estão e como elas se desenvolverão (o que é o caso), então as visões que começam aqui são um mapa celestial da guerra total, e não somente um planejamento de operações.

O que foi que João viu realmente?

O capítulo 4 focaliza, em primeiro lugar, o trono em que está assentado o eterno Deus. Talvez a palavra "focalizar" não seja a melhor neste caso, tão difícil é ver claramente o que está no centro desse ofuscante esplendor. Da mesma forma, embora seja difícil descrever o brilho do sol, é fácil descrever o mundo que ele ilumina. Diante do trono encontramos sete tochas de fogo, e um mar de vidro; à volta do trono quatro "seres viventes" e ao redor deles, os tronos dos vinte e quatro anciãos.

É claro que João viu mais do que isso. A presença daquele que se assenta no trono, os seres viventes, o arco-íris, dificilmente deixariam de trazer à sua mente todas as maravilhas associadas à visão de Ezequiel (Ez 1); o arco-íris está ligado a um passado muito mais remoto, aos dias do Dilúvio (Gn 9:12ss). Os trovões e os relâmpagos relembram a revelação de Deus no monte sinai (Êx 19:16ss). Naquela ocasião Deus falou de um grande mar (uma grande bacia de bronze utilizada para purificações rituais), e de um candelabro com sete braços, que existia no templo de Jerusalém (Êx 25:31ss ; 2 Cr 4:2-6). Assim, da mesma forma que João vê as dimensões extras na sua visão, ele deve ter visualizado o seu significado espiritual: a majestade, a misericórdia, a glória, a santidade e o poder de Deus. A cena é, na realidade, uma combinação de diversas imagens da verdade divina do Velho Testamento e apresenta Deus, o Criador, digno de receber louvor universal (4:11). Tudo o que existe está sob a soberana presença de Deus, e esta é a razão por que o trono de Deus é a parte central e principal de toda a visão (4:2).

O capítulo 5 amplia a visão à medida que aprofunda a relação entre o drama do Novo Testamento e do Antigo Testamento. Ao centro da cena vem o Senhor Jesus Cristo, Deus o Filho, que toma e abre o livro selado. Ele traz em Si as características da sua grandiosidade, como o leão de Judá, os sete chifres e os olhos que o caracterizam como o "poder de Deus e a sabedoria de Deus" (1 Co 1:24), e as marcas da sua humilhação, como o Cordeiro de Deus. "Essas chagas visíveis ainda na beleza da glorificação"[4] é que o fazem digno de receber igual louvor. Ao redor dele estão os vinte e quatro anciãos e os seres viventes, em círculo maior e mais externo encontram-se multidões de anjos e, mais além, toda a criação dá louvores a Deus.

Consideramos que os anciãos e os seres viventes representam o povo de Deus e o mundo criado por Deus.[5] O mundo da natureza, que foi amaldiçoado quando o homem foi amaldiçoado (Gn 3:17), será redimido quando o homem for redimido (Rm 8:19-21). É por isso que a natureza une-se à igreja para louvar a Deus, pois para ambas Deus é não somente Criador (Ap 4:11), mas Redentor (Ap 5:9-10). O cântico dos anciãos e dos seres viventes é superior ao dos anjos, pois estes, embora louvem o Cordeiro que foi morto, "não o conhecem como Salvador, mas adoram-no como Rei".

Que é o livro selado com sete selos? Muitas têm sido as sugestões para responder a esta pergunta. Talvez a resposta mais sensata seja a daquele que disse: "vamos deixá-lo abrir o livro e aí veremos"! Mas seja qual for o significado do livro em Si, a pergunta que precisa ser respondida no capítulo 5 é: Qual o significado do livro sendo aberto pelo Cordeiro? O Cordeiro simplesmente revela o seu conteúdo (note-se como é dolorosa a idéia de que o livro permanecesse fechado, v.4), ou estaria ele fazendo algo mais? Muitos comentaristas têm observado que é a morte redentora de Cristo que o qualifica para abrir os selos (v.9), e daí eles inferem, pensando na cruz principalmente como a grande realização de Cristo, que os eventos descritos no capítulo 6 são, em um certo sentido, realizados por Cristo, e não somente revelados por ele.

A linguagem do capítulo 5 poderia ser mais esclarecedora, entretanto, se a ação de Cristo fosse vista como a revelação dos eventos *dentro da estrutura divina;* na realidade ele *explica* a revelação. Nós não precisamos de Cristo para nos dizer que o mundo está cheio de problemas. Mas precisamos da sua explicação sobre a História se quisermos entender o sentido dos problemas.

Esta última idéia pode ser associada a um incidente na vida de Cristo, quando no começo do seu ministério (como aqui, no princípio do Apocalipse), ele foi à sinagoga no dia de sábado. Lá, na frente dos anciãos reunidos, "... levantou-se para ler. Então lhe deram o livro do profeta Isaías (Lc 4:16-17)." A leitura era sobre o cumprimento, na sua própria pessoa, dos planos de Deus para com a humanidade, como foram profetizados no Antigo Testamento. Somente no Cristo crucificado encontra-se a solução para o enigma da vida; não há nenhum anjo "no céu", nenhum homem "na terra", nenhum mestre do passado que esteja agora "debaixo da terra", que possa explicá-lo. O único que pode fazê-lo é o leão de Judá, a raiz de Davi, o judeu de Nazaré que é também conhecido como o Cordeiro de Deus.

A cena toda, se não lhe parecer muito prosaico vê-la como um diagrama, resume-se em uma série de círculos concêntricos. De todos os pontos, de todos os círculos, o louvor converge para o centro; e no centro ao lado do trono do Pai, está o Senhor Jesus Cristo. Da mesma forma ele estava no meio dos candelabros na primeira cena e ocupará o centro em todos os acontecimentos. A razão por que se dá tanta importância à descrição desta cena ficará mais clara à medida que a ação for sendo desenvolvida. E é a esta ação, à abertura do livro selado, que chegamos agora.

2. O Primeiro Selo: Conquista (6:1-2)

Vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos, e ouvi um dos quatro seres viventes, dizendo, como se fosse voz de trovão: Vem. [2]*Vi, então, e eis um cavalo branco e o seu cavaleiro com um arco; e foi-lhe dada uma coroa; e ele saiu vencendo e para vencer.*

As visões que se seguem ao rompimento dos quatro primeiros selos estão relacionadas, como uma série dentro de uma série maior, por certas características comuns. Acerca da relação entre elas falaremos mais adiante, considerando, agora, as distinções entre as visões.

Muitos comentários partem do versículo 2 para outra cena do livro de Apocalipse, bem mais adiante, e daí voltam para certa passagem nos evangelhos. Em Apocalipse 19:11, tanto quanto aqui, temos a visão de um outro conquistador que aparece montado em um cavalo branco. Naquela cena, o cavaleiro é chamado Rei dos Reis, Senhor dos Senhores, e a Palavra de Deus, isto é, Jesus Cristo. Dá a entender que o cavaleiro de Apocalipse 6:2 é o Senhor Jesus Cristo.[6] Se perguntarmos o que estaria Cristo fazendo aqui, na companhia tão sinistra do segundo, do terceiro e do quarto cavaleiros, recorremos a Marcos 11:3-10, e passagens paralelas, que nos advertem a esperar, no curso deste século, não somente a expansão do mal, mas também a expansão conquistadora do evangelho.

Podemos achar que esta evidência é ou não suficiente para identificar com precisão o primeiro cavaleiro.

Voltaremos a esta questão oportunamente. A coisa mais importante que João precisa registrar é que, logo após o rompimento do primeiro selo, segue-se algum tipo de conquista.

3. O Segundo Selo: Guerra (6:3-4)

Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente, dizendo: Vem. [4]E saiu outro cavalo vermelho; e ao seu cavaleiro foi-lhe dado tirar a paz da terra para que os homens se matassem uns aos outros; também lhe foi dada uma grande espada.

Se o primeiro cavaleiro é Cristo e o evangelho conquistador, o segundo cavaleiro representa o espírito guerreiro do mundo, como um mal contrastante; ou representa as divisões entre os homens, causada pelo fato de uns aceitarem e outros rejeitarem o evangelho (Mt 10:34-36); ou representa a perseguição da igreja por parte do mundo? Se, por outro lado, o primeiro cavaleiro não é o Senhor Jesus Cristo, é, então, por acaso, uma personificação da glória das guerras, enquanto o segundo cavaleiro personifica seus horrores?

Evidências bíblicas em apoio a todas essas possibilidades têm sido apresentadas, sendo algumas inclusive baseadas no próprio versículo 4. Uma tradução melhor deveria substituir "matassem"por "reta-lhassem ", por exemplo, e isso explicaria que a "espada " bem poderia significar o cutelo sacrificial. A função do cavaleiro é, simplesmente, tirar a paz. Tentando, uma vez mais, ver as coisas do ponto de vista de João, deveríamos contentar-nos, por agora, dizendo que a visão, na sua essência, indica uma condição de conflito permanente.

4. O Terceiro Selo: Escassez (6:5-6)

Quando abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente, dizendo: Vem. Então vi, e eis um cavalo preto e o seu cavaleiro com uma balança na mão. [6]E ouvi uma como que voz no meio dos quatro seres viventes, dizendo: Uma medida de trigo por um denário; três medidas de cevada por um denário; e não danifiques o azeite e o vinho. Com essas referências a pesos e medidas, salários e preços, a terceira visão descreve uma situação econômica; não exatamente fome, e sim, escassez. As palavras "denário" (ERAB) e "dinheiro" (ERC) não significam muito para nós; a BLH expressa melhor o sentido: "Uma medida de trigo pelo pagamento de um dia inteiro de trabalho, e três medidas de cevada pelo pagamento também de um dia inteiro de trabalho". Comida boa (trigo ou milho) está disponível, ao preço do salário todo de um dia! Dever-se-á contentar-se com comida de segunda, como a cevada, se quiser alimentar a família também, sem levar em conta outras necessidades como moradia e agasalhos. O suprimento de óleo e vinho, entretanto, não é afetado. Quer esses artigos representem guloseimas — caviar e champanha — que mesmo nos tempos mais difíceis suprem as mesas dos ricos, quer sejam considerados gêneros de primeira necessidade à medida que os outros alimentos escasseiam, o fato é que o terceiro cavaleiro representa uma escassez parcial, e não fome total; a situação aqui descrita é no mínimo de grande dificuldade econômica e de desigualdade de distribuição de bens.

5. O Quarto Selo: Morte (6:7,8)

Quando o Cordeiro abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizendo: Vem. [8]E olhei, e eis um cavalo amarelo e o seu cavaleiro, sendo este chamado Morte: e o Inferno o estava seguindo, e foi-lhes dada autoridade sobre a quarta parte da terra para matar à espada, pela fome, com a mortandade e por meio das feras da terra. O significado do quarto cavaleiro e do acompanhante é evidente. Os homens matavam uns aos outros como conseqüência da abertura do segundo selo; lá vimos a guerra, a causa; aqui vemos a morte, o resultado. A morte de um quarto da raça humana soa como um desastre de primeira magnitude, mas depois percebe-se que nada do que foi dito indica que este é um único evento catastrófico. Afinal, todo homem morre cedo ou tarde, e o provável significado dos versículos é que uma proporção relativamente grande dessas mortes são desnecessárias, provocadas por guerras, fomes e males semelhantes.

6. O Quinto Selo: O Sofrimento das Testemunhas de Deus (6:9-11)

Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. [10]Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? [11]Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente ele foram.

Três frases chamam a atenção, a esta altura, sobre os acontecimentos relacionados ao quinto selo.

"Debaixo do altar" era derramado o sangue dos sacrifícios (Lv 4:7). Os mártires que haviam perdido suas vidas "porque a vida da carne está no sangue" (Lv 17:11), talvez representem todos os que sofrem de uma forma ou de outra por amor a Cristo. Toda essa devoção é considerada como sacrifício aceitável a Deus.

"Do que habita sobre a terra", ou melhor (como na BJ), "os habitantes da terra", é uma frase técnica do Apocalipse. Não significa a humanidade em geral, mas caracteriza as pessoas que se "sentem em casa na presente ordem"[7], em oposição àqueles que sustentam a Palavra de Deus e o Testemunho de Deus. João, encontrando-se nas "regiões celestiais", vê tudo em preto e branco. "Quem não é por mim é contra mim" (Mt 12:30); não existe meio termo, os homens ou são cidadãos do céu (Fp 3:20) ou habitantes da terra.

"Nem vingas nosso sangue", clamam as testemunhas de Deus. À luz do que foi mencionado acima, seu clamor torna-se não somente desculpável, como também justo. Pois os habitantes da terra são os que se consagraram, de forma irremediável, à prática do mal. Os mártires não estão apresentando reivindicação de caráter pessoal, apenas desejam objetivamente que seja feita justiça.

7. O Sexto Selo: O Cataclisma Final (6:12-17)

Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda como sangue, [13]as estrelas do céu cairam pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes, [14]e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então todos os montes e ilhas foram movidos dos seus lugares. [15]Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos, e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes, [16]e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono, e da ira do Cordeiro, [l7]porque chegou o grande dia da ira deles; e quem é que pode suster-se? Finalmente temos um ponto certo de referência. Os comentários, às vezes, afirmam dogmaticamente: "É claro que X significa Y", quando um pouco de meditação demonstra que esse "é claro" não é tão certo como poderia parecer. Mas aqui, nesta passagem, o significado é inequívoco. Muitas referências relacionadas aos eventos descritos neste parágrafo são agrupadas pelo próprio Senhor Jesus Cristo em seu sermão magistral (Marcos 13 e passagens paralelas), onde a descrição diz respeito *a parousia*, o retorno do Senhor à terra e a revelação da face de Deus. O versículo 17 realmente identifica aquele dia como "o grande dia da ira deles".

A questão se o terremoto, a negridão do sol e as outras manifestações cósmicas devem ser interpretadas literal ou metaforicamente, é secundária. Aquele dia prenunciará o fim do mundo inteiro como o conhecemos (Hb 12:26), o fim dos planetas e das galáxias, bem como o fim das instituições humanas que eles representam.

Voltemos aos quatro primeiros selos para considerar o que eles têm em comum.

A forma que eles têm em comum pode fazer-nos reconsiderar a identificação do primeiro cavaleiro como o Senhor Jesus Cristo. Essa identificação é grandemente baseada na visão de 19:11. Mas o significado do primeiro selo não está muito mais relacionado com o significado do segundo, do terceiro e do quarto selos, com os quais ele se relaciona muito mais por questão de proximidade, do que com uma visão que está não somente afastada por 13 capítulos, mas está 13 capítulos adiante — isto é, uma visão que o próprio João não verá por algum tempo ainda. Se ele ainda não viu o cavaleiro branco representando Cristo, não é mais natural presumir que ele viu todos os quatro cavaleiros do capítulo 6 como poderes malignos?

Por mais malignos que sejam, é Deus quem lhes permite avançar; a cada um deles é "dada" autoridade (cf. Jó 1:12; 2:6). Pode-se dizer que a autoridade dada a Cristo pelo Pai (Mt 28:18) era muito mais do que simples permissão, ao passo que a expressão "dada", repetida em 6:1-8, indica que a autoridade dada ao primeiro cavaleiro é do mesmo tipo da que foi dada aos outros três. Novamente, parece que ele representa alguma coisa má, e não o evangelho conquistador de Cristo.

Um terceiro elo que vincula as visões — aqui nos referimos a todas as seis, e não somente às quatro primeiras — é a correspondência entre elas e a passagem dos evangelhos a que já nos referimos, em Marcos 13 (Mt 24; Lc 21). Fica muito evidente quando comparamos a versão de Mateus (a mais completa de todas as três) com o capítulo que temos à nossa frente. Não devemos nos surpreender ante a harmonia existente entre estas passagens, de vez que a mesma pessoa está tratando dos mesmos assuntos. Nos evangelhos o Senhor fala. Aqui é o Cordeiro quem abre os selos. Em ambos os lugares ele revela algo sobre o futuro (4:1; Mt 24:3). Desde que ele é a "testemunha fiel" (1:5), a verdade da qual ele dá testemunho precisa ser coerente e, de fato, prova ser. As duas passagens são mais claramente relacionadas uma à outra no que diz respeito aos eventos, do sexto selo (6:12-17; Mt 24:29-30), apesar de não haver dificuldades em relação ao segundo, terceiro e quarto selos com o restante da passagem de Mateus. De fato não precisamos forçar o texto para chegar à conclusão de que Cristo não somente expõe o mesmo assunto, mas o expõe na mesma ordem em ambos os lugares. Os dois capítulos se encaixam em todos os pontos como os dois lados de um fecho. De acordo com este paralelismo, é a atividade humana de Mateus 24:6 e não o evangelho conquistador de Cristo que é representado pelo cavaleiro descrito no primeiro selo; as tribulações de Mateus 24:7-8 são as descritas no segundo, terceiro e quarto selos; a igreja sofredora de (Mt 24:9-12), que apesar disso mantém testemunho

indestrutível de seu Senhor soberano (Mt 24:13), é descrita no quinto selo. Vamos pular Mateus 24:15-28, que se refere à queda de Jerusalém, porque no tempo em que as profecias de Apocalipse, capítulo 6, foram escritas, esse evento já havia ocorrido; assim chegamos aos versículos 29 e 30 que correspondem, como já vimos, ao sexto selo.[8]

À luz de Mateus 24, então, começamos a perceber o sentido maior de toda esta cena do drama. O que nos reserva o futuro? Conquistas e tensão, escassez e morte; "mas ainda não é o fim... porém tudo isto é o princípio das dores" (Mt 24:6-8). Em vista do freqüente equívoco que faz da expressão "guerras e rumores de guerras" uma predição do fim, é importante frisar que Cristo afirma exatamente o oposto. Os terríveis eventos narrados na abertura dos quatro primeiros selos podem parecer, aos que viverão aqueles momentos, sinais da volta de Cristo e do fim do mundo (Mt 24:3) mas são, de fato, lugar-comum na História. Os quatro cavaleiros têm cavalgado sobre a terra desde aquele dia até os dias de hoje, e continuarão a fazê-lo.

Isso talvez também explique o clamor dos quatro seres viventes à medida que os selos são abertos. Em outras interpretações, eles parecem ser pouco mais do que um quarteto útil de personalidades que surgiram acidentalmente na cena para servirem de introdutores aos cavaleiros. Mas por quê? E por que eles convidam: "Vem! "? Certamente eles não estão chamando João; ele já está na posição vantajosa da qual pode visualizar toda a cena (4: l).[9] Eles também não estão chamando os cavaleiros. Se nos lembrarmos que essas criaturas provavelmente representam a natureza, o mundo criado por Deus, dificilmente poderíamos aceitar que estivessem convidando alguém para vir e arruinar o mundo. De qualquer forma, três dos cavalos não "vêm", de forma alguma, mas são simplesmente mostrados na cena. Quem, então, os seres viventes estão chamando? Existe alguém cuja chegada está prometida e é desejada. Ouçamos o que diz Apocalipse 22:20: "Certamente venho sem demora. Amém. Vem, Senhor Jesus!" Ouçamos o eco de Apocalipse 1:6-7: "Amém. Eis que vem com as nuvens". A mesma palavra grega, usada tanto no primeiro, como no último capítulo do Apocalipse, é utilizada pelos seres viventes aqui,[10] e é seguida pela expressão correspondente "até quando", da parte das almas que se encontram debaixo do altar. Tanto o povo de Deus como a criação de Deus anseiam pela vinda de Cristo para libertá-los do sofrimento (Rm 8:19-22).

À medida que o Cordeiro quebra os selos do livro da História, a impressão imediata que temos é a de um mundo sofrido. Se ele está no controle, será que a sua igreja, vivendo no mundo, está protegida desses males? Não tinha Ezequiel ameaçado o povo com os mesmos "quatro atos de julgamento", como no versículo 8, apesar disso prometendo que os fiéis seriam libertos? (Ez 14:21-22). A resposta do quinto selo (Mt 24:9-12) a estas perguntas é não: a igreja não está isenta. Ataques internos e externos testarão até o limite todos aqueles que estão preparados para arriscar tudo, até a própria vida, pela Palavra e Testemunho de Deus. Mas quanto tempo isso durará? Nunca haverá descanso para este povo sofrido? Novamente a resposta é não. Enquanto este mundo for o que é, a resposta é não. Somente no fim do mundo, na consumação do número total dos que testemunham e sofrem por Cristo, é que virá o dia da vingança contra os perseguidores (v.ll). Em outras palavras, a maldade desmedida circulará amplamente, trazendo sofrimento ao mundo em geral e à igreja em particular, através de todas as épocas que vão desde os dias da visão de João até os dias da vinda de Cristo (sexto selo — Mt 24:14b, 29, 30). Os primeiros 5 selos retratam aspectos diferentes que prevalecerão na História; o sexto selo descreve o dia em que a História terminará.

Agora podemos compreender por que a cena desses eventos dramáticos foi apresentada com tanta riqueza de detalhes. No capítulo 6, João vê a sucessão de pragas que varrerão o mundo através do curso da História, e que fazem, muitas vezes, os homens pensarem que as forças do mal estão completamente fora de controle. Até a própria igreja não está livre delas; mesmo os crentes podem ser levados a pensar como os incrédulos, da mesma forma que um antigo inglês, ao comentar a anarquia reinante dos dias do rei Estêvão, disse: "Deus e os anjos estão a dormir". A apresentação dos capítulos 4 e 5 têm, portanto, a intenção de marcar a mente de João, e através da mente dele, a nossa, onde o poder verdadeiramente reside. Não somente no que diz respeito à vida interna da igreja (primeira cena), mas no mundo como um todo, Cristo permanece no centro. É ele quem controla todas as coisas. Deus ainda *está* no trono.

Para confirmar aos cristãos esse fato, o capítulo 7 toma a verdade geral dos capítulos 4 e 5 e os transforma em lição cristalina: apesar de muitos terem, de fato, que passar por perseguições, a salvação eterna não é jamais questionada.

8. A Indestrutibilidade da Igreja (7:1-17)

Depois disto vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, conservando seguros os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma. [2] *Vi outro anjo que subia do nascente do sol, tendo o selo do Deus vivo, e clamou em grande voz aos quatro anjos, àqueles aos quais fora dado fazer dano à terra e ao mar,* [3]*dizendo: Não danifiqueis nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até selarmos em suas frontes os servos do nosso Deus.*

[4]Então ouvi o número dos que foram selados, que era cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel: [5]da tribo de Judá foram selados doze mil; da tribo de Rúben, doze mil; da tribo de Gade, doze mil; [6]da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; tribo de Manasses, doze mil; [7]da tribo de simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil; [8]da tribo de Zebulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim foram selados doze mil.

[9]Depois destas coisas vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos; [10]e clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação.

[11] *Todos os anjos estavam de pé rodeando o trono, os anciãos e os quatro seres viventes, e, ante o trono se prostraram sobre os seus rostos e adoraram a Deus, [12]dizendo: Amém. O louvor, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graça, e a honra, e o poder, e a força sejam ao nosso Deus pelos séculos dos séculos. Amém.*

[13]Um dos anciãos tomou a palavra, dizendo: Estes, que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram? [14]Respondi-lhe: Meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande tributação, lavaram suas vestiduras, e as alvejaram no sangue do Cordeiro, [15]razão porque se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo. [16] *Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, [17] pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima.*

a. Os Selados: Quando? (vs.1-3)

"Depois disto", depois dos eventos do capítulo 6, vêm os eventos do capítulo 7. Será mesmo? É perigoso presumir que a ordem em que João escreve é a ordem em que as coisas escritas acontecerão; e aqui temos notável exemplo desse perigo. O capítulo 6 descreve o que é certamente a destruição da terra, mas "depois disto" chegamos a uma visão em que a terra ainda não foi danificada (7:3). O capítulo 7 vem depois do capítulo 6 na ordem das visões de João, mas não parece ser a seqüência da ordem dos eventos. Não adianta tentar achar distinções sutis entre os capítulos, e dizer que os eventos se sucederão de forma misteriosa; primeiro é a humanidade que sofrerá (cap. 6), depois a igreja será selada, e só depois disso virá a danificação da criação, envolvendo a terra, o mar e as árvores. O sexto selo, no fim do capítulo 6, constitui-se em um item cuja identificação é facílima dentro desta cena, descrevendo os eventos que acompanharão a volta de Cristo; com a volta de Cristo, a história do mundo terá fim; depois disso não poderá haver nenhuma danificação da terra, simplesmente porque não haverá terra para danificar.

Portanto somos forçados a considerar novamente o sentido do texto de Apocalipse 7:1. João não diz: "após o rompimento dos seis primeiros selos virá a selagem dos servos de Deus, e depois disso a danificação da terra". Ele diz: "depois do rompimento dos seis selos eu *vi*...". Já observamos que João modifica o foco freqüentemente, de forma que não deve nos surpreender que ele o faça novamente. O que os seis primeiros selos revelaram é, de fato, uma terrível e abrangente danificação da terra, representada pelos terríveis cavaleiros. No capítulo 7 a profundidade do foco aumenta e nosso plano de visão está, se assim podemos dizer, mais próximo de Deus; e onde antes tínhamos visto quatro cavaleiros, com referência velada a uma permissão divina, deixando que eles avançassem, percebemos agora a existência de quatro ventos que têm poder de danificar a terra, porém são controlados por quatro anjos de Deus. Este é um novo ângulo de uma mesma visão e as visões correspondentes no livro de Zacarias concorrem para esta interpretação, uma vez que os carros puxados por cavalos são ligados aos quatro ventos de Deus (Zc 6:1-5). Mas a verdade que se segue e entra em foco é esta: O controle divino sobre os cavaleiros, os ventos, assegura que a igreja será selada e ficará segura *antes que os cavaleiros avancem.*

O paralelo do Antigo Testamento encontra-se em Ezequiel, capítulo 9, onde um "certo homem vestido de linho" é mandado "marcar com um sinal na testa" os fiéis a Deus, antes que os seis "executores da cidade" a destruíssem com a ira de Deus (vs. 1-4). A explicação do Novo Testamento sobre este fato encontra-se expressa por Paulo em Efésios 1:13ss. Fomos selados com o prometido Espírito Santo quando no princípio colocamos nossa fé em Cristo. Daquele momento em diante a nossa segurança estava garantida. Assim quando os ventos destruidores começam a soprar, os servos de Deus já se encontram selados e protegidos contra essas forças. Os cavaleiros podem cavalgar suas carreiras de destruição; a igreja, porém, foi feita por Deus, indestrutível.

b. Os Selados: Quem São? (vs. 4-12)

Tem havido muita disputa em torno destes versículos. Quem são os 144.000 do versículo 4, quem é a multidão inumerável do versículo 9, e que relação existe entre ambos? Na realidade a resposta é mais fácil do que pode parecer. O versículo 3 diz quem são os selados: são os servos do Senhor. Não temos nenhuma razão para limitar isso de forma alguma. Os servos de Deus, todos eles, do Antigo e do Novo Testamento, todos os que crêem são selados.[11] Se somos servos de Deus, a mensagem é para nós, tanto quanto para outro qualquer (1:1), e nós somos também selados.

Mas se é assim, como podem ser descritos como israelitas os 144.000? Muitas teorias, tão fantásticas quanto desnecessárias, têm nascido ao redor destes versículos. O fato que não podemos perder de vista é que somos servos de Deus, fomos selados. Se nos dizem que somos 144.000, quando sabemos que existem milhões de pessoas como nós, o valor é, presumivelmente, uma. outra figura simbólica do Apocalipse, e de fato mostra-se excessivamente estilizada para ter qualquer outro sentido. O número 144.000 é mais provavelmente um símbolo do que uma estatística. Se, a seguir, encontramos a nós mesmos descritos como os 144.000 *israelitas,* quando a maioria de nós é de origem gentílica, coaduna-se perfeitamente com o restante dos ensinos do Novo Testamento que aplica à igreja cristã os títulos e privilégios de Israel, como já notamos em 3:9.[12]Se considerarmos que os números que temos especificam de maneira mais próxima e ordenada uma ordem na qual cada uma das tribos, quer grande, quer pequena, contribui com 12.000, notaremos que a ordem em que as tribos são alistadas não é reproduzida em nenhum outro lugar da Bíblia; uma das tribos (Dã) é completamente omitida e sua falta é suprida pela inclusão de um dos filhos de José, bem como do próprio José; assim, a descrição de nós, os selados, é, sem dúvida, estilizada. É o tipo de descrição que deveríamos esperar, se fosse um "diagrama" da igreja. Como todos os diagramas, sacrifica um aspecto, para esclarecer outro; como quando a projeção de um mapa sacrifica a verdadeira distância para mostrar a totalidade de uma área, ou *vice-versa.*

Então, o que podemos dizer da inumerável multidão do versículo 9? Qual a relação entre ela e os 144.000? São uma coisa só, são os mesmos. Pois qualquer outra coisa que as pessoas vestidas de vestiduras brancas possam ser, são, certamente, servos de Deus; e se são servos, estão selados (versículo 3); e se estão selados, são parte dos 144.000 (v.4). Mas como pode ser isto, como pode um número limitado, todos israelitas, ser, ao mesmo tempo, uma multidão inumerável de todas as nações? Novamente precisamos colocar-nos na posição de João. O que ele *ouviu* foi uma voz celestial, declarando o resultado do censo divino acerca do povo de Deus. Mais de uma vez, nos dias do Antigo Testamento, e novamente, de modo muito significativo, na primeira vinda de Cristo (Lc 2:1 -7), eles foram convocados a participar de um "recenseamento". Aqui temos o censo feito pelo próprio Deus. O total pode ser um número simbólico, mas ainda é um *número.* Se Deus pode contar até os fios de cabelo das nossas cabeças (Mt 10:30), a contagem das próprias cabeças não estaria fora de seu alcance. "O Senhor conhece os que lhe pertencem" (2 Tm 2:19), e o que João ouviu foi a declaração divina do total deles dado simbolicamente como "144.000". O que ele *viu,* por outro lado, foi que este total definido, conhecido por Deus, é, do ponto de vista humano, inumerável. Semelhantemente, do ponto de vista de Deus, eles todos são "Israel", seu povo; do nosso ponto de vista, eles vêm de todas as nações debaixo dos céus.

Agora, pela terceira vez, muda o grupo de atores que domina o palco. Vimos os anjos, os anciãos e os seres viventes dos capítulos 4 e 5 darem lugar aos cavaleiros do capítulo 6; estes, por sua vez, deram lugar aos quatro anjos que controlam os quatro ventos de 7:1 -10; e agora, em 7:11-12, estamos frente a frente novamente com a *dramatis personae* com quem a cena havia começado. O povo de Deus, aos quais a redenção final é garantida pelo fato de estarem selados, são aqui representados, não pelo santo debaixo do altar (6:9ss), ou pelos inumeráveis "144.000" (7:4,9) mas, uma vez mais, pelos vinte e quatro anciãos que apareceram pela primeira vez em 4:4. O mundo criado por Deus, que não poderia sofrer dano até que sua própria redenção final fosse assegurada pelos cristãos que foram selados (pois a redenção do mundo depende da deles),[13] é representado pelos quatro seres viventes que apareceram a primeira vez em 4:6. E agora as miríades de espectadores angélicos, que foram vistos pela primeira vez em 5:11, surgem novamente. "A grande congregação do seu triunfo cantará, e a Cristo nosso Rei, salvação atribuirá"[14] — esta era a canção dos redimidos no versículo 10; aqui, em um panorama ainda mais vasto vemos toda a criação trazendo a Deus uma adoração completa, por tudo o que ele faz através dos séculos.

"E assim, com anjos e arcanjos, e com toda a companhia dos céus nós louvamos e magnificamos teu nome glorioso, a Ti celebramos e dizemos: Santo, Santo, Santo, Deus dos exércitos, os céus e a terra estão cheios da tua glória. Glória seja dada a ti, ó Deus altíssimo." Amém.[15]

c. Os Selados: Por Quê? (vs.13:17)

O ancião representante pede, e dá, uma definição do grupo vestido de vestiduras brancas, justificando a

presença deles no lugar onde se encontram. "São estes os que vêm da grande tribulação, ... lavaram suas vestiduras ... razão porque se acham diante do trono" (vs.14-15).

Alguns acham que as vestiduras brancas caracterizam somente aqueles que morreram, ou que pelo menos sofreram perseguições por causa da fé. Outros afirmam que a "opressão", ou a "tribulação" (ERAB), é um evento particular ainda no futuro, e dessa forma reduzem ainda mais o número daqueles que hão de enfrentá-lo.[16] Em ambas as opiniões, é evidente que a frase: "São estes os que vêm da grande tribulação", contradiz o ponto de vista anterior, que a inumerável multidão constitui-se, de fato, de todos os servos do Senhor.

Ao invés de complicar o todo, entretanto, esta frase esclarece. Por que estes permanecem diante do trono de Deus? O que os qualifica para estarem ali? O duplo fato de que *lavaram* suas vestiduras no sangue do Cordeiro, e de que emergem do sofrimento. Aquele que for contado na multidão é o homem que foi lavado da velha vida de pecado (um evento passado) e a quem foi dada uma vida nova, irrepreensível, que tribulação nenhuma pode destruir (uma experiência presente).[17]

A visão dos versículos 13 a 17 refere-se não somente à glória dos benditos nos céus, mas à vida dos cristãos do mundo aqui e agora. E quem, tendo tido na presente peregrinação o privilégio de visiumbrar as "insondáveis riquezas de Cristo", pode dizer que a linguagem de João é extravagante?[18] O ponto central de toda esta cena é que o povo de Deus está protegido em meio às agruras *desta* vida. "Mais felizes, *porém não mais seguros*, estão os espíritos glorificados nos céus".[19] É aqui e agora, nesta vida, que eles servem no templo de Deus — não no *hieron*, a corte externa do templo, mas no *nãos*, o santo dos santos. É nesta vida que Deus estende o seu tabernáculo, a sua tenda sobre eles (v.15). O tabernáculo e o templo, que no Antigo Testamento eram os lugares de habitação de Deus, são agora os lugares de habitação do seu povo, e as promessas do Salmo 91 são do seu povo. "O que habita no esconderijo do Altíssimo, e descansa à sombra do Onipotente, [5]Não te assustarás do terror noturno, nem da seta que voa de dia, [6]nem da peste que se propaga nas trevas, nem da mortandade que assola ao meio-dia" (Sl 91:1,5,6).

É óbvio que nem o Salmo 91, nem Apocalipse 7 significam que os crentes estão isentos de problemas. Os selos de um a quatro, que nos mostraram o mundo em problemas, foram seguidos pelo quinto selo, que nos relembrou que a igreja também precisa sofrer, e que não há escapatória para o sofrimento até que o mundo se acabe no sexto selo. Mas o cristão tem uma segurança interna que não é abalada por provações externas. "É impossível que qualquer mal aconteça ao homem que é amado do Senhor", escreveu C.H. Spurgeon. "O mal para ele não é o mal, mas o bem manifesto de forma misteriosa. As perdas o enriquecem, a enfermidade é seu remédio, a repreensão é sua honra, e a morte sua vitória".[20] Rupert Brooke, um poeta de tipo muito diferente do salmista, não obstante, fez eco a esta verdade de modo perfeito:

Seguro na minha caminhada estarei secretamente armado contra todas as armadilhas da morte;
Seguro onde toda segurança se foi; seguro onde os homens caem; E se este pobre corpo meu morrer, mais seguro que nunca estarei

8. O Sétimo Selo: "O Resto é silêncio" (8:1)

Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora.

O sexto selo abrangeu o fim da História; e apesar de termos aprendido a tomar cuidado para não tratar a seqüência das visões de João como uma seqüência histórica dos fatos, é difícil imaginar que o sétimo selo não descreveria nada além dos eventos que se seguirão ao fim da História. Quando o sétimo selo é rompido, entretanto, faz-se silêncio no céu — um silêncio que confirma a interpretação da segunda cena. Pois nesta cena Cristo revela a João quais serão as experiências da igreja no mundo; sobre o que acontecerá depois do fim do mundo, ele, naturalmente, a esta altura, não tem nada a declarar. *Existe* o sétimo selo; isto é, existe um outro mundo por vir; mas as revelações referentes a ele estão reservadas para as cenas posteriores. Neste meio tempo precisamos aprender que a igreja nunca deve esperar ser preservada das catástrofes comuns do gênero humano, durante todo o tempo em que o mundo existir; todavia, Deus ainda está no trono e Cristo é ainda o centro de todas as coisas e o seu povo é indestrutível.

Assim tem início meia hora de silêncio. Em termos de história real e de eternidade, meia hora não é nada. Mas em termos de apresentação de um drama, como que separando as cenas, é um intervalo de duração prolongada, que permitirá a João meditar no conteúdo da segunda cena antes que a terceira cena comece.

Apocalipse 8:2—11:18

Terceira Cena:
Uma Advertência para o Mundo:
O Som das Sete Trombetas

A Seqüência dos Eventos

Depois dos selos, as trombetas. Ou melhor, depois de João ter visto os selos, ouve as trombetas, o que não é exatamente a mesma coisa. Certamente os sete anjos e suas trombetas são os próximos personagens que surgem no Apocalipse. Mas será que eles representam os próximos eventos que acontecerão na História, e na mesma ordem? Esta questão, se a ordem de Apocalipse é a ordem dos fatos históricos, já foi discutida anteriormente,[1] mas precisamos tratá-la de forma mais completa agora se quisermos compreender a relação entre a segunda e a terceira cenas.

O ponto inicial de nossa argumentação é a comparação entre duas descrições da parousia, que é a vinda de Cristo no fim do mundo. Uma encontra-se no próprio discurso que o Senhor fez no monte das Oliveiras (Mt 24:29ss, a qual é mais conveniente para os nossos propósitos),[2] e a outra encontra-se aqui no Apocalipse (6:12-17, o sexto selo). A seqüência do Apocalipse é o assunto e o objeto da nossa investigação e a seqüência mostrada por Mateus será nosso controle.

Começando com Apocalipse 6:12-17, a ordem *do drama é* a seguinte: (1) o sexto selo; (2) a visão da segurança eterna e constante da igreja; (3) o sétimo selo, meia hora de silêncio; (4) as sete trombetas. Mas qual é a ordem *cronológica?* Vimos que no tempo real (2) precede (1); não podemos, portanto, tomar como certo que (3) e (4) seguirão necessariamente nessa ordem. Uma vez que permitimos o princípio de um "retrospecto" em um caso, não podemos negar o fato de que pode existir em outros.
Onde é, então, que a seqüência das trombetas se encaixa?

Vamos procurar socorro em Mateus 24 e 25. Partindo do mesmo ponto inicial, o fim do mundo e o aparecimento de Cristo (24:29ss), vamos procurar não o que Cristo diz em seguida, mas o que ele diz que *acontecerá* em seguida. O que se segue no seu discurso é uma série de advertências (24:32—25:30). Mas o que se segue *na seqüência de eventos* é o julgamento e depois a eternidade (25:31 -46). Este é o plano mestre de Cristo, e é dentro dele que as trombetas devem se encaixar.

a. As Trombetas São Após o Aparecimento de Cristo?

Elas não são mencionadas em Mateus, e não existe um largo espaço de tempo entre Mateus 24:30 (o aparecimento) e 25:31 (o julgamento) no qual poderiam encaixar-se. Se tal complexa cena do drama, ocupando praticamente quatro capítulos do Apocalipse, descreve, de fato, coisas que acontecerão entre o aparecimento e o julgamento, é de estranhar que Cristo não tivesse feito a mínima menção no seu plano-mestre. Mas, muito mais do que isso, o aparecimento de Cristo trará total cataclismo, no qual, entre outras coisas, a luz dos corpos celestiais será apagada.[3] Se o sol, a lua e as estrelas forem extinguidos quando o sexto selo for aberto, como pode haver o escurecimento de apenas um terço de sua luminosidade? (quarta trombeta, 8:12). Concluímos, então, que as trombetas, apesar de virem depois dos selos na visão de João, não podem vir depois deles na ordem cronológica.

b. As Trombetas Acompanharão o Aparecimento de Cristo?

Isto é, estariam as trombetas de algum modo incorporadas ao sétimo selo e agregadas ao sexto selo? Mateus 24 não traz a menor indicação disso também. Além do mais, nada custa relembrar que lá o retorno de Cristo é acompanhado pela total destruição do mundo. A destruição parcial ocorrida durante as trombetas é, portanto, incongruente tanto durante a parousia como depois dela.

Os argumentos baseados no silêncio são usualmente fracos. Mas não neste caso. O fato de que na passagem que se segue a Mateus 24:29" Cristo omite qualquer menção que relembre os eventos descritos nas trombetas é muito significativo. Como já foi dito, Mateus 24 e 25 são o plano-mestre de Cristo acerca do futuro. São a resposta de Cristo a duas perguntas feitas por seus discípulos. Primeiro eles perguntaram, em 24:3: "Dize-nos quando sucederão estas coisas? (i.é, a destruição de Jerusalém, a qual ele tinha mencionado em 24:2, e com a qual o Apocalipse não se preocupa, pois já tinha acontecido quando João escreveu); e, em segunda lugar, "que sinal haverá da sua vinda — sua parousia — e da consumação do século? " Estes

capítulos são a resposta de Cristo; e é completa e detalhada. A começar pelas palavras iniciais, podemos ver: "Vede que ninguém vos engane". Profecias, o futuro, o fim do mundo — que campo poderia ser melhor para o crescimento de estranhas e enganadoras teorias? O simples fato de existir tantas e variadas interpretações do Apocalipse é prova concreta disso. E para cada interpretação que chega perto da verdade, aparece grande número de falsas que nos conduzem para longe da verdade. Portanto, "vede que ninguém vos engane". E por dois longos capítulos, Cristo estabelece o seu ensino magisterial, explicitamente designado para proteger os seus discípulos de serem enganados nestes assuntos.

Precisamos, portanto, precaver-nos contra toda e qualquer teoria acerca do futuro, que adicione elementos extras a este esboço perfeitamente proporcional apresentado em Mateus 24-25. Precisamos reconhecer como tendenciosa toda e qualquer interpretação que tente, por exemplo, encaixar quatro capítulos do Apocalipse entre duas palavras de Mateus 24. Não é suficiente dizer que o Apocalipse é tão autorizado quanto Mateus. Este não é o ponto. Os intérpretes que encontram no Apocalipse extensas profecias que não podem ser encontradas em Mateus 24 e 25, estão, de fato, lançando dúvidas sobre os ensinos de Cristo e dando a clara indicação de que é imperfeito, ou, no mínimo, mal proporcionado e inadequado para preservar os discípulos de cairem no erro.

Onde, então, as trombetas se encaixam no discurso do Monte das Oliveiras?

c. As Trombetas Precederão o Aparecimento de Cristo? Neste caso as trombetas coincidirão com os eventos que ocorrem antes do rompimento do sexto selo. Uma comparação entre as trombetas e os selos, parece sustentar esta idéia. Tanto as semelhanças quanto as desigualdades parecem indicar um paralelo entre as duas séries de eventos.

Elas são semelhantes no fato de que ambas descrevem sofrimento; cada uma delas, as primeiras quatro seções não são uma seqüência de eventos e, sim, a descrição de vários aspectos de uma mesma situação; em cada uma delas, a quinta seção, muito mais do que promover aflição, promove uma devassa no caráter íntimo dos homens; e, finalmente, a sexta e sétima seções parecem descrever um desastre final e o que se segue a ele.

Elas são diferentes no que diz respeito ao quinto selo onde são mostrados os crentes a sofrer (6:9), e a quinta trombeta, onde é mostrado o mundo incrédulo sofrendo (9:4); aliás todas as trombetas descrevem com detalhes o sofrimento do mundo incrédulo, como as considerações seguintes deixam claro. As três últimas trombetas são caracterizadas por serem expressamente contra "os moradores da terra" (8:13);[5] as pragas das trombetas 1 a 6 lembram claramente as pragas com as quais Deus castigou os incrédulos egípcios (8:7-9,12; 9:3 e Êx 7-10); as pessoas que estão nessas visões ou são destruídas pelas pragas ou não se arrependem apesar delas (9:20); a vinda do reino de Cristo, com a sétima trombeta, é um "ai" (11:14), e somente para incrédulos não-arrependidos poderia ser descrito desse modo. Estas diferenças entre as duas cenas realmente confirmam a unidade entre elas. São como os dois lados de uma mesma moeda. O sofrimento virá sobre o mundo no sentido geral (o "mundo" no sentido da criação de Deus, incluindo a igreja): é isto o que a segunda cena descreve. O sofrimento virá também, com um propósito divino especial, sobre o "mundo" (no outro sentido, o da pervertida sociedade humana): esta é a terceira cena.

Resumindo, as duas cenas são paralelas. O rompimento dos selos mostra o que vai acontecer na História até o retorno de Cristo, dando particular atenção ao que a igreja terá de sofrer. As trombetas, começando no mesmo ponto, também descrevendo o que acontecerá na História até o retorno de Cristo, proclamam uma advertência ao mundo incrédulo. Note-se que o discurso do monte das Oliveiras confirma o que estamos dizendo ao *complementar* a descrição da parousia em Mateus 24:29-31, com uma longa seção de advertência a todos os vivos na época que *antecede* a parousia.

Olhando para trás, podemos ver como este método de escrever segue o princípio da "repetição de modelos", que notamos em relação à primeira cena. Sabendo quão essencial este princípio é ao livro, e à Bíblia toda, não deve nos surpreender vê-lo aplicado ao paralelismo existente entre duas cenas. Olhando adiante, encontraremos a mesma área descrita muitas e muitas vezes desta maneira. Ao término de cada cena, tendo traçado a História até o fim e além dele, o drama retorna ao começo e rememora a mesma História através da próxima cena.

Esta é uma influência de muito peso na maneira como o Apocalipse é abordado por duas das mais influentes escolas de pensamento, conhecidas como "futurista" e "histórica"[8]. O método histórico de interpretação sustenta que o livro é uma detalhada descrição dos eventos que abrangem o período que vai da primeira vinda de Cristo até a segunda: da perspectiva de João, quase tudo é profético, ou seja, "História escrita de antemão". Os futuristas também acreditam que o livro é, na maior parte, profético, mas porque esperam um cumprimento mais literal das profecias, sustentam que ainda hoje a maior parte do livro não foi cumprida. A tendência de ambas as escolas de interpretação é colocar as cenas do livro em seqüência —

assumindo, por exemplo, que se no drama as trombetas seguem os selos, os eventos descritos nesta série também acontecerão na mesma ordem.

Já vimos que as coisas não são necessariamente assim. Nossa própria leitura se processa partindo de uma suposição diferente, isto é, que as várias seções do Apocalipse não podem ser consideradas *a priori* nem repetitivas, nem em seqüência. É preciso decidir, em outras bases, se este acontecimento deve seguir aquele, ou se é apenas questão de repetir e reafirmar. Geralmente pode-se chegar a uma decisão observando as evidências internas do livro, e os paralelos em outras partes das Escrituras, como o discurso do monte das Oliveiras; isso deve estabelecer uma estrutura suficiente para que todas as seções se ajustem em uma ordem razoavelmente simples.

1. Abertura da Terceira Cena: Deus Ouve o Clamor do seu Povo (8:2-6)

Então vi os sete anjos que se acham em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas. [3] *Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono;* [4] e *da mão do anjo subiu à presença de Deus o fumo do incenso, com as orações dos santos.* [5] *E o anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremotos.* [6] *Então os sete anjos que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocar.*

"Em todos os cantos imaginados desta redonda terra, vós, ó anjos, fazei soar vossas trombetas", exclama John Donn, certamente com esta cena em mente, e encadeando-a, nas linhas que se seguem, com a última trombeta que ressuscitará os mortos. [6] Mas a própria Bíblia nos exorta a não identificar essas trombetas tão rapidamente. O soar de trombetas poderia indicar o dia da expiação (Lv 23:24), ou um triunfo (Js 6:4), ou uma coroação (1 Rs 1:34), ou uma advertência (Jr 4:5ss). A grande trombeta que ouvimos no primeiro capítulo do Apocalipse, além de não ressuscitar os mortos, quase matou João (1:10,17). Nada existe no capítulo 8 que indique qual destes significados, se é que há algum, deve ser atribuído às trombetas destas cena. Portanto, sábios seremos se nos abstivermos de todo e qualquer julgamento.

Há menos dúvidas acerca do altar e do incenso dos versículos 3 a 5. Eles se constituem num dos elos entre a última cena e esta. Quando o quinto selo foi aberto vimos um altar com o sangue dos santos escorrendo para baixo. Aqui vemos uni altar com as orações dos santos elevando-se do altar. No mobiliário do templo, o altar dos sacrifícios e o altar do incenso estavam separados; assim também as verdades simples dos céus precisam de muitas representações diferentes para mostrar todas as facetas. Mas "no Céu" existe somente um altar que funde ambos os altares terrestres. Já o vimos na descrição do quinto selo, focalizando os dois tipos de sacrifícios relacionados ao altar: o sacrifício das vidas dos santos, e de suas orações. É com base no último aspecto — o altar considerado como um altar de incenso, do qual sobe um aroma suave simbolizando as orações do povo de Deus [7] — que toda a terceira cena se desenvolve. Esta ligação é cautelosa, mas três outras considerações a estabelecem praticamente sem dúvidas. Primeiro, as trombetas quinta, sexta e sétima (e por implicação, as quatro primeiras), anunciam "ais" sobre "os que habitam na terra", [8] e foi para que a justiça fosse feita contra estes mesmos "que habitam na terra", que os santos oravam quando do rompimento do quinto selo. Segundo, as pragas das primeiras cinco trombetas relembram as pragas que cairam sobre os egípcios, mas relembram também a abertura solene daquelas pragas em Êx 3:7ss.: "Disse ainda o Senhor: Certamente vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e *ouvi o seu clamor*... por isso desci a fim de livrá-lo! " Terceiro, o incensário do qual saiu o fogo que foi atirado sobre a terra, é o mesmo que foi utilizado para conduzir as orações dos santos aos céus.

Tudo isso pode parecer muito distante da experiência cristã diária. Na segunda cena, a igreja é convencida de que sofrerá, apesar de que sua segurança última jamais será posta em dúvida. Mas a igreja não aceita o sofrimento humildemente. Ela pede vingança contra os que causam o sofrimento. E se imaginarmos que esta é uma oração meramente humana de quem, no calor do momento, perdeu a visão do mandamento divino de orar em favor (e não contra) dos perseguidores, ficaremos surpresos de ver, na terceira cena, que Deus ouve e responde a oração de maneira terrivelmente compreensiva.

Duas perguntas que ficaram sem resposta vão conosco para a terceira cena. Qual é o significado das trombetas: triunfo, destruição, vida, morte ou o quê? E o incensário realmente significa que o povo de Deus deve orar para que a tribulação perturbe o mundo?

2. A Primeira Trombeta: A Terra Atacada (8:7) *O primeiro anjo tocou a trombeta, e houve saraiva e fogo de mistura com sangue, e foram atirados à terra. Foi então, queimada a terça parte da terra, e das árvores, e também toda erva verde.*

Os cavaleiros da segunda cena eram inimagináveis, portanto os aceitamos como simbólicos. Saraiva que queima, no entanto, é fácil de ser visualizada nesta era atômica, e alguns podem ser tentados a vê-la não como simbólica, mas como real. Certas conclusões foram tiradas com base nisso: que durante dezenove

séculos tal tipo de incenso não era conhecido; que quando viesse a existir seria indicador do fim da História; que apareceu pela primeira vez em nossos dias; e que, conseqüentemente, estamos perto do fim da História. Este arrazoado não resiste a um exame mais minucioso. Os homens têm muitas vezes acreditado que algum evento espetacular de seus próprios dias representava o que esta ou aquela profecia mencionava como sinal do fim dos séculos. As invasões bárbaras do quinto século, a vinda do fatídico ano 1.000, as agitações provocadas pela Reforma, o terremoto que abalou Lisboa em 1745, cada um desses fatos fez alguns estudiosos das Escrituras comentarem: "Estamos agora vendo o cumprimento literal das profecias; agora sabemos que o dia do juízo está próximo". Mas nenhuma conclusão estava certa — pelo menos não no sentido que lhes atribuíam.

Por esses motivos devemos resistir à tentação de interpretar a saraiva como um cataclisma atômico. Há duas outras razões: (1) Se é verdade que a terceira cena descreve as pragas enviadas sobre os perversos "habitantes da terra" em resposta às orações do povo de Deus, é de estranhar que a primeira praga não tenha caído ainda até meados do século XX, e que sessenta gerações de perversos passaram intocados pela primeira praga (e muito menos pelas outras, as quais, se literais, não aconteceram ainda). (2) Se é verdade que a terceira cena é semelhante à segunda cena, as primeiras cinco trombetas relembrariam os primeiros cinco selos que revelam eventos que não podem ser datados, mas aspectos da situação mundial que podem acontecer em qualquer época.

Dessa forma a saraiva, o fogo e o sangue simbolizam qualquer tipo de destruição que, vindo a qualquer tempo, causa danos na terra habitada pelo homem.

3. A Segunda Trombeta: O Mar Atacado (8:8,9)

O segundo anjo tocou a trombeta, e uma como que grande montanha ardendo em chamas foi atirada ao mar, cuja terça parte se tornou em sangue, [9]e morreu a terça parte da criação que tinha vida, existente no mar, e foi destruída a terça parte das embarcações. O efeito da segunda trombeta faz-nos lembrar da primeira praga do Egito (Êx 7:20) da mesma forma como os efeitos da primeira trombeta relembraram a sétima praga (Êx 9:24ss). A poluição dos mares e a conseqüente destruição da vida marinha é outro aspecto de dano causado ao meio ambiente, como o dano causado à terra como conseqüência da primeira trombeta. A menção particular da perda de navios pode, no entanto, significar que enquanto a primeira praga era dirigida contra o meio ambiente, a segunda praga foi dirigida contra o comércio do homem; porque nos dias do Novo Testamento "o mar" significava o Mediterrâneo, e o Mediterrâneo era um "lago romano" cortado pelas rotas comerciais do império.

Os meios, pelos quais as conseqüências desta praga são infringidas, são extremamente dramáticos. Mas não inimagináveis. O desaparecimento da Atlântica é, para nós, lenda; os leitores do Apocalipse viveram 2.000 anos mais próximos do colossal desastre que deu origem à lenda.[9] É possível que nos dias de João existissem relatos do fato, como histórico, e não como fábula, o que teria dado aos leitores o conceito de como uma enorme montanha ardente poderia desmoronar no mar. Além do mais eles tinham presenciado a erupção do Vesúvio, por volta do ano 79 d.C; e não seria estranho pensar que esse desastre deve ter impressionado muitos dos leitores de João como um ótimo exemplo dos ensinos desta cena. No ano 70 da nossa era, os judeus espalhados sobre toda a terra, inclusive os judeus-cristãos, ouviram chocados e incrédulos como as forças romanas destruíram a cidade santa de Deus. A fumaça que subiu de Jerusalém simbolizava as orações do povo de Deus:

Deitam fogo no teu santuário;
Profanam, arrasando-o até o chão, a morada do teu nome...
Até quando, ó Deus, o adversário nos afrontará?
Acaso blasfemará o inimigo incessantemente o teu nome? (Sl 74:7,10)

A fumaça que subiu de Pompéia e de Herculano, nove anos mais tarde, nove anos que pouco tinham contribuído para apagar a lembrança da queda de Jerusalém, pode ter parecido a muitas pessoas a resposta àquela oração.

4. A Terceira Trombeta: Os Rios Atacados (8:10,11)

O terceiro anjo tocou a trombeta, e caiu do céu sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes das águas uma grande estrela ardendo como tocha, [11]O nome da estrela é Absinto; e a terça parte das águas se tornou em absinto, e muitos dos homens morreram por causa dessas águas, porque se tornaram amargosas.

É difícil visualizar esta cena. Mas se o primeiro século conheceu a montanha ardente da segunda trombeta, e o nosso próprio século conhece algo parecido com a saraiva e o fogo da primeira trombeta,

alguma coisa pode acontecer aos homens das gerações futuras, a qual eles poderão relacionar com a estrela ardente da terceira trombeta. A ficção científica, desde o começo, sonhou com esta possibilidade, e a novela "The Star", de H. G. Wells, chegou bem perto de conseguir, não uma parcial, mas uma total destruição do mundo.

Porém a expectativa de um cumprimento literal de qualquer uma dessas visões faz perder de vista o objetivo central. O que elas querem nos transmitir é que por suas atividades estarem tão distantes do controle humano, sua origem divina é óbvia — coisas terríveis devem acontecer ao mundo habitado pelo homem. Neste caso Deus ataca a água potável (ele especifica que bebê-la provoca um conseqüente envenenamento), que é presumivelmente um símbolo dos recursos naturais que sustentam a vida humana.

5. A Quarta Trombeta: O Céu Atacado (8:12)

O quarto anjo tocou a trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, da lua e das estrelas, para que a terça parte deles escurecesse e, na sua terça parte, não brilhasse assim o dia como também a noite.

Mais difícil ainda do que imaginar a estrela cadente, é imaginar este escurecimento parcial do sol, da lua e das estrelas, tanto durante o dia como durante a noite. Mesmo reconhecendo que provavelmente a visão não se refere ao sol, à lua, e às estrelas propriamente ditos e, sim, à luz que procede deles, ainda fica difícil visualizar a cena. Seriam eclipses, ou encobrimentos causados por nuvens, ou tempestades de areia? Ou será uma mudança radical no movimento da Terra que estenderia uma noite permanente sobre um terço da sua superfície, mas isso ainda não explica o escurecimento da lua e das estrelas.

Possa a analogia das Escrituras livrar-nos de tão estéreis especulações. As Escrituras não se preocupam com a mecânica do milagre. Os eventos sobrenaturais descritos na Bíblia não estão interessados com "como? "; mas com "quem? " e "por quê? ". A quarta trombeta nos leva de volta ao livro de Êxodo, [10]onde a importância das pragas que caíram sobre o Egito estava exatamente rio fato que o homem não podia explicar como tinha acontecido, e tinha que admitir ser obra de Deus (Êx 8:7,18ss).

O que, então, Deus está fazendo aqui? Chegamos juntos a conclusões acerca da primeira parte da terceira cena. Um dano terrível é inflingido à terra e à vegetação, ao mar e seus navios, às águas que o homem bebe e à luz pela qual o homem vê — o meio ambiente, o comércio, os recursos naturais e a visão. Mas o dano é parcial (um terço) e não total; parece demonstrar que as trombetas soam para advertir e não para destruir. A maioria da raça humana sobrevive, vendo a ira de Deus manifesta contra o pecado, e tem uma chance para arrepender-se. Paradoxalmente, portanto, as misérias da terceira cena são realmente expressões de bondade. Os selos mostraram a igreja sofredora clamando para que a justiça fosse feita. Mas as trombetas mostram a misericórdia sendo oferecida ao mundo pervertido. A oferta é recusada, e o mundo, de fato, não se arrependerá (9:20); mas nunca digamos que Deus não fez tudo ao seu alcance, mesmo a destruição da terra, propriedade sua, feita em perfeição, para trazer o homem de volta à razão.

6. Advertência Acerca das Trombetas Restantes (8:13)

Então vi, e ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia em grande voz: Ai, ai, ai dos que moram na terra, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda têm de tocar.

Ao mesmo tempo em que os leitores são levados a relacionar esta cena com o êxodo, a águia pode trazer à memória de muitos a frustrante fraqueza egípcia diante do socorro divino ao resgatar seu povo com asas "como de águia" (Êx 19:4). Por outro lado, a Bíblia não faz distinção entre águias e abutres (ver Mt 24:28); e este pássaro, advertência do juízo, pode representar as evoluções de um abutre sobre o corpo morto da raça humana. Certamente os "ais" proclamados pelos habitantes da terra são do mesmo tipo, e são precipitados pelas mesmas perversões, como aquelas proclamadas por Cristo contra as cidades da Galiléia. "Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque se em Tiro e em sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza... Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até o dia de hoje." (Mt 11:21 -24). O pecado que traz a destruição é, como sempre, a recusa voluntária de responder ao que o humilde olho vê como as obras de Deus.

Os homens sofrem indiretamente à medida que as quatro primeiras trombetas afetam o meio ambiente. Porque permanecem independentes, as trombetas restantes irão atingi-los diretamente. Deus está usando, para expor o verdadeiro caráter dos ímpios, o mesmo método que usou no caso de Jó, para expor o verdadeiro caráter do justo (Jó 1:8-12; 2:3-7).

7. A Quinta Trombeta: Tormento (9:1-12)

O quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela caída do céu na terra. E foi-lhe dada a chave do poço do abismo. [2]Ele abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço como fumaça de grande fornalha, e com a fumaceira saída do poço escureceu-se o sol e o ar.[3] Também da fumaça saíram gafanhotos para a terra; e

foi-lhes dado poder como o que tem os escorpiões da terra, [4]e foi-lhes dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma, e tão somente aos homens que não têm o selo de Deus sobre as suas fontes.[5]*Foi-lhes também dado, não que os matassem, e, sim, que os atormentassem durante cinco meses. E o seu tormento era como tormento de escorpião quando fere alguém. [6]Naqueles dias os homens buscarão a morte e não a acharão; também terão ardente desejo de morrer, mas a morte foge deles. [7]0 aspecto dos gafanhotos era semelhante a cavalos preparados para peleja; nas suas cabeças havia como que coroas parecendo de ouro; e os seus rostos eram como rostos de homens; [8]tinham também cabelos, como cabelos de mulheres; os seus dentes, como dentes de leões; [9]tinham couraças, como couraças de ferro; o barulho que as suas asas faziam era como o barulho de carros de muitos cavalos, quando correm à peleja; [10]tinham ainda caudas como escorpiões, e ferrões; nas suas caudas tinham poder para causar danos aos homens, por cinco meses; [11]e tinham sobre eles, como seu rei, o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abadom, e em grego, Apoliom. [12]O primeiro ai passou. Eis que depois destas coisas vêm ainda dois ais.*

Somente os mais extremados literalistas tomam os eventos da quinta trombeta pelo seu valor aparente, esperando ver na vida real o que João viu na visão. Imagine um grande buraco aberto em qualquer lugar da superfície da terra, e fumaça saindo dele, trazendo do interior da terra uma grande praga de gafanhotos, de um tipo que nunca existiu na terra ou no mar — armados como escorpiões, tendo a forma de cavalos, coroados como reis, com faces humanas, cabelo de mulher, dentes de leão; vestidos de couraças, com asas e movendo-as com barulho ensurdecedor; atacando pessoas em vez da vegetação, e conseguindo, ainda por cima, discernir os cristãos dos não-cristãos. As Escrituras nos proíbem de esperar que tal profecia venha a cumprir-se literalmente. Que algumas profecias se cumprem literalmente, poucos o negam. Mas temos que distinguir aquelas que serão cumpridas literalmente, daquelas que não; e o critério não é se o cumprimento pode ou não ser imaginado por nossas mentes, "mas se a analogia das Escrituras nos levam a aceitar a profecia em questão simbólica ou literalmente. Tivemos já suficientes indicações de que as cinco primeiras trombetas, no mínimo, como os cinco primeiros selos, profetizavam em símbolos, e o que eles profetizaram de fato tornou-se uma realidade constante através dos séculos.

O objetivo da introdução de eventos sobrenaturais na História é, como já vimos em relação à quarta trombeta, que o homem não pergunte "como? ", mas "quem? " e "por quê? ". O importante, acerca desses gafanhotos, não é como tais criaturas podem existir, mas o que representam. Este foi justamente o ponto central das pragas de gafanhotos, que realmente houve, nas passagens paralelas do Antigo Testamento, em Êxodo 10:12-20 (novamente uma praga do Egito) e em Joel 1 e 2. Assim essas hordas demoníacas têm um significado espiritual. Eles saem do poço, o lugar da morte; o poço é aberto por alguém que é uma "estrela caída" — sem dúvida Satanás (Lc 10:18; cf. Is 14:12). A Satanás foi *dada* autorização divina para fazer isso. A aparência dos gafanhotos é praticamente indescritível, mas o efeito que causa é conhecido: de completo terror; eles atormentam os homens quase meio ano, de tal forma que o espaço entre uma respiração e outra são pouco maiores do que os períodos de sofrimento; o tormento é tal que mesmo a morte é preferível. Nossa interpretação é que a qualquer tempo que os incrédulos sofrem do modo descrito, com toda a sorte de enfermidades que os atormentam, das quais nem mesmo a tão bem-vinda morte chega para aliviá-los — enfermidades crônicas, dificuldades constantes, inimizades, insegurança — nada mais são do que estes gafanhotos da quinta trombeta, dirigidos e subordinados pelo anjo do abismo, novamente talvez o próprio Satanás. É a advertência da quinta trombeta, e o primeiro dos ais é dirigido contra os próprios homens descrentes, e não contra o meio ambiente.

8. A Sexta Trombeta: Destruição (9:13-21)

O sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz procedente dos quatro ângulos do altar de ouro que se encontra na presença de Deus, [14]dizendo ao sexto anjo, o mesmo que tem a trombeta: Solta os quatro anjos que se encontram atados juntos ao grande rio Eufrates. [15]Foram, então, soltos os quatro anjos que se achavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano, para que matassem a terça parte dos homens. [16]O número dos exércitos da cavalaria era de vinte mil vezes dez milhares; eu ouvi o seu número. [17]Assim, nesta visão contemplei que os cavalos e os seus cavaleiros tinham couraças cor de fogo, de jacinto e de enxofre. As cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões e das suas bocas saía fogo, fumaça e enxofre [l8]Por meio destes três flagelos a saber: pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saíam de suas bocas, foi morta a terça parte dos homens; [l9]pois a força dos cavalos estava nas suas bocas e nas suas caudas, porquanto as suas caudas se pareciam com serpentes, e tinham cabeças, e com elas causavam dano. [20]Os outros homens, aqueles que não foram mortos por esses flagelos, não se arrependeram das obras das suas mãos, deixando de adorar os demônios e os ídolos de ouro, de prata, de cobre, de pedra e de pau, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar, [2l]nem ainda se arrependeram dos seus assassínios, nem das suas feitiçarias, nem da sua

prostituição, nem dos seus furtos. Existe uma sétima trombeta que ainda soará, mas a sexta trombeta é a última advertência aos habitantes da terra. Quando a sétima trombeta soar será muito tarde (11:15-18). A advertência é a morte, não a morte da própria pessoa, mas a morte de outros (vs. 15-18). Um terço da raça humana é destruída, com o objetivo (sem sucesso, no entanto) de levar os outros dois terços ao arrependimento.

A cavalaria desta cena, como todo o restante, não deve ser entendida literalmente. Nenhuma época da História jamais presenciou a devastadora coincidência de ter, de um lado, a idolatria pagã como religião dominante (v.20) e, de outro, duzentos milhões de cavalos lançadores de chamas, cujas caudas se parecem com serpentes procedentes da Mesopotâmia. Também a passagem não deve ser tratada como simbolismo do tipo que inclui vírgulas invertidas, a fim de que a *boca* dos *cavalos* se transforme em lança-chamas, e as *caudas* dos *cavalos* se transformem em bombardeiros e por aí agora. Nem devemos zer que o "Eufrates", de onde toda essa parafernália militar procede, é a Rússia, ou a China, ou qualquer outra nação considerada o fantasma da época presente. O literalismo absoluto traz toda a cena para um futuro que se aproxima do irreal, esse tipo de quase simbolismo procura localizar a cena do nosso século. A visão não teria nenhum sentido para os leitores nos últimos dois mil anos. Não: a cena toda não pode ser considerada como mero simbolismo e, sim, como verdadeiro simbolismo bíblico. No versículo 13 lemos que é do altar que as orações da Igreja sobem até Deus, e a resposta ardente de Deus é enviada (8:3-5). A sexta trombeta, como as outras, soa para anunciar a advertência do Deus irado contra o pecado, em resposta às orações dos santos para que o mal não prosseguisse sem punição, e para que a justiça fosse feita. O versículo 14 indica a realidade de que muito da história bíblica de ameaça de destruição veio, principalmente, da região do Eufrates e do Tigre, começando com os "assírios que vieram como lobos para dentro do aprisco", por volta do oitavo século a.C. O próprio Império Romano via com olhos apreensivos os povos bárbaros na sua fronteira mais ocidental, e não foi com certeza o último império a agir assim. Dessa forma, a última e mais poderosa advertência de Deus consistia em uma onda "mesopotâmica" de destruição e morte. Nos versículos 15 e 16, os anjos que trarão a destruição são liberados, à zero hora do plano divino, e são numerados por Deus. Cada morte que eles executarem acontecerá exatamente como e quando Deus a tiver planejado.

Os cavaleiros da morte da sexta trombeta não são tanques e aviões. Pelo menos não somente tanques e aviões. São também câncer e acidentes automobilísticos, má nutrição e bombas terroristas, e mortes pacíficas em asilos de velhinhos. Ainda assim "os outros homens, aqueles que não foram mortos por estes flagelos" não se arrependem da sua idolatria, colocando no centro de suas vidas qualquer coisa, menos Deus, nem dos males que inevitavelmente resultam dela. Ouvem falar de poluição, de inflação, de fontes não renováveis sendo esgotadas, de políticos corruptos, mas não admitem que as quatro primeiras trombetas de Deus estão soando. No fim, eles mesmos são atingidos por essas aflições e, por uma razão ou outra, suas próprias vidas transformam-se em tormento: os gafanhotos saem todos ao soar a quinta trombeta, mas eles não se arrependem. Nem mesmo quando os anjos do Eufrates se levantam ao soar a convocação da sexta trombeta, e a cavalaria sai para matar — através de qualquer tipo de destruição, não necessariamente através da guerra — um amigo ou um parente, um esposo ou uma esposa, mas nem mesmo em grande aflição eles se arrependerão. "Deus sussurra a nós em nossos prazeres, fala à nossa consciência, mas grita através das nossas dores".[12] Se não ouvirmos a tremenda voz das dores que nos afligem, não pode haver esperança para nós.

9. O significado da Última Trombeta (10:1-7)

Vi outro anjo forte descendo do céu, envolto em nuvem, com o arco-íris por cima de sua cabeça, o rosto como o sol, e as pernas como coluna de fogo, [2]tendo na mão um livrinho aberto. Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra, [3]e bradou em alta voz, como ruge um leão, e, guando bradou, desferiram os sete trovões as suas próprias vozes. [4]Logo que falaram os sete trovões, eu ia escrever, mas ouvi uma voz do céu, dizendo: Guarda em segredo as coisas que os sete trovões falaram, e não as escreva. [5]Então o anjo que vi em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu, [6]e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, o mesmo que criou o céu, a terra e o mar e tudo quanto neles existe: Já não haverá demora, [7]mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas.

O anjo que introduzirá a sétima trombeta traz, em primeiro lugar, a mensagem torturante dos sete trovões. Por que será que João teria recebido esta revelação específica e depois recebido ordem de não revelá-la aos seus leitores? [2]Foi uma visão notável, e o anjo é uma figura nobre, muito parecido com o Cristo do capítulo 1, acabando de uma vez por todas com qualquer idéia de que os anjos são criaturas efeminadas que tocam harpas languidamente. É óbvio que João ouviu e entendeu o que os trovões disseram. Mas da mesma forma como aconteceu com Paulo (2 Co 12:4), João não deveria divulgar o que tinha visto e ouvido.

Podemos ainda arriscar uma tentativa para descobrir qual foi o assunto dos trovões. O paralelo bíblico mais próximo é, provavelmente, o Salmo 29, onde o trovão é chamado de "a voz do Senhor" e é mencionado sete vezes. O que o trovão faz é declarar a grandiosidade e a majestade de Deus, de tal forma que "no templo de Deus tudo diz: glória" (Sl 29:9). Talvez as revelações que Deus faz de Si mesmo aos habitantes da terra sejam muito mais compreensíveis do que podemos supor. Talvez não seja bom para os cristãos saberem quão numerosas são as advertências divinas ao mundo, para que não venham a desistir de sua responsabilidade evangelística.

Seja lá como for, o certo é que o próximo evento do calendário divino será a sétima trombeta, e com ela virá o fim. O uso que o Novo Testamento faz da palavra *mistério,* como veremos,[13] mostra que o *mistério de Deus* não trata de uma verdade referente à pessoa de Deus "a qual não foi completamente revelada",[14] mas simplesmente trata do evangelho, as boas novas acerca de como o homem pode ser reconciliado com Deus através de Cristo.[15] Sem dúvida, a palavra *anunciou,* no versículo 7, é na realidade a palavra grega *"euengelisen",* que quer dizer "pregou o evangelho". Com a sétima trombeta a época do evangelho será completada.

É tentadora a versão da BJ, quando afirma que "já não haverá mais tempo! ", isto é, que o tempo chegará ao fim e será sucedido pela eternidade. Aqui me vem à mente o personagem de uma das novelas de Charles Williams, que na vida real está indo a um encontro, e que em seu mundo de sonhos está descendo por uma corda que em poucos momentos o levará ao ponto sem retorno, para o inferno eterno. "Ele pensou: eu chegarei bem a tempo". E de fato ele chegaria. Tão perto do seu destino como do fim da corda.[16]

No entanto a ERAB traduz a frase de forma mais correta: "já não haverá *demora".* Esta declaração tem um propósito duplo. Em primeiro lugar ajuda a esclarecer uma das relações existentes entre o Apocalipse e o mais importante de todos os livros do tipo "apocalíptico" do Antigo Testamento, o livro de Daniel. Entre as muitas semelhanças existentes entre as visões de Daniel e as de João, encontra-se esta poderosa promessa, feita por uma desiumbrante criatura, acerca do "fim destas coisas". A Daniel foi dito que três "tempos" e meio precisariam passar antes que o fim chegasse (Dn 10:5ss; 12:6ss). Para João, de forma contrastante, é dito que "já não haverá mais demora". A revelação feita a Daniel foi escrita referindo-se à história como futuro e o fim dos tempos ainda remoto, mas a revelação feita a João, põe-nos frente a frente com o fim dos tempos, como parte da perspectiva imediata das nossas vidas.[17]

Em segundo lugar, seu propósito é pastoral. Ela nos recorda que a paciência de Deus tem limite. O soar das seis primeiras trombetas representam todas as oportunidades que Deus dá ao homem para que se arrependa. Mesmo assim, não é a paciência de Deus que se esgota e, sim, a capacidade do homem de responder positivamente à revelação divina. Chega o ponto em que não é proveitoso oferecer mais oportunidades, pois o homem se insensibilizou, não havendo mais possibilidades de arrependimento. É aí então que o anjo jura que não haverá mais demora para a sétima trombeta soar.

10. O Mundo Não se Arrepende (10:8—11:14)

A voz que ouvi, vinda do céu, estava de novo falando comigo e dizendo: Vai, e toma o livro que se acha aberto na mão do anjo em pé sobre o mar e sobre a terra. [9]Fui, pois, ao anjo, dizendo-lhe que me desse o livrinho. Ele então me fala: Toma-o, e devora-o; certamente ele será amargo ao teu estômago, mas na tua boca, doce como mel. [10]Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei, e na minha boca era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo. [11]Então me disseram: É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis.

[11:1]Foi me dado um caniço semelhante a uma vara, e também me foi dito: Dispõe-te, e mede o santuário de Deus, o seu altar, e os que naquele adoram; [2]mas deixa de parte o átrio exterior do santuário, e não o meças, porque foi ele dado aos gentios; estes por quarenta e dois meses calcarão aos pés a cidade santa.

[3]Darei às minhas duas testemunhas que profetizem por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco. [4]São estas as duas oliveiras e os dois candeeiros que se acham em pé diante do Senhor da terra. [5] Se alguém pretende causar-lhes dano, sai fogo das suas bocas e devora os inimigos; sim, se alguém pretender causar-lhes dano, certamente deve morrer. [6]Elas têm a autoridade para fechar o céu, para que não chova durante os dias em que profetizarem. Têm autoridade também sobre as águas, para convertê-las em sangue, bem como para ferir a terra com toda sorte de flagelos, tantas vezes quantas quiserem.

[7] Quando tiverem, então, concluído o testemunho que devem dar, a besta que surge do abismo pelejará contra eles e as vencerá e matará, [8] e os seus cadáveres ficarão estirados na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado. [9]Então muitos dentre os povos, as tribos, as línguas e as nações contemplam os cadáveres das duas testemunhas, por três dias e meio e não permitem que esses cadáveres sejam sepultados. [10] Os que habitam sobre a terra se alegram por causa deles, realizarão festas e enviarão presentes uns aos outros, porquanto esses dois profetas

atormentaram aos que moram sobre a terra.

[11]Mas, depois dos três dias e meio, um espírito de vida, vindo da parte de Deus, neles penetrou e eles se ergueram sobre seus pés, e àqueles que os viram sobreveio grande medo; [12]e as duas testemunhas ouviram grande voz vinda do céu, dizendo-lhes: Subi para aqui. E subiram ao céu na nuvem, e os seus inimigos as contemplaram. [13]Naquela hora, houve grande terremoto e ruiu a décima parte da cidade, e morreram (nesse terremoto sete mil pessoas, ao passo que as outras ficaram sobremodo aterrorizadas, e deram glória ao Deus do céu.

[14]Passou o segundo ai. Eis que, sem demora, vem o terceiro ai.

a. O Livrinho Doce/Amargo (10:8-11)

O anjo se parece com Cristo e o livrinho, provavelmente, contém as palavras de Cristo, pois é dito a João que após digerir o conteúdo do livrinho, ele precisará profetizar. O profeta Ezequiel passou por experiência semelhante (Ez 2:8—3:3). E todos os cristãos concordarão com o testemunho de que o primeiro sabor do evangelho é de grande doçura: os santos de todas as épocas têm achado a mesma coisa (Sl 19:10; 119:103). Mas há amargura nele quando é apresentado ao mundo incrédulo, pois fala da alienação existente entre o homem e Deus, da ira e do inferno que aguardam todos os que não se arrependerem. Seja qual for a mensagem envolvida nos detalhes, o versículo 11 deixa claro que a mensagem tem aplicação universal. Esta consideração tem apoio nas duas próximas seções.

b. A Cidade Santa /Profana (11:1-2)

A terceira cena refere-se, quase que por inteiro, ao mundo, mas tem algo a dizer acerca da igreja. A esse respeito encontramos aqui uma seção que corresponde à seção que precedia a abertura do sétimo selo, na segunda cena. Aqui, tanto quanto ali, encontramos a segurança eterna da igreja assegurada, apesar de todos os sofrimentos.

A expressão templo não pode ser aceita literalmente. "Quando João escreveu, o templo de Jerusalém já havia sido destruído há, pelo menos, 20 anos... quando os leitores do Apocalipse leram que o templo deveria ser "medido" para ser preservado, eles, inevitavelmente, devem ter percebido o sentido alegórico da ordem.[18] Este sentido está bem à mão nos ensinamentos da igreja apostólica, os quais freqüentemente aplicavam à própria igreja os termos e conceitos do judaísmo, pensando em Si mesma, por exemplo, como o "templo de Deus" (1 Co 3:16 e veja a pág. 80). Até onde podemos ver nesta visão, o templo significa a igreja, ao passo que a cidade significa o mundo; em harmonia com 10:11, João não está falando sobre Jerusalém em nenhum sentido geográfico, mas como símbolo universal.

Entre o sexto e o sétimo selos encontramos aqueles que foram selados enquanto serviam a Deus no templo, no *naos,* o santo dos santos. Aqui também, entre a sexta e a sétima trombetas, apesar dos incrédulos ocuparem não somente a cidade como as cortes externas do templo, o povo de Deus está seguro no santo dos santos, o qual é *medido* (da mesma forma que os seus ocupantes foram numerados em 7:4) para indicar que todos são conhecidos de Deus e estão sob seu cuidado protetor.

c. O Poder da Palavra e o Poder do Mundo (11:3-14) Não têm faltado intérpretes que esperam um cumprimento literal desta seção, bem como do livro inteiro. Em algum tempo, em um futuro não muito bem especificado, terá início, presumivelmente em Jerusalém, a carreira de pregadores destas duas incríveis personagens, testemunhas de Deus, que terá a duração de três anos e meio. Seguir-se-á o martírio de ambas e, então (para consternação geral), a ressurreição e o arrebatamento, e o caos na cidade.

Se, no entanto, o templo e a cidade dos versículos 1 e 2 são simbólicos, e a mensagem de 10:11 é universal, parece muito mais lógico que esta passagem tenha um sentido não-literal, especialmente no que diz respeito à duração do mistério das testemunhas com o simbolismo da última seção (v.3 com v.2), e o título de "candeeiro" com o simbolismo da primeira cena (v.4 com 1:20).

Dessa forma temos a oferecer a seguinte sugestão: As testemunhas, que declaram a verdade de Deus aos habitantes da terra, são a igreja de Deus no mundo, o povo de Deus entre as nações pagãs, aqueles para quem o evangelho é doce em meio àqueles para os quais o evangelho é amargo, o santuário que permanece como propriedade de Deus mesmo quando não somente a cidade, mas o próprio átrio do templo é profanado. Eles se vestem com pano de saco, o que serve para caracterizar a gravidade da mensagem. Muitas conjecturas têm sido levantadas para determinar por que são duas as testemunhas, mas as coisas notáveis que elas fazem nos versículos 5 e 6 nos relembram, talvez, de modo convincente, as duas testemunhas da glória de Cristo no monte da transfiguração: Moisés e Elias.[19] Esses dois representam o testemunho da igreja como um todo, bem como a segurança desse mesmo testemunho, pois o princípio bíblico é que "o testemunho de duas pessoas é verdadeiro" (Jo 8:17; ver At 1:8). São também inextinguíveis, como as lâmpadas que o profeta Zacarias viu, e que estavam diretamente ligadas à fonte de óleo que saía das oliveiras vivas (v.4; Zc 4:2ss).

Elas são intocáveis, como a igreja de Cristo também é no seu todo, embora seus membros, individualmente, possam ser atacados (v.5). São invencíveis, e produzem provas do poder de Deus correspondentes às produzidas por Moisés e Elias (v.6). Estas provas, tanto nos dias antigos como nos de hoje, não conseguiram promover um arrependimento geral, apesar das qualidades perenes de rigor e singularidades que possuem. Acerca da singularidade podemos dizer que durante todas as épocas resultaram secas, sangue e pragas, quer literal quer metaforicamente, como conseqüência do testemunho e da atividade profética do povo de Deus, de um lado inspirados pelo Espírito Santo, mas por outro lado rejeitados pelos homens. Acerca do rigor visto grandemente nos ministérios de Moisés e Elias, podemos dizer que a profecia judaica esperava o aparecimento de outro Moisés e de outro Elias, cujos ministérios tinham por objetivo fazer com que os homens ouvissem a Deus antes que o dia do juízo viesse; que essas predições foram grandemente cumpridas por Jesus e por João Batista; e que um contínuo testemunho do mesmo tipo através dos cristãos, o qual é uma "indicação desta suprema determinação de trazer os homens ao arrependimento, a qualquer custo, antes que seja tarde demais".[20]

As testemunhas pregam durante 1.260 dias, o que, tendo como base um mês de trinta dias, corresponde aos 42 meses em que as nações hão de ocupar a cidade de Deus (v.2). Este período também não pode ser entendido literalmente; porque, literalmente, o "tempo dos gentios" (ou "nações") deveria começar, de acordo com Cristo, quando Jerusalém fosse destruída pelos romanos no ano 70 d.C. (Lc 21:20-24), e, como é evidente, nenhuma seqüência literal de acontecimentos (especialmente os descritos nos vs. 3 a 13) começou nessa data. Afirmar que "o tempo dos gentios é de quarenta e dois meses" nos levará a grandes e desnecessárias dificuldades. Por outro lado, dizer que "quarenta e dois meses" significam o tempo dos gentios, dá à matéria uma conotação completamente diferente. A figura torna-se um simples símbolo tal como a cruz vermelha ou a suástica; uma forma taquigráfica de indicar um período durante o qual "as nações", os incrédulos, parecerão dominar o mundo, no qual o "povo" de Deus manterá o seu testemunho.

Depois dos quarenta e dois meses (três anos e meio) de testemunho, segue-se um breve período (três dias e meio) de aparente derrota da igreja. Não deve parecer fantasioso demais ver na experiência da igreja um reflexo da experiência do próprio Senhor Jesus, nos seus três dias de morte, depois de três anos de ministério, desde que o sofrimento do Senhor é explicitamente identificado com o da sua igreja (v. 8). A cidade onde os corpos das testemunhas jazem expostos ao escárnio público não é mais literal do que o resto. Não pode ser, ao mesmo tempo, e literalmente, Sodoma e o Egito; e se esses nomes são usados metaforicamente, porque não seria metafórica também a expressão "a cidade...onde também o seu Senhor foi crucificado"? Não, onde quer que ouçamos a pregação do evangelho no mundo, podemos saber com certeza que estamos ainda vivendo os "três anos e meio"; e em qualquer lugar em que estivermos quando a igreja estiver, aparentemente, a perecer, saberemos que chegamos à Jerusalém assassina, a qua representa Sodoma no pior da sua corrupção, e o Egito no pior do seu sistema opressivo.

As Escrituras parecem prever um tempo (esta é a primeira indicação clara no Apocalipse) quando, bem próximo do fim da História, haverá uma terrível matança contra a igreja, e ela dará todas as evidências de estar "por baixo". Paulo fala desse momento como "a rebelião" e a vinda do "homem da iniqüidade" (2 Ts 2:3), e vemos em Mateus 24: llss. indicações acerca deste período, dadas pelo próprio Senhor Jesus Cristo. Ouviremos mais acerca disso, e da besta que inicia a rebelião (v.7) mais adiante, no capítulo 20. Mas este período será breve e no final a igreja ressurgirá para encontrar o Senhor, e o mundo em grande confusão finalmente adorará ao Criador; não adoração espontânea de amor, mas a adoração relutante, por ser obrigatória. As advertências terão sido vãs. O pior cego é aquele que não quer ver. Na segunda cena vimos como a igreja sofrerá, mas continuará indestrutível; a terceira cena mostra como o mundo será advertido, mas continuará sem se arrepender.

11. A Sétima Trombeta: o Mundo Não Existe Mais (11:15-18)

O sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu grandes vozes, dizendo: O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos. *[16]E os vinte e quatro anciãos que se encontram sentados nos seus tronos, diante de Deus, prostraram-se sobre os seus rostos e adoraram a Deus,* *[ll]* *dizendo: Graças te damos, Senhor Deus, Todo-poderoso, que és e que eras, porque assumiste o teu grande poder epassaste a reinar.* *[18]Na verdade, as nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira, e o tempo determinado para serem julgados os mortos, para se dar o galardão aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome, assim aos pequenos como aos grandes, e para destruíres os que destroem a terra.* Com a sétima trombeta chega a parousia. Apesar das Escrituras mencionarem alguns aspectos da vitória de Cristo relacionados com a sua primeira vinda,[21] não há a menor dúvida de que a linguagem aqui descreve o triunfo total da sua segunda vinda. Esta é a "última e irresistível" manifestação da majestade de Deus.[22]

No contexto total da terceira cena não deveríamos surpreender-nos com o fato deste tão glorioso evento ser descrito como um "ai" (11:14). A cena inteira descreve as advertências divinas contra o mundo incrédulo e, se o mundo não se arrepender após as seis primeiras trombetas, certamente a sétima representará um terrível "ai" para a humanidade. É o último e final "ai" porque contra ele não existe apelação possível. As primeiras quatro trombetas demonstraram o poder de Deus sobre a terra e seus perversos habitantes; as três últimas trombetas representam os três "ais" que provam o poder de Deus sobre a própria humanidade: Deus tem poder para feri-los, para matá-los e, finalmente, (o que deveria encher os homens de grande temor, Mt 10:28) Deus pode condená-los por toda a eternidade.

Não nos deixemos envolver de sentimentalismo pelos não-arrependidos. A falsa esperança de que Deus pode dar-lhes outra oportunidade depois da morte é contrária tanto às Escrituras quando à razão. Se esta vida é o tempo de testes, as oportunidades desta vida são tão completas quanto qualquer homem poderia desejar, e temos visto tudo o que Deus faz para adverti-los. Se não ouvem Moisés, nem os profetas, não serão persuadidos nem mesmo que alguém dentre os mortos se levante. Se não dão ouvidos às seis primeiras trombetas, tampouco darão ouvidos à sétima trombeta que anuncia a eternidade. Porque a disposição do coração dos homens, àquela altura dos acontecimentos, estará irremediavelmente fora do alcance da redenção. "Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo" (Ap22:ll).

Estas coisas acontecerão em resposta às orações da igreja. Deus nos proíbe de orar pelo castigo particular de indivíduos, dos quais pouco sabemos como se situam na presença de Deus. Por tudo o que sabemos, aquele que nos parece ser o mais perverso, como Paulo, pode estar correndo para receber um reluzente troféu da graça (1 Tm 1:15ss), e aqueles que parecem ter destino certo para o céu podem bem ser emissários do inferno (2 Co 11:13ss). Mas ao mesmo tempo em que devemos orar para que, qualquer .obra real da graça, no coração, seja cultivada, também devemos clamar a Deus que não deixe impunes as situações de perversidade irremediável: "para que o homem perverso nunca esteja satisfeito com a sua própria perversidade, para que perceba o que os demais com razão percebem nele: o mal... que, cedo ou tarde, seja qualificado como tal[23]. Precisamos orar para que justiça seja feita. E será feita: o máximo de justiça, com o máximo de misericórdia: pois, no plano de Deus, a justiça e a paz se beijaram (SL 85:10). E quando isso, de fato, acontece, os vinte e quatro anciãos, representando a Igreja, caem sobre seus rostos e o adoram.

Será que, verdadeiramente, nos importamos que o mal seja derrotado e o bem triunfe? Nesta época de violência parece santarrão rechaçar a violência. Mas quanto da nossa ira contra a violência da terceira cena é nada mais do que pura cegueira para com a realidade da situação, a falta de ódio por Satanás e suas obras, bem como falta de real interesse pela glória de Deus?

Apocalipse 11:19—15:4

Quarta Cena
O Drama da História
Sete Visões do Conflito Cósmico

A Análise do Drama

A quarta cena começa no último versículo do capítulo 11. E a segunda cena terminou um versículo após o começo do capítulo 8. Como a divisão do Apocalipse em capítulos pode ser posta de lado, em favor da divisão em "cenas"? Que base existe para a análise do livro como se fosse um drama dividido em cenas?

Estas são boas perguntas. Vamos nos ocupar com a divisão em capítulos primeiramente. Os capítulos não eram parte integrante do Novo Testamento originalmente, e representam no Apocalipse, de maneira especial, um obstáculo à compreensão do texto. Eles nos vieram como herança das Bíblias Latinas do fim da Idade Média e, apesar do arranjo em capítulos e versículos proporcionar vantagens que facilitam os trabalhos de referência, por outro lado as divisões artificiais tornam-se uma tirania da qual precisamos escapar. A análise apropriada de um livro deve sempre estar baseada no assunto central do livro. A análise deve sempre surgir do estudo do próprio texto, naturalmente.

a. O Ponto Inicial

Procurando encontrar as divisões naturais do Apocalipse devemos lembrar-nos de dois fatos importantes: é

uma carta e é uma visão. "O que *vês, escreve'* (1:11).

Em primeiro lugar acompanhamos o progresso da carta. Chegando a uma das igrejas da Ásia, deveria ser lido em voz alta para a congregação reunida, pois este é o significado de 1:3a. O que devemos tentar visualizar é uma congregação talvez um pouco diferente daquela à qual pertencemos: mais próximas do modo de João pensar e falar, muitas delas eram capazes de ouvir, com os ouvidos da mente, o próprio timbre da voz de João; mais dados ao estilo apocalíptico de literatura: por isso vinham com maior disposição e com maior avidez para estudar as Escrituras que os tinham feito sábios para a salvação; livres de dezenove séculos de interpretações discordantes acerca da carta de João. Sabendo a que tipo de congregação se destinava o livro, e conhecendo a intensidade do próprio livro, e visualizando um bom leitor que poderia tornar o livro uma experiência marcante aos seus ouvidos (uma bênção toda especial é prometida tanto a estes como àqueles, 1:3), temos meio caminho andado em direção à compreensão da estrutura do Apocalipse.

Outro fato a ser lembrado é que é uma visão. Podemos encontrar-nos entre pessoas que acham a narração dos sonhos dos outros muito enfadonho durante o café da manhã. Não é necessário dizer que a visão revelada por Cristo ao seu apóstolo nunca poderia sofrer tal tipo de condenação! Pelo contrário, deveríamos imaginar a pequena congregação em Filadélfia, por exemplo, reunida na casa de alguém, no dia do Senhor, sorvendo cada palavra daquele que estava lendo. Certamente cada vez que a pessoa chegava ao fim de um parágrafo, os ouvintes perguntavam: "o que acontece depois? O que João viu depois disto?"

É com estas perguntas na mente que tentamos analisar o livro. "O que ele vê depois disto?" Muitas e diferentes análises têm surgido, muitas são descuidadas, e geralmente não são coerentes, as mais cuidadosas cheiram a lamparina e poeira de biblioteca. Não é nossa intenção nem mesmo começar a discutir tal tipo de acrobacias exegé-ticas e, sim, apresentar um simples e positivo esquema nosso.[1] Queremos sair dos planos artificiais baseados em fórmulas geniais e numerosos esquemas e voltarmo-nos para a atitude pouco sofisticada dos primeiros cristãos, que queriam humildemente saber: "O que João vê em seguida?"

b. Análise

Quando nos dispomos a ler o Apocalipse com esta atitude, aparece um fato muito interessante. No palco da visão de João, inumeráveis atores vêm e vão; existe uma ação constante. Mas muitas vezes chegamos a um ponto onde não somente os atores mudam, como a própria cena muda; como se uma cortina tivesse descido, e fosse depois levantada para mostrar uma cena completamente nova, ou como se João mesmo se movesse para diferentes palcos.

O que João vê? Até 1:12, o cenário é a ilha de Patmos. Naquele momento ouviu uma grande voz atrás de si e "voltou-se para ver quem lhe falava; e lá, às suas costas, surgiu um cenário de um tipo completamente diferente", a primeira cena do drama que lhe seria revelado. Nada se move na primeira cena. É a visão de uma inestinguível chama que permanece constante enquanto o glorioso Senhor Jesus Cristo dita as sete cartas.

Ao final desta cena aparece "uma porta aberta nos céus" e uma voz ordena a João: "sobe para aqui" (4:1). Assim começa a segunda cena. Um novo panorama descortina-se diante dos olhos de João e ele vê os círculos radiantes dos céus com o trono do Cordeiro no centro. Há muita atividade e o foco muda constantemente durante esta cena. Em um plano, toda a criação (com a igreja representada pelos vinte e quatro anciãos) adora o Cordeiro; no outro os cavaleiros saem e ferem tanto o mundo como a igreja (agora vista como mártires debaixo do altar); em um outro plano ainda, a igreja (agora como uma incontável multidão) é selada antes que os ventos do sofrimento comecem a soprar. Mas com todas essas idas e vindas no palco, o que João vê, do seu ponto de vista privilegiado, é a mesma cena que começou em 4:1-2.

Observando o drama, encontraremos três outras ocasiões nas quais uma porta aberta leva João a uma nova perspectiva, e revela um palco preparado para nova cena. O templo de Deus nos céus é aberto (11:19); o santuário do tabernáculo é aberto (15:5); o próprio céu é aberto (19:11). Assim, há quatro lugares onde "aberturas" deste tipo marcam o início de novas cenas. Quando a análise estiver completa, as "aberturas" se encaixarão como as cenas número 2, 4, 5 e 7.

Voltemos à segunda cena. Começou com uma indicação dupla: havia uma porta aberta e uma voz convidando. A segunda característica surge uma segunda vez em 17:1-3, onde lemos: *"Vem ...transportou-me o anjo, no espírito, a um deserto";* e uma terceira vez em 21:9-10: " *Vem ...e me transportou, no espirito, até a uma grande e elevada montanha.*" Isto é novamente uma mudança de perspectiva da mesma forma que as "aberturas", como acabamos de notar. Aqui estão, então, a abertura de mais duas cenas, que no decorrer dos eventos serão numeradas como 6 e 8.

Assim, esta frase ocorre sete vezes. O único lugar onde poderíamos esperar encontrá-la está ausente em

8:2, onde aparecem pela primeira vez as sete trombetas. Mas como as trombetas são geralmente aceitas como uma seção própria do livro, da mesma forma que as cartas, os selos, os flagelos e por aí afora, em nossa análise do livro como drama podemos seguramente contar as trombetas como uma cena independente das outras.

Observaremos que, segundo este plano, resultam oito cenas. Muito cuidado com o intérprete meticuloso, o qual, notando o predomínio do "sete", procurará encolher o corpo para que caiba na cama, isto é, procurará assegurar a existência de sete cenas somente! Mas a não ser que combinemos as trombetas com os selos, o que o texto parece não autorizar, o número de cenas que temos é oito. E talvez achemos boas razões para tão misterioso número.[2]

c. Mais Evidências

Devem ser destacados dois pontos em 11:19, em conexão com a análise. Eles não são suficientes em Si mesmos para estabelecer a análise, mas no sentido sugerido logo acima parece razoável pensar que venham confirmá-la.

Um ponto é a menção da arca da aliança que é mostrada nos céus. É a tradicional divisão em capítulos, assim eu vejo, que tem levado alguns escritores a aceitar o versículo de 11:19 com o resto do capítulo 11, e a propor idéias engenhosas para explicar por que as sete trombetas deveriam ter o clímax justamente na apresentação da arca. Engenhosos eles são, pois nenhuma explicação natural para o fato surge rapidamente na mente; no entanto a leitura da próxima cena irá demonstrar que 11:19, que seria um verdadeiro enigma se fosse o clímax da terceira cena, cai perfeitamente como introdução à quarta cena. Com o aparecimento da arca, a abertura do templo é confirmada com a abertura de uma nova seção.

O outro ponto são os relâmpagos, as vozes, os trovões, os terremotos e as grandes saraivas que acompanham o aparecimento da arca. A combinação de alguns desses fenômenos, ou de todos, ocorre quatro vezes no livro (em 4:5; 8:5; 11:19; e 16:18), e isso tem servido como pretexto para fazer análises diferentes. Em 16:18 os trovões e os relâmpagos são citados explicitamente como conteúdo do sétimo flagelo, um fato que ocorre dentro de uma cena. Mas, se a nossa análise é correta, nos outros três casos essas atividades surgem tão logo a cortina é levantada e a cena tem início. Poderíamos imaginar que a experiência de João era como a de um homem que chega ao espetáculo quando este já começou, e até encontrar um lugar, assentar-se e começar a prestar atenção, os eventos na tela ou no palco nada mais sendo do que sons, cores e movimentos sem nenhuma relação entre si? Ou seria melhor e mais justo supor que a música dos trovões serve como abertura à medida que a cortina é levantada nas segunda, terceira e quarta cenas?

d. Conclusões

Todas essas sugestões podem ser resumidas em um simples esboço do drama, que servirá de complemento ao que foi dito no início deste livro.

1 : 1	Introdução.
1:12	João se volta para ver quem lhe falava: Primeira cena.
4 : 1	Uma porta é aberta nos céus e uma voz diz: "Vem": João é levado a um ponto privilegiado do qual ele pode ver toda a esfera celestial. Trovões e relâmpagos: Segunda Cena.
8 : 2	Surgem os anjos com as trombetas: trovões e relâmpagos: Terceira cena.
11:19	Nos céus o templo se abre: trovões e relâmpagos: Quarta cena.
15:5	Nos céus abre-se o santuário do tabernáculo do testemunho: Quinta cena.
17:1	Um anjo diz: "Vem": João é levado ao deserto: Sexta cena.
19:11	O céu se abre: Sétima cena.
21:9	Um anjo diz: "Vem": João é levado a uma grande e elevada montanha: Oitava cena.
22: 20	Epílogo.

e. Análise da Presente Cena

O mesmo método precisa ser utilizado nesta cena. Infelizmente não temos divisões numeradas para guiar-nos, como tínhamos com as cartas, com os selos e com as trombetas; no lugar delas notamos a repetição de frases em diversos pontos da cena, que podem proporcionar elementos úteis para a análise. Este não é um método artificial baseado na mera repetição de uma fórmula. Estamos, de novo, simplesmente perguntando: "o que João vê a seguir?"

Temos apenas três capítulos para considerar, desde a abertura do templo em 11:19, onde começa a quarta cena, até a abertura "do santuário do tabernáculo do testemunho" (que não são exatamente a mesma

coisa) em 15:5, onde começa a quinta cena. Dentro desta seção estaremos procurando saber o que João *viu.* O verbo grego é *idein* e aparece sob duas formas: geralmente "Vi", mas também "olhei, e eis...", sendo "eis" tradução do imperativo do mesmo verbo ("olhei, e olha..."). Existem outras frases que poderiam também servir de introdutórias a novas divisões, como por exemplo: "viu-se grande sinal" (12:1), "então ouvi" (12:10,14:13). Mas se colocarmos estas duas últimas de lado e nos basearmos estritamente nas duas frases mencionadas anteriormente, eis o que encontraremos:

13:1	"Vi emergir do mar uma besta"
13:11	"Vi ainda outra besta"
14:1	"Olhei, e eis o cordeiro em pé"
14:6	"Vi outro anjo"
14:14	"Olhei e eis uma nuvem branca"
15:1	"Vi no céu outro Sinal grande"
15:2	"Vi como que um mar de vidro"

Chegamos a um resultado interessante quando contamos as seções.[3] E precisamos enfatizar que o resultado não é artificial, pois novamente podemos visualizar o leitor e os ouvintes congregados na Ásia Menor, querendo ardentemente saber "o que João vê a seguir". E o leitor, fazendo pausa para dar uma ênfase impressiva, deixa João introduzir cada uma das sete visões dizendo: "Vi".

I. Abertura da Quarta Cena: A História como Drama (11:19)

Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da aliança no seu santuário, e sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões, terremotos e grande saraivada.

Muitas palavras aparentemente familiares precisam ser observadas mais de perto se desejarmos entender a quarta cena. "O céu", aqui, não representa o lugar da perfeição, pois nele existe a guerra, bem como a presença das forças malignas de Satanás. Deve, portanto, referir-se ao céu descrito na segunda cena e em Efésios 6:12, a esfera da realidade espiritual. Conseqüentemente, "o santuário" significa o local onde Deus realmente habita; não um determinado local sagrado dedicado exclusivamente ao Senhor mas, sim, à criação toda; pois, a nível espiritual, não existe local em que o Senhor Deus não se encontre: "a terra está cheia da sua glória" (Is 6:1-3; Sl 29:9; 139:7-10).

Da arca nada mais precisa ser dito a não ser que é um símbolo do pacto de Deus, ou do acordo para resgatar o seu povo dos inimigos; os relâmpagos, as vozes, os trovões, o terremoto e a saraivada são geralmente utilizadas nas Escrituras como sinais de que Deus está presente e ativo[4] — em residência, se assim podemos falar, no seu santuário, e não de viagem, como Baal aparentemente estava quando seus profetas não conseguiram que ele respondesse aos profetas no Monte Carmelo.[5] Até o presente momento Deus nos deu a certeza daquilo que ele é, de seu caráter e dos efeitos dele, que ele é um Deus "clemente e longânimo, e grande em misericórdia... que não inocenta o culpado" (Êx 34:6-7). Nesta cena Deus nos mostrará, em sete visões do conflito cósmico, algo da sistemática ação pela qual ele salva o seu povo e destrói os seus inimigos.

Elgar pediu a opinião de um amigo sobre a colocação que ele tinha feito da frase "louvor ao mais santo nas alturas" no livro *The Dream of Gerontius,* e ficou encantado com a resposta: "Faz-me pensar em enormes portas abrindo-se e fechando-se. " Ao som da música do céu, as enormes portas do santuário de Deus agora são abertas, e a quarta cena começa.

2. Os Personagens (12:1-6)

Viu-se grande sinal no céu, a saber, uma mulher vestida do sol, com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça, [2]que, achando-se grávida, grita com as dores do parto, sofrendo tormentos para dar à luz, [3] Viu-se também outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas. [4]A sua cauda arrasta a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra; e o dragão se deteve em frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse. [5]Nasceu-lhe, pois, um filho varão que há de reger todas as nações, com cetro de ferro. E o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono. [6]A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde lhe havia Deus preparado lugar para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias.

Quem são estes personagens no palco celestial? É com eles que a maior parte da quarta cena se ocupa. A mulher e o dragão são "grandes sinais", figuras simbólicas com significados que vão além do valor das palavras. Eles não representam uma mulher nem um dragão no sentido literal das palavras, mas muito mais. O terceiro personagem, o filho, não é caracterizado com um "sinal" porque realmente representa um ser

humano; todos os três podem ser rapidamente identificados. O dragão será explicado, sem deixar dúvidas, no versículo 9. Ele é a serpente, o diabo (ou difamador), o "Satanás" (ou adversário), o enganador. As cabeças do dragão não significam poder intelectual (no mundo antigo se pensava com o coração) mas significam autoridade; suas coroas, ao contrário da mulher no versículo 1, são coroas reais. Se o número sete representa aquilo que é "essencial",[6] as sete coroas do dragão significam que ele tem autoridade real (Lc 4:6; Jo 14:30), e os dez chifres, provavelmente, representam que o dragão exercita sua autoridade real com grande poder.

Este dragão relaciona-se, sem nenhuma dúvida, ao dragão, ou serpente, que aparece na mitologia de muitos povos antigos, e que em um grande número de passagens do Antigo Testamento expressa certas verdades teológicas relevantes para os hebreus. Isso seria de interesse puramente acadêmico, não fosse por passagens como o Salmo 74:13,14. O dragão, na passagem de Salmos, não somente é chamado pelo nome (crocodilo), e possui várias cabeças como o dragão de João; acima de tudo, ele é utilizado para simbolizar o inimigo dos israelitas quando estes deixavam o Egito. Este símbolo é novamente utilizado por Ezequiel nos capítulos 29 e 32, e no Apocalipse se transforma em um pensamento dominante. Nossa mente já foi dirigida a este caminho, na terceira cena, onde as pragas trazidas pelas trombetas pareciam as pragas que precederam o êxodo, e a cidade que oprimia o povo de Deus era chamada "Egito" (11:8). É esclarecido o significado da palavra "deserto" na quarta cena (v.6). O dragão é o Egito; a mulher (como veremos) é Israel; a fuga da mulher para o deserto é um êxodo para um local não de asperezas e sofrimentos, mas de segurança e proteção divinas, até que, ao fim dos 1.260 dias de viagem — quarenta e dois meses, como os quarenta e dois estágios da viagem descritos em Números 33 — ela chegue à terra prometida.

A criança é facilmente identificada pelo fato de que irá reger todas das nações. Tal destino foi prometido, é verdade, a todo cristão vitorioso, em Apocalipse 2:6ss, mas eles possuem ai prerrogativa somente porque a recebem daquele a quem devidamente pertence a autoridade. A profecia original do Salmo 2:7-9 é anunciada, por muitas referências no Novo Testamento, como referência ao Senhor Jesus Cristo. É contra Jesus que o ódio do dragão é principalmente dirigido.

Alguns comentaristas sustentam que este Salmo serve como pano de fundo, não somente para a regência que a criança fará das nações, no versículo 5b (cf. Sl 2:9), mas também como pano de fundo do seu nascimento, no versículo 5a (cf. SL 2:7, quando ele oficialmente se torna Filho de Deus, na sua coroação). Neste caso, as frases nasceu-lhe" e "foi arrebatado" fazem referência, não ao nascimento e ascensão de Cristo, mas à sua ressurreição e ascensão, como Romanos 1:4 ensina claramente. Mas desde que ele é visto aqui como a criança da mulher Israel ao invés de Filho de Deus, a expressão "nasceu-lhe" provavelmente significa o seu nascimento humano em Belém. Em qualquer dos casos, todavia, o versículo 5 é curiosamente seletivo. Na última interpretação apresentada, o ministério, a morte e a ressurreição de Cristo são completamente omitidas. Os fatos importantes neste resumo são o nascimento e a ascensão: ou seja, o ponto em que o próprio Filho colocou-se ao alcance do dragão, e o ponto em que o Filho escapou para sempre do alcance do dragão.[7]

A identidade da mulher já foi mencionada. Ela não é Maria, simplesmente, a mãe real de Jesus; nem Eva, a ancestral de Maria, cujo descendente haveria de tornar-se o grande inimigo da serpente (Gn 3:15); nem mesmo todas as mães na linhagem escolhida entre Eva e Maria. Por ser considerado como um "grande sinal", ela é adornada com o esplendor do sol, tendo a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça, descrição que na passagem paralela do Antigo Testamento (um sonho que José teve, Gn 37:9-11) representava toda a família de Israel. E o que é mais importante, a mulher continua a existir mesmo após a ascensão de Cristo, e vive por "mil duzentos e sessenta dias", que representa todo o período da história da igreja, desde a primeira até a segunda vinda de Cristo.[8] Ela é, de fato, a igreja: o velho Israel, "deles descende o Cristo segundo a carne" (Rm 9:5, Knox), e o novo Israel, que o Senhor deixou aqui para retornar ao Pai — apesar de não tê-lo deixado sem consolação, pois como já notamos em outros símbolos da igreja, Moisés e Elias, o novo Israel encontra no deserto deste mundo um lugar seguro onde suas necessidades são satisfeitas.[9]

3. O Enredo (12:7-16)

Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; [8]todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles. [9]E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra e, com ele, os seus anjos. [10]Então ouvi grande voz do céu, proclamando: Agora veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia, e de noite, diante do nosso Deus. [11]Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram, e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida. [12]Por isso, festejai, ó céus, e vós os que neles habitais. Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta. [13]Quando, pois, o dragão se viu

atirado para a terra, perseguiu a mulher que dera à luz o filho varão; [14]e foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse até ao deserto, ao seu lugar, aí onde é sustentada durante um tempo, tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente. [15]Então a serpente arrojou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, a fim de fazer com que ela fosse arrebatada pelo rio. [16]A terra, porém, socorreu a mulher; e a terra abriu a boca e engoliu o rio que o dragão tinha arrojado de sua boca. [17]Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus; [18]e *se pôs em pé sobre a areia do mar.*

Tendo em mente que o fim dos três anos e meio em que a igreja estará no deserto praticamente correspondem ao fim da História e, com exceção dos três dias e meio, bem no final, quando aparentemente o testemunho da igreja será extinto[10], o próximo grande evento na História será a parousia, precisamos ter cuidado com a tendência de aceitar muito rapidamente que os versículos 7 a 16 são seqüência direta e contínua dos versículos 1 a 6. Se aceitarmos essa idéia, significa que, entre o fim dos três anos e meio e o retorno efetivo de Cristo, presumivelmente dentro do período de três dias e meio acontecerá uma guerra; o dragão é derrotado; o reino de Deus vem, mas a fúria do dragão é imbatível e ele se volta malignamente contra a terra; a mulher foge novamente para o deserto, desta feita por três "tempos"[11] e meio; novamente a mulher é protegida contra o ódio do dragão. Tudo isso acontece durante os três dias e meio, bem no fim da História. Mas, ao chegar no versículo 14, os eventos tornaram-se tão semelhantes aos descritos no versículo 6 que nada mais nos resta a não ser pensar que esta passagem é repetição daquela. Agora está suficientemente claro que tal método — voltando vez após vez ao começo, repetindo, enfatizando — faz parte da urdidura e da trama do livro de Apocalipse. Vejamos como isso funciona neste caso específico.

Em primeiro lugar precisamos nos lembrar dos personagens dos versículos 1 a 6: a criança, Cristo; a mulher, Israel, de quem a criança nasce, e continua como a igreja cristã após a sua ascensão; o dragão, que procura destruir a criança e, quando falha, volta-se irado contra a igreja. Agora vamos iniciar no versículo 7. O arcanjo Miguel, que aparece aqui no Apocalipse pela primeira vez é, de acordo com Daniel 10:21, o campeão celestial de Israel; e o dragão é "a antiga serpente", a velha, a original. (Possamos nós ser protegidos contra esta heresia moderna que considera a expressão "velho" digna de pena ou insulto! A "velha" serpente é mais velha do que qualquer outra criatura em maldade e em astúcia, pronta para a ceifa, madura em malícia, em impiedade e na capacidade de enganar). A oposição do versículo 7 é a oposição do versículo 4b, vista com diferença de profundidade de foco. O conflito entre os dois arcanjos, o bem e o mal, é o conflito entre Eva e a serpente, e entre o descendente da mulher e o da serpente, conflito existente através de toda a história do povo de Israel, até o dia em que viesse o descendente da mulher (Gl 3:16; 4:4); a criança nasce, então; e o seu triunfo progressivo desde o nascimento até a ascensão segue incólume aos ataques do dragão (pois mesmo a sua morte é resultado de livre escolha) e, por fim, decreta a derrota do dragão. É ao tempo da encarnação de Cristo que se dá a derrocada de Satanás, e a vinda do reino de Deus e o estabelecimento da autoridade de Cristo.[12] Desde a primeira vinda de Cristo, o povo que constitui o novo Israel tem conseguido afirmar a vitória sobre o dragão, por causa da morte do Cordeiro e do testemunho que eles próprios podem dar de que experimentaram o poder do Cordeiro. Pois o Cordeiro pagou por todas as culpas levantadas pelas acusações do dragão, de tal forma que "agora, pois, já nenhuma condenação há, para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8:1). Mesmo a morte do corpo já não lhes importa (v.11). Deus os trouxe para junto de Sl em asas de águias (v. 14; Êx 19:4), e eles estão seguros no deserto com o Senhor; o dilúvio com o qual o dragão esperava destruí-los — característica do poder do Egito, como foi ilustrado pelas profecias de Ezequiel mencionadas anteriormente — tornou-se em terra seca para a segurança do povo de Deus (vs. 15, 16; Êx 15:12).

Pode parecer que os versículos 1 a 6 constituem o enredo por serem mais descritivos do que os versículos 7 a 16, que se ocupam de explicar com mais pormenores os personagens. Invertemos os cabeçalhos porque à medida que lermos a quarta cena, acharemos que as sete visões parecem singularmente estáticas. O conflito que elas descrevem não é tanto uma seqüência de eventos, uma "história" e, sim, a descrição de uma batalha que já se encontra em andamento. Isso nada mais é do que uma parte do todo que forma o livro de Apocalipse. A substância do livro é um retrato de verdades que todos os leitores acharão válidas para as suas próprias experiências, independentemente do século e da sociedade em que vivem. Nesse sentido, portanto, é meramente incidental que os versículos 1 a 6 sirvam de base a uma "história", onde os versículos 1 a 4 descrevem todos os séculos antes de Cristo, o versículo 5 os trinta singulares anos da vida de Cristo sobre a terra, e o versículo 6 todos os séculos d.C. Essas datas são apenas parte da identificação dos personagens. O enredo propriamente dito, ou a maior parte dele, não tem data fixa. Diz respeito a uma besta, a uma segunda besta, aos seguidores do Cordeiro e a um trio de anjos, e todos estes se encontram ativos em todas as épocas. Somente nas três últimas visões João aponta o futuro, como já havia feito com os últimos selos e com as últimas trombetas.

4. O Prelúdio (12:17-18)

Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus; [18]e se pôs em pé sobre a areia do mar.

Se Israel pode ser representado por uma esposa, por que não poderia ser representado por uma mãe? Mas apesar de cada um, individualmente, ser um símbolo compreensível de Israel, não é possível (e é até estranho) visualizar Israel como esposa e mãe ao mesmo tempo. Considerando Israel como esposa e Cristo como esposo, ela representa o povo de Deus. Considerando Israel como mãe e Cristo como filho, ela representa a *comunidade* do povo de Deus, um substantivo coletivo abstrato ao qual cada um de nós pode pertencer e, desta forma, ser incluído juntamente com Cristo "nos restantes da sua descendência". Usando o seu nome alternativo, em certo sentido somos Jerusalém, a noiva (21:9-10); em outro; somos *os filhos* de Jerusalém — "ela é a nossa mãe" (Gl 4:26-27; cf. Is 54:1; 66:8). Contra nós, "os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus", é que o dragão mobiliza suas forças. O conflito cósmico resultante é o tema das sete visões que se seguirão.

5. A Primeira Visão: A Besta que Emerge do Mar (13:1-10)

Vi emergir do mar uma besta, que tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia. [2]A besta que vi era semelhante a leopardo, com pés como de urso, e boca como boca de leão. E deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade. [3]Então vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou, seguindo a besta; [4]e adoraram o dragão porque deu a sua autoridade à besta; também adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? quem pode pelejar contra ela? [5]Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias, e autoridade para agir quarenta e dois meses; [6]e abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para lhe difamar o nome e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu. [7]Foi-lhe dado também que pelejasse contra os santos e os vencesse. Deu-se-lhe ainda autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação; [8]e adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto, desde a fundação do mundo. [9]Se alguém tem ouvidos, ouça. [10]Se alguém leva para cativeiro, para cativeiro vai. Se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada. Aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos.

A medida que aparecem em cena as indescritíveis bestas, elas podem confundir a mente de alguns, tenham ou não idéias preconcebidas sobre a interpretação destes capítulos. O que teria toda esta cena representado para os leitores do primeiro século a quem João se dirigia? Eles, de qualquer forma, não começaram com a desvantagem de não conhecerem o estilo apocalíptico de literatura e certamente não estranharam a linguagem acerca das bestas e dos chifres, como nós. Além disso, admitindo que eles eram bem versados nas Escrituras, podemos estar certos de que a mente deles seria imediatamente levada de uma vez à maior obra apocalíptica do Antigo Testamento, o livro de Daniel. A medida que a besta emergia do mar, eles teriam, sem dúvida, dito uns aos outros, primeiro: "parece-se muito com o dragão acerca do qual temos ouvido"; e, depois: "parece-se também com uma das visões de Daniel" (vs. 1 e 2).

As sete cabeças do dragão e os dez chifres demonstram que o poder era a própria essência do seu ser. De todos os atributos de Deus, a onipotência é o que Satanás mais deseja possuir. As bestas de Daniel 7 são realmente descritas como quatro grandes reis ou impérios: aí também o poder é parte da essência. De fato, as próprias palavras que usamos servem para descrever sua essência: "grandes poderes". Dessa forma, quando nos é mostrado uma besta, cujo poder não reside em riquezas, nem em influências e, sim, na autoridade de governar ("diademas" e "tronos"), que combina todos os poderes descritos em Daniel 7, e cuja autoridade abrange o mundo inteiro (v.7), vemos nela o princípio do poder político: em uma só palavra, o estado.

Para João isso significava, é claro, o Império Romano; mas desde aqueles dias, cada geração de cristãos conhece algo equivalente ao Império Romano.

Mas não nos disse o apóstolo Paulo que o estado é ordenado por Deus? Como pode então a autoridade do estado proceder do diabo, e ser tão demoníaca que o próprio estado começa a parecer-se com ele(vs. 1,2; 12:3)?

É óbvio que Paulo está certo. "Não há autoridade que não proceda de Deus" (Rm 13:1); foi Deus quem criou a instituição do governo humano. O diabo nunca criou nada. Ele só podia perverter o que já existia. Como príncipe deste mundo, ele pegou o que havia sido criado por Deus para o bem-estar da humanidade e transformou-o em instrumento de opressão. É da vontade de Deus que existam a ordem e a lei. É uma conquista diabólica que costumeiramente existam leis ruins e ordens tirânicas. Satanás coloca blasfêmias na boca do estado, para que ele proclame "eu sou Deus", e com isso exija lealdade incondicional e total dos seus súditos; da mesma forma como aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro são leais a

Cristo e a ninguém mais. Estes sustentarão os princípios da lei e da ordem a qualquer custo, sem se importar de sofrer as repressivas conseqüências advindas das suas atividades: "Se alguém está destinado à prisão" (BJ) então "irá para a prisão" (BJ); eles não tomarão das espadas para tentar derrubá-lo; esta é "a perseverança e a fidelidade dos santos" (v. 10). Eles também não o adorarão, nem serão convencidos por seus discursos acerca de "patriotismo", nem tampouco lhe darão a bênção clerical que tanto deseja.[13] Reservam para si o direito de criticar, de distinguir continuamente entre o estado de funcionamento adequado *sob* a autoridade divina, e o estado de situação ilegítima agindo *como* se estivesse sob a autoridade divina.

Mas o que dizer acerca da ferida mortal e de sua cura (v.3)? Isso também nós conhecemos. Da mesma forma que as blasfêmias proferidas pela besta representavam, naqueles dias, as pretensões dos imperadores de serem considerados divinos, mas têm também um significado equivalente em cada época, o mesmo ocorre com "a morte e ressurreição da besta". Estas palavras poderiam ser identificadas com uma crendice popular do primeiro século a qual dizia que o imperador Nero voltaria à vida (se não em sua própria pessoa, ele voltaria na pessoa de um dos seus sucessores), mas podem também ser o padrão de algo que se pode ver no campo político em qualquer época da História. Os comunistas costumam ver, em um ponto, a derrota ou o fracasso do seu sistema político e, em um outro ponto, a ressurreição do sistema; desta forma os comunistas se convencem, em suas crenças, de que o comunismo é imortal, de que é a verdade — "Grande é a verdade e ela há de prevalecer". Ao mesmo tempo os oponentes ao comunismo, a extrema direita política, vê que o mesmo acontece com o fascismo. Pode ser que esteja morto, mas ainda não está deitado. Até as democracias liberais — talvez estas mais que as outras — levam os homens a colocarem a fé na besta através do milagre da sua ressurreição. Todo verdadeiro liberal sabe que o corpo de John Brown jaz reduzido a pó em seu túmulo, mas sua alma prossegue avançando. Não se espante com a ferida mortal, pois o bom senso, a democracia e o espírito humano nunca serão prostrados completamente. Assim o resultado é que toda a terra segue a besta com admiração (v.3), cada um tendo a oportunidade de ver como o seu ídolo está sujeito a morrer e, apesar disso, voltar a viver. Todos aqueles, cuja esperança não está depositada no sangue do Cordeiro, não têm esperança nenhuma, a não ser no sistema humano, ao qual, clara ou implicitamente dão o blasfemo nome de Deus; mesmo na sociedade ocidental que ainda preserva um resíduo de cristianismo, onde o valor e a benignidade do espírito humano é que são "adorados, acreditados e venerados", no lugar daquele que nos criou.

A igreja pode esperar sofrimentos quando se decide a questionar estas arrogantes suposições, e criticar os ideais maiores da sociedade em que vive. Os profetas de Baal diziam só o que era correto, e comiam à mesa da rainha; Elias disse o que era errado e por isso foi levado ao exílio no deserto. Mas foi Elias, e não os representantes da religião oficial, que se levantaram em defesa da igreja verdadeira.

E por quanto tempo há de durar esta situação? À besta é concedido o direito "e autoridade para agir quarenta e dois meses", os mesmos "três anos e meio", durante os quais a cidade de Deus e as cortes externas do templo são pisadas pelas nações, ao passo que a igreja sobrevive, apesar dos ataques aos seus membros (v.7), e continua a pregar. [14] Através da história da igreja, então, a besta que emerge do mar estará em atividade, e o povo cristão terá que levar em conta, na sua luta diária, a manipulação do dragão.

6. A Segunda Visão: A Besta que Emerge da Terra (13:11-17)

Vi ainda outra besta emergir da terra; possuía dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão.
[12]Exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença. Faz com que a terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida morta fora curada. *[13] Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens.* *[14]Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta, dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta, àquela que, ferida à espada, sobreviveu,* *[15]e lhe foi dado comunicar fôlego à imagem da besta, para que, não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta.* *[16]A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhe seja dada certa marca sobre a mão direita, ou sobre a fronte,* *[17]para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta, ou o número do seu nome.*

Os versículos 11 a 13 deixam bem claro o que é a besta que emerge da terra. Parece-se com o Cordeiro mas fala como o dragão; coloca-se na presença da primeira besta — outra reminiscência de Elias, que se colocou na presença de Deus (1 Rs 17:1) aguardando ordens e pronto para agir ao comando de Deus e falar com autoridade divina — a segunda besta está relacionada com a adoração, com o aspecto religioso da vida humana; e tem poder para operar milagres, tais como trazer fogo dos céus (Elias novamente, 1 Rs 18). A junção de uma aparência como a de Cristo com uma mensagem satânica, a posição de profeta, seu interesse pela adoração, e o forte apelo dos milagres concorrem para a promoção de uma coisa só: a falsa religião. As

relações entre o homem e seu semelhante, e entre o homem e Deus, são preparadas de antemão no plano divino. A besta que emerge do mar é uma perversão satânica da sociedade, a primeira besta; e a besta que emerge da terra é a perversão do cristianismo, a segunda besta.

Para o que João teria apontado nos séculos subseqüentes da História e dito: "sim, esta é a besta que emerge da terra"? Certamente seria uma religião que de alguma forma encorajaria a devoção ao estado em vez de a Deus, e o faria utilizando-se de meios sobrenaturais (vs. 12 a 14). À primeira vista, parecem ser as características de duas religiões diferentes e mesmo tipos opostos de religião. À nossa direita, vamos encontrar igrejas que trabalham de mãos dadas com o estado, pregando a política dos donos do poder e cruzadas patrióticas. À nossa esquerda, vamos encontrar seitas que se fazem conhecidas através de sinais — não somente os montanistas e os que manipulam cobras, mas também os mórmons com a sua destacada moralidade, e as testemunhas de Jeová com a sua surpreendente assiduidade que atraem os indecisos, levando-os a perguntar-se se de fato não existirá algo de bom nelas.

Mas onde está a besta da terra que combina estas características? Pois a igreja "institucional" geralmente não opera milagres e o "extremismo lunático" das seitas raramente se importa com o estado — algumas até repudiam a sua autoridade completamente. Mas, se refletirmos um pouco, poderemos ver que qualquer igreja, que não seja a igreja verdadeira, demonstra de fato possuir ambas as características de modo significativo. Esta segunda besta promove a adoração da besta que emerge do mar, não necessariamente conclamando ações nacionalistas, mas encorajando os homens a buscar a salvação em sistemas humanos, ao invés de buscarem na graça de Deus em Cristo; as testemunhas de Jeová, apesar de toda independência ao sistema formal conhecido como "o estado" promovem o mesmo tipo de falsa lealdade, que acabamos de mencionar, da mesma forma que a igreja de Constantino sempre o fez. Por outro lado, os meios de persuasão utilizados são sobrenaturais, tanto nas igrejas institucionais como nas mais desconhecidas seitas. O que nestas tem a forma de curas milagrosas e ardor milagroso, nas primeiras toma a forma de um ritual mágico e de emocionalismo. Em outras palavras, onde quer que esta segunda besta se manifeste, ela leva os homens a dizer "esta religião é tão impressionante, que estamos prontos a consagrar nossas vidas para serem salvas pelo sistema para o qual ela nos aponta. "

Religião é, de fato, uma descrição muito restrita para caracterizar esta segunda besta. Ela é, na forma hodierna de expressão, a *ideologia,* seja religiosa, filosófica ou política — que "dá vida" a toda estrutura social humana organizada independentemente de Deus. Ela é "a mensagem". Quando em Apocalipse 19:20 esta besta é rotulada como o falso profeta, o texto nos leva de volta à passagem que descreve profecias falsas em Deuteronômio, e lá encontramos uma advertência, a qual, pela linguagem religiosa utilizada,, aplica-se a qualquer tipo de ideologia: "Quando profeta ou sonhador se levantar no meio de ti e te anunciar um sinal ou um prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio de que te houver falado, e disser: "Vamos após outros deuses", que não conhecestes, e sirvamo-los, não ouvirás as palavras desse profeta" (Dt 13:1-3).

Mas através de mensagens tão enganosas "a imagem da besta" (i. é, da primeira besta, "o sistema") dá a impressão de possuir vida em si mesma, separado da qual, aparentemente, nenhum homem poderá sobreviver (v.15). E da mesma forma que o selo invisível do Espírito confirma a posse divina dos servos de Deus (Ap 7:3), a marca mística da besta confirma todos os que se venderam ao "sistema". O verdadeiro Cordeiro também oferece um sinal para conduzir os homens à salvação. É por isso que a mensagem do cordeiro satânico é tão enganadora. Mas o verdadeiro sinal é o próprio Cristo, sua vida miraculosa manifesta pela igreja hoje, e a verdadeira salvação à qual ele aponta é também ele próprio, o Cristo vivo. Todos os outros sinais e sistemas são a voz da besta.

7. O Número da Besta (13:18)

Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Ora, esse número é seiscentos e sessenta e seis.

O que significa o número da besta? Uma grande quantidade de tinta já foi gasta com esta fascinante, porém desnorteante, questão. Dizem que o número representa o imperador Nero, ou Calígula, ou Domiciano, ou os Césares em geral, ou o Império Romano, ou qualquer outra das muitas soluções propostas. A maioria dos casos está baseada no fato de que tanto em grego quanto em hebraico, assim como em latim os numerais eram representados pelas letras do alfabeto, sendo que as letras dos vários nomes tinham valores numéricos que, somados, atingiam o total de 666.[15] Por exemplo, *qsr nrôn* (maneira hebraica de soletrar "Nero César") pode ser somado da seguinte forma: 100 + 60 + 200 e 50 + 200 + 6 + 50.

Estamos convencidos de que todas estas respostas estão erradas, porque a própria questão está errada. O número não representa nenhuma pessoa em particular, nem tampouco uma instituição; o número representa simplesmente *a besta.*

O sem número de comentários dedicados a explicar o significado do número da besta, como já

mencionamos, cheiram a lamparina e poeira de biblioteca. Já havíamos sentido este cheiro em Apocalipse 8:1 -2, onde até a ERAB, de forma confusa, combina os dois versículos em um mesmo parágrafo. O nosso amigo da lamparina senta-se à mesa no seu escritório, magnetizado pela aparência da página impressa onde lê: "Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora. Então vi os sete anjos que se acham em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas". Partindo daí nosso amigo começa a explicar como as trombetas seguem imediatamente o rompimento do sétimo selo, e como talvez até estejam incluídas nos acontecimentos do sétimo selo, e como talvez a meia hora de silêncio pode ser utilizada para que os anjos com as trombetas tomem suas posições, e vai por aí afora. Tivesse nosso amigo tentado ver as coisas como João as viu, ou ouvir a descrição dos fatos como os cristãos das sete igrejas ouviram, o resultado teria sido diferente. Foram abertos seis selos; então, com o sétimo, veio meia hora de intervalo durante a qual João, certamente, deve ter meditado nas coisas que ele havia visto e ouvido até aquele momento. Não está fora de cogitação que o mesmo tenha acontecido quando a sua carta foi lida em voz alta nas igrejas da Ásia: à medida que o leitor descrevia a abertura do sétimo selo, o silêncio deve ter tomado conta da congregação, que deve ter ficado como que perdida em meio às glórias descritas no capítulo 7. E as trombetas devem ter sido adiadas para o domingo seguinte. Mas o nosso amigo da lamparina segue adiante (apoiado, inexplicavelmente, pela ERAB), bem no momento em que meia hora de meditação silenciosa entre Apocalipse 8:1 e 8:2 teria sido de maior valor, tanto para ele, como para os leitores do seu comentário. Em um momento tentaremos aproximar-nos de Apocalipse 13:18, da mesma forma. Antes de fazer isso, no entanto, gostaria de considerar a frase: "é número de homem" ou "é o número de um homem" (ERC). Paulo usa uma rodada de frases bem semelhantes, diversas vezes,[16] quando ilustra alguma verdade espiritual, utilizando-se, para tanto, de uma analogia tirada da experiência humana. João faz o mesmo com o tempo e com os números. Um exemplo é a duração da época da igreja. Jesus tinha dito que o espaço de tempo entre a primeira e a segunda vindas era assunto do conhecimento exclusivo de Deus: "Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos nos céus, nem o Filho, senão somente o Pai" (Mt 24:36). Não vos compete saber o tempo ou hora que o Pai reservou para sua exclusiva autoridade" (At 1:7). O número real de anos envolvidos é conhecido por Deus, mas não deve ser conhecido pelo homem. De qualquer forma, é dado aos leitores humanos do Apocalipse um número como espécie de código: 31/2 anos = 42 meses = 1.260 dias = a duração da época da igreja. Pode-se pensar que este era um número "humano" apropriado porque corresponde à duração do ministério do Senhor Jesus Cristo. Se for aceito que pouco mais de três anos transcorreram entre o batismo e a ascensão do Senhor Jesus Cristo, então "três anos e pouco" ou três anos e meio seriam um excelente símbolo para o período entre o *batismo* da igreja no dia de Pentecostes, e *ascensão* para encontrar o Senhor quando ele voltar.[17]

Outro exemplo é o número do povo de Deus. O número verdadeiro é segredo divino: Somente "o Senhor conhece os que lhe pertencem" (2 Tm 2:19), e quando João viu a igreja toda, era uma multidão inumerável (Ap 7:9). Mas para a conveniência dos leitores humanos, é dado o número 144.000 como código (7:4).

Um terceiro exemplo pode ser encontrado em 21:17, onde as paredes da cidade celestial medem 144 côvados (provavelmente de largura e não de altura). Isto só pode ser o que o próprio texto diz a respeito, ou seja uma " medida de homem", pois ao contrário da duração da época da igreja e do número total de seus membros, a Jerusalém celestial simplesmente não possui dimensões que possam ser computadas em termos humanos; é dada uma medida humana para que possamos imaginar algo que é absolutamente inimaginável.

É uma maldade realmente tratar a besta e o seu número de qualquer forma diferente. A igreja é representada por figuras (os anciãos, a mulher, as testemunhas) e por um número (144.000). A época da igreja é simbolizada por figuras (a mulher que é preservada, a pregação das testemunhas, as nações ocupando Jerusalém), e por um número (três anos e meio). A falsa religião é simbolizada por uma figura (a besta da terra) e por um número (666). O número 666 não representa Nero, nem Calígula, nem Roma. simplesmente representa a besta, a falsa religião.

E isto é exatamente o que João diz. O nosso amigo da lamparina lê Apocalipse 13:18 de uma só vez — não é um versículo só? — e o interpreta como se fosse uma charada: "Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Ora, esse número é seiscentos e sessenta e seis!' Nosso amigo aceita que o versículo inteiro seja um quebra-cabeça, onde o número 666 é o ponto inicial, e o que é necessário é estabelecer o significado do número 666. Desta forma ele embarca na solene discussão acerca de Nero e de todo o resto. Mas João não disse: "descubra *o significado* do número". Ele disse: "calcule *o número"*. A questão levantada por João vai até o ponto do versículo 18 depois das palavras "é número de homem"; o resto do versículo é a resposta. Quebra-cabeça: que tipo de número você acha que pode ser utilizado para representar a falsa religião? Solução: 666.

Vamos então parafrasear o versículo, como deve ter sido lido aos ouvintes originais. "Deixemos que

aqueles que têm entendimento estabeleçam o número da besta — um número 'de homem', um código como os utilizados para simbolizar a igreja e a época da igreja. Que poderemos nós sugerir?" Que tal algo que parece verdadeiro, mas que não é?" "Um número o mais próximo possível da perfeição, mas que não a alcance?" "E se o símbolo da verdade básica é sete, que tal o número 6 para a falsa religião?" "Seria muito apropriado. De fato, porque a besta em todas as suas atividades está constantemente errando o alvo, o número que João escreve aqui não é somente 6, mas 666." Pode não ter sido exatamente desta forma. Mas esta abordagem parece ser mais coerente com o uso que o Apocalipse faz dos símbolos em geral, do que os vôos fantásticos executados pelo nosso amigo da lamparina e da biblioteca empoeirada.

8. A Terceira Visão: O Cordeiro e seus Seguidores (14:1-5)

Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil tendo nas frontes escrito o seu nome e o nome do seu Pai. [2]Ouvi uma voz do céu como voz de muitas águas, como voz de grande trovão; também a voz que ouvi era como de harpistas quando tangem as suas harpas. [3]Entoavam novo cântico diante do trono, diante dos quatro seres viventes, e dos anciãos. E ninguém pôde aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra. [4]São estes os que não se macularam com mulheres, porque são castos. São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá. São os que foram redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro; [5]e não se achou mentira na sua boca; não têm mácula.

O cenário da terceira visão leva-nos de volta ao Salmo 2. O "enfurecimento" dos gentios, e sua vã tentativa de derrubar a soberania divina foi amplamente demonstrada; agora é tempo de nos lembrarmos que "eu, porém, constituí o meu rei sobre o meu santo monte sião". É aqui, no Monte sião, que ele está e o seu povo encontra-se ao seu redor.[18] Os cento e quarenta e quatro mil são a igreja de Cristo, todos são o povo de Deus.[19] No contexto da visão geral que estamos tendo do Apocalipse, não há nada, nesta passagem, que possa levar-nos a qualquer outra conclusão. Eles são chamados pelos nomes de Deus e de Jesus Cristo; eles são os remidos, e sabem a canção dos remidos; castidade, verdade e pureza caracterizam-nos como santos do Altíssimo. São os seguidores, ou discípulos de Cristo, e os primeiros frutos da sua colheita. Os que seguem o Cordeiro formam a *civitas Dei*, a cidade (ou o estado de Deus, em oposição àqueles que adoram a besta que procede do mar, que formam o estado pervertido de Satanás. Também nestes versículos nada existe que indique que os 144.000 representam somente a igreja triunfante, e que estejamos olhando para o mundo daqueles que já partiram, ou para o futuro. As duas primeiras visões descrevem este mundo e o tempo presente, e a não ser que tenhamos razões para supor o contrário, devemos aceitar que a terceira visão faz o mesmo. Está de acordo com as Escrituras falar da igreja toda, dos mortos e dos vivos, que estão com Deus no Monte sião, que apesar de não ser uma localização terrestre, é uma realidade espiritual (Hb 12:22; Ef 2:6; Jo 4:20-24).

A castidade dos 144.000 tem causado discussões desnecessárias. Como tudo mais, no Apocalipse, é simbólica, especialmente se levarmos em conta que a Bíblia não atribui nenhum valor específico ao celibato e, constantemente, recomenda a instituição do casamento. [20] Em um paradoxo similar, Cristo endossa o que a lei diz acerca do cuidado que uma pessoa deve ter para com seus pais, mas ele também diz que nós devemos odiá-los se queremos segui-lo.[21] Porém nós sabemos o que ele quer dizer. O amor aos pais deve ser de tal forma ultrapassado pelo amor por ele que, comparando-se os dois, o primeiro parecerá ódio. Da mesma forma, Jesus defende a idéia de que é parte essencial do matrimônio a consagração total dos cônjuges, um ao outro (Mt 19:3,6);então ele diz aqui, no versículo 4, que seguir o Cordeiro significa uma consagração tão completa no plano espiritual que, comparada com quaisquer outras vinculações, estas últimas seriam como que inexistentes.

9. A Quarta Visão: Os Anjos da Graça, da Destruição e da Advertência (14:6-13)

Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua e povo, [7]dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas. [8]Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição. [9]Seguiu-se a estes outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem, e recebe a sua marca na fronte, ou sobre a mão, [10]também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. [11]A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem, e quem quer que receba a marca do seu nome. [12]Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus. [13]Então ouvi uma voz do céu, dizendo: Escreve: Bem-

aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham.

A visão de abertura mostrou a parte do mundo controlada por Satanás; o sistema social surgiu na primeira visão e o aspecto religioso na segunda. A terceira, o reverso da primeira, mostrou os membros da sociedade divina, para que esperássemos que a quarta (correspondente à segunda) mostrasse a mensagem dessa mesma sociedade. E isto é exatamente o que encontramos. A palavra "anjo" significa mensageiro, e ele traz uma tríplice mensagem.

O primeiro anjo fala sobre a graça. Ele tem um evangelho para proclamar: boas novas de como relacionar-se de modo correto com Deus. É o evangelho básico, mais básico até do que aquele que foi pregado por Paulo aos pagãos que se encontravam em Listra ou em Atenas[22]; é o evangelho que foi pregado a Adão no Éden, antes que a relação entre ele e Deus fosse arruinada; é o evangelho hipotético com o qual Cristo desafiou o intérprete da lei em Lucas 10:28, quando disse: "Faze isto, e viverás". A primeira parte da mensagem é: "Reconhecei Deus como Criador e Juiz, como o Princípio e o Fim da vossa existência e tudo vos irá bem".

Mas nem tudo vai bem, e o segundo anjo vai dizer por que. A Babilônia a que o anjo se refere tem toda uma cena dedicada a si mesma mais adiante, e por isso vamos discuti-la de modo mais completo no futuro. Por hora é suficiente dizer que a Babilônia nada mais é do que outra figura da besta que emerge do mar, o sistema mundial que está em constante rebelião contra Deus. A mensagem deste anjo é que o espírito da Babilônia contaminou todas as nações e, como resultado, os homens tornaram-se incapazes de responder ao evangelho pregado pelo primeiro anjo; mas apesar de todo o poder que ela tem, ainda assim ela está condenada à completa destruição.

O terceiro anjo traz, portanto, um desafio pessoal. Todo aquele que se identificar com o sistema caracterizado pela besta, Babilônia, partilhará do seu destino e ainda terá que beber "do vinho da cólera de Deus" (vs. 9 a 11); todo o que se identificar com Cristo também compartilhará o futuro do Senhor, experimentando a vida eterna (vs. 12 a 13).

Este é o contra-ataque de Deus a todas as mentiras da besta que emerge da terra, uma mensagem acerca do "pecado, da justiça, e do juízo" (Jo 16:8). É mais razoável supor, neste contexto, que a quarta visão, como as outras três, descreve o que está acontecendo através da história do cristianismo; as duas frases, que parecem indicar alguma data futura, podem ser perfeitamente entendidas como verdades do tempo presente.[23]

Durante todo o período daqueles "três anos e meio" estes quatro poderes estarão em permanente conflito. No livro *Who Moved the Stone?* (Quem Moveu a Pedra?) de Frank Morison, há um capítulo intitulado "Um Paralelograma Psicológico de Forças". E o padrão que encontramos aqui no Apocalipse reflete bem isso. De um lado, o estado, ou melhor, *o sistema* — a raça humana organizada social e politicamente como o dragão a deseja, com as estruturas de poder dispostas de tal forma que os propósitos do dragão sejam sempre alcançados. Depois encontramos, do mesmo lado, as ideologias que existem para justificar o sistema e dar-lhe um aspecto quase religioso, e características místicas. Na posição contrária *às nações* (o mundo que jaz sobre o poder do dragão), encontramos a *nação santa*, uma nação distinta (1 Pe 2:9): a igreja, a sociedade que foi redimida por Deus. No último canto, em oposição às ideologias que formam a força do mundo controlado pelo dragão, encontramos o evangelho da verdade que dá forças à igreja de Deus. Todos os eventos da História podem ser considerados parte do conflito que existe entre essas quatro forças, duas de um lado, e duas do outro; a oposição é real em termos da mensagem e em termos das diferenças que existem entre as sociedades das quais os grupos emanam e nos quais se manifestam.

10. A Quinta Visão: A Última Ceifa (14:14-20)

Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro, e na mão uma foice afiada. [15]Outro anjo saiu do santuário, gritando em grande voz para aquele que se achava sentado sobre a nuvem: Toma a tua foice e ceifa, pois chegou a hora de ceifar, visto que a seara da terra já secou. [16]E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra e a terra foi ceifada. [17]Então saiu do santuário, que se encontra no céu, outro anjo, tendo ele mesmo também uma foice afiada. [18]Saiu ainda do altar outro anjo, aquele que tem a autoridade sobre o fogo, e falou em grande voz ao que tem a foice afiada, dizendo: Toma a tua foice afiada, e ajunta os cachos da videira da terra, porquanto as suas uvas estão amadurecidas. [19]Então o anjo passou a sua foice na terra e vindimou a videira da terra, e lançou-a no grande lagar da cólera de Deus. [10]E o lagar foi pisado fora da cidade, e correu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios.

"A ceifa é a consumação dos séculos" quando os anjos serão enviados para colher tanto os perversos como os justos (Mt 13:30,39). Em contraste com a primeira visão, onde as quatro bestas de Daniel 7 foram fundidas em uma, a quinta visão distribui a ceifa entre quatro personagens distintos: dois para executarem a

ceifa e dois para dizerem quando ceifar. A vindima, que se destina ao lagar da cólera de Deus, e produz grande corrente de sangue, é a ceifa dos perversos; a terra será banhada de sangue, de uma até a outra extremidade (talvez a distância de 1600 *estádios* refira-se ao comprimento da terra de Canaã, aos 360 Km que vão de Dã a Berseba), mas a cidade de Jerusalém será poupada, pois dentro dela não há lugar para tal tipo de imundície (Hb 13:11,12). De acordo com os textos paralelos encontrados nos evangelhos, a outra ceifa, presumivelmente de trigo, é a ceifa dos justos; embora no Antigo Testamento a ceifa seja geralmente um símbolo de julgamento trazido somente sobre os perversos, Cristo falou do ajustamento tanto das sementes boas como das ervas daninhas, e da pesca de peixes bons e ruins (Mt 13:24ss; 47ss).Cada um dos ceifeiros, mesmo aquele "semelhante ao filho do homem" (que aceitamos ser o Senhor Jesus Cristo, apesar de muitos comentaristas discordarem), tem que aguardar a palavra de autoridade vinda de Deus para começar o trabalho, pois "a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão somente o Pai" (Mc 13:32).

Da mesma forma que em Daniel 7, "um semelhante ao filho do homem" veio nas nuvens do céu para pôr fim ao domínio das bestas; aqui o seu aparecimento é o fato decisivo neste conflito cósmico. Durante toda a duração dos *três anos e meio* a tensão continuará a existir entre as duas sociedades, entre os seguidores da besta e os seguidores do Cordeiro, e entre as respectivas ideologias. A questão terminará somente com a ceifa final, quando em uma das mãos (para usar uma figura do Antigo Testamento) a iniqüidade dos amorreus estará completa e, por outro lado, todo Israel estará pronto para ser salvo (Gn 15:16; Rm 11:26).

11. A Sexta Visão: Os Sete Flagelos. Uma Pré-estréia da Quinta Cena (15:1)

Vi no céu outro sinal grande e admirável, sete anjos tendo os sete últimos flagelos, pois com estes se consumou a cólera de Deus. As pragas que serão derramadas pelos sete flagelos seguintes constituem a próxima grande divisão do Apocalipse. A questão agora é se essa divisão (quinta cena) começa aqui em 15:1, ou se João, neste versículo, está visualizando ainda a quarta cena, o "drama da História".

Se a nova divisão começa aqui, isso envolve um sem número de peculiaridades: (1) que a quinta cena começa sem a nota usual de que houve mudança no cenário ou na perspectiva;[24] (2) que quando de fato ocorreu uma mudança de perspectiva, em 15:5, ela não introduziu uma nova cena; (3) que a quarta cena fica com somente cinco visões no lugar de sete; (4) que na abertura da quinta cena há uma canção de triunfo (15:2-4) que se parece muito mais com um clímax do que com um levantar de cortina; (5) que é difícil compreender por que a canção devia ser entoada justamente entre o surgimento dos anjos em 15:1 e o real desenvolvimento das pragas em 15:5.

Se, por outro lado, a nova divisão começa em 15:5 todas essas esquisitices desaparecem. A expressão "vi", em 15:1 e 15:2, introduz a sexta e a sétima visões da quarta cena; a sétima visão (a canção triunfante de 15:2-4) forma o clímax da quarta cena, e a frase "o santuário do tabernáculo do testemunho" introduz a quinta cena. A razão por que a sexta visão é a pré-estréia da cena seguinte é algo que será esclarecido um pouco mais adiante em nosso estudo.[25]

12. A Sétima Visão: A Canção da Vitória (15:2-4)

Vi como que um mar de vidro, mesclado de fogo, e os vencedores da besta, da sua imagem e do número do seu nome, que se achavam em pé no mar de vidro, tendo harpas de Deus; [3]e entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações! [4]Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor?pois só tu és santo; por isso todas as nações virão e adorarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos.

Moisés possui dois cânticos no Antigo Testamento, o primeiro no grande capítulo, Êxodo 15, e o segundo em Deuteronômio 32. O último é um cântico de triunfo de maior grandeza; mas o primeiro, apesar de menos abrangente, possui grande profundidade de significado profético, muito pertinente a este nosso contexto. Êxodo 15:1 começa com: "Cantarei ao Senhor, porque triunfou gloriosamente". Ele havia esmagado o Egito e salvo Israel. Através dos séculos o grande milagre da libertação é relembrado através da morte anual do Cordeiro Pascal; e na plenitude dos tempos, após a morte do Cordeiro de Deus, o verdadeiro Israel será resgatado, e o verdadeiro Egito completamente destruído. O cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro são o mesmo. É errado dizer que o êxodo foi a libertação "real" ao passo que a cruz e a ressurreição são a libertação "espiritual somente". É melhor dizer que a libertação espiritual realizada por Cristo é a verdadeira, ao passo que o êxodo é uma libertação "histórica somente". O Êxodo foi apenas uma representação no palco da História do que Cristo alcançou, da mesma forma que o crime cometido pelo rei-ator na peça *Hamlet*, é uma dramatização — dramática nos dois sentidos — do que o Rei Cláudio tinha feito de verdadeiro na História.

É possível, como se notou no caso da terceira visão (o Cordeiro e seus seguidores), interpretar esse tipo de visão como um quadro da situação presente, e não apenas uma esperança futura. O triunfo de Cristo e seu povo data do tempo de sua vida, morte e ressurreição. Não obstante parece mais natural, já que consideramos o drama da História nas visões de 1 a 4, e o fim da História na quinta visão, considerarmos a sétima visão como um vislumbre do que está além da História após a volta de Cristo, e a derrota final da besta. Parece ser esta a interpretação de Charles Wesley, pois um hino seu diz:

"O mundo, com pecado e Satanás,
Opõe-se, em vão, à nossa marcha,
Contigo tudo *venceremos*,
E a canção de Moisés entoaremos. "

Apocalipse 15:5—16:21

Quinta Cena:
Punição para o Mundo:
O Derramamento dos Sete Flagelos

A Unidade do Drama!

Já foi explicado, em conexão com Apocalipse 15:1, por que (em nossa análise) a quinta cena não começa naquele versículo, mas aqui, em Apocalipse 15:5. A pergunta que permanece é por que, se as coisas são de fato assim, deveria haver uma pré-estréia da quinta cena envolvendo os anjos-flagelos, antes que a quarta cena chegasse ao fim? A razão não é tão óbvia. A circunstância não é, no entanto, sem paralelo e dois exemplos semelhantes a este lançarão luz sobre por que isso deveria acontecer nas visões de João.

a. Exemplos

Jerusalém, a cidade Santa de Deus, e a Babilônia, cidade que se encontra em perversa oposição, terão agora a sua primeira aparição própria. O nome Babilônia apareceu pela primeira vez, quase desapercebido, em Apocalipse 14:8, no meio da quarta cena. Uma das quatro grandes forças que estão em conflito através dos séculos é o que chamamos de idelologia da fé cristã, a qual está sintetizada na quarta visão da quarta cena, como uma mensagem de graça, de destruição e de advertência. A segunda parte dessa tripla mensagem é a declaração da queda da Babilônia, a cidade "que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição". Se a sua ruína significa a ruína de algo mencionado antes, na quarta cena, é muito provável que o candidato que melhor "se encaixa" como representante da Babilônia seja uma, ou ambas as bestas. A segunda vez que o nome Babilônia aparece é em Apocalipse 16:19, já no final da quinta cena, onde o desastre final e o fim da História são descritos. À medida que as cidades das nações entram em colapso, somos informados de que *a grande cidade* também cai: o Senhor lembrou-se da Babilônia.

É logo depois dessas duas menções que a Babilônia aparece por si mesma. A sexta cena é dedicada inteiramente a ela, mostrando a sua queda e uma série de outras coisas.

Mais perto do final da sexta cena, Jerusalém é introduzida como rival e sucessora da Babilônia (Ap 19:7). Novamente no final da sétima cena, já mais além do fim da História, Jerusalém aparece descendo de Deus, vindo dos céus (Ap 21:2). Estas duas cenas são a pré-estréia da oitava cena, a qual (juntamente com a sexta cena e a Babilônia) é dedicada inteiramente a ela (Jerusalém).

Faz parte do procedimento geral, qualquer que seja o seu significado ou finalidade, que os anjos-flagelos que, da mesma forma, têm uma cena inteiramente dedicada a eles, aparecem em pré-estréia perto do fim da quarta cena, antes que sua própria cena, a quinta, tenha início.

b. Conclusões

Essas considerações confirmam o que já expressamos anteriormente: o arranjo do Apocalipse não é cronológico,[1] e o que cria a unidade do drama não é a continuidade dos eventos. No final da quarta cena é dito que a Babilônia caiu; no final da quinta cena ela é informada da vingança de Deus, e aparece ruindo; na sexta cena, ela está, ao menos no princípio, vivíssima. Assim, fica mais claro do que nunca que a ordem das cenas vistas por João não é, de forma alguma, a ordem lógica dos eventos por elas descritos. O que mantém a unidade do drama certamente não é uma narrativa cronológica dos acontecimentos.

As cenas estão unificadas de uma forma muito mais sutil do que esta, como se perceberá quando a

relação entre elas for seguida através dos três temas que acabamos de mencionar: os anjos-flagelos, a Babilônia e Jerusalém.

A quarta cena diz respeito ao perene conflito espiritual da História. As quatro visões que descrevem as quatro forças combatentes precisam ser suplementadas por uma quinta que mostra que Deus controla tudo, e que não permitirá que o conflito prossiga indefinidamente. Deus agirá quando o campo estiver maduro. E sua ação será tratar finalmente com os seus oponentes; porque ele não é somente um Deus "longânimo e misericordioso", mas também um Deus que "não inocenta o culpado" (Êx 34:6-7). Ele deve ser reconhecido como o Deus que pune o mal. Assim a sexta visão pertence aos anjos da punição dos flagelos. Este é o tema assumido quando a quarta cena termina, o qual forma o assunto central da quinta cena.

A mesma coisa acontece com respeito à Babilônia. A sociedade e a filosofia representadas pelas duas bestas são o que, no tempo devido, será chamado de Babilônia. O fato dela estar arruinada desde o princípio forma uma parte essencial da mensagem cristã, a qual é, em si mesma, uma das forças que se opõem a ela (quarta cena, quarta visão). Quando a visão dos anjos-flagelos, nesta mesma cena, é ampliada para constituir uma cena, a Babilônia aparece novamente pronta para a punição (quinta cena, sétimo flagelo). Assim, tendo sido introduzida dessa forma, parece apropriado que ela tenha uma cena que lhe seja totalmente dedicada.

A sexta cena descreve cada aspecto de carreira dela, até a sua ruína, e a última referência a ela diz respeito à sua sucessora, a Cidade Santa de Jerusalém (sexta cena, sétima palavra). A sétima cena segue com uma recapitulação das realidades básicas, o "drama por trás da História", e desse ponto de vista Jerusalém também aparece no clímax do drama (sétima cena, sétima visão). O que vem descrito na oitava cena encontra-se além do tempo e da História. Tanto a Babilônia quanto o dragão já desapareceram. A noite acabou e a manhã raiou. As sete seções de todas as sete primeiras cenas são mescladas em um deslumbrante panorama de eternidade. "Pois eu mergulhei no futuro, mais além do que o olho humano pode ver..!' Mas João, devido à natureza do seu caso, pôde ver muito além do que o poeta,[2] e o que ele viu foi Jerusalém, a cidade Santa, ocupando a totalidade da oitava cena, com a qual, no devido tempo, encerraremos este livro.

1. Abertura da Quinta Cena: Por Trás do Véu, a Inescapável Ira de Deus (15:5—16:1)

Depois destas coisas olhei, e abriu-se no céu o santuário do tabernáculo do testemunho, [6]e os sete anjos que tinham os sete flagelos saíram do santuário, vestidos de linho puro e resplandecente, e cingidos ao peito com cintas de ouro. [7] Então um dos quatro seres viventes deu aos sete anjos sete taças de ouro, cheias da cólera de Deus, que vive pelos séculos dos séculos. [8]O santuário se encheu de fumaça, procedente da glória de Deus e do seu poder, e ninguém podia penetrar no santuário, enquanto não se cumprissem os sete flagelos dos sete anjos. [16:1]Ouvi, vinda do santuário, uma grande voz, dizendo aos sete anjos: Ide, e derramai pela terra as sete taças da cólera de Deus. O santuário que foi aberto no princípio da quarta cena é novamente aberto agora. Mas não é bem o mesmo. Não é que há dois santuários: pois embora o santuário represente sempre o lugar onde Deus está, há diferentes maneiras dele *estar*. Em um certo sentido, Deus está em todos os lugares. A quarta cena mostrou uma batalha cósmica, e o cenário que foi revelado quando a cortina se abriu foi a do seu santuário em um sentido muito amplo: a totalidade da sua criação. Em outro sentido, o religioso, existem circunstâncias peculiares nas quais ele promete encontrar-se com o homem. No tempo de Moisés era o tabernáculo: "Ali virei aos filhos de Israel" (Êx 29:43). É como uma confrontação desse tipo com que a quinta cena se envolve. Dessa forma não é somente o santuário, mas o santuário neste sentido especial, que abre a cena da qual emergirão os sete anjos-flagelos.

O tabernáculo ficou conhecido desde os dias mais antigos como "o tabernáculo do testemunho" ou "a tenda da congregação" (Êx 38:21; 33:7). O primeiro nome significava que dava testemunho da presença do caráter de Deus, principalmente de sua santidade. A tribo de Levi, especialmente chamada para esse serviço, cuidava do tabernáculo e acampava ao redor dele: "...o estranho que se aproximar morrerá—mas os levitas se acamparão ao redor do tabernáculo do testemunho, para que não haja ira sobre a congregação dos filhos de Israel" (Nm 1:51,53). O segundo nome significava que aquele era o lugar onde Deus, apesar de estar presente em todos os lugares, efetivamente tornava visível a sua presença. A coluna de nuvem e fogo repousou sobre o tabernáculo desde o primeiro dia em que foi eregida (Nm 9:15). Este era o lugar onde Deus se encontraria com o seu povo. O seu caráter, porém, era o mesmo: santidade. A nuvem não estava somente sobre o tabernáculo, mas estava dentro dele: "A glória do Senhor encheu o tabernáculo" (Êx 40:34-35). Naquela primeira gloriosa demonstração da presença real de Deus no meio do seu povo, até mesmo Moisés, que tinha falado com Deus face a face no monte sinai, ficou impossibilitado de entrar na tenda.[3]

Mas na quinta cena do Apocalipse a santidade de Deus é algo terrível. O medo invade a cena, não o espanto e a reverência sentidos por Moisés, por Salomão e por Isaías quando viram a glória do Senhor encher a casa, mas sim terror puro e simples. Esta atmosfera é despertada, desde o princípio, pela forma como os anjos estão vestidos, e pelas taças que receberam. Longe de ser sombria, a aparência deles é resplendente

como a do seu Senhor em Apocalipse 1:13ss. Eles irradiam a "luz inacessível" na qual Deus habita (1 Tm 6:16), "luz como sólidos blocos de agudez e peso intolerável".[4] Os oponentes de Cristo não conseguem tolerar uma investida de tal bondade e pureza.

As taças que os anjos levam estão cheias da ira do Deus que *vive* pelos séculos dos séculos, e "horrível coisa é cair nas mãos do Deus *vive?*' (Hb 10:31). significa que embora nossas vidas possam terminar com uma grande pancada ou com uma chicotada desferidas por Deus, a vida dele continua impassível. A bomba cai, a fumaça se dissipa, a poeira se assenta — e ele ainda está lá. Ou, como outra possibilidade, o mundo agitado se dissipa, a febre pela vida se esvai, a nossa última obra está terminada, nós olhamos para diante, para a tão desejada paz e, no entanto, ele ainda estará lá para nos confrontar. "Não temais os que matam o corpo e, depois disso, nada mais podem fazer. Eu, porém, vos mostrarei a quem deveis temer: Temei aquele que depois de matar, tem poder para lançar no inferno" (Lc 12:4-5). Isso é o que podemos chamar de clássica história de terror, onde você foge da coisa que teme, refugia-se atrás das suas barricadas para finalmente convencer-se de que o medo encontra-se trancado dentro de você. É a perseguição celestial, uma perseguição só de julgamento e não de misericórdia. "Quem dentre nós habitará com chamas eternas?" (Is 33:14).

Estes são os flagelos do santo e vivo Deus; eles são sete, como sete eram aqueles que Israel pediu que fossem derramados sobre os gentios (SL 79:12) e com os quais o próprio Israel foi ameaçado caso desobedecesse (Lv 26:18ss), porque eles representam a plenitude ou, antes, a *realidade* do castigo divino. E da mesma forma que "desde o céu pelejaram as estrelas contra Sísera" (Jz 5:20), aqui a natureza é o agente da ira de Deus e, conseqüentemente, um dos quatro seres viventes que provê efetivamente os flagelos que os anjos irão derramar. "Ele armará a criação para punir seus adversários", assim diz o livro judeu da Sabedoria (5:17 BJ).

2. O Primeiro Flagelo: A Terra é Atacada (16:2)

Saiu, pois, o primeiro anjo e derramou a sua taça pela terra, e, aos homens portadores da marca da besta e adoradores da sua imagem, sobrevieram úlceras malignas e perniciosas.

As trombetas causaram tribulações parciais objetivando trazer à sensatez aqueles que sobrevivessem. Constituíam a advertência de Deus. Os flagelos derramados das taças são totais porque a oportunidade para o arrependimento estava esgotada. Todos os que não foram selados como seguidores do Cordeiro são marcados de forma irreversível como adoradores da besta e todos eles, não somente um terço, irão sofrer. Não são mais advertências, mas sim, punições.

A passagem bíblica clássica de santidade trazendo um flagelo sobre os pecadores encontra-se em 1 Samuel 5, quando a arca dos israelitas, capturada pelos filisteus, causou epidemias em cada uma das cidades dos filisteus para onde foi levada. Aquele capítulo em muito nos ajuda a compreender este. Podemos até ironizar o pânico crescente dos filisteus à medida que a arca causava uma infecção que se estendia progressivamente desde Asdode até Gate e de Gate até Ecrom, porque sabemos que essa história terminou com um final feliz. A praga dos tumores foi uma advertência à qual eles deram ouvidos. Apocalipse 16 é, no entanto, uma cena de terror completo. Ele nos relembra as pragas do Egito muito mais do que a dos filisteus, onde o faraó egípcio endureceu o coração e foi prontamente destruído. Assim também acontecerá com os seguidores da besta. Eles recusaram as advertências e devem sofrer as conseqüências.

3. O Segundo Flagelo: O Mar é Atacado (16:3)

Derramou o segundo a sua taça no mar, e este se tornou em sangue como de morto, e morreu todo ser vivente que havia no mar. O segundo flagelo diz respeito ao mar, da mesma forma como a segunda trombeta e, olhando mais para diante, compreenderemos que apesar dos efeitos dos flagelos serem diferentes dos das trombetas, as duas cenas ocorrem paralelamente. A terra, o mar, os rios e os céus são abalados, de cada vez; primeiro temos o tormento, depois a destruição e finalmente o mundo não existe mais.

O que acontece com o mar, no segundo flagelo e na segunda trombeta, faz-nos lembrar a primeira praga do Egito. O resultado aqui é particularmente desagradável e, novamente em contraste com a trombeta, é total e não parcial. Os sofrimentos derramados das taças são direta e imediatamente dirigidos sobre a vida propriamente dita; eles não são como as trombetas, advertências de uma economia decadente ou de um meio ambiente deteriorado. Os pecados dos homens voltam-se contra eles próprios.

4. O Terceiro Flagelo: Os Rios São Atacados (16:4-7)

Derramou o terceiro a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue. [5]Então ouvi o anjo das águas dizendo: Tu és justo, tu és e que eras, o Santo, pois julgaste estas coisas; [6]porquanto derramaram sangue de santos e de profetas, também sangue lhes tens dado a beber; são dignos disso. [7]Ouvi do

altar que se dizia: Certamente, ó Senhor Deus, Todo-poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos.

Lendo o texto fica evidente que o anjo do terceiro flagelo não é o mesmo chamado anjo das águas. Este último e, talvez, o representante, no nível espiritual, das fontes e rios da terra, da mesma forma que temos visto anjos representantes das igrejas (1:20), anjos dos ventos e do fogo (7:1; 14:18), bem como o arcanjo Miguel como representante da nação de Israel. Assim sendo, é notável que sua reação aos flagelos da ira de Deus não reflita dor. Pelo contrário, reflete o reconhecimento da justiça divina. Já notamos que as taças foram entregues aos anjos por um dos quatro seres viventes, representantes da natureza. É como se a natureza, mesmo sabendo que sofreria quando do derramamento das taças, estivesse disposta a apresentar-se completamente submissa para suportar qualquer coisa que o seu criador desejasse fazer para cumprir o seu plano de julgamento.

A última aparição do altar foi na segunda cena, quinto selo, quando os santos perseguidos clamaram ao Senhor pedindo que defendesse suas causas. A primeira parte da resposta de Deus àquela oração foi enviar, no lugar de punição, uma advertência com as trombetas da terceira cena. Mas agora a sua resposta se completa literalmente com uma vingança. Assim, vozes representando tanto o mundo de Deus como a igreja de Deus falam com aprovação de sua retidão e justiça, e a merecida retribuição dada aos seus inimigos.

5. O Quarto Flagelo: O Céu é Atacado (16:8,9)

O quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe dado queimar os homens com fogo. [9]Com efeito, os homens se queimaram com o intenso calor, e blasfemaram o nome de Deus que tem autoridade sobre estes flagelos, e nem se arrependeram para lhe darem glória. Os pecadores que não se arrependeram quando o sol escureceu são agora punidos mediante a intensificação do calor do sol. O escurecimento eles podiam perceber e ignorar; quanto ao calor eles nada podem fazer a não ser senti-lo. Nessas circunstâncias a presença de Deus é reconhecida, mas somente para ser blasfemada e não para ser reverenciada. Já observamos como são semelhantes os planos da terceira e da quinta cenas. Quanto mais nítida se torna a semelhança entre uma e outra, mais nítida se torna que a relação entre as duas não é de seqüência. Se a linha de interpretação seguida até o presente momento recomenda a si mesma, torna-se quase impossível encaixar os sete flagelos dentro dela como uma seqüência de eventos que deverão ainda ocorrer nesta ordem, isto é, algum tempo depois dos eventos da quarta cena. A relação entre as cenas não é cronológica, é lógica. Muitas e muitas vezes a tribulação varrerá a face da terra (os selos); Deus adverte que sempre que alguém causar sofrimento será punido (as trombetas). Caso sua advertência caia em ouvidos surdos, no final os perversos serão punidos (os flagelos).

6. O Quinto Flagelo: O Tormento (16:10-11)

Derramou o quinto a sua taça sobre o trono da besta, cujo reino se tornou em trevas, e os homens remordiam as línguas por causa da dor que sentiam, [11]e blasfemaram o Deus do céu por causa das angústias e das úlceras que sofriam; e não se arrependeram de suas obras. Para cada cena, dos selos em diante, a quinta seção trouxe um elemento a mais: "não somente...mas...! "O mundo não sofrerá somente conquista e escassez, conflito e morte, nem mesmo a igreja será poupada — este foi o quinto selo. Para advertir os homens dos perigos do pecado, Deus não somente interfere no meio ambiente, no comércio, nas fontes de matéria-prima e na visão dos homens, mas também envia enfermidades como gafanhotos para atormentar a vida dos homens: esta foi a quinta trombeta. Há quatro grandes forças espirituais envolvidas na batalha cósmica da História, porém é Deus quem tem nas mãos o triunfo: esta foi a quinta visão. Assim também ocorre nesta cena. Deus punirá os homens que não se arrependerem através da terra e do mar, através da água e do fogo, mas ele fará mais do que isso. Quando o quinto flagelo é derramado, todo o sistema humano é lançado em completa desordem; caem trevas, como na nona praga do Egito.

Existem poucas visões no Apocalipse que inspirem maior assombro do que esta do quinto flagelo. O trono da besta é, de alguma forma, o maior golpe de Satanás. Ele invadiu toda a estrutura da sociedade humana, levando-a para longe do propósito inicial de Deus, pervertendo-a para satisfazer seus próprios fins. O resultado é o "mundo", a organização da sociedade humana, alienada de Deus. Este "mundo" é cópia da sociedade de Deus, a igreja. É o reino da besta em oposição ao reino de Cristo, e um dos quatro grandes poderes no conflito cósmico da quarta cena. E é sobre isto — sobre esta imponente estrutura, fruto do triunfo laborioso do dragão, sobre este reino coroado com o trono, e com o trono ocupado pela besta — que o quinto flagelo é derramado; e daí é a confusão. Quando uma sociedade alienada de Deus — que se levantou tão orgulhosamente contra ele e contra a sua igreja, e que declarou ser capaz de produzir uma alternativa viável - demonstra ser incapaz disso, fica então provado de maneira inexorável que Deus tinha razão. O livro de Daniel, que foi testemunha do Deus verdadeiro no meio de um sistema mundial pagão dos seus dias, está

repleto desta mensagem: "Que o altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer" (Dn 4:17,25, 32). Ele vê a estátua representativa dos grandes impérios esmiuçados em fragmentos "como a palha das eiras no estio" (2:35); a grande árvore que era Nabucodonozor, da Babilônia, foi derrubada (4:14); o reino de Belsazar foi contado e acabado (5:26). Ele tem visões de bestas, iguais às bestas do Apocalipse, que são grandes e poderosas, até que o seu domínio seja retirado (7:12).

Ainda assim, aqueles que carregam a marca da besta não se voltarão para Deus. Eles sofrerão, mas de modo nenhum em silêncio, e lançarão a culpa em Deus. Mas aqueles que são selados como seguidores do Cordeiro saberão o que está acontecendo quando o sistema começar a quebrar, quando (e aqui tomo emprestado o título de uma história de E.M. Forster) "a máquina parar", e eles orarão "santificado seja *o teu* nome; venha o *teu* reino, seja feita a *tua* vontade, assim na terra como no céu".

7. O Sexto Flagelo: A Destruição (16:12-16)

Derramou o sexto a sua taça sobre o grande rio Eufrates, cujas águas secaram para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do lado do nascimento do sol. [13]Então vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs; [14]porque eles são espíritos de demônios operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande dia do Deus Todo-poderoso. [l5](Eis que venho como vem o ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para não andar nu, e não se veja a sua vergonha.) [l6]Então os ajuntaram no lugar que em hebraico se chama Armagedom. Existem problemas nesta seção e as respostas dadas aqui talvez não satisfaçam a todos. Ao menos elas representam uma tentativa e têm a mesma linha de pensamento que vem sendo seguida até aqui.

Versículo 12: sabemos que o Eufrates é a região de onde a destruição vem (terceira cena, sexta trombeta). Presumimos que, como a cavalaria da sexta trombeta, os reis do leste representam forças de destruição, seja lá como for que essas forças apareçam na experiência real. A água abrindo-se para dar passagem a homens é lugar-comum na história bíblica e na profecia.[6]

Versículo 13: sabemos que o dragão é o diabo e que a besta é o mundo, ou o estado alienado de Deus (quarta cena). Presumimos que o falso profeta seja a segunda besta, aquela que procede da terra, e encontraremos essa confirmação comparando 13:14 com 19:20. A razão por que as coisas inspiradas por esse terrível trio se parecem com sapos não foge daquela dada pelo próprio João: que os sapos, nos tempos bíblicos, eram considerados animais impuros. Mas ainda permanecem perguntas não respondidas. Os reis do versículo 14 parecem ser reis, literalmente, ou, ao menos, governantes; mas se eles são reis, será que podemos dizer que a mesma palavra, no versículo 12, tem um sentido mais metafórico? Não deveriam "os reis que vêm do lado do sol nascente" ser, na realidade, poderes políticos, emergindo do continente asiático? Utilizando a analogia das cenas anteriores se entendemos que os flagelos descrevem a punição que Deus *sempre* envia quando suas advertências são ignoradas, perguntamos por que é dada, à punição do sexto flagelo, a data do fim dos tempos — o grande dia do Deus Todo-poderoso, quando Cristo voltará tão inesperadamente como um ladrão? (vs.14,15) E mais, qual é o significado de Armagedon, "o monte de megido"? Esse monte, poucas milhas ao sul da moderna cidade de Haifa, contempla do alto a encruzilhada de algumas das mais importantes rotas do Velho Mundo e como a "encruzilhada do Oriente Médio", testemunhou muitas das mais cruciais batalhas da História. Escritores de ficção científica, os apocalípticos do século XX, estão bem familiarizados com este tópico, e o "papa" deles, H.G. Wells, escreveu recentemente uma história intitulada "A Vision of Armageddon" (Uma Visão do Armagedom); será que, como proclama a "escatologia" fictícia, esta guerra será a última, a final? A interpretação que se segue é oferecida como uma tentativa de alinhar este texto com o significado geral do livro.

O derramamento do quinto flagelo puniu todos os que não se arrependeram, com as tribulações de uma sociedade que perdeu as engrenagens. As coisas vão muito mal quando o reino da besta funciona de forma apropriada; porém, quando alguma engrenagem se perde ou pára, as coisas são infinitamente piores. O sexto flagelo é o próximo e último estágio da punição divina, e nele os propósitos de Deus e de Satanás convergem de forma macabra. Tendo visto que a sua tentativa de perverter a sociedade humana falhou Satanás diz: "Se não posso mais, perverter, destruirei"; e ele, e a besta, e o falso profeta inspiram os reis da terra, já incapazes de manter o inconstante balanço da paz, a um frenesi de destruição mútua. Os armamentos são multiplicados, os exércitos marcham e os homens morrem — não os seus parentes, mas eles mesmos; pois da mesma forma que a sexta trombeta foi a última advertência, trazendo a morte *ante* seus olhos, o sexto flagelo é a última punição, trazendo a morte para eles. Mas enquanto Satanás diz: "Eu destruirei", Deus diz: "você vai mesmo". O propósito de Satanás é conquistar o poder; o propósito de Deus é executar a sua justiça. O resultado é o mesmo: Armagedom.

O Armagedom é, portanto, o fim. Quando "o grande dia do Deus Todo-poderoso" vier, os poderes deste

mundo defrontar-se-ão de forma súbita com o Senhor que rejeitaram, vindo tão inesperadamente quanto a citação de suas palavras que aparecem neste capítulo, no versículo 15. Essa batalha será a última: o tormento no quinto flagelo será seguido pela destruição no sexto, assim como as trevas que cairam sobre o Egito foram seguidas pela morte, na noite da primeira Páscoa.

Mas mesmo que o sexto flagelo se refira principalmente ao último dia, não podemos esquecer-nos de que a qualquer momento que a destruição venha sobre o pecador não arrependido, esse é para ele o "último dia", o fim do seu mundo, e a confrontação final com Cristo, o qual vem sempre como um ladrão, quando é menos esperado pelos homens.

8. O Sétimo Flagelo: O Mundo Não Mais Existe (16:17-21)

Então derramou o sétimo anjo a sua taça pelo ar, e saiu grande voz do santuário, do lado do trono, dizendo: Feito está. [18]E *sobrevieram relâmpagos, vozes e trovões, e ocorreu grande terremoto, como nunca houve igual desde que há gente sobre a terra; tal foi o terremoto, forte e grande.* [l9]*E a grande cidade se dividiu em três partes, e cairam as cidades das nações. E lembrou-se Deus da grande Babilônia para dar-lhe o cálice do vinho do furor da sua ira.* [20]*Toda ilha fugiu, e os montes não foram achados;* [2l]*também desabou do céu sobre os homens grande saraivada, com pedras que pesavam cerca de um talento; e, por causa do flagelo da chuva de pedras, os homens blasfemaram de Deus, porquanto o seu flagelo era sobremodo grande.* Os trovões e os relâmpagos, que eram parte da abertura da segunda, da terceira e da quarta cenas, acompanham o clímax da quinta cena. Os terremotos também tinham ocorrido em outras partes como sinal da presença de Deus (sexto selo e sexta trombeta). Este terremoto, descrito como o maior jamais conhecido, foi assunto de uma profecia de Ageu (2:6), que foi mais tarde explicada em Hebreus 12:26-27. "Ainda uma vez por todas farei acabar não só a terra, mas também os céus." Ora, esta frase "Ainda uma vez por todas" significa a remoção dessas coisas abaladas, para que o que não foi abalado permaneça. O derramamento do sétimo flagelo remove o tempo e a História, e os substitui pela eternidade. Quando aquele dia vier, não são somente as ilhas e as montanhas da terra criada por Deus que desaparecerão. As cidades, a civilização, que é a conquista do orgulho humano inspirado por Satanás, também entrarão em, colapso. A "grande cidade" é, sem dúvida, a Babilônia, o símbolo da estrutura satânica. O Senhor se lembrara dela, ela que agora diz no seu coração: "Deus se esqueceu"[7] e que sob a intensidade da tormenta divina será desintegrada: "A saraiva varrerá o refúgio da mentira (Is 28:17). Com isso, a punição divina "estará feita" (v.17). O sexto flagelo traz a destruição total; o sétimo traz a extinção total.

Apocalipse 17:1—19:10

Sexta cena:
Babilônia, a Meretriz:
Sete Palavras de Justiça

A Identificação dos Símbolos

A sexta cena é, ao mesmo tempo, uma das mais simples e uma das mais obscuras partes do livro. O leitor que está esperando — esperando em vão — a identificação dos símbolos utilizados na linguagem, encontra mais deste tipo de linguagem aqui do que em qualquer outro lugar: o tipo de coisa que encontramos em 17:15: "As águas que viste ... são povos, multidões, nações e línguas". Mas não há como negar que a forma pela qual essas identificações parecem encaixar-se com o mundo real produzem outras dificuldades. Os comentários sugerem, por exemplo, que "as sete cabeças são sete montes" (v. 9) porque a besta é o Império Romano, a cidade das sete colinas; e os sete reis aqui descritos (v.10) são os imperadores romanos que vão desde Augusto até Tito.[1] Porém existem razões por que sugestões deste tipo, que parecem verdadeiras, de uma determinada perspectiva, são completamente insatisfatórias de outra. Pois essas sugestões não tratam de certas questões mais profundas da mente, que nem sempre são formuladas, e nem faladas.

a. Dificuldade no Método de João

Duas dessas questões há pouco mencionadas, que começam como meras impressões no estudo da porção anterior do livro, são melhor focalizadas aqui na sexta cena, e são confirmadas quando se relê tendo-as especialmente em mente.

1. *Por que identificações são tão esporádicas!* Entre; os destaques da visão de Cristo na primeira cena,

que o leitor pode ter achado enigmático à primeira vista, estão os sete castiçais e as sete estrelas (1:12, 16). Porém o leitor não é deixado em dúvida. Os símbolos são identificados pelo anjo que falou primeiro a João: .."As sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas" (1:20). Quão benéfico seria, agora, se existisse um comentário angélico correndo por todo o livro dando explicações semelhantes a esta! "Conte-nos agora a parábola da árvore da vida, e a do maná escondido, e a da pedrinha branca e a da chave de Davi, e a do templo. Isso com respeito apenas a primeira cena. Depois, pedidos de explicações dos anciãos, das criaturas vivas, dos pergaminhos selados, dos cavaleiros, dos 144.000 da segunda cena, e assim por diante.

Mas, de fato, o próximo exemplo claro do uso de "isto = aquilo", depois das estrelas e dos candeeiros de 1:20, é um exemplo isolado em 4:5 : "sete tochas de fogo, que são os sete espíritos de Deus" (definição que, por si mesma, é um enigma); daí para frente as identificações perdem-se, tomando formas variáveis, com apenas um aglomerado razoavelmente numeroso aqui na sexta cena, como já notamos.

Este é um método literário insatisfatório. O autor deveria saber se estava escrevendo uma alegoria ou um mito, e sendo assim deliberadamente não identificaria nada, deixando o leitor adivinhar o significado; ou então deveria proporcionar uma chave para a compreensão, tal como nos livros de estudo de uma língua estrangeira, que trazem um vocabulário nas últimas páginas. Nunca, porém, este procedimento de deixar tudo a esmo.

2. Por que a Alegoria é Tão Incoerente? A primeira identificação, a dos candeeiros e estrelas com as igrejas e seus anjos, é o ponto de partida para outra seqüência de pensamento. Certamente *candeeiro* significa *igreja* e presumivelmente um é o símbolo e a outra a realidade; por que, então, a visão introdutória da primeira cena mostra o símbolo (1:12), e na ação principal da cena Cristo continua a tratá-la por realidade (3: :22)? Bunyon conseguiria escrever melhor, não misturando assim as categorias; ele não descreve o Papa Gigante como bicho-papão em uma página e como igreja em outra. Por que o princípio é ignorado por João (ou, ainda mais, por Aquele que faz a revelação a João; pois quanto mais alto o conceito que temos da autoria do livro, mais inexplicável se torna a obra de má qualidade?

B. Uma Tentativa de Solucionar esses Problemas Em muitas ilusões óticas um único desenho pode parecer ser duas coisas diferentes, dependendo do ângulo do qual se olha para ele. Os símbolos do Apocalipse podem também ser abordados de mais de uma maneira; pode ser que alguns problemas relacionados com os símbolos surjam simplesmente porque não estamos olhando para eles como João desejaria que olhássemos. Sejamos claros, em primeiro lugar, com o que João queria dizer com a palavra *mistério* (17:5), e poderemos ver mais claramente o que suas propagadas "identificações" realmente significam.

1. *"Mistério".* Um estudo superficial do uso que o Novo Testamento faz da palavra *mistério* é suficiente para mostrar que não abrange o sentido usual moderno de "quebra-cabeça". É realmente algo oculto, mas não se pode descobrir o sentido seguindo uma série de pistas; pelo contrário, é uma verdade que, ou você conhece, ou desconhece, dependendo de ela ter sido, ou não, revelada a você. A quem a verdade começou a ser revelada, ela nunca mais será segredo; mas ao estranho sempre será. Os *mistérios* do Novo Testamento são segredos abertos a todos os cristãos. O "mistério de Cristo", mencionado em Efésios 3:3 - 6, é uma verdade que estava escondida aos homens "em outras gerações", mas que "agora foi revelado aos seus santos apóstolos" e Paulo, por sua vez, escreveu resumidamente sobre ela aos efésios; esse mistério é, em uma sentença, que "os gentios são ... co-participantes das promessas em Cristo Jesus" juntamente com o antigo povo de Deus, os judeus. Para Paulo e seus leitores isso não era mais segredo.

Bem, é fácil aceitar que esta palavra tem este significado bíblico especial, diferente do sentido que nos é tão familiar nas histórias de detetive e nas reportagens de jornais. Mas estudando este singular livro do Apocalipse, no qual *mistérios*, no sentido contemporâneo, são encontrados em cada página, é fácil esquecer esse fato, e ler como se, quando João usou a palavra "mistério", ele estivesse querendo dizer "quebra-cabeça". Assim, apesar de sabermos que João não quis dizer isso, a nossa tendência — o que é compreensível — é ler 1:20 da seguinte maneira: "quanto ao mistério (quebra-cabeça)... os sete candeeiros são as sete igrejas (solução do quebra-cabeça)".

Isso, apesar de sustentado pela ERAB , não constitui o que João quis dizer. As versões mais antigas põem um ponto final na metade do versículo 20, o que nos permite lê-lo como duas declarações separadas, que podem ser parafraseadas da seguinte maneira: Aqui "está o mistério dos sete candeeiros (eles não representam o quebra-cabeça dos castiçais, nem os explicam; o que eles representam é um complexo da verdade divina que pode ser chamada por este nome)". Eu os chamo de 'os sete candeeiros', apesar, é claro, de poder chamá-los de 'as sete igrejas', já que ambas as palavras se referem à mesma coisa. *2. "Identificação".* Veremos, de acordo com este ponto de vista, que 1:20b não pode ser considerado

estritamente como uma identificação. Se assim fosse, João — ou o anjo — estaria; falando acerca de um símbolo, "um candeeiro", o qual representa uma realidade, uma "igreja". Isso, como já começamos a ver, pode ser um mal entendido, provavelmente baseado em uma suposição não mencionada (que sabemos ser incorreta), na qual "mistério", no versículo 20a, significa "quebra-cabeça", e que "candeeiros (igrejas)", no versículo 20b, são a resposta para o quebra-cabeça. Mas o que o anjo está dizendo ao identificar os *candeeiros* com as *igrejas,* não é que um é símbolo, e o outro é o que o símbolo *realmente* representa. Ele está dizendo que há duas coisas que correspondem uma á outra, sendo igualmente verdadeiras de diferentes perspectivas.

Que justificativa há para tal sugestão? Mais do que se poderia supor a princípio.

O capítulo 21 propõe dois outros símbolos para a igreja: "vem, mostrar-te-ei a noiva... e me mostrou a santa cidade" (21:9-10). Mas serão, de fato, símbolos? Pois a igreja é, na realidade, uma república de cidadãos: *cidade* é certamente algo mais do que um mero símbolo. Além do mais, a leitura de Efésios 5, onde o relacionamento entre marido e esposa é comparado ao de Cristo e sua igreja, faz-nos pensar qual é o "arquétipo" e qual o "éctipo", qual o original e qual a cópia. E se o casamento de Cristo com a igreja é o arquétipo, do qual todos os casamentos humanos não passam de cópias imperfeitas, quem pode dizer que, do ponto de vista celestial, *noiva* não pode representar uma realidade, em um sentido que não podemos alcançar, como *cidade* ou *igreja?*

Voltemos agora ao capítulo 11, o qual descreve a outra grande cidade, aquela na qual as duas testemunhas de Deus pregam, morrem e voltam a viver. É "alegoricamente chamada de Sodoma e de Egito", e é ainda o lugar "onde também o seu Senhor foi crucificado" (11:8). Mas qual é a realidade por trás desses nomes alegóricos? A posição que assumimos antes[2] é que elas representam o mundo hostil em geral; mas eram também locais geográficos cada uma, no seu próprio tempo, que hospedaram sociedades que desafiavam a Deus. Se identificarmos símbolos colocando-os entre aspas, Apocalipse 11 diz que "Sodoma" significa o mundo; mas Gênesis 19 diz que "o mundo" significa Sodoma. Qual é a verdade, e qual é a alegoria?

Um último argumento é fornecido pelas referências no Evangelho de João acerca de Cristo como o verdadeiro pão, o verdadeiro vinho e assim por diante.[3] A palavra *verdadeiro* cristaliza todo o argumento. significa que Cristo é pão *verdadeiro,* pois ele é o único que pode satisfazer a *verdadeira* fome do homem. Mas se você aceitar isso, o que você estará afirmando? Visualize a última ceia: Cristo assentado à mesa e, sobre ela, um pão. Qual é o pão *alegórico!* Qual o *real!* A resposta é óbvia, podemos pensar. Mas a resposta que João dá a estas perguntas, em 6:32, é inesperada: para ele o verdadeiro pão é a pessoa e não o objeto. "Alimentar", a maior qualidade do pão, pertence, na mais pura essência, ao Cristo; a mesma qualidade pertence ao pão sobre a mesa apenas de forma secundária. O mesmo ocorre com o simbolismo do casamento. Se a "noiva" é um símbolo, o que isso significa? Que a igreja é a verdadeira noiva da qual toda a noiva humana é uma fotografia ou cópia; e que a noiva que João vê no Apocalipse 21 é a noiva *verdadeira, e não o símbolo.* Da mesma forma, se Sodoma é um símbolo do mundo, o que João vê em 11:8 é a verdadeira Sodoma; pois a realidade não é a antiga cidade da planície onde Ló morava. É um mero símbolo. A realidade é o sistema mundial, do qual aquela Sodoma é uma ilustração.

O que acontece, então, com a nossa identificação original? Se os candeeiros simbolizam as igrejas, o que João viu foram sete *candeeiros de verdade,* isto é, os arquétipos celestiais dos quais todos os candeeiros da terra são meras cópias.[4] Em 1:20b "os candeeiros são as igrejas"; temos, então, não uma explicação acerca de um termo simbólico por um verdadeiro, mas uma afirmação de que estes dois termos, que são igualmente verdadeiros, são simplesmente auto-permutáveis.

c. Como Resolver Dificuldades Gerais

Veremos imediatamente como estas sugestões nos ajudarão a compreender melhor diferentes aspectos já observados.

À medida que consideramos versículos tais como 17:9-12, 15 e 18 como uma espécie de limites absolutos, explicando o significado verdadeiro da linguagem simbólica, devemos considerar: (1) por que, nesta passagem, recebemos meia dúzia de explicações, as quais estão ausentes em outras passagens igualmente obscuras, e (2) por que João utiliza um método tão incoerente, misturando verdade e simbolismo, como se estivesse tentando misturar água e óleo. Mas assim que conseguimos nos libertar da noção de que "o mundo em que vivemos é a pedra de esquina da realidade, e que a verdade do mundo espiritual, sendo menos palpável é, portanto, menos real", conseguiremos ver que João está dando não explicações, mas sim, equivalentes. Ele não está interessado em dizer que "candeeiro", que nós não entendemos, significa "igreja", que nós entendemos. Pelo contrário, ele tenciona dizer verdades sobre os candeeiros, sobre a noiva, sobre a cidade, sobre a igreja, sobre os vinte e quatro anciãos sobre os 144.000, e sobre a multidão que ninguém

podia contar; o significado dessas coisas todas devia ser conhecido por nós através do restante das Escrituras, e João apenas nos relembra, de passagem, que todas essas coisas correspondem umas às outras e são diferentes descrições de uma mesma coisa.

d. Como Resolver as Dificuldades da Sexta Cena Se esta interpretação for aplicada aos problemas particulares da sexta cena, muitos deles também desaparecerão.

Vamos tomar como exemplo a frase "as sete cabeças são sete montes... são também sete reis" (17:9). Geralmente aceita-se que as cabeças da besta, na qual a mulher está assentada, simbolizam realidades geográficas (fácil: as sete colinas de Roma), e que também são símbolos de realidades históricas (não tão fácil, mas com a manipulação dos fatos podemos listar sete imperadores romanos quase que consecutivos que se encaixem com perfeição no período em questão).

Porém, se nosso raciocínio está certo, esta identificação deveria ser interpretada de outra forma. Em primeiro lugar, consideramos a besta de sete cabeças de 13:1 como o mundo alienado de Deus, e o dragão de sete cabeças de 12:3 como o princípio deste mundo, o diabo. Um deles, ou a combinação deles, é provavelmente a besta que sustenta a Babilônia, a prostituta, em 17:3. A seguir, propusemos que a utilização do número 7 (sete) representa a essência de uma coisa; assim, utilizando uma expressão moderna, as *sete cabeças* representam a *Cabeça* (com "C" maiúsculo); e consideramos esta Cabeça como sendo um símbolo de força.[5]

Vamos agora ao segundo tempo da equação (cabeças = *montes).* Esta equivalência corresponde a uma impressionante imagem para todos os que conhecem a Bíblia. Não precisamos ir além do livro de Salmos para descobrir o que a palavra significava para os hebreus. Força, novamente, é o que as montanhas representam; a santa montanha de Deus, o Monte sião, supremo (2:1-6, 125:1, 2). São tanto símbolos como fonte deles (30:7; 121:1, 2). Uma forma de expressar a grandiosidade de Deus é dizer que ele é *até* maior do que os montes eternos (76:4); quando Deus se põe a marchar, até os montes tremem (18:7; 114:4-7).

Sobre este princípio, não estaríamos indo longe demais se afirmássemos que o terceiro termo (cabeças = montes = *reis)* pode também ser "real" no sentido há pouco descrito, tanto quanto no sentido mais prosaico de uma sucessão de imperadores romanos. De fato a idéia estaria mais próxima do abstrato conceito de *reino* (ou Reino, já que é um aglomerado de sete!) do que do concreto substantivo *rei.*

Quando, então, é mostrado a João a besta escarlate que sustenta a mulher Babilônia, as imagens que ele evoca são as da Cabeça, da Montanha, do Rei, todas elas, porém, com uma coloração tipicamente diabólica. Há mais o que dizer, é evidente, acerca dos verdadeiros montes de Roma e dos imperadores que lá reinaram na segunda seção desta cena. Não estamos, de forma alguma, rompendo com o tradicional elo de ligação entre as visões de João e a realidade dos fatos; os fatos são personificações concretas da imagem-montanha e da imagem-rei. Porém, antes, guardando em mente a discussão anterior, penetraremos no mistério da Babilônia.

1. Abertura da Sexta Cena: a Primeira Palavra Acerca da Babilônia(17:1-6). *Veio um dos sete anjos que têm as sete taças, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei o julgamento da grande meretriz que se acha sentada sobre muitas águas, [2]com quem se prostituíram os reis da terra; e com o vinho de sua devassidão foi que se embebedaram os que habitam na terra. [3] Transportou-me o anjo, em espírito, a um deserto, e vi uma mulher montada numa besta escarlate, besta repleta de nomes de blasfêmia, com sete cabeças e dez chifres. [4]Achava-se a mulher vestida de púrpura e de escarlata, adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas tendo na mão um cálice de ouro transbordante de abominações e com as imundícias da sua prostituição. [5]Na sua fronte achava-se escrito um nome, mistério: Babilônia, a grande, a mãe das meretrizes e das abominações da terra. [6]Então vi a mulher embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus; e, quando a vi, admirei-me com grande espanto.*

A Babilônia já apareceu em duas ocasiões anteriores, em 14:8 e 16:19. A primeira menção foi na quarta cena, onde estava sendo descrito o conflito cósmico. Lá vimos a ideologia do mal, que exalta o sistema do dragão, alienado de Deus, a uma posição de suprema autoridade, em oposição à ideologia divina, o evangelho eterno; e parte da missão do evangelho é, no dizer do apóstolo Paulo, "destruir fortalezas, anulando sofismas e toda a altivez que se levante contra o conhecimento de Deus" (2 Co 10:4, 5). Este aspecto da mensagem do evangelho é graficamente resumido nas palavras "caiu, caiu a grande Babilônia" (18:2).

A segunda menção ocorreu na quinta cena. À medida que as taças contendo a ira de Deus (os flagelos) atingem o clímax, a civilização ("as cidades das nações") começa a desmoronar, pois a "grande cidade" — a cidade arquétipo, o sistema alienado de Deus — está desmoronando. E lá também encontramos esse sinistro

nome, pois o que se passa é descrito assim: "lembrou-se Deus da grande Babilônia". Assim sendo já vimos não somente o nome, mas obtivemos até algumas alusões acerca do que ele significa. Mas a "Babilônia" é tão importante que toda uma cena do drama é dedicada a ela.

O que ela é? Uma figura de pomposo esplendor. Mas por baixo de toda a fascinação, ela é simplesmente *a grande prostituta.* Nomes de blasfêmia cobrem a besta na qual ela está assentada, mas o que ela escreveu sobre si mesma é: fornicação, fornicação, fornicação. Conhecemos muito bem a raiz no grego desta palavra: *porn-;* e por cinco vezes João a repete[6] não como alguém que a saboreia, mas sim como alguém que em vão tenta se livrar do seu nojento sabor.

Não devemos pensar que o Apocalipse condena a imoralidade sexual como o pecado mais terrível. Na oitava cena encontraremos o oposto da Babilônia, a prostituta: é Jerusalém, a noiva, "a esposa do Cordeiro" (21:9), é a igreja, a cidade de Deus. Lá o quadro relação marital fiel representa algo maior como a união espiritual entre Cristo e seu povo. Usando o mesmo padrão, a fornicação para a qual a Babilônia seduz os habitantes da terra é, como vimos na quarta cena, a adoração ao dragão no lugar da adoração a Deus e não o pecado sexual simplesmente (13:11 -12). "Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele" (1 João 2:15).

A primeira epístola de João diz: "o mundo passa" (1 João 2:17). O *mundo,* no sentido espiritual, representa a sociedade humana organizada independente de Deus e é representada na quarta cena pelas bestas; aqui, na sexta cena, pela Babilônia e sua besta, é algo passageiro como tudo o é no *mundo* físico. A primeira palavra acerca da Babilônia, porém[7], mostra-a em seu poder e glória. Veja-se em primeiro lugar quão *influente* ela é. As águas da Babilônia eram uma verdadeira atração geográfica naquela antiga cidade[8]. Mas aqui elas são um símbolo, cujo significado é dado no versículo 15. Ela está entronizada sobre todas as nações, e tem todos os habitantes da terra e seus reis sob seu poder (vs. 1, 2, 18). Se grandes multidões são submetidas pelos seus ardis, como não devemos nós, indivíduos fracos, manter-nos em alerta contra ela! Agora veja-se quão *perversa* ela é (v.3). O poder que a sustenta é uma criatura com as cabeças e os chifres do dragão (12:3) e da besta do mar. Ela é, portanto, odiada e amada. No entanto veja-se quão *atraente* ela é — pois enquanto João descreve em primeiro lugar a maldade que a sustenta e só depois o seu fascínio (v.4), a alma humilde corre o risco de ser hipnotizada pela beleza antes de notar a besta. Devido a seu grande poder de atração, é necessário que ela seja temida. Mas finalmente João nos mostra quão *repulsiva* ela é; o que a fez embriagar-se é a sua aparente vitória sobre aqueles que testemunham as verdades do cristianismo que ela odeia (v.6). E por essa mesma razão todos os que amam a verdade a abandonarão. Seria tolice subestimá-la. João fica maravilhado, tal qual os habitantes da terra se maravilharam com a besta (13:3). Mas João foi levado para um deserto para de lá presenciar a cena, e o deserto "representa a perene condição de separação que deve existir entre o crente e o mundo ... é do *deserto* que o cristão é capaz de ver a civilização como ela é na realidade"[9]. Feliz é o servo de Deus que vê o mundanismo como ele realmente é, e aplica as palavras do sábio de Provérbios 5 e 7 à mais libertina das *mulheres libertinas,* e aprende a respeitar e a odiar, a temer e a fugir da Babilônia, a prostituta.

2. A Segunda Palavra: O Mistério da Babilônia (17:7-18) O anjo, porém me disse: Por que te admiraste? Dir-te-ei o mistério da mulher e da besta que tem as sete cabeças e os dez chifres, e que leva a mulher: [8]A besta que viste, era e não é, está para emergir do abismo, e caminha para a destruição. E aqueles que habitam sobre a terra, cujos nomes não foram escritos no livro da vida desde a fundação do mundo, se admirarão, vendo a besta que era e não é, mas aparecerá. [9]Aqui está o sentido, que tem sabedoria: As sete cabeças são sete montes, nos quais a mulher está sentada. São também sete reis, [10]dos quais caíram cinco, um existe, e o outro ainda não chegou; e, quando chegar, tem de durar pouco. [11]E a besta que era e não é, também é ele, o oitavo rei, e procede dos sete, e caminha para a destruição. [12]Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam reino, mas recebem autoridade como reis, com a besta, durante uma hora. [13]Têm estes um só pensamento, e oferecem à besta o poder e a autoridade que possuem. [14]Pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os chamados, eleitos e fiéis que se acham com ele. [15]Falou-me ainda: As águas que viste, onde a meretriz está assentada, são povos, multidões, nações e línguas. [16]Os dez chifres que viste e a besta, esses odiarão a meretriz, e a farão devastada e despojada, e lhe comerão as carnes, e a consumirão no fogo. [17]Porque em seus corações incutiu Deus que realizem o seu pensamento, o executem à uma e dêem à besta o reino que possuem, até que se cumpram as palavras de Deus. [18]A mulher que viste é a grande cidade que domina sobre os reis da terra.

Lembremo-nos de que "dir-te-ei o mistério" não significa "eu te darei a chave para o quebra-cabeça"[10]. As "definições" dos versículos 9 e 18, que à primeira vista poderiam parecer ser muitas chaves, possibilitam-nos apenas uma inspeção mais acurada em material de pouco valor para desvendar o enigma representado pela

palavra Babilônia. Mas então temos a própria declaração do anjo dizendo que isto é o que ele não tenciona fazer. Pelo contrário, ele *exibirá o quadro* da Babilônia; esse, como já vimos, é o significado real das palavras. É o *mistério,* e não mistérios, acerca da mulher e da besta; estas estão combinadas em um único quadro. De fato não é fácil separá-las, pois há ambigüidade na Babilônia deste capítulo que se torna manifesta ao tentarmos defini-la em termos de outras visões do livro. Será que ela eqüivale à besta que procede do mar na quarta cena? (13:1). Consideramos que aquela besta representa o *mundo,* no sentido da sociedade humana alienada de Deus; e quando o mundo está ruindo somos informados de que a *Babilônia* está sendo obrigada a sorver o cálice da ira de Deus (16:19). Além disso, encontraremos no tempo devido (na outra cena), que a prostituta será substituída pela noiva, e a Babilônia por Jerusalém; e já que Jerusalém representa a sociedade de Deus, a igreja, a Babilônia provavelmente representa a sociedade alienada de Deus, o mundo. Mas ela pode também ser comparada com a segunda besta da quarta cena, aquela que procede da terra (13:11), que consideramos ser a falsa religião. A primeira besta é a instituição; a segunda é a mensagem. Em apoio a esta comparação devemos notar a semelhança entre a primeira besta e a criatura que carrega a mulher (13:1; 17:3),-enquanto que a atividade da segunda besta é muito semelhante "às seduções e enganos praticados pela própria mulher" (13:12-17; 17:2, 4,18). Talvez este tipo de ambigüidade seja a razão por que a mulher e a besta escarlate formam um único mistério. Elas devem ser consideradas como uma verdade composta, combinando de alguma forma as bestas da quarta cena. João deve aprender algo do seu significado, não mediante explicações feitas a ele, mas fixando a atenção nela de diferentes maneiras. Aqui ele está envolvido no mesmo tipo de processo, como aquele da segunda cena, que lhe mostrou as diversas profundidades da verdade celestial. Naquela ocasião ele viu uma vez os quatro cavaleiros, em outra os quatro ventos, e assim por diante.[11]

Em primeiro lugar sua atenção é dirigida para a besta escarlate, não para a sua aparência, mas para a sua carreira (v.8). Onde foi que já vimos esta seqüência: "estava — e não está — para emergir"? Em primeiro lugar, na primeira cena, como descrição de Cristo: "Eu sou... aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo" (1:17-18). Depois, na imitação satânica da aparição de Cristo na quarta cena, onde a besta do mar aparece, é mortalmente ferida, volta a viver em meio à sua ferida fatal (13:3). A terceira vez que esta série ocorre é aqui na sexta cena. Haverá mais uma ocorrência na sétima cena, onde encontraremos um período no qual o próprio Satanás "não é", por assim dizer (20:1 -3). É um ponto discutível se aqui a besta se encontra fora de ação no mesmo sentido em que Satanás é declarado desprovido de poder lá. O paralelo mais próximo desta passagem que se encontra diante de nós é 13:3, e é muito provável que o tipo de vida, morte e ressurreição sugerido como explicação daquele versículo (ver a pág. 121-122), seja o padrão tríplice que faz com que os habitantes da terra se maravilhem. Eles não conseguem ver que o padrão é quádruplo: pois assim como Cristo viveu, morreu, ressuscitou *e agora vive eternamente,* a besta era, não é, emergirá novamente do abismo, *e irá para a perdição eterna.* Estes, cujos nomes estão "escritos no livro da vida" estão cientes disso. Eles sabem que, não importa quão maravilhosamente bem os poderes das trevas, como os mágicos do Faraó, se comportem macaqueando o poder de Deus, no final Deus será o vencedor.[12] A seguir a atenção é dirigida para a criatura de sete cabeças, e eis que a criatura é um conglomerado de sete montes (v.9). Ambos são símbolos de força, a primeira no sentido de liderança e autoridade e a outra no sentido de solidez e permanência[13]. Segundo a interpretação que estamos seguindo, esta mudança de foco simplesmente revela o poder da besta de um ângulo diferente. Tanto para nós como para os primeiros leitores a menção de sete montes evoca a cidade de Roma. Mas se este foi o objetivo final do autor é uma questão aberta. Olhar para a cena das sete cabeças e ver as sete colinas de Roma é perder de vista a verdade mais profunda da visão. Um olhar mais acurado passará não somente pela cabeça (autoridade), mas também pelo monte (solidez) e se fixará na realidade última (força) a qual está personificada de diferentes formas em ambas as palavras. O fato de que Roma é exemplo de uma cidade em sete montes deve ser tomado como simples coincidência. Isso não significa que é irrelevante ou insignificante, dignifica que, já que os montes tiveram valores estratégicos, desde os tempos pré-históricos, como locais para o estabelecimento de seres humanos, e sendo o número sete tão profundamente arraigado na consciência humana como um número de valor místico, então não nos surpreende descobrir que a cidade visionária e a verdadeira são semelhantes neste aspecto. O terceiro aspecto da besta (vs. 10, 11) é comumente utilizado para localizá-la historicamente, da mesma forma que o versículo 9 parece localizá-la geograficamente. Os sete reis são considerados uma sucessão dos imperadores romanos, e deveríamos poder, conseqüentemente, datar as visões de João durante o sexto reinado, se tão somente pudéssemos determinar quem encabeçaria a lista e quem deveria ser incluído nela! Não existe acordo quanto a isso e, como Caird destaca, "não há nenhuma razão para pensar que os leitores do primeiro século estariam em melhores condições do que nós para identificar os sete; talvez tenhamos procurado o tipo errado de solução".[14] Uma solução alternativa chama a nossa atenção de volta à estátua que Nabucodonozor viu em seu sonho (Dn 2) e que representava quatro impérios sucessivos que vão desde a Babilônia até Roma; se a lista

tivesse que começar no princípio da história de Israel, o Egito e a Assíria precederiam a Babilônia, e Roma seria não o quarto, mas o sexto, ficando o sucessor de Roma (qualquer que seja ele) como o sétimo.[15] Novamente devemos dizer que esses fatos históricos podem muito bem, na providência divina, coincidir com o modelo descrito pelo anjo. Mas, como sempre, o arquétipo é maior do que a sua cópia. Se a cabeça significa autoridade e a montanha durabilidade, o sentido verdadeiro dos sete reis é poder político. Assim os cristãos de *qualquer* século puderam olhar para trás e ver a sucessão dos governantes deste mundo ("cinco ...caíram"), reconheceram a existência de outro poder em seu próprio tempo ("um existe") e esperaram que o sistema continuasse pelo menos por um pouco mais (o sétimo ainda não chegou e, quando chegar, vai durar pouco).

O versículo 11 então funde os dois símbolos e diz que, no que concerne às cabeças da besta como reis, encontramos uma imagem apropriada para a própria besta. A besta é também um rei: "também é ele, o oitavo rei, e procede dos sete", isto é, ele é outro do mesmo tipo dos primeiros. Se aqueles são impérios, a besta é Império com I maiúsculo. O símbolo do Rei é útil aqui, porque não é como a Cabeça e a Montanha, pois sete reis podem ser aqui alistados por João em uma seqüência que exprime as diversas fases da sina e da queda final da besta.

Em quarto lugar a atenção de João é atraída para os chifres, que também são outro símbolo bíblico de força (vs. 12-14). As cabeças imediatamente se transformaram em montes, e os chifres em reis. Os "dez" diferem dos "sete" por serem explicitamente futuros, e porque eles detêm o poder por apenas uma hora (um período muito breve comparado com as simbólicas semanas, meses e anos abundantes no Apocalipse). O apoio unânime que eles dão à besta e sua derrota final pelo Cordeiro são outras características que retomaremos quando da discussão dos versículos 16 e 17.

O agrupamento destes quatro pontos formando a primeira parte do discurso do anjo, o qual tem três pontos ainda por vir (com sete outros costurados de forma camuflada dentro da manga!) faz-nos lembrar de agrupamentos semelhantes em cenas anteriores. O anjo recomeça dando uma quinta olhadela no mistério: as águas embaixo da besta e da mulher (v.15). A identificação delas como uma multidão de nações, como em Isaías 17:12, já foi referida por nós (veja pág. 159).

Em sexto lugar temos mais uma visão do futuro (vs. 16, 17), como que uma pré-estréia mostrando uma profunda divisão nas forças malignas. Os dez chifres da besta voltam-se contra a mulher e a destroem. "Como pode Satanás expelir Satanás?" Como é que pode mesmo? As palavras do Senhor, no entanto, vão adiante e explicam estes versículos: "Se Satanás expele Satanás, dividido está contra si mesmo, como pois subsistirá seu reino?" (Mt 12:25-26). O que esclarece isso mais ainda é o ensino em outra parte das Escrituras onde foi profetizado o levantamento de poderes malignos, os quais por um curto período de tempo (v.12) promoverão a causa da besta com um fanatismo tão forte (v.13), que até mesmo a histórica aliança com a falsa religião será denunciada (v.16), pois ela já não terá utilidade alguma: a mão de ferro será revelada; já não há razão alguma para continuar a usar a luva de veludo. Como geralmente acontece entre revolucionários, os homens de nobres propósitos são substituídos pelos sanguinários. O breve tempo de domínio dos dez leva-nos até ao ponto onde o plano de Deus é completado (v.17); nesta mesma linha, a descrição do Cordeiro que derrota os reis é muito semelhante àquela na qual Cristo obtém a sua vitória final (ver 14; cf 19:11 -16). De fato nós encontramos alusões a um episódio deste tipo em 11:7-13.[16] Este é o tempo da grande rebelião, quando o poder de Satanás será finalmente desmascarado. A besta repudia o seu aliado de antes, a mulher, trocando a persuasão pelo poder puro e simples. Mas, como Cristo diz nas palavras que citamos acima, as coisas estão no estágio do desespero quando cobras começam a engolir cobras. "Se Satanás está dividido contra si mesmo", é porque "seu reino já não pode mais subsistir". Isso é reconfortante. Também é reconfortante saber que mesmo o domínio dos dez reis não está fora do plano de Deus (v.17).

Por último, o anjo dirige a atenção para a própria mulher (v.18). Em que sentido ela é a maior cidade do mundo? Se ela deve ser identificada com uma das bestas da quarta cena, a descrição do anjo nesta cena gradualmente estabelece a identidade da mulher com a segunda besta, a falsa religião, enquanto que a primeira besta daquela cena correspondente à besta escarlate desta. A besta é a instituição, a mulher é a ideologia. Assim a besta, no fim, existirá por direito próprio, sem precisar justificar-se apelando para nenhuma ideologia (v.16), pois, na maior parte da história humana, a ideologia satânica de governo alienado de Deus governa os poderes deste mundo, e os poderes, por sua vez, controlam a raça humana. Nas palavras do Apocalipse, a mulher está entronizada na besta e a besta sobre muitas águas.

3. A Terceira Palavra: A Queda da Babilônia (18:1-3)

Depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande autoridade, e a terra se iluminou com a sua glória. [2]Então exclamou com potente voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e

detestável, [3]pois todas as nações têm bebido do vinho do furor da sua prostituição. Com ela se prostituíram os reis da terra. Também os mercadores da terra se enriqueceram à custa da sua luxúria.

O primeiro anjo confrontou João com o mistério da Babilônia, e fê-lo encarar, em seguida, vários aspectos da besta e da mulher que estão incluídos nela. Podemos achar, ou não, que assimilamos o significado do seu longo discurso (17:7-18), porém será que assimilamos a sua ameaça? O leitor que não se sentir assustado, sequer começou a entendê-la. O "poder do mal", na ficção satânica barata, não passa de mera pantomima demoníaca, comparada com a descrição da coisa real. O anjo recorre ao dicionário de metáforas para encontrar sinônimos de poder para aplicá-los à besta. Tampouco devemos nós subestimar a capacidade de persuasão da mulher. Podemos reagir ao fascínio de 17:4 com um estremecimento — "Que baixeza, que mau gosto!— porque isso é o que pensamos que as pessoas esperam de nós. Mas, na prática, na vida diária, as pérolas, a púrpura e o cálice de ouro exercem uma poderosa fascinação. O mundo *é* poderoso, sua mensagem *é* atraente, e nós bem sabemos o que é estar hipnotizado pelo olhar gelado de uma cobra, como acontece com os pássaros.

Essa é a razão por que o feitiço precisa ser quebrado por uma voz de maior autoridade ainda. O segundo anjo vem do céu, com uma glória mais resplendente e com uma voz mais poderosa do que a que descreveu a Babilônia, para novamente declarar aquela parte vital da mensagem divina que reafirma a queda final da mulher.[17] É a mensagem que o dedo de Deus escreveu, certa vez, durante a história da Babilônia: "Contou Deus o teu reino e deu cabo dele" (Dn 5:26). Quer seja o totalitarismo repressivo, quer o capitalismo decadente com o qual o cristão tenha de conviver, devemos nos lembrar de que nem a mulher, nem a besta, estarão para sempre no poder, apesar de todo o simbolismo da expressão "montes eternos"; e de que um dia o poder universal que hoje eles detêm será apenas um pesadelo que já passou.

4. A Quarta Palavra: O Julgamento da Babilônia (18:4-20)

Ouvi outra voz do céu, dizendo: Retirai-vos dela, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados, e para não participardes dos seus flagelos; [5]porque os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou dos atos iníquos que ela praticou. [6]Dai-lhe em retribuição como também ela retribuiu, pagai-lhe em dobro segundo as suas obras, e, no cálice em que ela misturou bebidas, misturai dobrado para ela. [1] Quanto a si mesma se glorificou e viveu em luxúria, dai-lhe em igual medida tormento e pranto, porque diz consigo mesma: Estou sentada como rainha. Viúva não sou. Pranto, nunca hei de ver! [8]Por isso em um só dia sobrevirão os seus flagelos, morte, pranto e fome, e será consumida no fogo, porque poderoso é o Senhor Deus que a julgou. [9]Ora, chorarão e se lamentarão sobre ela os reis da terra, que com ela se prostituíram e viveram em luxúria, quando virem a fumaceira do seu incêndio, [l0]e, conservando-se de longe pelo medo do seu tormento, dizem: Ai! ai! tu, grande cidade, Babilônia, tu poderosa cidade! pois em uma só hora chegou o teu juízo. [11]E sobre ela choram e pranteiam os mercadores da terra, porque já ninguém compra a sua mercadoria, [l2]mercadoria de ouro, de prata, de pedras preciosas, de pérolas, de linho finíssimo, de púrpura, de seda, de escarlata, e toda espécie de madeira odorífera, todo gênero de objeto de marfim, toda qualidade de móvel de madeira preciosíssima, de bronze, de ferro e de mármore, [13]e canela de cheiro, especiarias, incenso, ungüento, bálsamo, vinho, azeite, flor de farinha, trigo, gado, ovelhas, e de cavalos, de carros, de escravos, e até almas humanas. [14]O fruto sazonado, que a tua alma tanto apeteceu, se apartou de ti, e para ti se extinguiu tudo o que é delicado e esplêndido, e nunca jamais serão achados. [15] Os mercadores destas coisas que, por meio dela, se enriqueceram, conservar-se-ão de longe, pelo medo do seu tormento, chorando e pranteando, [16]dizendo: Ai! ai! da grande cidade, que estava vestida de linho finíssimo, de púrpura e de escarlata, adornada de ouro e pedras preciosas, e de pérolas, [17] porque em uma só hora ficou devastada tamanha riqueza. E todo piloto, e todo aquele que navega livremente, e marinheiros, e quantos labutam no mar, conservaram-se de longe. [18]Então, vendo a fumaceira de seu incêndio, gritavam: Que cidade se compara à grande cidade? [19]Lançaram pó sobre as suas cabeças e, chorando e pranteando, gritavam: Ai! ai! da grande cidade, na qual se enriqueceram todos os que possuíam navios no mar, à custa da sua opulência, porque em uma só hora foi devastada. [20]Exultai sobre ela, ó céus, e vós, santos, apóstolos e profetas, porque Deus contra ela julgou a vossa causa.

A queda da histórica Babilônia, em 539 a.C, marcando o fim do império caldeu ou neo-babilônico, é objeto de várias profecias do Antigo Testamento. O anjo seguinte faz ecoar suas palavras acerca da Babilônia mística. Profecias paralelas podem ser encontradas em Isaías 13, 14, 17, Jeremias 50, 51 e Habacuque 2, onde encontramos muitas das características de Apocalipse 18: o orgulho e a luxúria da Babilônia, o cálice de ouro com o qual ela embriaga as nações, suas perversões e os castigos conseqüentes; sua súbita destruição, a desolação absoluta que dela resulta e o terror de todos os que dependiam dela; as advertências para que o povo de Deus não se envolva com o pecado dela nem com a sua penalidade. Um versículo singular, nestes capítulos, chama a Babilônia de "monte que destróis" (Jr 51:25). Isso nos faz lembrar que

estamos no reino do simbolismo, pois a Babilônia era a planície das planícies das nações da terra, e sua capital estava situada, nas palavras do próprio Jeremias, "sobre muitas águas" (51:13). Os afluentes do Eufrates representam bem as muitas nações sobre as quais a Babilônia dominava. Roma, por outro lado, situava-se sobre sete montes, provavelmente indicando a força e a (aparente) durabilidade do seu império. Não deveria, portanto, surpreender-nos o fato de Ezequiel 27 e 28 trazerem uma outra profecia que em muitos aspectos nos lembra Apocalipse 18. Naqueles capítulos a cidade mencionada é Tiro, o grande porto da costa mediterrânea da Palestina. O império comercial de Tiro servia muito bem como símbolo do terceiro aspecto do *mundo:* sua afluência (vs. 12,13). A própria prostituta é maior do que qualquer uma dessas cidades. Os montes de Roma, os afluentes da Babilônia, os mares de Tiro são chamados para ilustrar diferentes aspectos da mulher. E ela é a característica central da sociedade humana, é a realidade por trás de todas elas. As mercadorias de Tiro, as coisas finas da prostituta, são diariamente exibidas diante dos olhos dos homens. Os pobres desejam um pouco, os ricos desejam mais; todas as nações estão seduzidas por ela. O povo de Deus, porém, há de vê-la no contexto maior, na totalidade do quadro. Eles sabem que Tiro é Roma, é Babilônia, e são despertados pelo versículo 4 para a existência de uma outra cidade de perversão: Sodoma, da qual Ló foi tirado (Gn 19:12ss), e eles podem ver em perspectiva "a fumaceira do seu incêndio" (v.9). Ao contrário do mundano Ló, eles percebem o que se passa, de maneira suficientemente clara para "abandonar a cidade" e para "regozijar-se" por causa do seu julgamento (v.20).

5. **A Quinta Palavra: A Morte da Babilônia (18:21-24)**

Então um anjo forte levantou uma pedra como grande pedra de moinho, e arrojou-a para dentro do mar, dizendo: Assim, com ímpeto, será arrojada Babilônia, a grande cidade, e nunca jamais será achada. [22]E voz de harpistas, de músicos, de tocadores de flautas e de clarins jamais em ti se ouvirá, nem artífice algum de qualquer arte jamais em ti se achará, e nunca jamais em ti se ouvirá o ruído da pedra de moinho. [23]Também jamais em ti brilhará luz de candeia; nem voz de noivo ou de noiva, jamais em ti se ouvirá, pois os teus mercadores foram os grandes da terra, porque todas as nações foram seduzidas pela tua feitiçaria. [24]E nela se achou sangue de profetas, de santos, e de todos os que foram mortos sobre a terra.

O tumulto das águas, quando a pedra é atirada para dentro do mar, dá lugar à calmaria. Isso é bastante impressionante, pois é um fato raro, dentro do livro onde a destruição é normalmente acompanhada por barulhento clamor. Porém é o silêncio que encerra a morte da Babilônia. Com o apagar das luzes da cidade, um temor paralisante cai sobre ela: nunca mais se ouvirá o som de lazer, ou das indústrias, ou das relações humanas. A pedra sucumbe para baixo da superfície e a civilização é como se nunca tivesse existido. A parábola dinâmica da pedra, a cessação da vida comum, e a responsabilidade pelo sangue dos mártires foram denunciadas por Jeremias (51:63ss; 25:10; 51:49). As duas últimas encontram ecos adicionais nos evangelhos (Mt 24:37-42; 23:29-39). E a última é particularmente significativa. O assassino denunciado por Jeremias é a Babilônia. Mas quando Cristo faz a mesma acusação, o nome do acusado é Jerusalém. João reserva este nome para a sucessora da prostituta, a noiva, a cidade de Deus; ele evita utilizar o nome aqui, e também no capítulo 11, ao falar do local onde Cristo foi crucificado. Mas mesmo assim esse é o lugar — a velha Jerusalém — onde reside a responsabilidade pela morte dos servos de Deus. Assim uma quinta cidade, ao lado de Babilônia, Roma, Tiro e Sodoma é assimilida pela imagem da prostituta, indicando uma vez mais que a própria prostituta é uma realidade espiritual maior do que qualquer uma delas.

6. **A Sexta Palavra: O Cântico da Babilônia (19:1-5)**

Depois destas coisas, ouvi no céu uma como grande voz de numerosa multidão, dizendo: Aleluia! A salvação, e a glória e o poder são do nosso Deus, [2]porquanto verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande meretriz que corrompia a terra com a sua prostituição, e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos. [3]Segunda vez disseram: Aleluia! E a sua fumaça sobe pelos séculos dos séculos. [4]Os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes prostraram-se e adoraram a Deus que se acha sentado no trono, dizendo: Amém. Aleluia! [5]Saiu uma voz do trono, exclamando: Dai louvores ao nosso Deus, todos os seus servos, os que o temeis, os pequenos e os grandes.

"Uma como grande voz de numerosa multidão": este som, contrastando com o silêncio de 18:22ss., chega indistintamente através de vastas distâncias, pois novamente nos encontramos na eterna perspectiva da segunda cena. A visão dos cavaleiros invadindo aquela cena (capítulo 6) teria sido insuportável se não tivesse sido dada a João a perspectiva correta para vê-la; assim, em primeiro lugar, foi-lhe mostrada a ordem divina, os círculos celestiais, nos quais até males deste tipo tomam lugar para glorificar a Deus (capítulos 4 e 5). O mesmo ocorre aqui. Vimos claramente, em primeiro plano, a Babilônia do Eufrates, a Babilônia de Jeremias e, por trás, a presença da realidade espiritual, a Babilônia de João, que por um ou dois séculos foi

encarnada na primeira; mas, agora, até mesmo **a** Babilônia espiritual é um mero ator no palco, representando para uma incontável multidão do mundo celestial. O que acontece no pequenino palco, que é o nosso mundo, é obtido gradualmente pelas aclamações daquela imensa audiência que se elevam até o trono de Deus.

Novamente a formalidade de um gráfico pode ser muito útil. No centro vamos imaginar a terra de Deus, sua criação original. Dentro desta terra encontra-se a sua igreja, a nova criação, a que foi nascida de novo. Estes dois aspectos são como círculos concêntricos, um dentro do outro. De baixo procede o poder de Satanás tentando submeter a ambos. Este poder vem como uma voz, uma mensagem, apresentando o mal como a serpente ofereceu o fruto no Éden: "boa para se comer ... agradável aos olhos ... desejável para dar entendimento" (Gn 3:6); a boca que comunica este evangelho satânico é a Babilônia, a prostituta. Através dela Satanás põe em prática seu duplo projeto de destruição dos servos de Deus, o círculo interior, e da corrupção da terra, o círculo exterior. Mas do alto Deus vem em socorro, trazendo salvação para a sua igreja e para o seu mundo, com poder e glória que excedem os da Babilônia. Sua palavra traz julgamento: a Babilônia, a destruidora, é finalmente destruída; e a igreja e o mundo estão seguros para sempre. Não é de se admirar que são ouvidos louvores da multidão de expectadores, e muito mais dos representantes dos maiores beneficiados pela justiça divina: os anciãos, que representam a igreja, e os seres viventes, que representam o mundo.

7. A Sétima Palavra: O Sucessor da Babilônia (19:6-8)

Então ouvi uma como voz de numerosa multidão, como de muitas águas, e como de fortes trovões, dizendo: Aleluia! pois reina o Senhor nosso Deus, o Todo-poderoso. [7]Alegremo-nos, exultemos, e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou, [8]pois lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque o Linho finíssimo são os atos de justiça dos santos.

A sétima divisão corresponde ao final de quase todas as outras cenas, no que nos leva para além do fim da História. Esta cena tratou quase que exclusivamente do mundo alienado de Deus; mas de que aspecto da eternidade se trata se a partir do momento em que a sétima palavra é pronunciada aquele mundo já não existe? A resposta é a rival sucessora da Babilônia. Depois da prostituta, a noiva.

Ao distinguirmos a prostituta da besta que ela montava, bem nos pareceu caracterizar esta como sendo a sociedade alienada de Deus, como instituição, ao passo que aquela simbolizava a ideologia ou a mensagem da outra. A noiva, por sua vez, parece ser uma figura singela que une os dois conceitos, pois representa uma sociedade, sendo uma cópia da besta, bem como uma cópia da prostituta, Jerusalém contra a Babilônia.

A última palavra é, em todo caso, um grito de aclamação numa escala muito maior do que a da sexta palavra, e é proferida na apoteose da noiva. A vinda final do reino de Deus significa a vinda das bodas do Cordeiro, e sua noiva está pronta. Notemos que, quando ela finalmente entra em cena, há um contraste com o que aconteceu antes. Por dois capítulos inteiros a complexa magnificência da prostituta é detalhada. O vestido de bodas da noiva é extremamente simples, e é descrito em metade de um versículo: "de linho finíssimo, resplandecente e puro ... os atos de justiça dos santos". De uma perspectiva ela fez o próprio vestido; ela desenvolveu a própria salvação (v. 7; Fl 2:12). De outra, "foi-lhe dada", pois Deus trabalhou nela (v. 8; Fl 2:13). A segunda representa a verdade mais profunda, e é a que permeia a mensagem de Paulo na epístola aos Efésios 5:25-27 onde ele fala acerca do casamento entre Cristo e a igreja. Tudo é obra de Deus: tanto a destruição da velha Babilônia, na qual a sexta cena se concentrou; como a criação da nova Jerusalém, à qual será dedicada toda uma cena, mais adiante.

8. **Estas São as Verdadeiras Palavras de Deus (19:9-10)**

Então me falou o anjo: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E acrescentou: São estas as verdadeiras palavras de Deus. [10]Prostrei-me ante os seus pés para adorá-lo. Ele, porém, me disse: Vê, não faças isso; sou conservo teu e dos teus irmãos que mantêm o testemunho de Jesus; adora a Deus. Pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia. João agora escreve um *pós-scriptum* da descrição da sexta cena. Da mesma forma que à descrição da prostituta seguiu-se uma breve descrição da noiva (19:8), o prolongado lamento dos devotos da prostituta contrasta com as brevíssimas declarações sobre a bênção com a qual são beneficiados os convidados para as bodas da noiva com o Cordeiro.[18]

A ERAB está correta ao declarar que o Anjo que agora fala com João (v.9) é o mesmo que no princípio introduziu a cena em 17:1. Mas a revelação foi tão avassaladora que João momentaneamente esquece-se de si mesmo e cai em atitude de adoração aos pés do seu interlocutor, mesmo sendo ele um simples anjo. Esta atitude é altamente imprópria, como o anjo também lhe faz lembrar; porém é perfeitamente compreensível. Recordemos o que João viu. Cada nova visão é mais impressionante que a anterior e, de certa forma, a sexta cena ultrapassa todas as anteriores. Cinco tremendas palavras descreveram a pompa e o poder da atividade

satânica no mundo. Mas a Babilônia que essas palavras nos apresentam é uma Babilônia condenada a desaparecer; e a perspectiva das duas últimas palavras é de uma câmera que se movimenta para trás e para cima, para alcançar o exato momento em que a fumaça da destruição da Babilônia é primeiramente percebida pelas hostes de espectadores celestiais (sexta palavra), até a Babilônia sumir completamente de cena (sétima palavra). Não é de se admirar que João seja completamente dominado por um temor reverente. O poder monstruoso do mal que tiraniza o mundo: é a isso que se vai chegar?

"...Jazes tão baixo?
Todas as tuas conquistas, glórias, triunfos,
despojos estão reduzidos a tão pequena medida?" [19]

Ver a Babilônia nesse estado com a perspectiva correta deve afetar completamente a visão que o cristão tem das coisas. Deve restaurar o seu senso de proporção, ao mesmo tempo que a sua segurança, esperança, confiança, coragem e alegria. Torna controláveis os seus problemas.

Os cabeçalhos que utilizamos para esta cena (sete palavras) foram sugeridos pelo fato dela consistir muito mais de declarações do que de visões, como o anjo salienta no versículo 9. Estas palavras, diz o anjo, "são verdadeiras palavras de Deus". João certamente sabia e sentia que o que ela tinha ouvido "mediante as línguas dos homens e anjos" era nada menos do que a palavra do Deus Todo-poderoso; esta foi a razão porque João caiu aos pés do anjo.

O significado da última sentença do versículo 10, no entanto, não salta à vista de imediato. Será que quer dizer que "aquele que tem o espírito de profecia irá testemunhar de Jesus" ou será que quer dizer que "aquele que tem o testemunho de Jesus irá profetizar"? O significado mais aceitável será aquele que melhor se encaixar no sentido geral da passagem. A nossa opinião é que a segunda possibilidade é a que melhor satisfaz a condição. A sentença faz parte da resposta do anjo (e não é uma frase separada como na ERAB). O anjo não permite que João o adore, e quer que João entenda que ambos estão no mesmo nível como servos de Deus. É verdade que o anjo pronunciou palavras às quais João reagiu com grande medo. Mas o próprio João tem "o testemunho de Jesus"; portanto ele também pode profetizar, e tem palavras para proclamar tão impressionantes quanto as do anjo.[20]

Estas palavras estão diante de nós. Estamos atemorizados? Certamente, João não pode adorar o anjo; nem nós tampouco podemos sequer pensar em adorar João, e muito menos o seu livro. Mas aquele que nunca foi tentado não tem nenhuma razão para se orgulhar da sua virtude. A maioria de nós (digo isto para nossa vergonha) raramente tem chegado à distância de um grito de tal tipo de tentação. Abrir os nossos corações a estas palavras poderosas, com abandono tal que o impacto delas nos ponha de joelhos, é algo que deve ser buscado. E então o melhor será nos colocarmos de novo em pé, se o alvo de nosso desorientado louvor estiver muito baixo.

Apocalipse 19:11—21:8

Sétima Cena:
O Drama por Trás da História:
Sete Visões da última realidade

O Milênio

Chegamos, nesta cena, a uma das partes mais difíceis ou, de qualquer maneira, a uma das mais discutidas partes do livro. Veja o que o comentarista tem a dizer acerca de Apocalipse 20, e você terá uma ótima idéia de como ele interpreta o resto do livro. O milênio, os "mil anos", é palpável em cada versículo de 20:2 até 20:7; porém o seu lugar no esquema geral da história cristã é muito menos óbvio. Os intérpretes geralmente se dividem em três blocos quanto a esta questão. Um corte transversal no comentário acerca do milênio, no entanto, revela mais do que o mero problema de onde ele se encaixa. Uma razão por que o assunto é complicado é o fato de estar extremamente cheio de subdivisões às quais será dispensada apenas uma breve referência. Outra razão é que a compreensão do milênio não pode ser alcançada independentemente do estudo do resto do livro, quiçá do resto das Escrituras. Em outras palavras, as três interpretações do capítulo 20 têm não só galhos como raízes. Porém nossa atenção estará concentrada nas últimas.

Mesmo despojado de complicações extras, o problema não pode ser definido sem um bom estudo dos

detalhes. simplificá-lo drasticamente é perder todo o seu conteúdo. Daremos, portanto, no início, atenção a numerosos aspectos que devemos ter em mente.

a. Dados do Problema

Em primeiro lugar, há acordo de que a parousia, a volta de Cristo em glória, foi descrita pelo menos uma vez antes do capítulo 20: muitos diriam que foi imediatamente antes, em 19:11,12, mas mesmo que não tenha sido ali, apareceu em outros capítulos anteriores. Em segundo lugar, o capítulo 21 começa com a descrição da nova era, na qual os variados males do capítulo 20 não mais existem. Em terceiro lugar, entre aqueles acontecimentos nós temos o capítulo 20. Satanás é aprisionado, acorrentado, jogado para dentro e mantido prisioneiro no abismo; durante mil anos ele será incapaz de enganar as nações (vs. 2, 3). Durante o mesmo período os mártires e os santos fiéis vivos viverão e reinarão com Cristo: isto é descrito como "a primeira ressurreição" (vs. 4, 5). No final dos 1000 anos, Satanás é libertado e prepara um último ataque aos santos (vs. 7-9). Satanás é então derrotado e destruído (vs. 9,10); o restante dos mortos ressuscitará e será julgado (vs. 5,12,13); e juntamente com Satanás, a besta, o falso profeta, a morte, o inferno, e todos cujos nomes não se encontram escritos no livro da vida são jogados para dentro do lago de fogo que é "a segunda morte" (vs. 10,14,15). Há uma seqüência lógica, pois os eventos são mencionados de acordo com o tempo em que ocorrem: se antes, durante, ou no fim do milênio. Para recapitular, haverá o aprisionamento de Satanás, o reinado de mil anos dos santos, a última revolta e a derrota de Satanás e então o julgamento e o banimento do mal.

Em quarto lugar, existem vários eventos mencionados em outra parte do Novo Testamento, alguns dos quais ou todos eles, pertencentes ao tempo do fim, e estão, portanto, relacionados de alguma maneira, presume-se, com a seqüência de Apocalipse 20. Esses incluem a propagação mundial do evangelho, a salvação de Israel, a "grande apostasia", a "grande tribulação", a vinda do "homem do pecado" ou Anticristo, e o "arrebatamento" ou remoção dos cristãos "para o encontro do Senhor nos ares" (1 Ts 4:17).

As três diferentes figuras que podem ser montadas pelas peças deste quebra-cabeça são conhecidas como pré-milenismo, amilenismo e pós-milenismo. A razão destes nomes ficará clara tão logo comecemos a considerá-los de forma mais objetiva.

b. Pré-milenismo

O pré-milenismo está arraigado na crença de que a verdade do Apocalipse é basicamente uma verdade literal, em dois aspectos. Em primeiro lugar, a *descrição* deve ser aceita pelo seu valor aparente. Não significa necessariamente um literalismo crasso que envolveria, por exemplo, imaginar Satanás sendo preso fisicamente (uma vez que pensamos ser ele um espírito) com uma corrente de metal de verdade. Mas pode muito bem significar mil anos de forma literal; e certamente o texto quer dizer que Satanás será preso e os santos reinarão de tal forma que o abandono satânico será inconfundível e a autoridade dos santos será manifesta de maneira tal como não foi jamais conhecida. Em segundo lugar, a *seqüência* deve ser considerada como se apresenta. Na ordem da História, o aprisionamento de Satanás acontecerá após a parousia, porque na ordem do livro o capítulo 20 segue-se ao 19. Há pleno acordo que este capítulo (20) é o único lugar nas Escrituras onde a idéia de um milênio depois da parousia parece ser claramente ensinado. Mas levar esta ordem a sério significa que esta seqüência de eventos, apesar de única, tem tanta autoridade quanto o esboço dado, por exemplo, em Mateus 24; portanto não deve ser considerada uma mera ênfase a algumas verdades contidas nos ensinos do Senhor mas e, sim, uma adição extra de verdade, omitida pelo Senhor. O ensino da passagem é *extensivo* e não intensivo.

A interpretação que resulta dessas raízes é, em resumo, como se segue. O retorno de Cristo em poder e glória privará Satanás de todo o seu poder, ressuscitará os cristãos mortos e estabelecerá o reinado dos santos sobre toda a terra. Depois de mil anos, Satanás re-emergirá da sua prisão, e tentará destruir os santos mais uma vez, falhará e se destruirá. Então virá a ressurreição do restante dos mortos, o julgamento do grande trono branco, a destruição final dos perversos e a criação de novos céus e de nova terra. Os eventos do quarto grupo, mencionados acima (aqueles encontrados em outras partes do Novo Testamento: o aparecimento do Anticristo, a tribulação, o arrebatamento, etc), geralmente se considera que ocorrerão antes da vinda de Cristo em poder e glória, e esta vinda vem, por sua vez, antes (pré) do milênio. É daí que procede o nome desta interpretação.

Por causa da interpretação literal, o pré-milenismo está aberto a dois tipos de perigos. A atitude de interpretar o Apocalipse de forma tão ingênua levou, no passado, aos excessos do que ficou conhecido como "quiliasma"[1] que nada mais era do que a expectativa de um "domínio dos santos" completamente materialista, o qual apelava aos piores instintos dos homens. As tentativas de estabelecer as seqüências do Apocalipse de modo tão formalista, por outro lado, e construir com elas uma detalhada cronologia do futuro

pode levar a excessos de outro tipo: prolongados debates sobre se o arrebatamento precede ou não a tribulação, cálculos detalhados acerca do "tempo dos gentios" ou a duração do "pouco tempo", uma visão futurista do livro cuja contribuição para a vida cristã se limita a conferir-lhe um pouco de emoção vicária, ou conduzir a especulação sobre alguns pormenores do dispensacionalismo.[1] Onde o quiliasma prometeu alimentar os estômagos dos famintos, tais tipos de ingenuidade alimentam a vaidade da mente.

Porém o valor positivo do pré-milenismo nos nossos dias é que ele se recusa a tratar o Apocalipse como um livro preso ou ao misticismo particular de João ou às remotas circunstâncias históricas do primeiro século. É bem possível que ele produza uma super-reação contra as velhas noções liberais que fizeram exatamente isso e, como conseqüência, mantém o desafio apresentado pelo livro dentro daquilo que podem alcançar. Mas leva a sério o Apocalipse como mensagem oriunda de Deus para o nosso próprio tempo e para o porvir.

c. Amilenismo

A visão do amilenista surge de uma diferente interpretação sobre em que sentido o Apocalipse é *verdade*. Sustenta que nem descrições nem seqüências podem ser consideradas superficialmente. Há tanta descrição no livro (de fato o próprio livro o declara) mais simbólica do que literal, que ele presume ser esta a regra geral de que João se utiliza, e que a linguagem não metafórica é de fato a exceção. A corrente e o abismo não são literais; provavelmente, então, os mil anos também não serão. Ele ainda tem que decidir, é claro, o que é símbolo e o que não é símbolo e como os símbolos podem ser explicados. Se ele for sábio, ele o fará, não mediante um julgamento subjetivo, mas através de uma comparação com o resto das Escrituras.

Esta é, portanto, a única maneira pela qual ele pode interpretar as seqüências do livro. O pré-milenista acredita em um milênio verdadeiro, o qual, apesar de não ser mencionado em nenhum outro lugar, permanece, contudo, por méritos próprios, baseado em Apocalipse 20 e, portanto, deve ser construído pelo sistema de profecias existente. O amilenista não acredita nisso, e precisa encontrar uma outra forma de encaixar os mil anos, e (novamente, se ele é sábio) tentará fazê-lo utilizando-se do resto das Escrituras.

Vamos ver o que cresce dessas raízes. O Novo Testamento ensina que há somente uma parousia e esta é "o dia do Senhor" o qual porá um fim em todas as coisas. Este "fim" está descrito no capítulo 19, mas os mil anos descritos no capítulo 20, mesmo que venham em seqüência, dentro do livro, devem preceder o capítulo 19 na História; resumindo, Apocalipse 20:1 -6 é uma narração de fatos precedentes. A prisão de Satanás, a primeira ressurreição e o milênio são metáforas que descrevem a situação atual do mundo, cobrindo o período que vai da primeira até a segunda vinda de Cristo. A última revolta do mal está ainda por vir, o que se considera como sendo a preparação para outros eventos preditos, como a grande tribulação e o aparecimento do homem da iniqüidade. Esta terminará com a ruína e o julgamento de Satanás, os quais são descritos não somente em 20:9-15, mas também em 19:11 -21. Deste ponto de vista Cristo retornará sem *(a* -) qualquer milênio do tipo preconizado pelas outras interpretações, isto é, mil anos que são apenas uma seção da história cristã, distinguida em grande parte pelos seus extremos do bem e do mal.

O perigo deste tipo de abordagem é que quando certos símbolos são explicados como verdades gerais eles tendem a perder sua força. As arestas agudas são arredondadas; o imediatismo e a expectativa são niveladas para baixo. O amilenista precisa lembrar-se de que a verdade que ele proclama ver para além das metáforas não são vagas espiritualizações e, sim, realidades exigentes: não algo menor, porém maior do que o conteúdo das suas visões.

De fato, é isto que faz sobressair o valor especial da visão amilenista. O que é mais real: um reino *espiritual* dos santos, que é, de fato, a época da igreja, ou um reinado verdadeiro dos santos na terra depois da vinda de Cristo? O último é concreto, definido, e alimenta a esperança cristã. O primeiro, porém, pelo próprio fato de ser uma generalização, desafia a experiência do cristianismo não ontem e amanhã, mas *hoje*.

d. Pós-milenismo

Vamos supor que você não se sinta capaz de aceitar totalmente nenhuma destas perspectivas. No que diz respeito à seqüência dos eventos, a simplicidade do esquema de tempo do amilenista, com um simples "dia do Senhor" destruindo o mal e trazendo a História ao seu final, parece estar mais de acordo com a objetividade das profecias do Novo Testamento. Você sente que as complexidades do Apocalipse são muito menos uma extensão do esquema básico (como tacos colocados no piso de um quarto) e muito mais uma repetição desse esquema com diferentes palavras (como cobrir com tinta um desenho feito a lápis). Até este ponto, no que diz respeito à descrição do milênio, você se encontra ao lado dos pré-milenistas, esperando por um aprisionamento mais efetivo de Satanás e um *reinado dos cristãos* mais objetivo do que este que o cristianismo através dos séculos parece ter experimentado. Você há de esperar que perto do fim da História haja um período em que o poder do mal seja marcadamente menor e a autoridade da igreja marcadamente

maior, como nunca antes. Você é um *literalista* até o ponto de querer ver Satanás acorrentado e os santos coroados, senão fisicamente, ainda assim de uma forma mais evidente do que a vaga forma *espiritual* de aprisionamento e coroação da qual o amilenista fala. Se este é o modo como você interpreta Apocalipse 20, você é um "pós-milenista". Você leva em consideração mil anos que podem ou não ser mil anos literais, porém certamente é um período especial da história distinguido do resto dela pela maneira como Deus triunfa sobre o mal. Alguns o entendem como referência a progressos no campo social; outros, mais leais à ênfase bíblica, esperam por um grande avanço espiritual, com a conversão de judeus em alta escala (Rm 11:12) e com a pregação do evangelho "por todo o mundo, para testemunho a todas as nações; então virá o fim" (Mt 24:14). Haverá um clímax único para a História, a parousia; e isto terá lugar depois *(pós-)* do milênio.

Qualquer que seja o seu ponto de vista sobre a profecia, todo cristão é otimista, pois sabe que Deus está no controle de tudo. Mas aceitar o pós-milenismo pode torná-lo mais otimista do que tem direito de ser, pois tende a concentrar-se nas promessas de sucesso da igreja e a desprezar as numerosas advertências acerca da tribulação vindoura. O perigo de estar seguro demais de que as coisas estão inevitavelmente indo para cima é que se pode tornar-se complacente e esquecer a urgência da convocação do Senhor para sermos zelosos e para vigiar. O que, todavia, precisa ser dito em favor do pós-milenismo é que, no seu melhor aspecto, coloca diante de nós uma visão bastante inspiradora da igreja, como deve de fato ser, onde todos os membros deveriam compreender o desafio que é a evangelização do mundo. Houve cristãos que pensaram ter visto a aurora da época de ouro nos dias do colonialismo do último século, quando o acesso a continentes até então *nas trevas* foi seguido por um alastrar sem precedentes de benefícios duplos (é como se pareciam então) da civilização e do cristianismo. A influência do pós-milenismo é sensível em muitos dos hinos missionários que herdamos da época vitoriana. A obscuridade do nosso próprio século fez-nos assumir uma visão mais realista das dificuldades da tarefa. No entanto, não devemos desistir de alcançar um ideal, simplesmente porque não conseguimos compreendê-lo.

e. Conclusão

Cada interpretação de Apocalipse 20 pode ter um certo valor espiritual. A pergunta permanece: Qual é o valor que realmente pretendemos encontrar nele? Tendo considerado todas as três, por qual iremos optar? É questão de voltar para inspecionar suas raízes, e de perguntar a nós mesmos não somente qual devemos escolher, mas por quê. Em que sentido entendemos como *verdadeiros* o esboço geral e as frases descritivas do capítulo 20?

No que diz respeito à descrição, a posição deste livro é que a prática utilizada no resto do Novo Testamento precisa ser normativa; e as conclusões de um estudo detalhado (para o qual nos falta espaço) demonstrariam que a igreja apostólica teria entendido a linguagem de Apocalipse 20 como altamente simbólica e, na sua maioria, desvinculada do tempo. O que os primeiros cristãos pensavam ser o valor simbólico daqueles textos será sugerido durante o comentário desta cena. No que diz respeito às partes do capítulo que eles não considerariam desvinculadas do tempo, mas que deveriam ser, de alguma forma, encaixadas dentro de um esquema ou seqüência de eventos, aí também o Apocalipse não deveria permanecer por força própria como uma estrutura independente, mas deveria ser tomado como repetição em uma linguagem altamente colorida da seqüência já suficientemente esclarecida em linguagem não-simbólica nos evangelhos e nas epístolas. A interpretação resultante coloca-se, portanto, ao longo das linhas do amilenismo. Esperamos ter dito o suficiente, durante esta exposição, para recomendar este ponto de vista, que não é nem fora de tom, nem anti-bíblico, e sim um método que procura aplicar o ensino do Apocalipse às necessidades espirituais dos nossos dias.

1. A Abertura da Sétima Cena: A Primeira Visão: O Capitão dos Exércitos do Céu (19:11-16)

Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e verdadeiro, e julga e peleja com justiça. [12]Os seus olhos são chama de fogo; na sua cabeça há muitos diademas; tem um nome escrito que ninguém conhece senão ele mesmo. [13]Está vestido com um manto tinto de sangue, e o seu nome se chama o Verbo de Deus; [14]e seguiam-no os exércitos que há no céu, montando cavalos brancos, com vestiduras de linho finíssimo, branco e puro. [15]Sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerá com cetro de ferro e pessoalmente pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-poderoso. [16]Tem no seu manto, e na sua coxa, um nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES. "Se abriram os céus", diz o profeta Ezequiel no primeiro versículo do seu livro, "e eu tive visões de Deus". Praticamente toda abertura do céu mencionada nas Escrituras revela tais tipos de visões, e o começo da sétima cena do Apocalipse não é exceção. A semelhança superficial entre o cavaleiro do cavalo branco desta cena e o da segunda cena (6:2) é desfeita não somente pelos fatores por nós considerados quando estudamos o capítulo 6, mas pelo cenário diferente das duas cenas também. Naquele, o cavaleiro é

como se estivesse contido dentro do livro selado, livro este que se encontrava nas mãos do Cordeiro, e o Cordeiro permanecia no meio de uma vasta multidão de espectadores. Apesar de todo o espanto que ele provoca, o impacto do cavaleiro é diminuído pela perspectiva das coisas ao seu redor. Neste, porém, o cavaleiro irrompe na cena do drama e imediatamente ela se enche com a sua presença divina.

Sua divindade é anunciada ante nossos olhos por três vezes: no começo, no meio e no fim da visão. O título "Verbo" (v.13) é encontrado também tanto no Evangelho, como na primeira Epístola de João. "Fiel e Verdadeiro" (v.11) e "Rei dos Reis e Senhor dos Senhores" (v.16) ocorreram nos capítulos anteriores do Apocalipse: um na primeira cena e outro na última que lemos (3:14, primeira cena; 17:14, sexta cena). Todos os três nomes pertencem ao Senhor Jesus Cristo. Uma comparação entre esta visão e a descrição de Cristo no capítulo 1 nos mostrará ainda outros pontos de semelhança.

Além dos paralelos que servem para identificar o cavaleiro com Cristo existem outras reminiscências. Seus seguidores, seu cetro de ferro e o pisar do lagar do vinho e do furor de Deus, tudo reaparece da quarta cena (14:4; 12:5; 14:19,20). O joio está sendo ajuntado para ser atado com um memorável nó!

Muito desta linguagem é tirado de fontes mais antigas. Podemos voltar para muito além no tempo da visão de Ezequiel quando ele viu o céu aberto, para a descrição de Isaías 63:1 -6 sobre aquele que manchou suas vestes ao pisar as uvas no lagar, para Isaías 11:3-4 onde alguém julga em justiça e fere a terra, e Salmo 2:8-9 onde as nações são despedaçadas com um cetro de ferro. O todo é um quadro de extremo rigor. Há alguma profecia que aqueça mais o coração do que a que termina em Isaías 11:9 "não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte?" No entanto não é bem no coração desta mesma visão, que apresenta a bondade do Senhor, que lemos a declaração simples de que "com um sopro dos seus lábios matará o perverso" (v.4)? Os dois lados do caráter divino "a bondade e a severidade de Deus" (Rm 11:22) são apresentados de forma plena para todos os que olham para a primeira cena e encontram que é o Fiel e Verdadeiro que irá premiar a igreja de Filadélfia (3:7ss.) e rejeitar a igreja de Laodicéia (3:14ss).

Se estes capítulos do Apocalipse possuíssem um esquema no qual esta passagem se encaixasse, ela poderia ser interpretada como sendo a descrição do Cristo vitorioso cavalgando para combater a sua última batalha. No entanto, devemos mencionar que a própria passagem nada diz acerca de uma *última* batalha. Fora a referência do Salmo 2 ("as regerá"), não existe um verbo sequer no tempo futuro em qualquer destes versículos. Eles não descrevem o que Cristo *vai fazer* e sim o que ele *é:* um Rei conquistador, um justo Juiz, o Capitão dos exércitos do céu. É somente na sua parousia que "todo o olho o *verá"* assim (1:7); mas nunca, nem mesmo quando morreu na cruz, ele *foi* menos do que ele é. Muitas passagens das Escrituras nos animam a crer que o seu exército celestial, o qual inclui a nós e aos anjos, está sendo dirigido hoje mesmo para lutas contra o mal. E que homens estão sendo trazidos mesmo agora ao *julgamento,* ou "Krisis" (em grego) da decisão.[3]

2. A Segunda Visão: a Certeza da Vitória do Capitão (19:17-18))

Então vi um anjo posto em pé no sol, e clamou com grande voz, falando a todas as aves que voam pelo meio do céu: Vinde, reuni-vos para a grande ceia de Deus, [18]para que comais carnes de reis, carnes de comandantes, carnes de poderosos, carnes de cavalos e seus cavaleiros, carnes de todos, quer livres, quer escravos, assim pequenos como grandes.

É quase impossível meditar no Apocalipse sem haver um "silêncio de meia hora" não somente depois do sétimo selo, mas ao final de todas as outras cenas também. Cada cena prossegue para um clímax asfixiante, e nos deixa divagando acerca do que mais poderá ainda ocorrer. Poucas páginas atrás fomos absorvidos pelo encerramento da sexta cena, a estupenda sétima palavra: "voz de numerosa multidão, como de muitas águas, e como de fortes trovões, dizendo; Aleluia! pois reina o Senhor nosso Deus, o Todo-poderoso! ". A cena montada por Handel, baseada neste texto, não passa de um simples eco comparada com a música celestial que ressoa na mente de todos os que tentam imaginá-la.

Ainda assim a sétima cena contém verdades ainda mais concentradas, mais poderosamente traçadas. A primeira visão apresentou uma montagem superposta de Cristo como cavaleiro, tirada de vários pontos das Escrituras; e agora a segunda visão nos revela *"um* anjo" no lugar dos muitos que agiram como *bocas* da verdade divina até aqui. É como se todos eles tivessem sido fundidos em um só, e este está em pé *no sol,* onde toda a luz se concentra em um só lugar. Sua mensagem é que os pássaros do ar podem esperar uma grande festança tão logo a guerra de Deus termine. O significado desta última batalha será considerado na próxima seção; para o momento é importante notar que mesmo que eles se refiram à destruição final dos inimigos de Deus, a segunda e a terceira visões contém uma referência cronológica, a qual (como já vimos) não pode ser realmente encontrada na primeira visão. Mas isto será discutido mais adiante. A mensagem cristalina do anjo, porém, é que o resultado da guerra já foi pré-determinado por Deus. O anjo faz uma paródia macabra do convite para o outro banquete "as bodas de seu filho ... Eis que preparei o meu banquete,

os meus bois e cevados já foram abatidos, e tudo está pronto; vinde para as bodas" (Mt 22:2-4; cf. Ap 19:9). Deus fez os preparativos. Não existe discussão acerca de como as coisas terminarão.

3. A Terceira Visão: os Inimigos do Capitão São Destruídos (19:19-21)

E vi a besta e os reis da terra, com os seus exércitos, congregados para pelejarem contra aquele que estava montado no cavalo, e contra o seu exército. [20]Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta, e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre. [21]Os restantes foram mortos com a espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo. E todas as aves se fartaram das suas carnes. Eis aqui o clímax da guerra em que o campeão de Deus, que surgiu na primeira cena, faz com que a sua campanha chegue ao fim predeterminado, o que foi proclamado na segunda visão.

Aqui, também, entrelaçam-se vários temas de partes anteriores do livro. Da mesma maneira que na pessoa do "Capitão dos exércitos do céu" vimos emergir o mesmo Cristo que vimos freqüentemente em outros lugares, assim nos líderes das forças rebeldes vemos as familiares figuras da besta e do falso profeta. Nós não os conhecíamos exatamentre por esses nomes, mas comparando o versículo 20 com 13:11-18, podemos ver que estes dois são nada mais nada menos do que a besta que procede do mar e a besta que procede da terra, os dois grandes poderes do mal no conflito cósmico da quarta cena. Também os encontramos com roupas diferentes na sexta cena, onde a prostituta e a sua besta demonstraram pelas suas atividades serem outra representação dos mesmos "dominadores deste mundo tenebroso" (Ef 6:12). A quarta cena inclui uma advertência e uma visão prévia da destruição do mal (14:8-11; 17-20); o mesmo tema foi expandido para preencher quase a totalidade da sexta cena; e é novamente apanhado aqui e concentrado em três versículos.

Como em muitas profecias, o quadro nestes versículos é diminuto. Em uma simples sentença ("os dois foram lançados vivos dentro do lago do fogo...") estão condensadas as prolongadas dores de morte da Babilônia, que ocuparam todo um capítulo na sexta cena; e em uma só declaração estão fundidas as destruições de ambos, ao passo que na sexta cena elas foram diferentes: a prostituta foi destruída pela besta (17:16) e a besta pelo Cordeiro (17:14). Mas em certo sentido a síntese aqui apresentada diverge de muitas predições do Antigo Testamento em um ponto. Quando os profetas da antigüidade olharam para o vindouro dia do Senhor, eles não podiam distinguir a distância que existia entre os picos distantes e os montes próximos. Algumas de suas predições diziam respeito ao julgamento do último dia, outras a alguns julgamentos mais imediatos que já se realizaram. Os eventos complexos dos quais a visão de João é uma declaração simplificada não são, no entanto, uma combinação de coisas próximas e remotas; elas pertencem completamente ao último dia. Pois tanto a besta como o falso profeta são os próprios princípios do mal em atividade neste mundo, e quando eles forem atirados para dentro do lago de fogo será o fim da História. É "na consumação do século", Jesus nos diz, que seus anjos "ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniqüidade e os lançarão na fornalha acesa" (Mt 13:40-42).

A terceira visão, então, refere-se ao futuro de uma forma que as outras visões não o fazem. A primeira é eterna: desde os dias da encarnação Cristo é Rei, Juiz e Senhor dos senhores. A segunda é ambivalente: durante todo o tempo tem sido assim, que toda criatura que se opõe a Deus está destinada a perecer, apesar do convite para a festa da comilança referir-se de modo particular ao tempo do fim (ver pág. 184 ss.). A terceira, porém, está colocada firmemente no ponto final da História.

O versículo 20 prediz a derrota final dos poderes sobrenaturais do mal, e o versículo 21, de todos "os restantes". Isso poderia parecer referir-se a homens, em lugar de demônios, que seguiram a besta e o falso profeta, por duas razões: eles são a cópia do exército de Cristo, o qual, como já foi sugerido, tanto pode ser a igreja como as hostes angelicais; e eles são destruídos pela espada que sai da boca de Cristo, a qual entendemos ser a sua mensagem (Ef 6:17; Hb 4:12) — e é para homens e não para espíritos, que a mensagem é principalmente dirigida. Ela promete salvação se eles se arrependerem, e neste caso eles estarão automaticamente arrolados no exército do céu, mas serão destruídos caso se rebelem. A carnificina do campo de batalha descrita aqui é sem dúvida um símbolo, tanto quanto a espada que mata os rebeldes. Mas se aquilo é uma mero símbolo, como será a realidade?

4. A Quarta Visão: o Diabo (20:1-3)

Então vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. [2]Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; [3]lançou-o no abismo, fechou-o, e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto é necessário que ele seja solto pouco tempo.

As controvérsias acerca desta passagem já foram discutidas na introdução desta cena. O que consideraremos

aqui é o significado do aprisionamento de Satanás por mil anos, quando visto no contexto do resto das Escrituras.

Pelo que tudo indica, o milênio certamente ainda não chegou. A televisão, o rádio e os jornais nos relembram diariamente (não com estas palavras) que Satanás está vivo e ativo em nosso planeta. Como se pode dizer que ele está preso e encerrado dentro do abismo? Esta quarta visão deve necessariamente referir-se a algo futuro, tal qual a batalha da terceira visão.

Mas o que, exatamente, é dito aqui, e o que tem o resto das Escrituras a dizer acerca disso?

Em primeiro lugar vamos ao ato: Satanás é seguro e preso. Qualquer que seja a interpretação feita pelos comentaristas ou pelas condições do mundo ao nosso redor, são as palavras de Cristo que devem pesar mais; e é aí, nos ensinamentos de Cristo, que encontramos a outra única referência bíblica acerca do aprisionamento de Satanás. Os evangelhos sinóticos trazem a parábola acerca do "valente, bem armado, que guarda a sua própria casa" de tal forma que "ficam em segurança todos os seus bens".[4] A história prossegue e descreve a vinda de alguém "mais valente", cujo objetivo é saquear a propriedade e os bens do valente. O recém-chegado "vence-o, tira-lhe a armadura em que confiava", diz Lucas, e "amarra-o" dizem Mateus e Marcos. Agora sabemos que esta história foi contada expressamente para ilustrar algo que aconteceu com *Satanás,* e que lhe aconteceu *quando da encarnação.* Com a primeira vinda de Cristo veio também o reino de Deus, e Jesus expelia demônios para provar exatamente isto: que Satanás, apesar de toda a sua força, foi seguro e aprisionado. Podemos ainda questionar o que realmente significava o seu aprisionamento, pois parece que ele continuou em relativa liberdade; não podemos fugir do fato que a mesma palavra e ação, "o aprisionamento", unem Apocalipse 20:2 com Marcos 3:27.

Em segundo lugar, vamos ao objeto: Satanás foi jogado dentro do abismo "para que não mais enganasse as nações". Aqui, novamente, parece muito pouco provável que Satanás esteja ativamente impedido de enganar as nações e que ele tenha estado incapacitado de assim proceder desde os dias de Cristo. Certamente ele ainda engana as nações e será que isso significa que o milênio está ainda por vir?

Vamos considerar, porém, o que o restante das Escrituras tem a dizer acerca das nações. A bênção virá para elas através da semente de Abraão, e a luz através do prometido servo do Senhor; quando Cristo nasceu, o velho simeão reconheceu que o bebê em seus braços era a própria Semente e o Servo, a luz para a revelação às nações e a glória de Israel.[5] Durante a vida de Cristo na terra, o fato das nações estarem libertas do engodo satânico foi antecipadamente demonstrado pela visita dos magos e exemplificada pelos contatos que Cristo teve com o centurião romano, com a mulher cananita e com a companhia de gregos.[6] O mesmo modelo foi repetido pela vida da igreja: "homens...de todas as nações debaixo do céu" voltaram ao berço no dia do Pentecoste e o resultado dos acontecimentos daquele dia foi a conversão de samaritanos, de romanos e de gregos.[7] Em paralelo com a predição de Cristo de que o evangelho seria pregado a todas as nações, geralmente entendida como algo que acontecerá somente quando a vinda do Senhor estiver bem próxima, temos que considerar a incrível declaração de que, já na metade do primeiro século, o evangelho *foi* pregado "a toda a criatura debaixo do céu".[8] O que significam essas palavras do apóstolo? É claro que a evangelização mundial à qual se refere não pode significar uma verdadeira pregação do evangelho a cada uma das raças, e muito menos a cada pessoa individualmente. O que aconteceu é que o evangelho foi colocado à *disposição* das nações em geral, em vez de ficar restrito aos judeus. Desde os dias de Cristo o evangelho tem sido um evangelho universal, de um modo como nunca tinha sido antes nos "tempos da ignorância" (At 17:30). Parece estar de acordo com o ensino das Escrituras, então, considerar o milênio de Apocalipse 20:3 como um período durante o qual Satanás não tem mais a capacidade de manter sob a sua custódia as nações. Estas estavam totalmente em seu poder até a vinda de Cristo para amarrá-lo e tomar as nações de suas mãos. Com isso concorda o elo que Cristo faz entre a expulsão do príncipe deste mundo (Satanás) e a visita dos inquiridores gregos (Jo 12:20-32), e entre a queda de Satanás e os bons resultados de uma das primeiras campanhas de evangelização (Lc 10:17-18). Toda vez que vemos a igreja acrescida de um novo convertido, sabemos que a incapacidade de Satanás de enganar as nações está sendo novamente proclamada.

Os *mil anos,* que de acordo com a nossa visão começaram na primeira vinda de Cristo, estão ainda em curso e eqüivalem aos "três anos e meio" durante os quais as testemunhas da terceira cena pregam no mundo, e a mulher sobrevive no deserto. Mas no fim deste período virá um tempo, de acordo com o versículo 3b, quando por "pouco tempo" Satanás será solto das limitações que a era da igreja lhe impôs. Existem paralelos para esta libertação no fim do milênio, tanto no Apocalipse como em outros lugares, os quais sustentam a interpretação que temos seguido. Na terceira cena as duas testemunhas de Deus, que pregaram sem obstáculos durante três anos e meio, são subitamente silenciadas por três dias e meio (ver a pág. 103ss.) Na quarta cena vimos a besta que emergiu do mar ser revivida depois de estar mortalmente ferida; e apesar de termos aceito a besta como representante das perenes características da sociedade satânica alienada de Deus

(págs. 121ss.), não deveríamos nos surpreender ao descobrir que o mesmo acontece no que diz respeito ao quadro geral da carreira de Satanás. Na sexta cena, o período das sete cabeças, o qual para João era presente, é seguido pelo período dos dez chifres que, para João, era futuro e parece, novamente, indicar o ressurgimento do mal no fim dos tempos (págs. 163ss.). Dá-se o mesmo aqui na sétima cena. "Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão" (vs. 7,8).

Paulo descreve em 2 Tessalonicenses 2 o que vai acontecer imediatamente antes do retorno do Senhor, "...não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem da iniqüidade..." (v. 3). No tempo presente um poder divino "o detém", porém é certo que em alguns aspectos "o mistério da iniqüidade já opera" (vs. 6 e 7). Mas quando aquele que o detém for afastado, o mundo novamente verá "a eficácia de Satanás... com *todo* engano de injustiça" (vs. 9 e 10). As predições não simbólicas de Paulo concordam de forma tão marcante com as profecias simbólicas de Apocalipse 20 que é muito difícil dizer que as duas passagens se referem a circunstâncias diferentes.

Se a passagem de Tessalonicenses que descreve o fim da época da igreja é, de fato, paralela à do Apocalipse que descreve o fim do milênio, estabelece-se a relação entre o milênio e a parousia: a passagem de 2 Tessalonicenses diz que a gloriosa segunda vinda de Cristo — "a epifania da sua parousia" (é como a frase 2 Ts 2:8 pode ser traduzida) — dará fim à última investida do mal a qual, por seu turno (de acordo com o capítulo à nossa frente), terminará com os mil anos de restrição da atividade de Satanás.

Novamente torna-se óbvio que a ordem em que João recebe suas visões não é a ordem dos eventos na História. A terceira visão nos leva ao fim da era, a quarta visão nos leva de volta ao princípio. O fato de João ter visto a besta destruída antes de ver o aprisionamento de Satanás não tem nada a ver com a ordem real dos acontecimentos. Isso precisa ser determinado pelo que cada visão chega a representar à luz do restante das Escrituras. Compare-se, por exemplo, o milênio da quarta e quinta visões com os capítulos de Ezequiel aos quais ele se relaciona pelo uso dos nomes Gogue e Magogue (20:8). A seqüência dos eventos em Apocalipse 20 é: a derrota de Satanás, a ressurreição dos santos para um reinado de mil anos, a rebelião de Gogue quando Satanás retorna e a última batalha seguida no capítulo 21 pelo estabelecimento da Nova Jerusalém. Os últimos capítulos de Ezequiel trazem um notável paralelo: a derrota de Erom e a ressurreição de Israel para um período prolongado de paz (35-37), seguido pela rebelião e derrota de Gogue (38-39), seguindo-se a visão da Nova Jerusalém (40-48). Uma coisa curiosa é que o convite lançado aos pássaros que formavam a segunda visão (lá atrás em 19:17ss., aparentemente "antes" da derrota de Satanás e do milênio) é, de acordo com Ezequiel, um convite para *comer a carne e beber o sangue das tropas de Gogue* (39:17ss.), *depois* da última rebelião da quinta visão. Tanto João como Ezequiel estão menos preocupados com a cronologia do que muitos dos seus comentadores.

5. A Quinta Visão: a Igreja (20:4-10)

Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tão pouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. [5]Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. [6]Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele os mil anos. [7] Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, [8]e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-los para a peleja. O número desses é como a areia do mar. [9]Marcharam então pela superfície da terra e sitiaram o acampamento dos santos e a cidade querida; desceu, porém, fogo do céu e os consumiu. [10]O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago do fogo e enxofre, onde também se encontram não só a besta como o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos.

A compreensão do versículo quatro na ERAB é um tanto quanto obscura pois dá a entender tratar-se de dois grupos distintos: um grupo daqueles "aos quais foi dada autoridade de julgar", e o outro "dos decapitados por causa do testemunho de Jesus". Mas no grego não existe um ponto final fazendo distinção, e muito menos a expressão "vi ainda". O que João escreveu seria mais parecido com: "E eu vi tronos (e eles sentaram nos mesmos, aos quais foi dada autoridade de julgar) e as almas dos decapitados, tantos quantos não adoraram a besta; e viveram e reinaram." Disto parece mais provável que os tronos de julgamento são ocupados por um único grupo, os vivos, e reinantes santos que sofreram execuções e que se recusaram a adorar a besta.

Mesmo com este esclarecimento o reino milenar dos santos aqui na quinta visão é, à primeira vista, tão misterioso quanto o aprisionamento milenar de Satanás na quarta visão. Começa com *a primeira ressurreição.* Inclui aqueles que foram decapitados pelo testemunho de Cristo, de tal forma que sua

localização é presumivelmente um mundo além da morte. Neste reino aqueles santos aparecem *como juizes, o* que nos traz à mente a autoridade da igreja sobre homens e anjos mencionada em 1 Coríntios 6:2-3; e isto, seja lá em que mundo for, pertence certamente ao futuro. No entanto tudo isso acontece antes da ressurreição geral do versículo 5ª. Visto assim, o reino dos santos, apesar de ser aparentemente parte integrante do tempo, e não da eternidade, parece de fato estar muito distante do aqui e agora.

Por outro lado, a quarta visão parecia indicar que o milênio nada mais é do que um outro símbolo da era atual da igreja. E se perguntarmos se a descrição nos versículos 4 a 10 *necessariamente o* coloca em um mundo distante da nossa experiência atual, a resposta será *não.* E é bem fácil entendê-lo em termos deste nosso próprio mundo. Aqui, nesta época, o povo de Deus já reina como sacerdotes e reis; foi isto que João afirmou em 1:6. Paulo declara a autoridade futura da igreja (1 Co 6:2-3) precisamente para mostrar que ela já é competente para "julgar... as coisas desta vida". *A primeira ressurreição* é perfeitamente entendida como uma forma de expressar o que o Novo Testamento descreve em muitos lugares como a passagem da morte para a vida, a saber, o "novo nascimento em Cristo".[10] Os santos são todos aqueles que desfrutam esta nova vida. Quem sabe João, no versículo 4, está distinguindo entre aqueles que passaram e aqueles que não passaram pela morte física, os quais apesar disso estão todos vivos e reinando com Cristo. O versículo 5 pode ser tomado no mesmo sentido; se Deus não nos "deu vida juntamente com Cristo" nós permanecemos "mortos em nossos delitos" para o resto desta era, até o dia quando até os perversos forem ressuscitados — não para a vida eterna — pela voz do filho do homem.[12] A segunda morte será considerada mais adiante, à luz do versículo 14.

A quarta e quinta visões convergem no versículo 7. Os mil anos, durante os quais os santos reinaram e o diabo é reprimido, terminam com uma guerra cataclísmica. Os nomes e os locais são diferentes, mas só pode existir uma única batalha que tanto pode ser tão universal e tão final como esta aqui. Deve ser a mesma chamada Armagedom na quinta cena, onde "os reis do mundo inteiro" são congregados para o "grande dia do Deus Todo-poderoso" (16:14ss); deve ser o choque entre os dez chifres-reis e o Cordeiro que é o Rei dos reis, na sexta cena (17:14); deve ser a guerra já descrita na terceira visão da presente cena, na qual a besta congrega "os reis da terra com os seus exércitos" para combater contra o cavaleiro do cavalo branco, e perecer com todas as suas hostes (19:19-21). Em ambos os casos a derrota é bastante completa e estas passagens nada mais são do que descrições variadas de um mesmo evento, a última batalha da História. Seja lá qual for o adversário que foi batizado por "Gogue, da terra de Magogue" na profecia de Ezequiel (38:2), no Apocalipse ele não pode ser nenhum tipo de poder particular, nem mesmo uma coligação de poderes: a escala do conflito torna-o impossível. Note-se a dimensão da visão, a qual vê congregados sob a bandeira de Gogue não somente "os reis do mundo inteiro" mas "as nações que há nos quatro cantos da terra... como a areia do mar". Note-se a profundidade do significado quando duas imagens poderosas são fundidas em uma só para descrever a igreja — ao mesmo tempo a *cidade* celestial que tem fundamentos e o acampamento destes que são estrangeiros e peregrinos na terra (Hb 11:9-10,13). Note-se a altura da qual procede a destruição dos inimigos, quando o próprio Deus intervém, e a manifestação do Senhor Jesus com os anjos do seu poder (2 Ts 1:7); e note-se a extensão da punição que se segue à derrocada final de Satanás, "atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos".

Estas são as realidades finais. O nome Gogue de Ezequiel é estendido a todos "os que não conhecem a Deus... e não obedecem ao evangelho do Nosso Senhor Jesus" (2 Ts 1:8). É assim que as coisas são em última análise. No fim temos somente Cristo e Satanás: Cristo que vive para sempre com os que estão com ele, e Satanás que morre para sempre com os que estão com ele. É um desses dois que os homens, enquanto podem, diariamente escolhem.

6. A Sexta Visão: o Último Julgamento (20:11-15)

Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. [12] Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então se abriram livros. Ainda outro livro, o livro da vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. [13]Deuo mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras. [14]Então a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago do fogo. Esta é a segunda morte, o lago do fogo. [15]E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago do fogo.

Até aqui entendemos que esta cena enfatiza a realidade que se encontra a um nível mais profundo do que o da quarta cena. Aquela cena apresentou o "drama da História", as forças do bem e do mal e o conflito cósmico no qual elas estão envolvidas. Este conflito está engrenado com o processo histórico porque o conflito é causado pela velha era, na qual Satanás, o usurpador, *o príncipe deste mundo,* colide com a nova era, a era do reino de Deus; esta nova era teve início com a primeira vinda de Cristo e se sobrepõe à velha a

qual, por sua vez, terminará com a segunda vinda de Cristo. Tanto a primeira como a segunda vinda de Cristo podem ser localizadas na História. Esta cena apresenta o mesmo drama, o início e o fim dos mil anos coincidem com o início e o fim dos três anos e meio lá. Tudo, porém, é simplificado. O momento histórico da encarnação de Cristo, no capítulo 12, e as complexas batalhas dos capítulos 13 e 14 são reduzidas a um esboço mais linear ainda. As cinco primeiras visões deste "drama por trás" da História mostra simplesmente Cristo e sua vitória, Satanás e sua derrota, e a igreja, em cuja vida é travada a guerra entre os dois primeiros. Este é o caráter da sétima cena que combina bem com nossas conclusões anteriores sobre o significado do número sete, e também que a sétima cena do Apocalipse deveria tratar de tais assuntos.[12] A sexta seção desta cena é igual às seções correspondentes de cada uma das outras cenas, no que diz respeito ao fato de todas darem ênfase do final de algo. O sexto selo mostra o estertor da morte da terra; a sexta trombeta, a última advertência de Deus; a sexta visão da quarta cena, o aparecimento da última praga; o sexto flagelo, a última punição de Deus, e a sexta palavra, a última menção da Babilônia. Podemos projetar o ponto de encontro de duas linhas de pensamento, e esperar ver em 20:11 -15 o que em dois sentidos é definitivo: (1) a realidade fundamental, como é apresentada no restante da sétima cena; e um ponto final de algum tipo, como nas outras seções. É isto que esta visão prova ser. Ela apresenta o fim da ordem criada (v. 11), o fim de todos cujos nomes não estão escritos no livro da vida (v. 15), e o fim do poder da morte, "o último inimigo a ser destruído" (v. 14; 1 Co 15:26). A última grande realidade é, básica e necessariamente, o juízo: a destruição de todas as ofensas e o acerto de todos os erros. Isto pode esclarecer quem são, exatamente, *os mortos* que aparecem diante do grande trono branco.

Eles poderiam ser simplesmente os mortos espirituais os quais, de acordo com a nossa interpretação da quinta visão, serão ressuscitados ao fim dos mil anos (20:5). Cristo ensina em João 5:24-29 que se *passa da morte para a vida* quando se recebe o evangelho. Toda aquela passagem forma um comentário bastante esclarecedor da quinta e da sexta visões. Ouvir agora a voz de Cristo, que dá vida eterna aos espiritualmente mortos (vs. 24-25), poderia ser a primeira ressurreição. Ouvir, no futuro, a mesma voz, despertará *todos* os que estão mortos (vs. 28-29): todos quantos receberam a vida espiritual, mas que experimentaram a morte física, serão trazidos de volta à vida uma segunda vez (a ressurreição da vida); e todos os que nunca ressuscitaram da morte espiritual serão ressuscitados pela primeira e única vez, simplesmente para receber a condenação (a ressurreição do juízo). Qualquer uma destas pode ser *a segunda ressurreição,* a qual é apresentada como a cópia da primeira. À medida que os santos são isentos do juízo (v. 24), é bem provável que sequer precisem permanecer diante do grande trono branco, e que venham a ser julgados lá. Assim temos que os mortos da sexta visão e os da quinta visão são idênticos, a saber, os perversos, os espiritualmente mortos.

Outra possibilidade é a sexta visão descrever todos os mortos, santos ou pecadores, que aparecem diante do julgamento do trono. Este é o sentido óbvio das palavras quando lidas independentemente da quinta visão. Elas se ajustam bem às declarações de Paulo, de que todos nós compareceremos diante do juízo divino (Rm 14:10; 2 Co 5:10); por outro lado permitem dizer que os santos "não entraram em juízo" no sentido de João 5:24, pois o aparecimento dos seus nomes no livro da vida anula as acusações anotadas contra eles nos livros da responsabilidade humana.

Há objeções à segunda opinião;[13] porém há muita sustentação por tudo que foi dito anteriormente acerca da posição desta passagem no plano geral do livro. O que ela descreve é fundamental, pois faz parte da sétima cena; e final, pois é a sexta seção desta cena. Em duas palavras, apresenta *julgamento,* e de forma mais precisa o *último* julgamento. Assim sendo, deveríamos esperar que se utilizasse de pinceladas bem largas e cores mais sangrentas, de tal forma que a explicação mais simples seria preferível à mais complicada. Talvez estejamos até errando o alvo ao perguntar quem são *os mortos,* talvez João esteja simplesmente querendo nos mostrar a absoluta verdade de que depois da morte vem o juízo (Hb 9:27).

O único fator adicional, porém de muita importância, é a base com a qual é feito o julgamento. Em primeiro lugar os livros da responsabilidade são abertos e os homens "são julgados segundo suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros" (v. 12). De acordo com a regra escrita estabelecida lá atrás, na primeira cena, Cristo diz: "voz darei a cada um, segundo vossas obras".[14] Mas não é somente disto que o destino eterno do homem depende; pois o livro da vida precisa também ser aberto, e se uma alma humana será ou não destinada ao lago do fogo, isso depende de seu nome constar ou não neste livro. Não há subterfúgio para a justiça divina. O julgamento é sempre de acordo com as obras; a questão é "obras de quem?" O livro da vida pertence ao Cordeiro (13:8), e todos cujos nomes encontram-se no livro lhe pertencem; a obediência dele cobre o pecado destes e o seu poder no homem interior produz santidade. Eles são considerados justos por causa da justiça dele que lhe é imputada e concedida. No entanto, todos aqueles que não aceitaram a vergonha do pecado e a glória da salvação, e que nunca tiveram seus nomes escritos no livro da vida, nada têm a apresentar em defesa própria a não ser a sua própria justiça. Esta é terrivelmente inadequada para eximi-los da *segunda morte,* a morte da alma. A declaração de João em 20:6 significa que

existe uma primeira morte, a qual tem poder sobre os santos e é, presumivelmente, a morte do corpo; estas duas mortes são, sem sombra de dúvida, o que Cristo tem em mente quando diz: "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo" (Mt 10:28).

7. **A Sétima Visão: a Nova Era (21:1-8)**

Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. [2] Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para seu esposo. [3]Então ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles. [4]E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. [5]E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras. [6]Disse-me ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Eu, a quem tem sede darei de graça da fonte da água da vida. [7]O vencedor herdará estas coisas, e eu lhe serei Deus e ele me será filho. [8]Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idolatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte. Na mesma proporção em que a sexta seção parece lidar com o fim dos tempos a maior parte da sétima seção parece olhar para além do fim. Também tanto a terceira cena (as trombetas), quanto a quarta (as visões do conflito cósmico), como a sexta cena (as palavras acerca da Babilônia) terminam com uma antevisão da eternidade, e com os sons da multidão celestial louvando a Deus pelo término da sua obra. Na quinta cena, que dizia respeito à punição derramada no mundo dos homens e que, portanto, pouco tinha a ver com a eternidade, a ruína final do sétimo flagelo é seguida por uma voz que procede do trono de Deus dizendo: "Feito está"! Mesmo na segunda cena, onde o silêncio se segue ao rompimento do sétimo selo, o mesmo princípio é aplicável; pois se cada sétima seção se volta para a eternidade, e a segunda cena diz respeito às tribulações desta vida somente, naturalmente nada mais haverá para ser dito quando os seis selos da História tiverem sido abertos.

A sétima cena segue o modelo. Descreveu todo o drama do pecado e da redenção com os termos mais básicos; e agora na sétima seção volta-se para as distâncias da eternidade. Aqui está o novo mundo. É ainda um *mundo* reconhecível, pois João pode ainda descrevê-lo em termos de um céu e de uma terra — nós não nos encontraremos em um mundo totalmente alienado da ordem a que estamos acostumados. Porém será radicalmente modificado; o mar, com tudo o que o ornamentava sob o domínio de Deus, representado nas antigas mitologias pelos monstros do caos Tiamate, é sumariamente removido.

Olhando para a frente, desta maneira, a sétima visão proporciona um exemplo marcante do processo já destacado por nós, no qual as partes do Apocalipse são colocadas juntas formando um todo, e os temas são desenvolvidos e expandidos de cena em cena.[15] Pois, como veremos, a oitava cena apanha as sétimas seções de quase todas as cenas anteriores e as mistura formando uma singular, porém complexa, figura da vida do mundo por vir. É como se tivéssemos passado através de uma série de quartos heptagonais em cada um dos quais uma das janelas estivesse aberta em direção à eternidade; num momento sairemos do sétimo quarto e vamos nos encontrar flutuando no espaço.

Nós ainda não chegamos lá, pois a oitava cena só começa em 21:9. Porém, olhando adiante, não podemos deixar de notar marcantes acontecimentos mencionados há pouco. Se compararmos a oitava cena com a sétima trombeta ou a sétima palavra, poderemos ver as semelhanças; elas descrevem os mesmos acontecimentos. Se, porém, compararmos a oitava cena com a sétima visão desta cena, não veremos semelhança e sim perfeita identidade. Elas não somente tratam dos mesmos fatos; elas são o mesmo quadro. Em outras palavras, a passagem diante dos nossos olhos é uma "pré-estréia", tanto em detalhes como em ordem, da última cena do drama, que logo será descortinado.

Ao meditarmos nos elos entre as duas fica muito difícil concordar com a declaração de Morris de que: "João encerra o livro como uma série de observações um tanto quanto confusas", com "conexões de fato tão soltas que alguns comentaristas sentem que João nunca revisou a última seção do livro para dar-lhe uma forma final".[16] O que, ao contrário do que Morris afirma, será provado como sendo uma das passagens mais organizadas do Apocalipse, será considerado com detalhes quando atingirmos a oitava cena; para o momento e suficiente notar a correspondência entre o que vemos aqui e o que veremos Ia.

21:2 = 21:10-21	A primeira revelação: A cidade de Deus.
21:3 = 21:22-27	A segunda revelação: A habitação de Deus.
21:4,5a = 22:1 - 5	A terceira revelação: O mundo de Deus renovado.
21:5b = 22:6-10	A quarta revelação: O trabalho de Deus validado.

21:6a = 22:11-15 A quinta revelação: O trabalho de Deus terminado.
21: 6b = 22:16 -17 A sexta revelação: A última bênção de Deus.
21:8 = 22:18-19 A sétima revelação: A última maldição de Deus.

Apocalipse 21:9—22:19

Oitava Cena:
Jerusalém, a Noiva:
As Sete Últimas Revelações

1. A Abertura da Oitava Cena (21:9)

Tendo em mente as diferenças entre a oitava cena e as outras, esta introdução também difere ligeiramente da introdução das cenas anteriores. Um comentário mais extenso do primeiro versículo desta cena parece preferível a um ensaio pequeno em separado. *Então veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro.*
Um texto bastante curto. Mas a esta altura estamos bem informados acerca da riqueza de significado que pode estar contido nas declarações mais simples do Apocalipse. Consideremos as duas personagens aqui mencionadas, e veremos uma figura magnificente e comovente.

a. O Anjo

Já vimos os anjos portadores de taças como uma das tramas que fazem do Apocalipse uma unidade. A primeira aparição deu-se na sexta visão da quarta cena. Aquela foi uma "pré-estréia" da quinta cena que, por sua vez, foi inteiramente dedicada a eles. Em seguida, um deles levou João a um deserto para lhe mostrar a prostituta da sexta cena; e agora um outro (ou quem sabe o mesmo) leva João ao topo de uma montanha para lhe mostrar a noiva, e assim introduzir a oitava cena. A mesma pergunta que surge com os seres viventes da segunda cena (6:1-8) surge aqui com os anjos portadores das taças. Será que o autor se utiliza deles como um *coral* para introduzir a sexta e a oitava cenas somente porque, ao que parece, eles estão à mão?[2] Ou será que existe alguma razão por que um anjo, portador de taças, deveria ser o porta-voz no lugar de qualquer outro em cada um destes lugares?

Uma pista para uma possível razão pode ser encontrada em 15:1 quando eles apareceram pela primeira vez. As pragas que eles trazem são chamadas "as últimas", pois elas *esgotam* a manifestação da ira de Deus. Este ponto representa uma virada no drama. As cartas da primeira cena descortinam a igreja no mundo; a segunda cena foi uma abertura literal, o rompimento dos selos para revelar as tribulações que afetam o mundo, bem como a igreja; as trombetas enchem a terceira cena com advertência, as quais podem ser descritas como bênção-maldição, pois oferecem ao homem a escolha entre o arrependimento ou a destruição; e as visões da quarta cena descortinam diante dos nossos olhos o drama espiritual da História. Existe, de fato, em todas estas quatro cenas um sentido de "abertura". Da quinta cena em diante, no entanto, este sentido é substituído por um crescente sentimento de "fechamento". O primeiro versículo do capítulo 15 é uma janela que se abre da quarta para a quinta cena e revela os anjos, mediante cujo trabalho a ira de Deus será "consumada". E assim foi de fato. Enquanto as cenas anteriores mostraram um quarto da terra sendo destruída no curso ordinário da História (segunda cena), depois um terço destruído por meio das advertências divinas (terceira cena); na quinta cena, que diz respeito à humanidade não arrependida, é toda a terra que termina em desastre. Assim também a sexta cena descreve o fim completo do princípio que domina o mundo; e a sétima cena, que se abre ainda mais para o fundo, o fim do próprio Satanás. Nessas três cenas não mais encontramos advertências, mas punições; não aberturas e, sim, fechamentos; não inícios e, sim, finais.

Até aqui o quadro geral da estrutura do drama demonstra uma correspondência marcante com a estrutura da maioria das cenas individuais. Quatro seções estão agrupadas, duas mais se seguem, e depois uma sétima que na maioria dos casos não leva ao clímax — é mais *transcedente,* o ponto no qual o motor alcança a rotação máxima e muda para uma marcha mais veloz. Assim, a sétima cena apanha o drama que estava sendo representado no palco da História, e finalmente nos transporta para além da História. Mantendo o que parece ser o significado do número sete, finalmente revela as coisas como elas são de fato. Quando tudo for dito, restarão somente Cristo e Satanás; um vencerá, o outro será derrotado.

Somos, porém, abandonados em meio a uma pergunta intrigante. Se esta interpretação está certa, *por*

que existe uma oitava cena? Será que não deveríamos esperar que o Apocalipse terminasse de forma lógica com a sétima visão da sétima cena? Será que vamos ter agora de encontrar um significado místico para o número 8, do qual o único exemplo anterior que João nos deu foi o improvável em 17:11 (a besta como oitavo rei)?

sim, existe de fato um "oito" proeminente nas Escrituras que não chama a atenção somente porque não estamos habituados a pensar nele como um oito. Mas nós o conhecemos muito bem. Procure lembrar-se do mais óbvio de todos os setes do Antigo Testamento: a semana de seis dias de trabalho que foi coroada com o *sabbath*, o dia de descanso. Voltando para o primeiro capítulo da Bíblia encontramos o mesmo sete como padrão estabelecido pelo próprio Deus no seu trabalho durante a criação (Gn 1:1 -23). Também pode ser encontrado no meio da revelação bíblica, pois Deus o ratificou na sua obra de redenção. É na sexta da paixão, o sexto dia da semana, que o trabalho redentor de Cristo atinge o clímax: "Está consumado" (Jo 19:30), não com o túmulo vazio, mas na cruz; e o sábado é o dia de descanso, o sétimo dia, que coroa a *semana* daquele poderoso trabalho de amor. No calendário judaico o sábado "era um grande dia" (Jo 19:31) — e de fato era. O sábado foi triste para os discípulos somente porque eles não previram a ressurreição de Cristo (Lc 24:17); eles deveriam regozijar-se, pois àquela altura a obra estava encerrada.

Mas é claro que mais alguma coisa haveria de seguir-se. O sétimo dia proclamou o fim da lei, o fim de todo o sistema do Antigo Testamento baseado sobre ela; e o fim do reinado do pecado que tirava força daquela mesma lei. O *oitavo* dia, porém, o domingo, fez muito mais. Proclamou Cristo como "o Filho de Deus com Poder... pela ressurreição dos mortos" (Rm 1:4). O primeiro dia de uma nova semana era de fato o primeiro dia de uma nova era. Não é, portanto, de causar espanto que o padrão utilizado na criação, e ampliado na redenção, apareça novamente nos últimos capítulos da Bíblia em estreita revelação com o que Cristo chama de a "regeneração" (Mt 19:28 — literalmente, o "novo Gênesis").

As Escrituras vão muito além quando se trata de fornecer projetos que ajudam na compreensão da última cena do Apocalipse. Assim, até Apocalipse 21:8 tivemos não somente sete cenas, mas sete cenas com sete seções cada uma — quarenta e nove visões no total. E nenhum judeu duvidaria por um instante sequer do significado do número "quarenta e nove" e do que se seguiria a ele. "Contarás sete semanas de anos, sete vezes sete anos, de maneira que os dias das sete semanas de anos te serão quarenta" e nove anos. Então no mês sétimo, aos dez do mês, farás passar a trombeta vibrante: ...santificareis o ano qüinquagésimo, e proclamareis liberdade na terra a todos os seus moradores: ano de jubileu vos será, e tomareis, cada um à sua possessão, e cada um à sua família" (Lv 25:8 -10). Com a chegada do ano do jubileu vem a libertação de todos os escravos, a reunião de cada família e a restituição de todos os prejuízos. O oito que segue o sete e o qüinquagésimo que segue o quadragésimo-nono são de igual modo simbólicos de um glorioso novo início.

Com pequenas variações aqui e ali, porém sem alterar seus esboços básicos de forma significativa, as cenas do Apocalipse nos levaram ao fim do nosso mundo em cada sexta seção, e cada sétima seção nos mostrou o triunfo de Cristo. Para o que nos serve então uma oitava cena? Adaptando um comentário de Caird,[1] quando perguntamos: "o que isto poderia significar na terra?", a resposta é precisamente que não tem significado algum "na terra"; a cena trata inteiramente do céu. Para repetir uma ilustração anterior, de cada um dos quartos uma janela se abria para o jardim; e ao sair do sétimo quarto vamos nos encontrar no jardim, no jardim de Deus, que é o paraíso. "As coisas velhas já passaram; eis que se fizeram novas" (2 Co 5:17). Assim é altamente apropriado que a oitava cena seja introduzida por um dos anjos cujos cálices puseram fim à ira de Deus.

Poucos comentários expressam melhor o significado da oitava cena do que o parágrafo final da clássica história *"A Última Batalha"* de C. S. Lewis:

"As coisas que começaram a acontecer depois destas são tão grandes e maravilhosas que eu não posso escrevê-las. Para nós este é o fim de todas as histórias, e mais do que nunca podemos dizer que eles foram felizes para sempre. Para eles, no entanto, foi somente o início da história real. Toda a vida deles neste mundo e todas as aventuras deles em Nárnia foram somente a capa e a página título: agoram finalmente, eles estavam iniciando o capítulo primeiro da grande história, a qual ninguém na terra jamais leu: história que se prolongará para sempre: na qual cada capítulo é melhor do que o anterior".[2]

B. A Noiva

Mesmo o que acabamos de descrever não é o melhor da história. O anjo introduz uma bem-aventurança do céu; a noiva nos conta acerca destas almas afortunadas que irão desfrutá-lo. Nós ouvimos sobre *ela*, de uma forma indireta, um pouco antes da primeira vez que *o* vimos. Os anjos que traziam os cálices só apareceram quando a metade do livro foi alcançada. A noiva, pelo contrário, aparece tanto em símbolo como naquilo que a simboliza, já na primeira cena.

O conceito de *noiva de Cristo* aparece como pano de fundo da carta à igreja de Tiatira, onde Cristo acusa a falsa mestra Jezabel de seduzir "os meus servos a praticarem a prostituição" (Apocalipse 2:20). Isso, como já vimos, poderia significar pecado sexual. Porém quando aplicado a Jezabel, o termo "prostituição" (Apocalipse 2:21, 22) é uma metáfora de pecado espiritual. Quando estudamos o capítulo 2 vimos um pouco da história bíblica que envolve esta personagem. Quando, no Antigo Testamento, Israel foi acusado de adultério, o fato deveu-se a Israel estar atado a uma revelação matrimonial com Deus ("Porque o teu criador é o teu marido", Isaías 54:5); assim todo pecado pode ser descrito como atos de infidelidade a Deus. Porém é evidente que não pode haver adultério onde não existe casamento; assim, se existia infidelidade na igreja de Tiatira, significa que existiam votos matrimoniais que poderiam ser quebrados. Os cristãos daquela igreja tinham sido dados em matrimônio ao Senhor Jesus Cristo. Em outras palavras, a noiva do Senhor, nos tempos do Antigo Testamento Israel, é no momento a igreja, como atestam muitas referências do Novo Testamento.[3] É evidente que não são duas esposas, e sim que *Israel* e a *igreja* são dois nomes permutáveis para a mesma noiva. Ela é, em outras palavras, representativa do povo de Deus em todas as épocas, e de outro lado representativa da figura de *mãe* em Apocalipse 12:1-6.

Ao mesmo tempo em que o símbolo da noiva está implício na primeira cena, a realidade terrestre que ela simboliza está bastante explícita, pois o estado da igreja (representado por sete igrejas verdadeiras) é o tema daquela cena. Naquela circunstância pensamos que o médico divino estivesse diagnosticando a condição *real* da igreja. E em um determinado nível, nível de vida da comunidade cristã no dia a dia no mundo real, as cartas eram, sem dúvida, um diagnóstico exaustivo. Aquela descrição, no entanto, não passava de um drama preto e branco mostrado em uma pequenina tela, se comparada com a multicolorida, tridimensional, panorâmica, desenvolvida desde então. Nossas mentes foram abertas para compreender um pouco do que o apóstolo chama de "a largura, e o comprimento, e altura, e a profundidade"; nossa visão foi alargada para enxergar, como diz o profeta, "a terra que se estende até longe" (Ef 3:18; Is 33:17). É verdade que cada uma destas visões teve lições práticas para nos ensinar. No entanto, não se pode negar que a monotonia da vida diária, os fatos e as experiências da vida cristã tornaram-se meros figurantes do imenso drama que se descortinou. A pobre e alquebrada igreja cristã com seus problemas e faltas foi abandonada nas sombras à medida que bestas e anjos roubaram os espaços centrais. E aqui encontramos a verdade de que é bom termos cada vez mais nossa atenção voltada dos nossos afazeres mundanos para concentrá-la nos eventos que ocorrem nos lugares celestiais, e no que Cristo mesmo espera de nós: ele deve crescer e nós devemos diminuir, até que ao final ele seja tudo em todos.

Porém, mais marcante que tudo isto, é a introdução à oitava cena. Passamos dos limites de espaço e tempo para dentro das regiões de luz eterna, não sombreada por qualquer tipo de imperfeição, para não dizer mal; região onde os olhos de todas as criaturas estão fixados em adoração exclusiva sobre o Cordeiro. *Porém o Cordeiro não está sozinho.* Compartilhando a cena com ele e, mais do que isto, fazendo o papel de protagonista, encontramos uma estranha radiante cujas qualidades, quando consideradas, nos parecem bem familiares. Será possível que se trata da...?

Sim, ela é *a noiva*, a esposa do Cordeiro. Ela é a igreja de Cristo. É você! Sou eu! Qualquer que seja a metáfora usada para descrever nosso relacionamento com Cristo, a última cena da Bíblia mostra nós mesmos casados com ele, "purificados por meio da lavagem de água pela palavra", apresentados diante dele "sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante" (Ef 5:26-27). Bom seria para a igreja dos nossos dias, em seu estado de desamor, conseguir recapitular em primeiro lugar um sentido apropriado de admiração para esta visão tão esplendorosa; em segundo lugar um sentido de admiração pelo fato de que ela, indigna como é, será elevada até um lugar de honra por seu amado marido na festa das bodas celestiais; e finalmente um sentido de determinação de que, dependendo dela, ela *será* digna. Desde que ela espera nele, ela se purificará a si mesma, como ele é puro (1 Jo 3:3).

2. A Primeira Revelação: a Cidade de Deus (21:10-21)

E me transportou, em espírito, até a uma grande e elevada montanha, e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, [11]a qual tem a glória de Deus. O seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina. [12]Tinha grande e alta muralha, doze portas, e junto às portas doze anjos, e sobre elas nomes inscritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel. [13]Três portas se achavam a leste, três ao norte, três ao sul, e três a oeste. [14]A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. [15]Aquele que falava comigo tinha por medida uma vara de ouro para medir a cidade, as suas portas e a sua muralha. [16]A cidade é quadrangular, de comprimento e largura iguais. E mediu a cidade com a vara até doze mil estádios. O seu comprimento, largura e altura são iguais. [17]Mediu também a sua muralha, cento e quarenta e quatro cavados, medida de homem, isto é, de anjo. [18]A estrutura da muralha é de jaspe; também a cidade é de ouro

puro semelhante a vidro límpido. [19] *Os fundamentos da muralha da cidade estão adornados de toda espécie de pedras preciosas. O primeiro fundamento é de jaspe; o segundo, de safira; o terceiro, de calcedônia; o quarto, de esmeralda;* [20]*o quinto, de sardônio; o sexto, de sárdio; o sétimo, de crisólito; o oitavo, de berilo; o nono, de topázio; o décimo, de crisópraso; o undécimo, de jacinto; e o duodécimo, de ametista.* [21]*As doze portas são doze pérolas, e cada uma dessas portas de uma só pérola. A praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente.* A experiência de João é muito parecida com a de Ezequiel sendo levado "em visões à terra de Israel" e posto "sobre um monte muito alto, sobre o qual havia um edifício como uma cidade" (40:2). Menos relacionada, neste momento, porém conseguindo um destaque maior na próxima parte desta cena, é a visão que Isaías teve da Nova Jerusalém (Is 60). Também deve existir um elo entre as pedras preciosas que adornaram a cidade de João e as pedras alistadas em Ezequiel 28:13 (as glórias perdidas pelo rei de Tiro), Isaías 54: 11ss (a reconstrução de sião), e com Êxodo 28:17ss (as pedras gravadas com os nomes das tribos de Israel e que compunham o peitoral do Sumo Sacerdote). A cena completa vista por João, incluindo elementos de todas estas outras passagens, mostra a ele, por sua vez, as luzes da cidade; suas paredes e portas, suas medidas e sua beleza.

Os comentários geralmente discutem amplamente os paralelos bíblicos e os detalhes da descrição de João. Para o nosso propósito, no entanto, a pergunta mais objetiva que podemos fazer diz respeito ao objeto da visão. O que é que João deve observar em particular e por quê? A resposta, certamente, é que João tem que entender *como* Deus constrói a cidade — sua estrutura; esta visualização forma uma unidade com a pré-estréia da oitava cena que foi dada ao final da sétima cena "a cidade santa... *ataviada* como noiva adornada para o seu esposo" (21:2). A preparação da noiva é mais facilmente descrita se for usado o símbolo alternativo, a cidade. E este é o objetivo desta primeira revelação da oitava cena: revelar como Deus prepara a noiva para a festa de casamento.

Novamente, o leitor cristão precisa lembrar-se de que a noiva, a cidade, outra não é senão a igreja de Cristo. As igrejas dos dias de João, bem como as igrejas dos nossos dias contemplam estes versículos como alguém que se mira em um espelho. Não somos meros espectadores — nós somos o próprio espetáculo: nós é que somos o "edifício de Deus" (1 Co 3:9). A cidade que é mostrada aqui é o que seremos na vida por vir, o que nós, em certo sentido já somos nas regiões celestiais, e no que Deus está nos transformando a cada dia da nossa experiência na terra.

Em primeiro lugar o Senhor concede luz à cidade. A palavra traduzida por *fulgor* normalmente significa um corpo radiante, como uma estrela ou uma lâmpada.[4] Talvez a ERAB prefira optar por um substantivo abstrato em vez de um concreto devido à dificuldade de visualizar a cidade sendo iluminada por uma única enorme lâmpada que se parecia "a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalino". Porém veremos coisas mais estranhas do que estas (vs. 16,21), e certamente há uma luz que é particularmente lembrada quando pensamos nas lâmpadas, nas estrelas e nas tochas das duas primeiras cenas, que são: o Espírito Santo de Deus, que habita toda a estrutura e a ilumina (1 Co 2:9-13; 3:9-17). A primeira característica da cidade eterna é que "Deus" pelo seu espírito "está no meio dela" (SL 46:5); da mesma maneira, a palavra final de Ezequiel acerca da gloriosa Jerusalém das suas visões é que ela será doravante chamada de "o Senhor está ali" (Ez 48:35).

A seguir vemos as portas e a muralha da cidade. A referência aos seus doze *fundamentos* (v. 14) é um tanto enganadora, e torna a cena desnecessariamente difícil de ser imaginada. Talvez João tenha visto algo parecido com o que os construtores de uma época posterior produziram quando edificaram o lado oeste da catedral de Wells: cada um dos seis grandes suportes ergue-se de uma grande base, que se alternam com as entradas das portas as quais, por sua vez, são pouco mais altas do que esta fila de "fundamentos" ou bases. A muralha e as portas da Jerusalém de João aparentemente estavam distribuídas desta mesma forma de tal maneira que quando alguém estivesse olhando para qualquer um dos quatro lados veria nesta ordem: a base de esquina —*porta* — base —*porta* — base —*porta* — base de esquina.

Além disso, cada porta leva o nome de uma das tribos de Israel e cada base o nome de um apóstolo cristão. O grupo inteiro de doze + doze, o número que vimos refletido na segunda cena envolvendo os vinte e quatro anciãos (estes também cercavam alguém cuja aparência brilhava como "jaspe", 4:3), representa uma série de idéias correlacionadas. As portas e a muralha presumivelmente existem para garantir a segurança da cidade, o acesso a ela e os seus limites. As portas em cada um dos lados permanecem abertas e "muitos virão do oriente, e do ocidente, do norte e do sul" para se reunirem a Abraão, a Isaque e a Jacó, gentios e judeus unidos estarão na Jerusalém celestial (Lc 13:28 -29). Existe segurança eterna para todo aquele que entra em "Israel" e que baseia a fé na verdade apostólica (Ef 2:19-22). Não há nada fora desses limites.

A cidade é então medida, da mesma forma como foi o templo na terceira cena (11:1) para mostrar, sem sombra de dúvida, que cada centímetro é levado em consideração e conhecido por Deus. A medição revela

um formato suficientemente estranho para fazer-nos aceitar a estranheza da jóia que brilhava como lâmpada no versículo 11, pois a cidade acaba tendo um formato não quadrado e sim cúbico — e de um cubo que tem, além do mais, 2.400 km de cada lado! Presume-se, então, que é a largura e não a altura da sua colossal muralha que nos é fornecida como sendo "de 144 côvados". Estas medidas são necessariamente medidas de homens ou de anjos (v. 17), porque expressam em termos humanos coisas que são de fato espirituais, ou num modo de dizer mais acurado, multidimensionais e, portanto, impossíveis de serem compiladas da forma como de fato se apresentam e ainda assim serem por nós entendidas.[5] No entanto elas não representam nenhum problema ao guia de João, cujo bordão de ouro pôde medir com a mesma facilidade os metros e centímetros da largura da muralha bem como as centenas de quilômetros do seu comprimento. "Tu me sondas e me conheces... de longe penetras os meus pensamentos...e conheces os meus caminhos" (SL 139:1, 2, 3).

Por último é descrita a beleza da Nova Jerusalém: a muralha está incrustada com pedras preciosas, cada porta é feita de uma única pérola, os edifícios e as áreas abertas da cidade são construídas com um inconcebível ouro transparente. Com este esplendor deslumbrante, Deus completa a preparação "da noiva, a esposa do Cordeiro". A luz do Espírito de Deus ilumina a noiva internamente. Ele une em um só corpo todos os que pertencem as doze tribos e que são edificados sobre os ensinos dos doze apóstolos; ela é conhecida por ele em cada pequenino detalhe; e ele a veste com vestidos de beleza insuperável. Devemos dar graças a Deus por qualquer elemento desta preparação que possa ser visto na igreja dos nossos dias: é obra do Senhor e nós sabemos que "tudo quanto Deus faz durará eternamente" (Ec 3:14). Ao contrário, o que não fizer parte deste trabalho permanente não deve encontrar lugar entre nós. Se alguma coisa não contribuir para destacar a beleza da noiva naquele dia quando ela vier compartilhar o lugar com o noivo, nas bodas, essa mesma coisa não deve estar maculando a noiva hoje.

3. A Segunda Revelação: a Habitação de Deus (21:22-27) *Nela não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-poderoso e o Cordeiro. [23]A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada. [24]As nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória. [25]As suas portas nunca jamais se fecharão de dia, porque nela não haverá noite. [26]E lhe trarão a glória e a honra das nações. [27]Nela nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no livro da vida do Cordeiro.*

Foi Isaías quem declarou: "Mas aos teus muros chamarás salvação e às tuas portas louvor" (Is 60:18). A visão que João teve da Nova Jerusalém, a princípio tão parecida com a de Ezequiel, torna-se pouco a pouco mais e mais parecida com a de Isaías; os elos que unem a passagem que temos à nossa frente com o glorioso sexagésimo ca-pítuo de Isaías são dignos de nota.[6]

Porém, tal quanto antes, precisamos perguntar qual é o propósito destes versículos. O que devemos ver aqui não é simplesmente uma rede de versículos bíblicos, mas uma poderosa declaração de doutrina bíblica. Se a primeira revelação desta oitava cena traz a essência da igreja, a segunda nos traz a essência do evangelho. Foi exatamente isso que o resumo ao final da sétima cena deixou claro; o evangelho é a mensagem divina que reconcilia os homens com Deus; é esta idéia que compõe o cabeçalho da revelação que temos à nossa frente: a promessa de que "Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles" (21:2).

Esta é a razão por que a segunda revelação diz respeito a um templo, ou melhor, à ausência dele. O templo judaico, tanto quanto o seu predecessor, o tabernáculo, era o local onde Deus disse que se encontraria com o seu povo e onde ele faria saber que habitava no meio deles (1 Rs 6:11-13; Êx 25:22). Na Jerusalém celestial não há necessidade de um templo, porque o simples fato de encontrar-se na cidade já significa estar nele. Sua glória permeia cada canto e cada fenda; e como já vimos, até o ouro com o qual a cidade é construída é como "vidro transparente" (v. 21); não somente a glória é vista em todos os lugares como tudo o mais é visto através dela — a luz na cidade, a cidade na luz — este é o alvo e o objetivo do evangelho.

O evangelho não é simplesmente de Deus, é de Cristo também. Em um destes discretos versículos abundantes nas Escrituras apontando a divindade de Jesus Cristo, o versículo que fala acerca da reposição do sol e da lua por uma luz divina, prossegue dizendo: "o Senhor será a tua luz perpétua, e o teu Deus a tua glória" (Is 60:19). Porém quando João usa a mesma sucessão de frases sobre a cidade, ele diz que "a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua *lâmpada". O* Senhor e o Cordeiro são um, e são a mesma pessoa. Iavé (não importando o que possam pensar as testemunhas de Jeová) é o Senhor Jesus Cristo; só Jesus é "a luz do mundo" e só aquele que o segue "terá a luz da vida" (Jo8:12).

A frase "a luz do mundo" implica em uma terceira grande verdade acerca do evangelho: *"as nações* andarão mediante a sua luz" (v. 24) — tanto os gentios como os judeus, pois trata-se de uma mensagem

universal. Como já vimos, suas portas encontram-se abertas para todos, independentemente da raça (ou, podemos acrescentar), da riqueza, da inteligência, do poder ou da sua influência.

Em quarto lugar, este é um evangelho glorioso. "E lhe trarão a glória e a honra das nações" para contribuir para a magnificência da cidade; tudo que é verdadeiramente bom e bonito neste mundo reaparecerá lá, purificado e realçado da maneira perfeita que o criador deseja; nada que tenha valor real será perdido.

E, finalmente, é um evangelho de santidade, de salvação. A única coisa que desqualifica uma pessoa para entrar na presença de Deus é o pecado; a única coisa que a qualifica a entrar é ter o seu nome escrito no livro da vida do Cordeiro que foi sacrificado. Estes são os dois lados de uma mesma moeda. Ou a pessoa crê no Cristo crucificado para o perdão dos seus pecados, ou será para sempre excluída da sua presença. "Se não crerdes que eu sou, morrereis nos vossos pecados" (Jo 8:24).

Este é o evangelho proclamado do começo ao fim das Escrituras, e encontra-se aqui cristalizado nesta revelação a João.

4. A Terceira Revelação: a Renovação do Mundo de Deus (22:1-5)

Então me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. *[2]No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são a cura dos povos.* *[3]Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão,* *[4]contemplarão a sua face, e nas suas frontes está o nome dele.* *[5]Então já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos.* Reminiscências do resto das Escrituras vêm agora em grande quantidade e rapidamente. O rio da água da vida foi visto por três profetas de Israel: Joel, antes do exílio (3:18), Ezequiel, durante o exílio (47:1 - 9), e Zacarias após o exílio (14:8). Este rio maravilhoso, na verdade, corre através de toda a Bíblia. É ele que alimenta a vida devota, vivida pelos santos do Antigo Testamento (SL 1:1 -3; Jr 17:7-8), e é explicado pelo Senhor Jesus como o espírito vivificante que é recebido somente por seu intermédio (Jo 4:14; 7:37-39). A visão de Ezequiel, de fato, faz lembrar a de João em alguns detalhes, e inclui a árvore e o rio: "Junto ao rio, às ribanceiras, de uma e de outra banda, nascerá toda sorte de árvore, que dá fruto para se comer; não fenecerá a sua folha, nem faltará o seu fruto; nos seus meses produzirá novos frutos, porque as suas águas saem do santuário; o seu fruto servirá de alimento e a sua folha de remédio" (Ez 47:2).

Porém o paralelo mais significativo é com os primeiros capítulos de Gênesis. Este elemento comum, que percorre os sessenta e seis livros do começo ao fim, mostra que a terceira revelação celestial aqui na oitava cena é um sumário da doutrina bíblica da criação. O cabeçalho dado a este elemento no fim da sétima cena foi: "as primeiras coisas passaram... eis que faço novas todas as coisas" (Ap 21:4-5). Isso diz respeito ao que Cristo chamou de "a regeneração" (Mt 19:28), literalmente "o novo Gênesis". O primeiro capítulo da Bíblia descreve como Deus criou o mundo. O último mostra como Deus o recriará. A criação tal como era, e como será, compõe-se em um imenso organismo vivo, juntamente com Deus, pois o seu rio procede "do trono de Deus e do Cordeiro", e "daí ele corre pela rua central da cidade". Note-se aqui que o espírito procede do Pai *e do Filho,* e o poder do Filho não somente cria, como sustenta toda a criação: "Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste" (Cl 1:17). Assim, os rios e as árvores do Gênesis reaparecem como a água viva e a perenidade de frutos (vs. 1 e 2).

Dois elementos foram adicionados à primitiva simplicidade do quadro do Gênesis pela experiência da história humana. Em vez de um jardim somente, agora existe a estrutura desenvolvida de uma cidade — jardim. Eva, "a mãe de todos os viventes" (Gn 3:20), tornou-se, no plano de Deus, a ancestral da grande sociedade das nações. A outra diferença é que os planos de Satanás também amadureceram. Uma maldição foi posta sobre a raça humana, e as nações precisam ser curadas. Esta é a razão por que a criação original precisa ser recriada.

Porém, tendo sido a maldição removida por Cristo, a nova criação será aquilo que deveria ter sido desde o princípio: o trono de Deus no centro de tudo, e o povo de Deus a contemplá-lo, servindo-o, selados pelo seu nome, e reinando com ele em dia eterno.

5. A Quarta Revelação: a Validade da Palavra de Deus (22:6-10)

Disse-me ainda: Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer. *[1]Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.* *[8]Eu, João, sou quem ouviu e viu estas coisas. E, quando as ouvi e vi, prostrei-me ante os pés do anjo que me mostrou essas coisas, para*

adorá-lo. [9]Então ele me disse: Vê, não faças isso: eu sou conservo teu, dos teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus. [10]Disse-me ainda: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo.

A palavra Apocalipse, que dá título ao livro que estamos estudando, significa revelação; e revelação é a palavra que estamos utilizando para descrever cada uma das sete divisões desta última cena; agora, porém, o assunto da presente passagem, a quarta destas divisões, diz respeito à *revelação* propriamente dita — isto é, à doutrina de como Deus se faz conhecido aos homens. Em forma de semente, a doutrina foi estabelecida no fim da sétima cena: "Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras" (Ap 21:5b). Aqui temos um verdadeiro suprimento e muito podemos aprender, tanto quanto ao método como quanto ao assunto, acerca do valor e da validade da revelação que Deus faz de si mesmo.

O método de Deus sempre foi comunicar verdades acerca de si mesmo através de certos homens escolhidos — de forma suprema, naturalmente, através do seu Filho, Jesus Cristo (Hb 1:2), porém antes dos breves anos que constituíram a encarnação do Filho, foi a "santa comunidade dos profetas", anos depois foi a "santa comunidade dos apóstolos" que serviram a Deus como mensageiros. Este Senhor auto-revelado é chamado (v. 6, sem papas na língua) de "O Deus dos espíritos" de todos aqueles homens, brandindo autoridade divina sobre suas mentes e corações. A liberdade de serem pessoas, de exibirem suas variadas qualidades literárias e seus temperamentos humanos não é negada. O que afirmamos é que a mensagem que eles transmitem representa exatamente as verdades que o Deus que governa sobre seus espíritos requer que sejam transmitidas.

O assunto é "as coisas que em breve devem acontecer". Aqui há outro elo de ligação com o princípio do livro, onde "breve" significa trazer para nossa perspectiva imediata aquelas coisas que no tempo de Daniel estavam ainda em um futuro muito distante.[7] Porém através de toda a Bíblia, mesmo com as profecias de Daniel, a verdadeira mensagem de Deus sempre diz respeito ao que deve acontecer *breve* — de fato ao que deve acontecer *agora* — pois as palavras que João usa para comunicar a idéia de "breve" podem tanto significar "em um período breve" como "rapidamente", de uma vez, sem demora. Isso me fala acerca das coisas que eu estarei fazendo e pensando hoje, e o que eu estou planejando para amanhã. "Eis agora o tempo sobremodo oportuno, eis agora o dia da salvação" (2 Co 6:2). Esta urgência divina está centrada novamente no Filho: da mesma forma que Cristo foi o exemplo supremo do método divino de revelar-se mediante mensageiros escolhidos, ele é também o coração do assunto. O que vai acontecer em *breve* é que em *breve* Jesus virá. Uma das orações mais antigas conhecidas na igreja cristã, encontrada em 1 Coríntios 16:22 é: "Maranata", que quer dizer "Vem, nosso Senhor"; esta oração aguarda dois tipos de resposta — o retorno físico de Cristo a esta terra, e sua vinda como Salvador e Senhor na nossa experiência *atual:* hoje, neste mesmo instante.

Isso mostra o valor da auto-revelação de Deus. O conhecimento de Deus que vem a nós através "da profecia deste livro" e, por extensão, através de toda a Bíblia, só pode nos abençoar; e a bênção é o conhecimento de Deus em Cristo dado a todos os que *guardam* as suas palavras. O termo traduzido aqui por *guardam* é muito freqüente no evangelho de João e significa "observar, cumprir, prestar atenção a" leis ou ensinamentos. Um estudo atencioso das Escrituras e em especial deste último livro, que constitui um apanhado geral, não produz uma mente saturada de conhecimento, mas um espírito despertado para a vida.

A validade da mensagem é confirmada mediante um acontecimento inusitado como o relatado nesta cena. Novamente nos colocamos no lugar de João e ouvimos uma voz — aparentemente a mesma voz que se ouve através de todo o livro — dizendo: "Eis que venho sem demora...vê não faças isto (adorar-me)! Eu sou conservo teu... e eis que venho sem demora... eu, Jesus" (vs. 7, 9, 12, 16).Será este o anjo, uma vez que ele se recusa a ser adorado por João? Ou será o Cristo, que aceita tal adoração? A oitava cena contém a mais impressionante mudança de foco. Notamos tais mudanças em diferentes lugares anteriormente; aqui, porém, como não poderia deixar de acontecer na ante-sala da cena que revelará a última concentração de luz de Deus, é muito difícil distinguir qual dos seus refulgentes personagens tem a palavra. Isso nos ensina acerca da Palavra de Deus, que apesar de o anjo e Cristo serem pessoas distintas, a mensagem de um e de outro são indistintas. Desta forma tão dramática, este livro é, como já foi dito nos primeiros versículos, a revelação dada por Deus a Cristo, por Cristo ao anjo, pelo anjo a João e por João a nós, sem que em nenhum estágio da transmissão perdesse a autoridade divina; assim o que João diz é o que Deus disse. Esta é, de fato, a posição clássica acerca da doutrina da inspiração das Escrituras como um todo, enfatizando a convicção de que o livro de João pretende ser um resumo, ao invés de uma adição ao resto.

6. A Quinta Revelação: a Obra Terminada de Deus (22:11-15)

Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se. [12]E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho

para retribuir a cada um segundo as suas obras. [13]Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim, [14]Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras (no sangue do Cordeiro), para que lhes assista o direito à arvore da vida, e entrem na cidade pelas portas. [15]Fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idolatras, e todo aquele que ama e pratica a mentira. O título da sétima cena desta divisão é o último nó de outro fio que percorre as Escrituras. No Éden, o trabalho da criação foi cumprido (Gn 2:1, 2); no Calvário, o trabalho da redenção foi completado (Jo 19:30); no Paraíso, a voz de Deus finalmente dirá, a respeito de todo o seu trabalho "Está feito" (21:6). Os versículos à nossa frente resumem a doutrina bíblica da escatologia, as *última coisas;* seu assunto é o estado final da criação de Deus. Isto será trazido por Cristo, que mais uma vez indica sua divindade ao tomar para si os títulos Alfa e Ômega,[8] o princípio e o fim, que em 21:6 pertencem a Deus. O versículo 11 é um resumo do destino humano. A força das palavras não é clara no português, e poderiam significar três coisas diferentes. O versículo soa como uma exortação ("seja bom", "seja mau"), ou uma permissão ("você pode ser bom", ou "você pode ser mau"); mas de fato chegamos mais perto do grego de João quando o entendemos como uma declaração. Neste ponto, também, Apocalipse 22 corresponde a Gênesis 1 e é iluminado por ele, pois os verbos que Deus usa são da mesma espécie em ambos os lugares.[9] Como no início a palavra divina disse: "Haja luz", e houve luz, assim, no fim, a mesma palavra declarará magistral e definitivamente: "Seja este homem mau e seja aquele homem santo"; e assim será, desde então e para sempre. As palavras "indicam a firmeza de estado", no qual tanto o bem como o mal se encontram; haverá um tempo quando a mudança será impossível — quando não mais será dada nenhuma oportunidade para o arrependimento, nem para a apostasia.[10] Se, no entanto, "está ordenado ao homem morrer uma só vez e depois disso, o juízo" (Hb 9:27), e se o julgamento é o fim e anuncia o estado final de justiça e injustiça permanentes, segue-se que por um lado não temos base para nenhuma esperança em qualquer espécie de segunda chance ou reencarnação, e precisamos encarar seriamente a vida atual como a única oportunidade para uma mudança de coração; e por outro lado não precisamos ter qualquer receio de que o céu, uma vez obtido, poderá ser perdido.

O versículo 12 enfatiza estes últimos pontos e mostra do que o resultado depende. O estágio final está diretamente relacionado com esta vida presente: será uma recompensa a todo o homem pelo que ele realizar aqui. E é a recompensa de Cristo, pois "o que o homem fez" significa realmente "o que ele fez com Cristo" e "o que ele permitiu que Cristo fizesse através dele". Esse critério, esquecido ou ignorado por milhões de pessoas, será restabelecido no dia do julgamento, pois ele é tanto o último como o primeiro, tanto o fim como o princípio. Os versículos 14 e 15 mostram claramente quem pertence à cidade e quem será deixado fora. Aqueles cujas práticas e caráter são maus ("Cachorros", os párias dos submundos orientais, simbolizam todos os que são impuros) têm a entrada barrada na cidade de Deus. Mas aqueles que são admitidos, não o são por causa da sua bondade. A bênção é deles somente porque suas vestes foram lavadas — "as alvejaram", como João disse em 7:14, "no sangue do Cordeiro". Sabendo-se purificados pelo Cristo crucificado, têm "o direito à árvore da vida". O que foi proibido ao primeiro homem é agora permitido ao novo homem, e resume o que foi dito acima em relação ao versículo 12: "Tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente" (Gn 3:22).

7. A Sexta Revelação: a Bênção Final de Deus (22:16-17)

Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a raiz e a geração de Davi, a brilhante estrela da manhã. [17]O Espírito e a noiva dizem: Vem. Aquele que ouve diga: Vem. Aquele que tem sede, venha, e quem quiser receba de graça a água da vida. As cinco primeiras divisões desta cena resumiram as doutrinas da igreja, do evangelho, da criação, da revelação e das últimas coisas. O fim deste livro é, como bem afirmou Glasson, "uma espécie de "final" triunfal de toda a Bíblia; ele nos relembra um músico juntando os temas de sua sinfonia em uma explosão final de música gloriosa."" Agora, nesta sexta divisão, toda a verdade revelada de Deus é cristalizada nestes dois versículos. Davi, o maior de todos os reis de Israel, aparece para a glória de todo povo de Israel; porém Cristo é muito mais. Ele não é somente "o maior Filho do grande Davi", Senhor e Rei do novo Israel. Ele é também o Senhor de Davi; é o "Pai da eternidade" referido por Isaías; ele é o que foi antes, que Abraão fosse; aliás, ele é antes de todas as coisas (Mt 22:41ss; Is 9:6; Jo 8:58; Cl 1:17). Ele é, em duas palavras, tanto "a raiz como a geração de Davi", tanto seu ascendente como seu descendente, adicionando um outro par de nomes aos títulos do versículo 13. Ele abarca toda a História.

Assim, como a "brilhante estrela da manhã", ele anuncia o alvorecer da eternidade, proclamando que esta vida é somente um prelúdio da vida real no mundo porvir; e enviando seu anjo com este testemunho, ele demonstra o amor, o poder, e a sabedoria do Deus que quer revelar estas coisas para suas criaturas.

O esquema da verdade divina, que abarca o tempo e a eternidade e anucia-se ao homem, nunca falha nos efeitos que deve produzir, pois todos os que têm ouvidos abertos lhe respondem de forma positiva e dão as

boas vindas ao bendito Senhor. Isto é, a noiva — a igreja — dá as boas vindas ao noivo, porque o espírito que a ensina a orar (Rm 8:26ss) ora com a mesma intenção.

O leitor tem sede deste tipo de bênção? Deseja ser incluído neste glorioso esquema de salvação? A água da vida está aí, para ser tomada, se você estiver, por seu lado, preparado para encontrar-se com Cristo, indo-lhe ao encontro para receber a bênção.

8. A Sétima Revelação: a Maldição Final de Deus (22:18-19)

Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; [19]e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa, e das coisas que se acham escritas neste livro. O alargamento, tanto da mente como do coração, que resulta* do estudo meditativo do Apocalipse deve assegurar que ninguém tome estes versículos pelo seu valor mais superficial. Adulterar o texto do último livro da Bíblia é de menor importância comparado com o pecado que é condenado por estes versículos. Pois se (como a nossa leitura parece mostrar) a totalidade da revelação bíblica está resumida neste livro, e de forma particular nesta última cena do livro, e de forma bem concentrada nos versículos 16 e 17, então é claro que não devemos nos atrever a adicionar ou tirar nada dele. Seria o próprio evangelho que enfraqueceríamos ou toldaríamos. Deus reage contra um tratamento tão arrogante da sua mensagem com a ameaça de pragas e tirando a vida; isso não é somente algo bombástico e sim a declaração solene de um fato. Pois se acreditamos que o que Deus disse no seu livro não é suficiente para a salvação, e que precisamos fazer certas adições por nossa própria conta para sermos salvos; ou se acreditamos que algumas das exigências do livro de Deus são supérfluas, e que podemos prosseguir sem observá-las; então não estamos somente dizendo que sabemos mais do que Ele, estamos (o que é muito pior) agindo como se os procedimentos há pouco mencionados fossem verdadeiros. A ignorância Deus pode perdoar; porém a desobediência voluntária é pecado contra o Espírito Santo. Acerca da maldição que vem sobre os que alteram o evangelho em causa própria, deve-se dizer, com a mais terrível verdade, que os que assim procedem pediram por ela.

Apocalipse 22:20-21

Epílogo

O Livro que Poderia Ser Dispensado

"Com o objetivo de nos fazer sempre lembrar do extraordinário grande amor do nosso Mestre e único Salvador, Jesus Cristo, que morreu por nós, e dos inumeráveis benenfícios que pelo precioso sangue derramado, ele obteve para nós; ele instituiu e ordenou santos mistérios, como *penhor do seu amor,* e como uma contínua rememoração da sua morte para o nosso grande e eterno conforto".

Assim ensina o Livro de Oração Comum no que diz respeito à santa ceia. E assim também Cristo instituiu o batismo como um penhor semelhante para servir de símbolo e selo, tanto do princípio da vida cristã, como de sua continuidade.

Praticamos essas duas ordenanças em obediência aos mandamentos do Senhor, pois importa que a igreja observe o que o seu Senhor diz. Porém todos nós estamos bem informados de que este "importar" não é do mesmo tipo daquele que encontramos em João 3:7 "importa-vos nascer de novo". O novo nascimento é uma condição *sine qua non;* sem ela nós perecemos. Tal ameaça não se encontra unida à não observância desses rituais, pois Cristo diz claramente que a vida eterna é questão de ir *a ele* e não de suas ordenanças — vir, ouvir, arrepender-se, crer. Porém, mesmo sendo pela condição interna que se estabelece o destino de uma alma, ainda assim a observância externa está sujeita a um mandamento divino. Ao arrependimento e à fé pertencem "importar" de necessidade; ao batismo e à Santa Ceia um "importar" de obrigação.

Um penhor de seu amor — podemos aplicar estas mesmas belas palavras, com o mesmo sentido, ao livro do Apocalipse. Em diversos lugares nossa interpretação do livro sugeriu que não exite nada de novo nele, nenhuma verdade extra que não possa ser encontrada em outra parte das Escrituras. Isto é bem claro em uma frase do penúltimo versículo do último capítulo: "Aquele que dá testemunho destas coisas" é, como o contexto claramente demonstra, Jesus Cristo; a frase correspondente no segundo versículo do primeiro

capítulo, "o testemunho de Jesus Cristo", confirma o genitivo subjetivo — isto é, a expressão "de" significa ser este o testemunho que o próprio Jesus traz e nunca que alguém testemunha por ele. As coisas das quais Jesus dá testemunho são as verdades do Apocalipse. Foi-nos dado entender que o livro inteiro é uma mensagem dada pelo Pai ao Filho, para que ele a fizesse conhecida através do seu anjo, a João, para que João pudesse, por sua vez, comunicá-la à igreja (1:1, 2; 22:6). Porém como vimos ao estudar o prólogo,[1] a Palavra de Deus e o Testemunho de Jesus Cristo não constituíam o único grande drama que João presenciaria em Patmos (1:2). A razão por que João encontrava-se na ilha dizia respeito á sua lealdade à palavra e ao testemunho; pois ele já tinha recebido ambos. De fato, nas horas que antecederam a paixão, Cristo pôde dizer acerca dos seus apóstolos, na oração ao Pai, o seguinte: "eu lhes *transmiti* as palavras que me deste" (Jo 17:8), e o que eles aprenderam de Cristo após sua ressurreição, e do Espírito Santo após o Pentecostes, nada mais era do que uma exposição das coisas que já lhes pertenciam em forma embrionária (Lc 24:44-48; Jo 14:26). Não há nenhuma indicação no Novo Testamento de que o evangelho que estava sendo pregado por todo o mundo romano, na metade do primeiro século, fosse de alguma forma imperfeito; que a palavra e o testemunho que eram conhecidos por João antes dele ser enviado a Patmos contivessem quaisquer lapsos que devessem ser preenchidos pelo Apocalipse.

Não, deste ponto de vista o livro do Apocalipse torna-se totalmente supérfluo. Os sessenta e cinco livros, de Gênesis a Judas, contém evangelho suficiente para salvar o mundo. A que propósito serve, então, o sexagésimo sexto livro?

A mesma frase, a Palavra e o Testemunho nos dão a resposta. Pois isso era o que João já conhecia; era o que foi mostrado a João novamente, do princípio ao fim, no drama de Patmos. Sua grande visão foi a última e a maior repetição de modelos. Aqui vêm à mente as reivindicações dos modernos fabricantes de alimentos quando dizem "100% natural, sem tirar nem pôr". E quando perguntamos por que a já completa revelação de Deus precisava dessa reafirmação final, a resposta pode ser encontrada na comparação com a qual começamos. Nós *sabemos* que fomos lavados dos nossos pecados, *sabemos* que a cruz é suficiente para nos limpar diariamente; importa necessariamente que saibamos estas coisas para termos a vida eterna; todavia não existe um "importar" acerca das ordenanças do Senhor — podemos ser salvos sem elas. Mas quem gostaria de desconsiderar estes "penhores do seu amor", através dos quais ele torna real para nós, de forma viva e dramática, as verdades por nós conhecidas?

O Apocalipse é um "penhor do seu amor". Podemos sobreviver sem ele; ele não nos acrescenta nada que não possamos aprender em outra parte das Escrituras. No entanto Jesus nos deu o Apocalipse para incendiar e fazer vibrar a alma acerca das verdades do evangelho que nós muitas vezes já consideramos como certas.

A Última Palavra do Autor (22:20,21)

Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente venho sem demora. Amém. Vem, Senhor Jesus. [21]*A graça do Senhor Jesus seja com todos.*

A saudação final do livro é dirigida a todos os santos, o povo de Deus em qualquer lugar, deixando nos olhos da nossa mente, à medida que fechamos o livro (não somente o Apocalipse, mas o volume inteiro da Bíblia) um quadro final do nosso Senhor Jesus Cristo. Este quadro é tríplice e nos relembra que ele é o mesmo ontem, e hoje e o será para sempre" (Hb 13:8).

Em primeiro lugar, ele ainda é a fiel testemunha (1:5; 3:14), testemunhando acerca da verdade do que foi mostrado a João e, portanto, como vimos, autenticando toda a mensagem baseada no Antigo Testamento e coroada com o Novo, estando o lado mais distante sob a sombra da lei e o lado mais próximo brilhante com o evangelho. E todas estas coisas que ele testemunhou. Assim como o Apocalipse de João, o cânon das Escrituras está completo, a Palavra de Deus, o Testemunho de Jesus.

Ele é também o que vem. Ele o prometeu e a igreja responde à promessa com alegria. Aquele que declarou a mensagem da salvação nos dias passados voltará em breve para completar a obra e levar os seus santos redimidos para o lar celestial.

Neste ínterim ele é o doador da graça, é aquele que incentiva e fortalece o seu povo expectante mediante o poder vivo expresso tanto pela mensagem do passado quanto pela esperança do futuro. A graça, um tônico para os tempos difíceis, está disponível a todo aquele que esteja preparado para aceitar no seu coração não somente estes vinte e dois capítulos, mas também toda a "revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos...bem-aventurados aqueles que lêem" (1:1,3).

Referências

Introdução

1. Sobre o assunto, veja *Apocalyptic,* L. Morris (Inter-Varsity Press, 1973).
2. Para uma introdução a essas evidências *vejaNew Testament Introduction,* D. Guthrie (Inter-Varsity Press, 1970), págs. 949-961.
3. Guthrie, *op.cit.,* págs. 948 ss.
4. Maycock, pág. 20.
5. Citado por Kiddle, pág. XXI.
6. *O Navio da Alvorada,* CS. Lewis (ABU, 1985).

Prólogo

1. Veja pág. 84s.
2. Veja pág. 40s.
3. "Mesmo uma paráfrase do nome do imutável Deus precisa ser preservada de ser declinada!" (Kiddle, pág. 7)
4. Compare 1:4 com 4:5; 5:6 e Zc (4:1 -5,10b: lâmpadas = olhos = espíritos. O simbolismo das lâmpadas em 1:12,20 não é muito diferente deste. No versículo 4 é o Espírito mesmo que está em foco, nos versículos 12 e 20 é a habitação terrestre do Espírito (1 Co 3:16) que está sendo focalizada.
5. A primeira letra e a última do alfabeto grego, equivalentes a A e Z.

Primeira Cena

1. Swete, pág. 25; veja Rm 2:6; Tg 2:14-26.
2. Veja págs. 146; 149.
3. Consideraremos os nicolaítas quando reaparecerem em 2:15.
4. At.20:28-31; Ef 5:3-17; Inácio, *AosEfésios* 6:9.
5. Caird, pág. 31. "Não está claro se é o amor a Cristo ... ou uns pelos outros ... ou pela humanidade em geral. Pode ser que deva ser uma atitude geral, incluindo todos os três" (Morris, pág. 60).
6. Agasalute vem de *hagios theologos* (santo-teólogo), nome de uma igreja construída naquele lugar no quinto século e que foi dedicada a João.
7. Veja págs. 58ss e 162
8. Caird, pág. 41.
9. Os intérpretes têm diferentes opiniões acerca da frase do versículo 24: "... como eles dizem, as cousas profundas de Satanás..!'. Recentes descobertas indicam que, apesar de Tiatira ter sido uma cidade pequena, possuía grande número de sociedades secretas, nas quais muitos cristãos estariam envolvidos, sofrendo os conseqüentes problemas de consciência como os indicados no versículo 20. Alguns sustentam que "Jezabel" reconheci^ como tentações satânicas os cultos e festas aos ídolos e que ela ensinava, cdntudo, que os cristãos deveriam ser suficientemente fortes em espírito a tal ponto de poderem explorar "as cousas profundas de Satanás". Outra possibilidade é que Jezabel ensinava certas coisas chamadas de "cousas profundas" e que Cristo é que as teria rotulado como satânicas. O autor prefere a última idéia, uma vez que não depende de evidências externas.
10. Kiddle, pág. 45.
11. Caird, pág. 49.
12. Veja pág. 56ss.
13. Isto relacionaria a porta aberta de Apocalipse 3:8, com a de Apocalipse 4:1, que admite João ao reino e à presença de Deus. Em 3:8 a porta está relacionada à revelação e em 4:1, à salvação.
14. Caird, pág. 57
15. G. Campbell Morgan, citado por Walvoord, pág. 97.
16. Morris, pág. 84.

Segunda Cena

1. As vinte e quatro divisões do sacerdócio (1 Cr 24) apoiam a sugestão que será feita aqui, representando o povo de Deus adorando no templo.
2. A tradução antiga "bestas" (4:6, ERC) causou confusão desnecessária entre estas e as criaturas realmente "bestiais" das últimas cenas (13:1, etc). De fato, João usa duas palavras gregas diferentes.
3. Caird, págs. 60, 61.
4. M. Bridges e G. Thring.
5. Veja págs. 39, 42.
6. Ele usa um tipo diferente de coroa, bem como um tipo diferente de arma, mas isso é relativamente sem importância se a identificação for bem estabelecida com outras provas. Também não é séria objeção dizer que se Cristo é o Cordeiro que abre os selos, não poderia ser um dos cavaleiros. Muitas vezes, diferentes funções de uma mesma realidade precisam ser descritas por mais de um símbolo; acerca disto já vimos, por exemplo, a mão direita de Cristo segurando simultaneamente as sete estrelas, e repousando sobre a cabeça de João (1:16-17).
7. Caird, pág. 88.

8. Com base na opinião tradicional, de acordo com a qual o filho de Zebe-deu, escritor do quarto evangelho, e o escritor do Apocalipse são a mesma pessoa, Mateus 24 e Apocalipse 6 podem, de fato, ser o mesmo discurso. O que João ouviu "na carne" no Monte das Oliveiras, mas que por diversas razões omitiu do seu Evangelho, ele vê agora "em espírito", repetidas de forma dramática, para que fossem incluídas no Apocalipse. Veja págs. 85ss para mais comparações entre as duas passagens.
9. Eles dizem simplesmente "Vem" (ERAB); a expressão " *Vem e* vê" da ERC é incorreta.
10. É usada uma palavra diferente em 17:1 e 21:9.
11. Rm 4:11; Ef l:13ss.
12. O resumo que Leon Morris faz da evidência bíblica, no comentário sobre 7:14, merece ser citado de forma completa. A igreja pode ser chamada de "as doze tribos" (Tg 1:1, cf. Mt 19:28, Lc 22:30), e esta é provavelmente a idéia quando uma carta é enviada à "Dispersão" (1 Pe 1:1). O cristão aparece como o verdadeiro judeu (Rm 2:29), e a igreja como o "Israel de Deus" (Gl 6:16). As descrições do Israel antigo são acumuladas e aplicadas à igreja (1 Pe 2:9ss, cf. Ef 1:11, 14). É a igreja, que é chamada de "povo exclusivamente seu" (Tt 2:14), e possessão de Cristo, "descendentes de Abraão" (Gl 3:29) e da "circuncisão" (Fp 3:3). Muitos sustentam que a existência de um Israel "segundo a carne" (1 Co 10:18), implica na existência de um Israel "segundo o Espírito". Aqui, no Apocalipse, João fala daqueles "que a si mesmos se declaram judeus, e não são, sendo antes sinagoga de Satanás (2:9, Ef 3:9). João considera a nova Jerusalém como o lar espiritual dos cristãos (21:2, etc), e tem nos portões inscritos os nomes das doze tribos (21:12) (Morris, pág. 114).
13. Veja pág. 46.
14. C. Wesley.
15. Liturgia da Santa Ceia, *Book ofCommon Prayer*.
16. Estaremos impondo um sentido artificial se dissermos que o uso que João faz do artigo definido, implica necessariamente num evento particular ("a Tribulação") ao invés de um conceito geral (simplesmente "tribulação", que é a porção de todos os crentes; Ef 1:9; At 14:22).
17. São poucas as versões que traduzem corretamente os tempos (aoristo e presente).
18. Maycock, pág. 89.
19. A.M. Toplady.
20. C.H. Spurgeon, *Treasury ofDavid,* sobre o Salmo 91:9-10.

8:2 — 11:18 *Terceira Cena*

1. Veja pág. 39.
1. Nem todos os comentaristas concordam que esta passagem se refere à pa-rousia. Meus próprios comentários são baseados na idéia de que a totalidade da cena mostrada em Mt 24:29-31 é muito final e universal, e não pode representar outra coisa.
2. Ap 6:12-17 = Mt 24:29-30 = 2Pe3:10 = Hb 12:26-27.
2. A grande trombeta de Mt 24:31 não tem relação com as trombetas do Apocalipse, a não ser, talvez, a sétima trombeta (Ap 11:15ss).
3. "Os que habitam sobre a terra" — a frase é a mesma encontrada em 6:10. Veja pág. 49.
6. Mt 24:31; 1 Co 15:52; 1 Ts 4:16.
6. O grego, no verso 3, não indica claramente como o incenso e as orações se relacionam, mas 5:8 tem sobejamente demonstrado que um (o mesmo nas duas passagens) é símbolo do outro.
7. Veja pág. 49.
7. Talvez uma erupção vulcânica numa ilha do mar Egeu, chamada Thera, por volta do décimo-sexto século antes de Cristo. Veja J.V. Luce, *The End of Atlantis* (Thames e Hudson, 1969).

10. Êx 10:21ss. A terceira trombeta não tem paralelo exato entre as pragas do Egito; mas veja Êx 7:24; 15:23ss.
11. Alguns intérpretes parecem argumentar deste modo. Walvoord diz acerca do v. 6: "Trata-se da morte *UteraP';* acerca do v. 5: *"provavelmente ... literalmente* ... um período de cinco meses"; acerca dos vs. 7ss: *"não* gafanhotos naturais e, sim, uma *representação visual* de legiões de demônios" (págs. 160ss. Os itálicos são nossos). O literalismo reina até o ponto em que a mente começa a assustar-se, daí em diante o simbolismo pode dominar.
12. CS. Lewis, *O Problema do Sofrimento* (Editora Mundo Cristão).
13. Veja pág. 125s.
14. Walvoord, pág. 172.
15. 1 Co 2:1; Ef 3:4-6.
16. Charles Williams, *Descent into Hell* (Faber, 1949) págs 216ss.
17. Veja pág. 14s.
18. Kiddle, págs. 178ss. A introdução de kiddle ao segundo capítulo do seu livro (págs. 176 - 188) é bastante esclarecedora.
19. Mc 9:4; 2 Rs 1:10; 1 Rs 17:1; Êx 7:17 — 11:10.
20. Caird, pág. 136.
21. Por exemplo, Jo 12:31; Cl 2:14s.; veja também, mais adiante, em 20: lss.
22. Swete, pág. 143. Caird, fazendo o contraste entre o título divino no versículo 17 com o de 1:4, observa que a sétima

trombeta, sem dúvida alguma, anuncia o fim, pois "como haverá futuro" se a expressão "que há de vir" (Ap 1:4) foi retirada do título divino, do próprio nome de Deus!" (pág. 146).
23. CS. Lewis, *O Problema do Sofrimento* (Editora Mundo Cristão)
24. C. Wesley.

Quarta Cena

1. Este esquema surge do conteúdo do próprio livro. Não é "nosso" em nenhum sentido exclusivo! O mesmo esquema apresentou-se, por exemplo, ao comentarista alemão Zahn, nos idos de 1880, e, sem dúvida, a muitos outros em meio à multidão de comentaristas do Apocalipse.
2. Veja pág. 169ss.
3. "Então vi", em 13:3, não consta do texto grego e é corretamente omitido pela Bíblia na Linguagem de Hoje (BLH).
4. Cf. Êx 19:16-18; SL 18:7-14. É menos provável que estes sejam sinais do fim do mundo. Talvez seja a má colocação do v. 19 no fim do capítulo 11, que leva muitos a pensar que seja um clímax, quando na realidade é um começo.
5. 1 Rs 18:27.
6. Veja pág. 40s.
7. Joachim Jeremias faz referência à "característica semítica de somente fazer referência ao princípio e ao fim de uma história sem dar muita importância ao que acontece no meio", e cita uma série de referências dos Evangelhos e de Atos *(TheParables of Jesus* (SCM, 1954), pág. 90, n-° 5; pág. 152, n-° 65).
8. Veja pág. 102s.
9. Moisés no sinai, com o maná (Êx 15, 16); Elias no Monte Horebe, com os bolos e com a água (1 Rs 19).

10. Veja pág. 80.
11. "Um tempo, tempos e metade de um tempo", quase com certeza significa 1+2+1/2 "tempos"; o paralelo, no Antigo Testamento, encontra-se em Dn 12:7.
12. Lc 10:18; Jo 12:31; Mt 12:28; 28:18. A vinda do reino mencionada aqui em Ap 12:10, refere-se à primeira vinda de Cristo, e não é a mesma de quando o reino tomará o lugar dos reinos deste mundo, na segunda vinda de Cristo. Ap 11:15 refere-se à segunda vinda, ao passo que Ap 12:10, à primeira.
13. Alan Kreider, in Brian Griffiths (ed.), *IsRevolution Change?* (Inter-Varsity Press, 1972) pág. 54.
14. A mulher sobrevive no deserto três anos e meio (12:6, 14), e as duas testemunhas pregam (11:3). Veja págs. 79s., 92, 102s.
15. Mais recentemente outros foram incluídos: Maomé, Cromwell e Napoleão, para não mencionar Martinho Lutero e vários papas. O número também foi usado para calcular possíveis datas para o apareceimento da besta.
16. Rm 3:5; 6:19; 1 Co 9:8; 15:32; Gl 3:15.
17. Esta é também a duração que o Novo Testamento usa em relação à seca que resultou do ministério profético de Elias (Lc 4:25; Tg 5:17), e os meses correspondem, como já notamos, aos quarenta e dois estágios da jornada do povo de Israel no deserto sob a liderança de Moisés (Nm 33).
18. Farrer, pág. 160.
19. Vejapág. 56.

20. Por ex. Gn 2:18-24; Ef 5:22-33; Hb 13:4.
21. Mc 7:9ss; Lc 14:26.
22. At 14, 17.
23. A hora do julgamento (v. 7) e a queda da Babilônia (v. 8) são, de fato acontecimentos que se darão no futuro, em certo sentido. O juízo de Deus, todavia, está entre nós (Jo 3:19; 12:31); e a Babilônia pode ser considerada caída desde já: cf. *será* atormentado... e não *têm* descanso" (vs. 10, 11).
24. Se bem que o mesmo aconteceu com a Cena 3. (8:2).
25. Veja pág. 111.

Quinta Cena

1. Veja pág. 61ss.
2. Tennyson, *Locksley Hall.*
3. Êx40:34s;cf. 1 Rs 8:10; Is 6:1-5. ,
4. CS. Lewis, *O Grande Abismo* (Editora Munido Cristão).
5. Veja pág. 93, e a discussão sobre 1:20 (pág. 19). Existem doutrinas relacionadas no judaísmo rabínico, no Zoroastrianismo e no paganismo clássico.
6. Êx 4:21; Js 3:16; 4:23; 2 Rs 2:8; Is 11:15, 16.
7. Bede, citando SL 10:11 (Swete, pág. 211).

Sexta Cena

1. Veja pág. 34s.

2. Veja-pág. 81.
3. Jo6:32ss; 15:1.
4. Cf. R.C. Trench, acerca do simbolismo da palavra "reino": "O Senhor é Rei, e ele não toma emprestado este título dos reis da terra, mas empresta a eles o seu título; e não somente o nome, mas ordenou que todo verdadeiro comando ou governo sobre a terra, com suas leis justas, suas ordenanças estáveis, suas punições e misericórdias, sua majestade e terror, deveria comunicar aos homens acerca do Senhor, e do seu reino que reina sobre todos, de tal forma que o "reino de Deus" não é figurativo e, sim, bem literal; pelo contrário, são os reinos e os reis da terra que são figuras e sombras do verdadeiro *{Notes on the Parables of Our Lord* (MacMillan, 1877), págs. 14 - 15).
5. Veja pág. 91.
6. É a raiz de "prostituta" bem como de "fornicação".
7. Aqui, como na quarta cena, a revelação de João era tanto visual quanto audível mas aquela cena é primariamente uma série de visões, enquanto que esta concentra-se quase que totalmente em descrever o que João ouve; daí porque nós iremos chamá-la de "sete Palavras". Não se pode afirmar que é uma estrutura inegável de sete partes; porém, a análise oferecida aqui, apesar dos pesares, encaixa bem e faz bom sentido.
8. SL 137:1.
9. Kiddle, pág. 339. Veja o comentário em 12:6, 14 (Págs. 118s., 120s.).

10. Veja pág. 125s.
11. Veja págs. 55s, 59.
12. Êx7:22; 8:7, 18, 19.
13. Para a palavra "cabeça", note as palavras que derivamos de sua forma latina *caput* (capital, capitão, etc); para a palavra "monte", veja págs. 156s, e compare com a frase do Antigo Testamento "os montes eternos" (Gn 49:26; Dt 33:15; He 3:6).
14. Caird, pág. 128.

15. Assim o temos em J.A. Seiss, citado em larga escala por Walvoord, págs. 251 - 254.
16. Veja pág. 81s.
17. Veja 14:8.
18. Note a distinção entre a noiva e os convidados; cf. a mulher e seus filhos em 12:17 (pág. 122).
19. Shakespeare, *Júlio César,* Illi.
20. "João desencoraja a adoração de anjos ... não humilhando-os, mas exaltando os cristãos" (Kiddle, pág. 383).

Sétima Cena

1. Da palavra grega que significa "mil". Para um estudo detalhado do qui-liasma na Idade Média, ver Norman Cohn, *ThePursuit of the Millennium* (Sec-ker e Warburg, 1957).
2. O comentário de Walvoord sobre 19:9 (pág. 273; itálicos nossos) bem ilustra a teoria de que Deus "dispensa" graça aos homens por diferentes meios nas diferentes épocas: "A esposa do Cordeiro é distinguida dos que atendem ao casamento, a esposa é, aparentemente, *a igreja,* e os convidados, *os santos das épocas passadas e futuras.* A *noção infundada* de que Deus trata todos os santos de todas as épocas de forma igual é muito difícil de ser desalojada da teologia da igreja" — talvez porque os apóstolos a cimentaram muito bem!
3. Ef 2:6;6:12ss; Jo3:19.
4. Lc 11:21; cf. Mc 3:27; Mt 12:29.

5. Gn 22:18; 49:6; 1x2:32.
6. Mt 2:1-12; 8:5-13; 15:21-28; Jo 12:20ss.
7. At2:5;8:5ss; 10; ll:19ss.
8. Mt 24:14; Mc 13:10; Cl 1:23.
9. Dn7:22.

10. Jo 5:24; Ef 2:5; 1 Jo 5:11-12. Por outro lado, muitos amilenistas acham que a frase significa a passagem dos cristãos desta vida para a outra no momento da morte; os santos entronizados são aqueles que foram mortos. Ver Walvoord, págs. 284 - 288.
11. Ef2:5; Jo 5:28-29.
12. Veja pág. 40s.
13. Pode ser motivo de discussão se este sentido de "os mortos" seria, de fato, o sentido óbvio na mente de João; ou se o julgamento dos cristãos poderia ser algo separado do julgamento do grande trono branco; ou se 20:15 necessariamente significa que alguns "dos mortos" são encontrados inscritos no livro da vida.
14. 2:23; veja pág. 16.
15. Veja pág. lllss.
16. Morris, pág. 257.

Oitava Cena

1. Caird, pág. 1, sobre os símbolos do livro como um todo.
2. CS. Lewis, *A Última Batalha* (ABU Editora, 1987).
3. Mc 2:19;Mt 22:2ss; Jo 3:29; 2 Co 11:2; Ef 5:25ss.
4. Como na outra ocorrência no Novo Testamento em Fp 2:15.
5. Ver pág. 130. Escondida na aritmética do anjo há outra figura significativa, pois se ele medisse todos os lados do cubo, a medida total seria de 12 x 12.000 estádios = 144.000!
6. Veja vs. 23 - 26, e confira com Is 60:19, 3, 11. Compare também v. 27 com Is52:l.
7. Veja pág. 14.
8. Veja pág. 15.
9. São imperativos aorístos (referindo-se, é claro, à versão grega de Gênesis). A Bíblia de Jerusalém ("Que o injusto cometa ainda a injustiça, e o sujo continue a sujar-se..;') traduz como se os verbos gregos fossem imperativos presentes, e mostram como uma idéia preconcebida sobre o significado de uma passagem pode cegar um tradutor em relação ao que o texto realmente diz.
10. Swete, pág. 305.
11. Glasson, pág. 6.

Epílogo

1. Veja pág. 13.